

# VERSOS

DE

FILINTO ELÍSIO

TOMO I

## PRÓLOGO DO EDITOR

VINHA eu, por pessoas eruditas e afeiçoadas aos versos de Filinto Elísio, avisado já desde Portugal, e por outras confirmado aqui em França, de reimprimir as tais Obras segundo a etiqueta. Sonetos enfiados como contas num rosário; Odes perfiladas como um batalhão; Epístolas, Madrigais, Enigmas, Contos, Epigramas, e outras métricas burundangas enfeixadas, e... Eis que o Autor começa a gritar: – Tal não consinto. Em miscelânea, enquanto eu viva, hão-de ir as minhas trovas. Eu que nunca pude ler a fio quatro Odes das gabadinhas de Horácio, poderei capacitar-me, que haja aí pacientíssimo Leitor, que leia de cabo a rabo 300 ou 400 das minhas Odes engoiadas! Que haja aí tão sôfrego ledor de sonetos que engula doze dúzias duma assentada! Não senhor, meu caro amigo: Tais como vieram, no primeiro parto, a lume as minhas trovas, tais e quejandas sairão neste segundo. Por contentar porém gentes, que gostam de pautas, e listas de auto da fé, perei em cada volume por aranzel, e como por escaninhos, o conteúdo; e ficaremos todos de boa avença: eu terei moxinifada, e eles *index*.

Nesta segunda impressão dos Versos de Filinto Elísio, mais depurada de erratas que a primeira, houve intenção também de as depurar de versinhos de má morte, dando despiedado corte em tudo o que ele mesmo clamava bugiarias; o que reduziria toda a Obra a um volume, e (a haver muita indulgência com os mais) quando muito a dois. Mas advertimos depois, que todos os Leitores não são Garção, nem Dinis, e ao que estes dariam de mão, contentaria a muita gente que não sobe tanto de ponto.

E outrossim como sejam os Poetas cozinheiros das almas, como diz certo Sermão impresso em Francês, devem com a variedade dos pratos saborear todos os paladares, no banquete poético, a que convidam os leitores. E também lembrados do que aconteceu ao Autor com Miguel Lambert impressor dos primeiros caderninhos, que publicou, sobrestivemos em nosso pressuposto.

Foi o caso. Imprimia nesse tempo Michel Lambert o «Mercúrio de França» (a onze mil exemplares) e constava o tal «Mercúrio», de versos de todo o calibre, até de epigramas, de enigmas, de logogrifos e *Amphigouris*, *Charadas*, etc., etc., em prosa: e por fim notícias políticas, e às vezes, dos Teatros.

«Como é possível (disse Filinto ao senhor Lambert) que a algumas Obras de valia de que se compõe o “Mercúrio”, anexem tanta sensa-boria, que nunca devera ser impressa! – Como é simples (lhe respondeu o senhor Lambert): dos onze mil assinantes, duzentos (quando muito), lêem o essencial, os outros dez mil e oitocentos lêem a fran-dulagem.»

Deixemos à Inveja o quinhão que lhe compete (dizia Pascal) quando lhe insinuavam que emendasse alguns defeitinhos, que nas Cartas de um Provinciano, lhe passaram pela malha,

..... *Quas aut incuria fudit,  
Aut, humana parum cavit natura.*

HORAT., *de Arte Poet.*

## AMIGO E SENHOR F\*. MANUEL

SE Apolo fora tão liberal comigo, como é com V.m., respondera eu à excelente Ode que V.m. me envia, com outra, quando não igual, ao menos que procurasse imitá-la: mas já que este Snr. não dispense comigo as suas riquezas, senão quando se lhe antoja, e parcamente, não deve V.m. haver a mal, que eu lhe torne por versos maravilhosos, muito má prosa: Esta Ode verdadeiramente Horaciana, não tem de mau mais do que ser dirigida a mim. É verdade que eu merecia este favor, se pode a paixão que tenho pelos seus versos merecê-lo: mas não sei se este título era bastante. Seja como for, eu lhe agradeço este mimo por todas as razões, e lhe rogo que não consinta que a sua lira por um só instante emudeça; para que Lisboa não tenha, que invejar à de Venusa.

De V.m.

Amigo muito obrigado

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA

# SONETO

## DE ALFENO CÍNTIO

Em resposta à Ode – Não temas, que a teus versos sonorosos.

**E**M sonhos vi o meu iníquo fado,  
D'uma escarnada febre em companhia,  
Com Cloto instar, que co'a tesoura impia  
Cortasse a Alfeno o fio amargurado.

Do infero Nauta o fero rouco brado  
Os esquivos ouvidos me feria:  
«Baixa, infeliz, à Região sombria;  
Co' remo em punho, já te espero irado.»

Nisto suavemente os ares fende,  
Caro Filinto, o teu sublime Canto,  
Que da Parca a funérea mão suspende.

Foge a febre voraz banhada em pranto;  
Mole sono do Fado as iras prende,  
Tudo subjuga do teu metro o encanto.

## ODE DE ALFENO CÍNTIO

A Filinto Elísio, no dia de seus anos,

Em 23 de Dezembro de 1777.

COM que posso brindar, Filhas de Jove,  
Neste dia, a Filinto, vosso Aluno,  
Se perlas, ouro me negou o Fado,  
E celestes safiras?

Mas a santa Amizade é quem nos une,  
Não o vil interesse, as nossas almas.  
Infame ganho co'a Virtude honrada  
Jamais se compadece.

Dar-lhe-ei uma Cívica Coroa,  
De flores e Carvalho entretecida,  
Para enlaçar co'a láurea, com que Febo  
Lhe ornou a douta frente.

Meu doce salvador, tu me arrancaste  
Das mortíferas garras sanguinosas  
Do ávido Rigorismo, que intentava  
Roubar-me à luz do dia.

Co'a tocha da Verdade deslumbraste  
Os vegos olhos da Tartárea Fúria;  
E mostraste-me as bordas, que pisava,  
Do imenso precipício.

Jaz arquejando o Monstro, delgado  
Co'a lança da lucífera sapiência;  
E das torcidas unhas me trasladas  
Aos teus robustos braços.

Como, Amigo, benéfico me ensinas  
A desandar as hórridas ambages  
Do cego labirinto inextricável,  
Em que me pôs o Monstro!

Dali surjo; – e no Templo da Memória  
As cadeias penduro vergonhosas.  
Mas quero hoje que os séculos futuros  
Escrito em baixo leiam:

«Estes rotos grilhões do Rigorismo  
Despedaçou Filinto ao triste Alfeno;  
Que em memória do imenso benefício  
À Gratidão os vota.»

## CARTA AO POVO PORTUGUÊS

Meu Amigo e Senhor,

Estimarei que estas limitadas regras, etc., etc.

COMO estou informado por gente muito dada ao bem-fazer, que nem todo o tempo se reza, nem todo o tempo se dorme; e que é necessário às pessoas bem inclinadas um honesto passatempo, que dê com as portas no rosto à Ociosidade, que assim o cantou Fedro no livro 3.<sup>o</sup>, fábula 4.<sup>a</sup>

*Ludus animo debet aliquando dari,  
Ad cogitandum melior ut redeat sibi.*

aventurei-me a oferecer a V.m. esses canhenhos de certo ocioso, que empregou quase a vida em fazer regrinhas curtas, e regrinhas compridas: creio que já é morto; – ou perto disso. Deus lhe ponha a sua alma em bom lugar! também creio que V.m. alguma vez o viu, e lhe falou. Era sujeito, que (salvo o vício das trovas) sempre me pareceu muito de enchemão. Seu nome não o ponho aqui, porque me pediu segredo. E com isto não enfado mais a V.m., de quem sou.

Muito venerador e cativo

O COLECTOR DAS TROVAS.

## SENHOR FRANCISCO MANUEL

O Clube dos Negociantes Portugueses em Londres, e alguns outros da nossa pátria aqui residentes, fizeram reparo, e notaram com dor que tinha vivido pouco favorecido da sua pátria um varão, que como V.m., tanto tem trabalhado para doutrina e glória dela. É certo que esta é uma grande falta, e pecado velho da nossa Nação viverem esquecidos e menoscabados os que maiores serviços lhe têm feito. Entre os muitos, a quem tem cabido tão mal merecida sorte, V.m. ocupa o primeiro lugar, por que nenhum outro se pode descobrir, nem mais benemérito da Pátria, nem menos bem recompensado; por maneira que V.m. pode com tanta razão, como Camões o faria, queixar-se magoado.

O favor com que mais se acende o engenho  
Não o dá a pátria, não... –

Como Poeta V.m. tem adiantado a esfera dos engenhos Portugueses, pois até V.m. se não havia ainda visto, como claro se mostra em seus escritos, os arrebatados voos de Píndaro, e Chiabrera, temperados com suave, e majestosa filosofia de Horácio, e todos os donaires e graças da linguagem revestindo a nobre afoiteza das ideias; e desta verdade pode dar um claro testemunho qualquer das suas produções, mormente as odes, em cuja composição V.m. reuniu o merecimento dos dois modelos, que possuíamos, Elpino e Coridon. Fale por todas a Ode aos novos Gamas, em que V.m. sem despenho subiu mais alto do que os novos aereonautas. Ainda não é tudo: V.m. em seus versos mistura a cada passo com a sublime poesia vivos desejos e sentimentos de amor da sua pátria, que não podem deixar encoberto o homem honrado, que a despeito de todos os trabalhos e perseguições, põe sempre a mira de seus desejos no bem e na glória da pátria; fazendo quanto está em si pela dilatar; e esta virtude, em V.m. tão eminente, há penhorado a afeição de todos os leais e bons Portugueses. – Nem poderão em tempo algum esquecer os assinalados serviços, que V.m. há feito a Portugal, tolhendo que se abastarde de todo a nobreza da nossa linguagem, apurada em dias de glória e de triunfos, e nascida para os cantar.

A maior parte das riquezas que nos vinham das partes do Oriente passou a alheias mãos; e hoje estas minas são perdidas para nós, por terem passado aquelas terras a novos conquistadores. Assim também, a ignorância presunçosa de maus escritores nos queria deitar a perder as riquezas naturais do nosso pátrio idioma, mas V.m. pôs-se em campo, escreveu, cobriu de vergonha, e pôs em fugida os Vândalos modernos, os francelhos inovadores.

Por este modo se não pudemos conservar pelas armas nossas conquistas, V.m. alcançou pela pena o conservarmos o nosso património. Os Portugueses em Londres pesaram todos estes serviços, e considerando no grande proveito, que de mais viria à pátria, se V.m. imprimisse mais algumas obras que V.m. tem manuscritas (e as quais talvez por desgosto deixaria de publicar) ajuntaram-se em uma subscrição patriótica para concorrer a um tão louvável fim (cujos nomes daremos depois para que V.m. conheça os seus Amigos e admiradores) sendo parte do seu resultado a letra de fr. 1200 a pagar à vista, que a V.m. remetemos.

Este pequeno cabedal não é destinado a pagar os versos de Filinto, que são de valor inestimável (quanto mais que nós supomos em V.m. mais generosidade, do que em Píndaro, que abertamente dizia deve-rem as suas odes ser pagas a peso de oiro) a sua aplicação será para se imprimirem aquelas das suas obras inéditas, que a discrição de V.m. escolher, no que virá muito proveito às letras, e crescerá (se é

possível crescer mais) a fama e glória com que V.m. as tem enriquecido. Esta lhe chegará à mão por via do nosso amigo sacador da letra dirigida à sua casa em Paris, e pela mesma lhe rogamos nos certifique estar entregue dela. Também rogamos a V.m. nos tenha em conta de seus amigos e admiradores.

De V.m.

Muito amigo, venerador e servo,

MANUEL RIBEIRO GUIMARÃES

Secret. do Clube dos Neg. Portug.



## AVISO AO LEITOR

**M**AIS duráveis que o bronze, mais sólidas que os triunfos bélicos, são as obras dos Clássicos o título sem dúvida o mais nobre da glória das nações, a cuja força e poder sobrevivem os escritos, quando até os mais sumptuosos monumentos só oferecem ruínas. Diga-o a Grécia, diga-o Roma, e diga-o o nosso Portugal. Que nos resta da glória antiga, das façanhas dos nossos heróis das imensas e espantosas conquistas que na Ásia e na África fizeram nossos maiores, cujo valor e constância nunca foram excedidos e raras vezes igualados? Resta-nos Camões, Barros, Lucena, etc.; enquanto os escritos destes e de outros ilustres autores existirem, não perecerá a memória dos nossos feitos heróicos; e enquanto houver Portugueses que os leiam e admirem, não será a gente Lusa riscada do número das nações. A língua salvará a gente, se a gente conservar, com o belo idioma herdado dos seus antepassados, a lembrança das suas virtudes, esforço, e patriotismo. Sempre com a perda da liberdade e da independência, e com a ruína das instituições nacionais esmoreceu a literatura. Sempre o século das letras precedeu ou acompanhou os triunfos e a glória nacional.

E quem mais que Filinto em nossos dias adquiriu direitos à gratidão eterna de seus compatriotas e dos vindouros? Amante dos seus, entusiasta da língua que falou Camões, e indignado da sua corrupção, lutou, toda uma vida tão dilatada, contra os ignorantes presunçosos, desprezou críticas injustas, mofou de motejos e sátiras; e nem a injustiça atroz que o expeliu da pátria, e o privou dos bens, pôde desarraigar do seu coração o amor aos seus conterrâneos, nem afrouxar em Filinto o ardor de combater com o preceito e com o exemplo os inimigos da Lusa língua, e da Lusíada glória.

Três qualidades distinguem os escritos de Filinto Elísio; o ingenho e estro que brilha nas suas composições poéticas; a dicção, tanto em verso como em prosa; e as suas opiniões sobre a língua Portuguesa. Nele vemos o Poeta, o Escritor e o Literato. Émulo em tudo de Horácio, e seu imitador não servil, como ele dá preceitos, dá exemplos, arrebatava nas Odes, zurze os poetastros, e zomba dos tarelos nas Sátiras e Epístolas; e nas notas cheias de sal ataca em estilo jocoso e original o que já combatera em versos picantes, inspirados pela indignação.

Como poeta lírico a posteridade confirmará sem dúvida o juízo de todos os seus admiradores, que lhe deram o primeiro lugar entre os poetas Lusitanos. Nem Garção nem Dinis subiram tão alto, ou adunaram tantas qualidades. O primeiro, mais correcto escritor que grande poeta, apenas ousou afastar-se do modelo, e mais é tradutor livre que imitador atrevido de Horácio. O segundo tem arrojados sublimes, e passaria por um vate da primeira ordem, se a uniformidade das suas concepções não derramasse uma tão grande monotonia nas suas belas Odes, as quais se assemelham em demasia. Filinto é atrevido, arroja-se impávido, e sabe sustentar o voo; é variado, e ora Píndaro ora Anacreonte, e sempre com o fito no grande Horácio, sabe como este celebrar a amizade e cantar os heróis, falar às Damas, e brincar nos banquetes. Tem sobre o Venusino mesmo a gran ventagem, que nunca louvou tiranos, nem prestou a sua lira a adular validos, cortesãos e hipócritas. Mais grato aos benefícios que sensível às injúrias, todas as suas obras respiram a gratidão, mas nenhuma a lisonja e a adulação: se algumas vezes se queixa da perseguição e desterro, bem digno de desculpa é um velho privado da pátria, dos bens, dos amigos, vítima da injustiça e acochado de desgostos, de precisões, e de receios, ainda mais terríveis no fim da vida.

Não se distingue menos Filinto pela dicção, nem é o seu menor título de glória o ter empreendido melhorar a língua pátria, que no princípio da sua carreira literária

achou tão decaída do antigo esplendor. Não contente com as riquezas que ela ainda possuía, procurou enriquecê-la, e dar-lhe a força e valentia que tivera outrora. Garção, Dinis, Freire, Torres, Quita, e os mais dignos membros da Arcádia Lusitana tinham já começado a guerra contra o mau gosto, e aos seus esforços, se tivessem durado, devera hoje a nação o mesmo serviço que à França fizeram Corneille, Molière, Boileau, etc., mas essa ilustre sociedade de literatos se dissipou como um sopro, e teve por sucessores (com poucas exceções) um enxame de ignorantes rimadores, e de tradutores enfronhados em mau Francês, destituídos de gosto, e tão faltos de boa lição como de pensamentos elevados. Uns e outros, ignorando a riqueza do pátrio idioma, desdenhando os nossos Clássicos, e incapazes de recorrer aos Latinos, lançaram mão de quantas expressões e frases Francesas encontraram, e à força de dons empobreceram a língua; não podendo de enxertia tão disparatada nascer bom fruto. De tal modo transtornaram a linguagem Lusa que apenas parecia ser a mesma que falaram Camões, Barros, Sousa, e em que Garção e Dinis acabavam de escrever. A prosa sofreu ainda mais desta invasão dos Bárbaros na literatura Portuguesa: a poesia, ao menos, conservou na rima, e no mecanismo dos versos doçura, e harmonia, porém mais consistia de vozes que de ideias; e até homens dotados do estro o mais admirável, cheios de erudição, e não faltos de gosto foram obrigados, para agradar ao público, a sacrificar os pensamentos sublimes e os arrojados poéticos, à toadilha dos versos, acomodando os conceitos e as expressões à capacidade, e às poucas luzes dos ouvintes. Então se viu a literatura Portuguesa inundada de Sonetos, Décimas, Cantigas, e ensossos Elogios, ou Sátiras, tão cheias de fel, como faltas de pico, de razão, e de decência. À exceção das obras de Nicolau Tolentino e de Domingos Maximiano Torres, poucas poesias se podem citar, nestes últimos vinte anos, que sejam dignas de passar à posteridade. Foi tal o efeito do contágio, que o mesmo Bocage apenas obterá entre os vindouros o título de insigne versificador. Se exceptuarmos algumas traduções, poucas Epístolas, algumas Sátiras, Idílios, e outras composições de pouca extensão, quasi que só nos restam dele muitos e excelentes Sonetos, que nada lhe custaram a fazer, e de que ele mesmo fazia pouco apreço. Escassos títulos deixa de poeta um homem que a Natureza parecia ter formado para ser o primeiro dos Vates Portugueses! Só quem o conheceu e tratou, sabe o quanto Bocage era superior aos escritos que dele nos ficaram.

Fugindo a pátria para conservar a liberdade, levou consigo Filinto a viva lembrança da luta dos néscios contra os sábios, e penetrado desta ideia não cessou de defender a língua portuguesa contra os intrusos escritores; e se bem que de longe, ignorado de uns, esquecido de outros, e invectivado por muitos, não deixaram as suas vozes de aproveitar a alguns autores, e principalmente aos poetas que se deram ao estudo das obras com que há quarenta anos Filinto enriquece todos os dias a pátria. Nestas clássicas composições, originais ou vertidas das mais línguas, bem tem o seu autor mostrado que a língua portuguesa pode competir com qualquer dos mais ricos e enérgicos idiomas, todas as vezes que for manejada por quem saiba valer-se das riquezas próprias, e apropriar-se as da fonte Latina donde ela procede. Por isso não contente com apurar a linguagem dos termos bárbaros, nela recentemente introduzidos, e de restituir ao uso palavras de óptimo cunho e de singular energia, enjeitadas pela ignorância ou incúria dos escritores, foi procurar à língua Latina os vocábulos de que carece a nossa, ora mudando-lhe as desinências, conforme o requer a analogia das duas línguas, ora formando palavras compostas, que evitando circunlocações aumentam a energia da linguagem; a qual com este auxílio pode chegar-se à concisão do latim.

Os ignorantes que apelidaram Filinto amigo de antigualhas, não advertiram que, se ele reivindicou bom número de óptimos vocábulos e expressões dos elegantes Clássicos da nossa idade de ouro, a muito maior número de vozes de seu cunho deu Carta de naturalização; e parece que antes o deveram ter taxado de atrevido inovador

que de excogitador de termos Afonsinos. Quem nunca tentou verter autores Latinos, e dos mais concisos e nervosos, nem imitar ou traduzir composições sublimes em verso ou prosa, das línguas estranhas, pode julgar suficiente a língua, tal qual se acha circunscrita e desfigurada por ineptos autores e ignorantes tradutores; mas quem sabe elevar-se ao sublime não pode contentar-se de uma linguagem bárbara, rasteira e ensossa.

Conservemos preciosamente a herança que os nossos Clássicos nos deixaram, não nos descuidando de ampliar e enriquecer o nosso património à custa da Língua Latina, assim como eles fizeram, e não indo mendigar o que nos falta naquelas que, também como a nossa dela emanaram, e mais corruptas: não vamos pedir aos ramos o que nos oferece o tronco comum; e lembremo-nos que, não foi imitando a linguagem e estilo dos Espanhóis, ou dos Italianos, que os fundadores ilustres da língua Francesa conseguiram desenvolver as belezas, e mitigar as imperfeições de uma língua que, de bárbara e rude que fora nos séculos anteriores, manejada e polida por Pascal, Boileau, Bossuet, Racine, Fénelon, e tantos outros ilustres autores, veio a ser a mais culta de toda a Europa. Foi sim nos Clássicos Latinos e Gregos, que estes homens célebres colheram as sementes que souberam tão bem cultivar no terreno pátrio.

Tais são os preceitos, e tal o exemplo que Filinto, com incansável perseverança inculca aos Portugueses em todas as suas composições; e se a língua escapar da ruína que a ameaça, aos seus patrióticos e esclarecidos esforços deverá a posteridade a conservação da mais bela das filhas da Latina.

Talvez que a ausência da pátria, a falta de livros portugueses, o desuso de ouvir compatriotas, e o receio de desmentir na prática os próprios preceitos, misturando expressões estrangeiras nos seus escritos, tenham algumas vezes feito recorrer Filinto a palavras Latinas simples ou compostas, quando outras de bom cunho e sancionadas pelo uso dos bons escritores fariam tais empréstimos escusados. O nímio receio de se afastar da boa estrada talvez o tenha algumas vezes iludido, porém ao abuso ele mesmo indica o remédio, e só pretende que das palavras por ele cunhadas se conservem aquelas que se julgarem boas e necessárias, sacrificando de boa mente as que já têm Sinónimos na língua. Os que imitando o seu estilo o fizerem sem a devida atenção a este preceito, e que às cegas quiserem seguir os seus atrevimentos, em assuntos que não permitem frases altíloquas, nem carecem de expressões elevadas, terão de se queixar do seu pouco discernimento, e não lhes aproveitará para desculpa o exemplo de Filinto. E também se devem lembrar que, por isso mesmo que ele é o primeiro dos vates Lusitanos da nossa Era, com muito maior cuidado se devem evitar as imperfeições que se acham nas suas obras, e das quais os maiores ingenhos não são isentos. Estas, qualquer as pode conhecer para não cair nelas, mas quem ombreará com o sublime voo do Horácio Luso?

As volumosas obras de Filinto até aqui dispersas em folhetos, e tomos mal impressos, excessivamente incorrectas e de forma desigual bem mereciam ser coligidas em uma edição uniforme, nítida, expurgada, e mais correcta. O editor cedendo aos votos unânimes de todos os Portugueses amantes da boa literatura, e admiradores do ilustre Poeta, e zeloso pela glória nacional, determinou erigir-lhe este monumento, oferecendo ao público uma edição completa das obras de Filinto Elísio, compreendendo muitas inéditas, cuja colecção deve constar de 9 a 10 tomos em 8º. [III]

O Editor, para maior correcção tipográfica me cometeu a revisão das provas, e, de acordo com o autor, procurarei não só que a edição saia, quanto for possível, limpa de erros, mas igualmente me esmerarei em fazer desaparecer a maior parte das anomalias de ortografia que se acham nas obras do autor, impressas em diversos tempos, lugares e oficinas, e muitas das quais, assim como parte das incorrecções, se devem atribuir à penúria, à idade do autor, e à falta do socorro de amigos conterrâneos que o ajudassem nas suas fadigas literárias.

Se ainda resta alguma diferença no modo de escrever e acentuar as palavras, isso se deve imputar em grande parte à falta de um sistema universalmente reconhecido de Ortografia Portuguesa, e de uma Prosódia da língua: e por efeito da lastimosa negligência da nossa Academia e dos nossos escritores neste particular, também se deve atribuir a não ter o autor adoptado uma regra fixa e uniforme de Ortografia e de acentos.

Para que o público possa julgar da concepção e da energia das expressões de Filinto basta ler a Ode que em idade de 83 anos acaba de consagrar ao seu ilustre, generoso, e constante patrono o Exmo. Conde da Barca, cuja carta a Filinto em resposta à Dedicatória do Poema dos Mártires transcrevemos, pois faz tanta honra ao protector como ao protegido.

*Paris, 30 de Março de 1817.*

FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO, [M]

M. D. revisor das Obras, e amigo de Filinto Elísio.

(Cópia) Senhor Francisco Manuel do Nascimento.

«Meu ilustre Poeta. Muito agradável me foi o obséquio da oferta que Vmce. acaba de fazer-me da sua Tradução do Poema dos Mártires, por ver que não só Vmce. conserva ainda a natural vivacidade do seu talento, apesar dos anos e contratempos, mas que tem forças para pôr em execução o que ele concebe. Se pela afeição que sempre lhe tive, eu folgo muito com esta prova da sua boa disposição, não estimo menos o serviço que Vmce. faz à Nação, enriquecendo-a com os seus escritos, e ampliando a nossa linguagem com belezas trasladadas de idiomas estrangeiros.

Desejo que Vmce. continue a gozar de uma vigorosa saúde, com as venturas e sossego de espírito que a prosperam.

Sou com muita veneração, etc.

Conde da Barca.»

*Rio de Janeiro 28 de Novembro de 1816.*

«Assim cheia do Deus a Pítia alheada  
Pela boca exalava o vapor santo,  
Que da Trípode ao peito lhe batia,  
E insano lhe lavrava as entranhas.»

VERSOS  
DE  
FILINTO ELÍSIO

SONETO

À SENHORA D. E. D. A. O., etc.

**A**SSIM cantava o saudoso Orfeu,  
Quando as duras entranhas derretia  
Da Rodopeia rocha, ou quando a impia  
Mente de Dite a compaixão moveu.

Também então ali se viu Proteu  
Co'a limosa cabeça, que surgia  
Da linfa do Hebro regelada e fria,  
Quando em tal vaticínio a voz rompeu:

«Venceste, Orfeu: mas quando Era futura  
Ouvir de Ermínia a voz, por Febo dada,  
Tens de ceder. – Já dessa formosura

Filinto afirmará, que é trasladada  
Nela a voz de Calíope, e a doçura,  
Com que enlevar a ouviu a azul morada.»

## ODE

À SENHORA D. MARIA ANTOINETTE  
MATHEVON DE CURNIEU [VI]

Que tão queridos tinha e tão mimosos.  
CAMÕES, *Cant.* 3.

QUE vale à vida entesourada cópia  
De cunhado metal! – Oh nobre dextra,  
A que com siso o esparge pelos sótãos  
Da encolhida pobreza!

Compra a fama com dons, o que abre os cofres  
Para ajudar talentos desvalidos  
A dar à luz os quadros da Virtude,  
Pela arte aformosados.

Tu delícia do Esposo, de Irmãos glória,  
Do Pai retrato delicado e vivo,  
Aos filhos, que amas com carinho puro,  
Dá puro e grato ensino.

Nesta Dama tens rasgos ingenhosos:  
Em ti os tens melhores; e uma e outra  
C'o exemplo, co'a leitura sede os Mestres  
Dos mimosos Infantes.

Com teu auspício aceite em versão Lusa,  
A Dama *Senneterra* ir dar transumpto,  
Ir dar consolação a nobres peitos,  
Da gratidão sacrários.

## SONETO

QUANDO foi pelos Turcos conquistada  
Citera, da alma Vénus tão querida  
Fugiu a alada tropa, espavorida  
Dos bigodes da bárbara manada.

Andou téqui pousando in-consolada,  
Por bosques, montes, ermos foragida:  
Nem quis de homens a rústica guarida,  
Nem de Damas a fé tão mal guardada.

Mas apenas à luz do Céu gracioso  
Apontou Márcia, as Graças, e os Prazeres  
Nela acharam abrigo deleitoso.

«Se um fiel coração, Amor, preferes  
À grandeza dos Reis, ao fasto odioso,  
Busca em meu peito o trono que mais queres.»

# HINO

## À NOITE

..... Sudden to heaven  
Thence weary vision turns; where tending soft  
The silent hours, and from her genial rise  
Whel day-light sickens till it springs a fresh  
Unrivaled reigns, the fairest lamp of night.

*Thompson's Sumer.*

~~~~~

Volta súbito aos Céus a vista lassa,  
Onde Vénus com brando aceno guia  
As mudas Horas, meigas a quem ama:  
Des-que se ergue da Noite o almo Luzeiro  
Na pura sfera sem rival domina;  
Brilha com garbo, apenas se desmaia  
A luz do dia, e o novo sol não surge.

**D**EUSA, que espalhas pela etérea zona  
No mudo carro de ébano brunido  
As sombras repousadas, os amores  
De furtivo decoro;

Tu, que acompanhas com fiel escolta  
Ao prazo dado o amante impaciente,  
E c'o piedoso manto encobres roubos  
De divinais prazeres;

Que as doces leis de Vénus, de Cupido  
(Almo recobro da vivaz Natura)  
Benigna estendes nos calados tectos,  
Nos namorados bosques:

Que pedes às estrelas mais propícias  
Um frouxo raio de modesto brilho,  
Com que os rubis da boca, com que os lírios  
Do peito entrever deixas.

Por tanto ouves os gratos murmúrios  
Dos amantes ditosos, que redobram  
Em teu louvor, pelo macio amparo,  
Que em tua sombra encontram.

Ouves o som do trépido ribeiro,  
Que inflamado dos meigos ais vizinhos,



Novo Alfeu, se apressura namorado,  
 Após nova Aretusa.  
 São mais doces de noite, e mais mimosos  
 Os afagos de Amor. A luz patente  
 Do sol constringe o gosto, e solta ao Pejo  
 Mui reservadas rédeas.

E a Ninfa, que olha pelo Céu luzido  
 Aqui Leda, ali Io, além Calisto,  
 E o cortejo de estrelas, com que as honra  
 Não deslembado Jove:

Que, como ela, nas selvas, junto aos rios,  
 Outrora essas estrelas se humanaram,  
 E os troncos, como a elas, que a convidam  
 C'o sussurro das folhas;

Toma a Leda, ou Calisto por traslado,  
 Cerra ao Recato a rabujenta boca  
 Co'a mesma mão, com que ameigara a face  
 Do porfiado amante.

Noite melhor que o dia, quem não te ama!  
 Quem não vive mais brando em teu regaço,  
 Despindo da alma, e dos cansados membros  
 O dia afadigado!

Tu dás vida aos vergéis com teu suave  
 Prolífico lentor; a curva Rosa,  
 O lírio, a quem pendeu o sol ardente  
 Se erguem, e se retoucam.

As Penas, e os Cuidados que os humanos  
 Corações remordiam, como abrolhos  
 As Ambições, os perenais Processos,  
 (Cruéis equúleos da alma!)

Ao ver descer o Sono, que a teu lado  
 Vem reclinado no tardio coche,  
 E derramar nos ares o recreio  
 Do plácido sossego;

Afrouxando os cordéis, já manso e manso  
 Descaem mão dos infernais suplícios,  
 Que dão, antes da morte, aos imprudentes;  
 Que espancá-los não ousam:

Que não sabendo por Honras, Riquezas  
 No merecido grau, são desditosos,  
 São baldões da Fortuna, são cativos  
 Do insolente Orgulho.

Vem estender sobre o meu leito, oh Noite,  
 Com mão amiga, o manto do Sossego,  
 Negado a camas régias, e a douradas  
 Cobertas opressoras .

Vem consolar do acinte dos Destinos,  
 Das invejas dos Maus, o assíduo Vate,  
 Que trabalhou por ser aos seus profícuo,  
 Enfeitando a Virtude.

Tu, em teu seio o toma, e lhe refresca  
Com leve sopro a frente, e a face roxa  
Das chamas, que no sangue lhe ateara  
Apolo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem; traze contigo  
Os sonhos agradáveis, que o Céu brando  
Por prémio guarda mais mimoso às nobres  
Fadigas do Parnasso.

Vem spargir pelos olhos, pelos membros  
Às mãos cheias as lânguidas papoulas,  
Que escolhera Morfeu nas descuidadas  
Ribanceiras do Letes.

Que eu com grinaldas, com festões das flores,  
Que ao teu surgir despontam do casulo,  
Sempre a Ti grato, enquanto alento a vida,  
Cobrirei teus altares.

# CARTA

AO SENHOR F\*\*. J\*\*. M\*\*. DE B\*\*. [VI]

Paris, 6 de Junho de 1790.

Obscurata diu populo bonus eruet, atque  
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum,  
Quae primis memorata Catonibus atque Ceteris,  
Nunc situs informis tegit et deserta vetustas,  
Adcisset nova .....  
Vehemens et liquidus puroque simillimus amni  
Fundet opes, Latiumque beabit divite lingua.

HORAT., *Lib. 2. Ep. 2.*

**L**EMBRAS-ME, Amigo Brito quando a pluma  
Para escrever magnânimo meneio.  
Ama o meu Brito a Lusitana língua,  
Pura (como ele) enérgica, abastada,  
Estreme de bastardo francesismo  
E que a joio não trave de enchacoco:  
E quando lê rejeita a frase spúria  
Que com senão mal-assombrado afeia  
Asseada escritura, e ideia nobre,  
De legítimos Lusos termos digna;  
Mas discreto critica; e faz justiça  
Sem torpe inveja, sem paixão obscura.

Que, Amigo, muitos mordem nos bons versos  
Do facundo Garção, Dinis prestante,  
Sem de Horácio ter lido um só conselho,  
Sem que acaso divino Entusiasmo  
Nunca na alma encharcada lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar penada  
Na língua Portuguesa, que as correntes  
Das cristalinas águas não gostaram  
Vertentes dos volumes caudalosos  
De Barros, Brito, Sousa, e de Lucena  
De Ferreira, e Camões: fartura arrotam,  
De Português, por que inda hoje remoem  
As mesquinhas migalhas, que das bocas  
De Amas vilãs, de brejeirais Lacaios  
Na recente memória lhes caíram.  
Afeitos a tão magra, oca pitaça  
Se amuam contra as raras iguarias

Com que os brindam os Clássicos bizarros  
Em suas mesas guapas e opulentas.

Oh Clássicos do nosso augusto séc'lo,  
Que sempre fostes o patente molde  
De elegante escritura genuína,  
Oh quanto deveis hoje mais que nunca  
Ser o que são bandeiras nas batalhas!  
Quando vai roto o exército, e esgarradas  
C'o medo e fuga as Marciais fileiras,  
Longe da rota o General previsto  
Manda cravar em sítio bem disposto  
Os contos das bandeiras. – Troam logo  
Os rufos do tambor eco-batente;  
Voltam a vista os vagos fugitivos,  
Aonde os rufos clamam; vêm nos ares  
Soltas as cores dos pendões jurados,  
Correm, vão-se apinhar em torno deles,  
E cobrando com vê-los novos brios,  
Rugem Leões, as brigas já re-pedem,  
Caem na hostil coorte, rompem, vencem.  
A vista das Bandeiras em triunfo  
Lhes transmudou a fuga. – Nós desta arte  
Usar convém, na fuga, e desbarato,  
Em que nos pôs o exército confuso  
Da pujante Ignorância, a qual cercou-nos,  
E de vencida nos levou, no tempo  
Do nosso mal sofrido cativoiro.  
Cumpre ao pé dos pendões enfileirar-nos;  
Entrarmos na refrega c'os sedições  
Pedantes, c'os Casquilhos da moderna,  
Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem,  
Quais bandos de pigmeus, e vêm armados  
Cada um como um Sansão, como um Alcides.  
Valentes como impávidos Quichotes,  
Os da Corja Académico-Tarouca  
Com bexigas, e estalos farfalhudos;  
E os mais com pélas de Francês *conducta*,  
*De afféres, rango, massacrar, ressortes*,  
*Egídio, populácea*, e iguais remendos  
De mal alinhavada Francesia.

Não que à língua Francesa eu ódio tenha;  
Que fora absurdo em mim. Ninguém confessa;  
Mais sincero o valor de seus bons livros  
De todo o bom saber patentes cofres,  
De polidez e de eloquência ornados.  
Bastara em seu louvor, se o carecera,  
Ser bem vista e prezada em toda a Europa,  
Das Cortes, e dos Sábios no Universo.  
Conter em si, ou próprio, ou traduzido,  
Quanto Minerva pôs no peito humano,  
As fadigas das Artes, das Ciências,  
E os enfeites do florido discurso.

Mas, como fora escarnecido em França

O que empreendesse himpar de frases Lusas  
Um discurso Francês em prosa ou verso;  
Assim pede entre nós ser apupado  
O tareco Doutor, que à pura força  
Quer atochar de termos bordalengos  
O nativo desdém da nossa fala.

Se temos de pedir a alguma bolsa  
Termos que nos faleçam, seja à bolsa  
De nossa Mãe Latina, que já muito  
Nos acudiu em pressas mais urgentes,  
Quando em bronca escassez já laborámos,  
Ao sairmos das mãos da bruta gente.  
Uma língua tão dura como as armas  
Que em nosso pró terçavam nas pelejas,  
Era a língua dos Lusos valorosos,  
Antes que os claros lumes do alto Pindo  
Queimassem fezes Godas e Mouriscas  
Da tosca algaravia, que em seu seio  
Lavrou até ao século apurado  
De João segundo, de Manuel ditoso.

Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,  
Forais de Goda-Arábica escritura,  
Dirá que eles descendem da elegância  
Da língua dos Romanos, que a foi nossa,  
Que a bem falámos muitos centos de anos!

Que foi, depois que as guerras e infortúnios  
Alagaram os prédios de Minerva,  
Derribaram colunas de seu Templo,  
Rodaram na torrente os móveis sacros,  
Deixando só ruínas mal cobertas  
De apodrecidos limos, e de abrolhos?

Então quebrou o fio precioso  
Do Colar de medalhas, guarnecido  
C'os nomes de eruditos Portugueses;  
Que atou depois, com laço mal seguro,  
O Freire, e inda algum mais, mas raro e frouxo,  
Que o pouco cabedal levou consigo  
Do puro Português, que inda restava;  
E em língua bruta, oco-rimbomba, ou freira,  
Nua de valentia, e de doçura,  
Lardeada de ensossos, baixos termos,  
Foi a clássica língua convertida.

Tal era a Geringonça mais da moda,  
(Quando eu nasci) nos Púlpitos gritada,  
E cantada nas nobres Academias;  
Quando Ingenhos mais altos, indignados  
Da fatal corrupção, a ressurgiram  
Das campas do letargo em que a puseram  
Balofos Biltris, mazorraes Sindapsos.

Assim já dantes em igual desastre  
Amparados das asas do Monarca  
Saiu um Luso enxame cobiçoso  
De conquistar pelos Liceus da Europa,

As Ciências, da Pátria foragidas:  
E quando a nós tornaram da colheita  
Os novos Túlios, alta esp'rança Lusa,  
Dando de mão ao Godo-Árabe enleio,  
Que desfeira as Lusitanas falas,  
Co'ouro da Grega língua, e da Latina  
Deram brilho ao dizer. – Antes criaram  
Uma língua mais nobre, mais mimosa,  
Digna dos nobres Génios que luziram  
Nessa Clássica idade; e que nos deram  
Os moldes da elegância Portuguesa:  
Elegância, que herdada a nós viera,  
A não ser salteada no caminho  
Por mãos facinorosas. – Quem nos veda  
Tomar a antiga senda, para herdá-la  
Nativa e pura, e digna, qual trilharam  
Para criá-la, os nossos bons Maiores?

Saiam dos muros da ferrenha Pátria  
Quantos desprezam os facundos sábios  
Que a língua lhes legaram generosos;  
E verão povoados os Liceus  
Das estranhas Nações, na douda Europa,  
De ilustres Bispos, de anciões Consultos,  
De polida Nobreza; e até das Damas,  
Que a Natureza fez tão engenhosas,  
Tão validas das Musas, e de Vénus;  
Todos pudentes das discretas vozes  
Com que um Lente mui primo dá realce  
Às belezas dos Clássicos antigos,  
Aqui notando a concisão da frase,  
Que o lúcido *Sublime* em breve engaste  
Cerra, e compõem; ali a formosura  
Da caudal eloquência, que transborda  
Por floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah! se eu pudesse ver na Elísia minha,  
Sequiosa de saber, francos e abertos  
Tantos pórticos de Artes, de Ciências,  
Como não levantara ela a áurea frente  
Entre tantas Nações, que a só conhecem  
Por ter dobrado o horrendo Promontório  
Por um antigo brado de Conquistas!

Falam no bom Camões alguns Franceses,  
Que o leram traduzido em prosa ensossa;  
Mas rejeitam de o ler na Lusa língua,  
Que apenas paga o custo de aprendê-la,  
Com ler um só Camões: tão pouco apreço  
Lhe dão de si os novos Escritores!  
Não fora assim, se nós mais cuidadosos  
Déssemos mor valia à nossa língua,  
Polindo-a, enobrecendo-a, opulentando-a  
Com cabedais de Urânia, Clio, e Erato.  
Que assim se fez no mundo conhecida  
A língua Grega; e o Lácio que pretende  
Emulá-la, seguiu o mesmo trilho:

Seguiu-o a Espanha, a França, c'ò a Toscana;  
E até as Boreais Nações o seguem,  
Nós prezamos tão pouco a nossa língua,  
Que tão somente as outras aprendemos,  
Em desar da nativa; e a ser-nos dado  
Na Francesa escrevêramos, faláramos,  
Como já na Espanhola, por lisonja  
E por louca vaidade compusemos!

Amor da Pátria sopra em mim despeitos  
De a ver por filhos seus pouco abonada.  
Ah! Pátria muito ingrata, e muito amada;  
Ah! que eu se em ti soubera as boas letras  
Mais versadas, mais público o bom gosto,  
Deste encargo de encomendar leitura  
Dos nossos bons autores me esquivara!  
Desce Apolo aos Liceus, com prazer sumo  
A derramar clarões de arte divina  
Nos que ávidos anelam ver ausentes  
As trevas da maléfica Ignorância:  
Como na longa hiberna madrugada,  
C'os olhos fitos no tardonho Oriente,  
O medroso apressado peregrino  
Espera Febo, e os lúcidos Etontes,  
Que vêm de longe c'ò flamante carro  
Disparar no horizonte as luzes, o ouro,  
E pôr em fuga a Noite, e seus sequazes,  
As trevas, os pavores, e os flagícios.

Muitos destes Liceus são crisol puro  
Da liga da linguagem: ali de Autores  
De grave fama anciã bem merecida  
As imortais belezas se alardeiam,  
E o líquido ouro fino da palavra,  
Da frase mui formosa ali se apura.  
Solta o Critério a voz, e o douto exame  
Cala pelos rememoros ouvidos,  
Com agrado e proveito, até às almas,  
Onde se imprime, e guarda longamente  
Sabor das eloquentes iguarias.

Um Francês, que ouve um lente venerando  
Tratar com mão devota os sábios livros  
De *Fénélon*, *Racine*, quando explica  
Seus ornados conceitos, não desdenha,  
Não moteja do Autor, que lhe dá fama  
Nos arredados Climas, nem do Aluno,  
Que caminhando ao Templo da Memória  
Leva por foros, leva por serviços  
A nobre imitação de bons modelos,  
E na frase imitada o cunho antigo.

Assim o Statuário cuidadoso,  
Se, encarregado da sublime face  
D'um rei virtuoso, Deus de seu bom Povo,  
Deseja entre os Mírons, e os Praxíteles  
Ter lugar na custosa eternidade,

Dos Mírons, e dos Fídias tira os rasgos  
Das bizarras feições, das atitudes;  
Até das roupas imitando as pregas,  
Aqui descobre, ali apanha, ou solta,  
E trasladando à pedra o concebido  
Tipo de formas conhecidas na arte,  
Compõe um todo, a si só comparável,  
Gosto de Mestres, e do Aluno glória.

Tais eram aprovadas, e benquistas  
Por nobre imitação de almos trasladados  
Do Pindárico Elpino as cultas Odes;  
E a facúndia bebida nos antigos  
Que vertia o Garção nos seus Poemas,  
Quando a Arcádia outrora os escutava  
De atilados varões o estreme ouvido.

No sacro templo que à pureza e lustre  
Da linguagem Francesa ergueu eterno,  
Pelo Richelieu, Luís o Magno,  
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido toa)  
Um sábio, em toda a Europa aceito e lido,  
E inda mesmo entre nós não ignorado.  
Numa língua tão farta (como dizem)  
Dos cabedais de Autores tão egrégios,  
Que não sofreu desfalques, bastardias,  
Como a nossa, nas eras derradeiras:  
Numa língua, que engrossa, e se enriquece  
Cada dia c'os rios de eloquência  
Que tão caudais de todo o monte manam,  
Este Sábio escassezas lhe achacava,  
Pedia atrevimentos generosos  
Nos que a colher os frutos se abalançam  
Nos vergéis das ciências. Novas cousas  
Novos nomes requerem. Já Lucrecio  
Para a língua tão rica dos Romanos  
Solícito pedia larga vénia.  
Larga vénia pedia para a sua  
Este Sábio também; e que se aceitem  
No bom stilo Francês termos Latinos:  
E dos antigos termos saudoso  
Desejava que à vida os revocassem  
Dando-lhe alma nos livros duradouros.  
Reparai bem, matula afrancesada,  
No sabão que vos vai pelos bigodes:  
Vede como arde na vermelha face  
Sopapo que vos calma a mão francesa!  
Certo estou, que calando este discurso  
No atento ouvido dos franceses sábios,  
As palavras antigas foram novas  
Em prêmio da razão, dos bons serviços;  
Que honradas cãs c'o honrado abrigo acolhem  
A quem as pôs no auge da valia.

A tão séria oração, tão proveitosa  
Estimada da Pátria, e dos de siso,



Não riam, como parvos, os franceses,  
Mas ririam os Peralvilhos Lusos,  
Besuntados de porca modernice,  
Que não podem sofrer palavra ou frase,  
Que não venha em Telémaco capado,  
Ou novos sermonários francesistas:  
Que cuidam que encerrada nos miolos  
Têm da língua a abundância, a força, o lustre,  
Com atar um suado cumprimento,  
Falar de cães, de modas, de cavalos  
Numa roda de Moças e Tarecos  
De elegante saber, igual ao deles.

Mas vamos acudir ao mais forçoso  
Argumento que põem estes Maricas,  
Que estremeçam de vozes que não leram;  
Como de *Cousa má*, longa Aventesma,  
Se arripiam mulheres e meninos.

«É grande affectação (assim me arguem)  
Usar da antiga frase, antigos termos,  
Que o Marquês de Pombal não usou nunca;  
Antes quasi os condena em suas prosas:  
Usar de termos que não usa o Pina,  
Nem os nossos garridos Pregadores:  
Co'esses termos que vogam, bem falamos;  
Co'eles verseja o Matos, canta o Caldas,  
E o Macedo <sup>[VIII]</sup> no outeiro se espanija.  
A língua é como a moda. A novidade  
Lhe dá gala e primor. Motiva riso  
Campar-nos hoje com sedições frases  
Do caduco Lucena, aguado Barros,  
Querendo-as pôr à moda no discurso;  
Como quem nos viesse delambido  
Inculcar para adorno guapo e sécio  
Enrocados mantéus, golpeadas calças.»

Cuido que o vejo erguer-se arreminado  
Lá da campa onde jaz seco e moído,  
O meu Garção, e azedo e zombeteiro  
Responder-lhes assim: «Tendes sobejos  
Para o mal que falais, e para as trovas  
Com que a Pátria pejais, pejais a língua:  
Melhor fora, boçais, nascêsseis mudos.  
Que enrocados mantéus, pintos calçados  
Me alegais por escárnio! Quantas modas  
Não vedes vós sedições, que ressurgem,  
Como o fétido Lázaro, e campeiam  
Mui galhardas por esse mundo louco?  
Os mantéus enrocados ide vê-los  
Co'as calças golpeadas, na mais sécia  
Corte da Europa, e mais lidada forja  
Das tremulantes e assopradas modas.  
Vede-me os Cem Suíços gigantescos,  
Cerrada guarda do Francês Sob'rano,

Como trajam nos dias mais garridos  
Enrocados mantéus, golpeadas calças,  
Que galas foram já de airoso adorno  
Ao Quarto Henrique, ao forte ilustre Castro.  
Lede, basbaques, mancos de doutrina,  
Que (de acerto) até modas vêm nos livros;  
Como em Pegas achou, passados anos,  
Certo Letrado os óculos perdidos.

Mas escuta, Garção; (cuido que os ouço)  
Se o pensamento é bom, faz seu efeito,  
Sem ser preciso revolver poeiras  
De Latinos Camões, sedições Barros;  
Sem joeirar palavras fastiosas  
De velhos alfarrábios com bafo.

Calai-vos, tolos (o Garção responde)  
A elocução é tudo. Uma sentença,  
Que tosca refugais por desagrado,  
Se com frase concisa, ornada e culta  
Vem ferir na alma, o ouvido amaciando,  
Abalados ficais, ficais absortos,  
Namorados da sua formosura.  
Que assim a guapa seda, a tela de ouro,  
Se mal talhada vem das mãos do Mestre,  
Perde a gala, por geba em seu feitio,  
Quando outra, menos rica, mas airosa  
Orna o Dono, e de aplausos rouba a estreia.  
Dar com vozes valor ao pensamento,  
Dar-lhe cor, dar-lhe vida é o grande estudo,  
A gran venida de imortais Autores.  
Que não basta dar pasto são à mente,  
Se não vem adubado de bom gosto:  
E assim é que a Verdade cala na alma,  
Louçã, c'os atavios da Eloquência;  
E assim também resvala dos ouvidos,  
Se vem seca, ou ensossa ou mal trajada.  
Uma palavra nova, ou renovada  
Desperta o ouvido, é saudável toque.  
Que inclinam à preguiça, ao desatento  
Os ânimos de ouvintes distraídos,  
Que a corda da atenção, por longo tempo  
Não podem ter tão rija que não bambe.  
Para a atesar de novo o bom Poeta  
Varia o tom do Canto com figuras,  
Com descrições; ousado já apostrofa  
Homens e Numes... Quantas vezes, quantas  
O intrépido poeta arrisca o enleado  
Hipérbato, que embaça a inteligência,  
À prima vista, mas que apraz, namora,  
Quando abre todo o senso! Assim de Horácio  
E dos Romanos Clássicos polidos  
Apraziam transpostos os vocábulos;  
E fora riso e escárnio dos ouvintes  
Dar-lhe Odes de sentido corriqueiro,  
Fluentes como o usado Padre Nosso.

Também c'um termo só, quando o Poeta  
Se aventura ao perigo, e vai buscá-lo  
A longes sítios, e atrevido o encosta  
A nome, que se estranha de o ver junto  
De si, mas que o enobrece, e alumia...  
Também digo que toma alento a lassa  
Atenção, agradece ao Vate o gosto  
Que lhe dá co'a dicção, e louva a indústria  
Com que ornou c'uma flor de mais a língua.

Canoros despertai co'a novidade;  
Beliscai meigamente o seio da alma;  
Inventai, renovai, usai translatos,  
Convidai o apetite, dai-lhe forças,  
Envidai o saber, obtereis graças  
De quem bem instruístes, deleitando-o.  
Nunca espereis que um desses encolhidos,  
Desses malsins de atrevimentos nobres,  
Consiga um grito dar, com que a alma acorde.  
Assim vimos porque alto e bem dormiam,  
Bem roncavam os hóspedes cansados,  
Que acalentava a Régia Academia  
Com derreadas prosas soporíferas.»  
Estudamos com tanto apuramento  
Clássicos Gregos, Clássicos Latinos;  
Línguas, em que apesar de improbo estudo  
Seremos sempre broncos aprendizes;  
Nem, quando bem queimadas as pestanas,  
Mirrássemos em ler pecos Nolténios,  
Scoliaestes decrépitos e escuros,  
Não nos cabe falá-las co'a franqueza  
Dos antigos Romanos; quando muito  
Falaremos latim, como falava  
Entre nós, certo Inglês, que muitos anos  
Em Lisboa, viveu e me dizia,  
Mui sério – *Mim quer vai a Rata* – Crendo  
Que dava um puxo bom na língua Lusa.

Nós, quando à força de amplos Dicionários,  
De Gramáticas, de áridos Comentos,  
Novos Manúcios, Fabros, ou Resendes,  
Greguíssimos Scalígeros da gema,  
Gaguejemos latim a Plauto, a Horácio,  
E Grego a Homero, a Píndaro – ririam  
Da nossa arrogantíssima impotência;  
E sem nos compr'ender, nos deixariam  
Latinizar, e Greguejar a froxo,  
Nas Teses, nos umbráteis Colégios.  
Como? Em cadoz de ingrato esquecimento  
Deixarmos a linguagem, que nos serve  
Em tratar os negócios, as usanças,  
Desta vida Civil, razões de Estado  
C'os nossos Conterrâneos, c'os Amigos,  
Em dar pasto, co'as Damas, às mais puras,  
Mais brandas afeições do ânimo humano,  
Para dar todo o estudo a estranhas línguas!

Falemos português brando e sonoro  
A Portugueses, que entender-nos cabe.  
E se espertos me arguem os Peraltas  
Que as riquezas vocais, que assim pretendo  
Introduzir, empecem à clareza  
Da língua, e que o vulgar dos Portugueses  
Não pode súbito abranger o senso  
Das vozes Clássicas, remotas do uso,  
Das novas, das Latinas, das compostas,  
Mui pachorrento, e concho lhes respondo,  
Que as que hoje estão em uso foram novas  
Tão difíceis então, quanto estas hoje  
De serem do vulgar bem entendidas.  
Quando o Pombal nas leis punha *Apanágio*  
Ninguém soube que enxalmo, ou que encomenda,  
Que bicharoco era *Apanágio*: os mesmos  
Letrados se tomavam da tarântula.  
*Apanágio* passou. Hoje é corrente.

Qual foi o Sapateiro, ou Curraleira  
Que pescou o sentido enrevezado  
Em *retractar*, *controverter*, em outras,  
Da vez primeira que saiu da boca  
Do freguês que lha disse? Pouco a pouco  
Explicada, pregada, conversada,  
Conseguiu ser palavra corriqueira  
Quem dantes era enigma avesso, abstruso.  
Tal é o fado das primeiras vozes.  
Estranham – Vão entrando – tomam posse –  
Depois ficam de assento – e entre nós casam –  
Ei-las parentas já de toda a língua.  
Que assim é que um caminho de pé posto,  
Co'andar da gente, passa a ser estrada.

Como em límpida fonte, em nossos Mestres  
Do século das letras Lusitanas,  
E nas páginas férteis dos Latinos  
Tomem linguagem pura os bons ingenhos  
Que a colher palmas de eloquência Lusa  
Inclinam seu propósito e porfia:  
Ou já no Foro, os ânimos Consultos  
Queiram mover a compaixão piedosa  
Do Réu mal arguido, ou mal defeso;  
Ou, da Verdade na cadeira anseiem  
Soltar as pandas velas da facúndia  
Em assuntos morais, ou já sagrados.

Os exemplares puros com nocturna,  
Diurna mão por vós sejam versados,  
Por vós, Poetas, que quereis no Pindo  
Conquistar os favores das Camenas.  
Se desprezais dos Clássicos o estudo  
Sereis dos sábios Lusos desprezados.  
Oh ! que é desdouro, um Vate alçar as vozes  
Prometedoras de altaneiro assunto

Ante o Povo apinhado, e ser mesquinho  
No arrojo, e na afluência das pinturas,  
Com que anela estofar o seu discurso,  
Por falta de eloquentes vivas cores,  
Que só dão as palavras preciosas  
Cavadas nos bons Mestres, ou tiradas  
Do riquíssimo erário dos Latinos.

Quando em público fala, quando escreve  
Obras dignas de sôfrega leitura,  
Se inteira o bom Autor, colhe de plano,  
(E com que dissabor!) o quanto ignora  
A língua em que se deu por abastado,  
Vendo à bolsa, que creu pejada, e impando  
De grosso cabedal de ricas frases  
De termos nobres, ermo e exausto o fundo.

Néscio grulha, que em sujo charco molhas  
A língua com que os Clássico motejas,  
E a quem de suas messes faz ganância,  
Convém comigo, se és sincero e franco,  
Que nunca deste inteira à voz e à pena,  
(Qual te luziu na mente) a ideia tua,  
Por charro, ou por mendigo de palavras,  
Que dão cor, e dão alma ao pensamento.

Olha o Garção, quão rico na pintura  
Da infeliz Dido, as cores assinala,  
Quando perecedora, entregue a Cloto,  
*«Com a convulsa mão súbito arranca  
A lâmina fulgente da bainha,  
E sobre o duro ferro penetrante  
Arroja o tenro cristalino peito:  
Em borbotões de espuma murmurando,  
O quente sangue da ferida salta:  
De roxas espadanas rociadas  
Tremem da sala as Dóricas colunas.»*  
Não há termo, que não traslade ao vivo,  
No sp'rito do Leitor o fiel quadro  
Que o Garção debuxou na clara ideia.  
Sim: que Estudo, e Razão lhe persuadiram  
Que ao Vate aceito a Apolo, aceito às Musas  
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas  
Com valente pincel, acesas cores,  
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,  
E ardente como esse Estro, que o inflama.  
Quão custoso se lhe fora!  
Quão negado  
O arrojo no desenho, o vivo em cores  
Que os sentidos movendo calam na alma,  
Se colhida nos campos da leitura  
Tão copiosa seara não tivera!

Inda te dou, que possas, como o Vulgo  
Falar correcto às vezes. Não te basta  
Trivial locução, para subires  
O primeiro degrau do Templo que honra

O Mérito eloquente. Evitar erros  
É erguer-se apenas do plebeio lodo:  
Longe estás de ganhar subido prémio,  
Que pende para quem com louçania,  
C'o dom de áurea dicção dá garbo às falas,  
Varia, estrema a frase mais venusta,  
Com que dote de splêndida riqueza  
De seu discurso a intrépida estrutura  
Que é soberbo Palácio um bom Poema,  
Cuja Fachada, Camarins, e Salas  
Com régia pompa ser ornados pedem  
O ouro e o matiz das sedas e pinturas,  
Dos cofres mais recônditos da língua  
Os tira à luz o pródigo Poeta.  
Vocábulos, efígies dos objectos,  
Que Camões, que Vieira memoraram;  
Que informe pó cobre hoje. Se erudita  
Mão lho sacode, e as cãs remoça activo,  
Com língua rica aditará à Elísia.

Quando órfão de bons Clássicos o Idioma  
Se viu ao desamparo, ao desalinho  
Dum tropel de ignorantes, todo o rico  
Custoso cabedal, que tinha herdado,  
Da ânsia, do estudo de escritores sábios,  
Se esvaiu pelas mãos de ruins Tutores.  
Um fastioso de *após*, desfez-se dele;  
Este espancou *quicá*, ess'outro *asinha*;  
E assim dos mais. Foi roupa de Franceses.  
Os termos mais enérgicos, mais curtos,  
Os mais sonoros, por melindre ou birra,  
Foram longe da língua degradados;  
E outros foram perdidos, por desleixo.  
E nós de ávitos bens herdeiros lídimos,  
Num património entrámos defraudado  
D'ouro, padrões, alfaias, nu e cru.

Vistes vós numa Casa, onde morreram  
Pai e Mãe, e mui ricos, mas sem dono,  
Ficam muitos filhinhos? – Um começa  
A descompor gavetas, a abrir cofres,  
Dum lenço de cambraia faz zorrague,  
Cavalga outro em bengala castão de ouro,  
Este um dedal de prata, aquele um diche  
De subido valor, pela janela,  
Brincando, ou descuidado, deita à rua,  
Rodam broches e anéis pelo sobrado,  
(Preço de muitas lidas!) – sobem logo  
Enxames de rapazes convizinhos  
Barulheiros, daninhos, ou milhafres,  
Que bolem, quebrem, vazam, pilham, levam  
Ouro, diamantes, louça, doces, fruta,  
E uma herança atéli graúda e rica  
Pára em mesquinha, mísera pobreza.

Tal da língua os tesouros se escoaram  
Em poder de crianças literárias,  
De personagens néscias, ou perluxas.  
Vede em tal desbarato, em tal desleixo,  
Que valente Orador, Vate atrevido  
Pode falar conciso, ser ornado,  
Ser altíloquo, ou terno, se lhe faltam  
Cabedais com que abaste, com que enfeite,  
Donde tire a prazer, a expressão curta  
Que encrava mais profunda na alma a ideia;  
E não meandros de torcidos tropos,  
Que resvalam do ouvido, e da memória,  
Antes que o fio da vindoura frase  
Se ate c'ó fio bambo da já lida.

Remontar ao sublime há sido sempre  
O perpétuo lidar, o fito nobre  
Dos que as obras meditam, que os vindouros  
Desempõem com fruto e com agrado:  
E o *sublime* quer grande e nova ideia,  
Curta, e que muito senso aperte em suma.  
Que se inepto, por falta de baixela,  
Lanças em vasto desbordado vaso  
A pura activa essência concentrada,  
O concebido espírito sublime  
Na vasteza chocalha, e se derrama;  
Perde o subido cheiro, e mescabado  
Na turba das surrapas se desonra.  
Tu mormente, oh Poeta, a quem no encaixe  
Do verso, estreito emprego e estofa cabe;  
Se em palavras transbordadas, vás por fora  
Da marca abalizada, e dás c'ó verso,  
Desatento, a travez: e desde o intróito  
Enojas, e os ouvintes adormentas.  
Sê mui parco na ensanchar das palavras,  
Se ousas tocar as raias do *sublime*,  
E dos ouvidos déspota, se queres  
Tê-los cativos a teus dignos versos:  
Mas para parco ser tesouro ajunta;  
Que sem muita lição serás verboso.  
Quanto mais ferramenta tem o Mestre  
Mais fáceis, mais subtis prefaz as obras:  
Quanto mais pano tem, mais poupa o corte,  
Menos monte alardeia de retalhos  
A afreguesada, esperta Costureira.  
Na Casa em que a despensa recheada  
Acode à mesa com sobejo alarde,  
Banquetes, com que o Pobre se arruína,  
O Rico os dá frequente a pouco custo.

Se queremos achar abertas veias  
Do custoso metal que as falas doura,  
Visitemos as minas encetadas  
Pelos nossos antigos Escritores

No Lácio e Achaia, que inda nos convidam  
C'ò largo aberto seio a ser ricaços.  
E se a ruim Preguiça vos atalha  
Mover o passo a longes territórios,  
Tendes em Casa, e a vossas mãos disposto  
O produto das minas já cavado  
Limpo de fezes, crisolado, e puro  
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abóbadas longas intrincadas,  
Labirintos recôncavos, e escusos  
De conceitos agudos predicáveis,  
De bastardo saber, de ingenho vesgo,  
Há por cantos escuros, por desvios  
De sermões requintados do Vieira  
Desprezados terrões de ouro encoberto,  
Que enriquecer mil páginas puderam  
Por artífices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena Capítulos tão cheios  
De Lusa preciosíssima abastança,  
Em frase e termos escolhida e nobre...

Em seu fluido stilo vai Bernardes  
Serpeando manso e manso, até que mana  
Dos ouvidos, nas íntimas entranhas,  
Qual vai claro ribeiro cristalino  
Debruçando-se puro e saudoso  
Debaixo de inquietas aveleiras,  
Por entre ervosos vales sempre verdes;  
Té que ao largo se estende em lisa mesa  
Espelho, e às vezes banho das serranas.  
De Barros que direi? que os Estrangeiros  
Não digam mais do que eu? que dele falam  
Com mor respeito, que falar usamos.  
Ferreira, Brito, Sousa, Arrais, e Pinto  
Só lhes faltou nascer em terra estranha  
Para altamente serem conhecidos,  
E encomendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, Cartilha de ouro  
Para a pura dicção da língua Lusa,  
O mui diserto Freire, última c'roa  
Das nossas literárias conquistas;  
Fiel historiador, sempre eloquente,  
Sempre Plínio, e mil vezes com ventagens.  
Quanto não ganharia a Pátria honrada,  
Não ganharia a língua Portuguesa,  
E os egrégios Heróis, se cada César,  
Cada Fabrício, Régulo, ou Camilo,  
Que deu a Lusa Terra, conseguisse  
Um Freire que lhe desse alto renome  
Por obras, por virtudes conquistado?

Tem senões! – E que Autor é deles limpo?  
Não dormitou Homero? O bom Virgílio  
Indignado das máculas da Eneida,



Não mandava de novo queimar Tróia?  
Se às Musas não vedara o pio Augusto  
O eterno pranto, e a Apolo as saudades?  
Polião não imputa à Maravilha  
Que iam, além de Roma, curiosas  
As gentes ver, defeito Patavino?

Mas muito há que sobejo sério falo,  
E o sério me não quadra, e quadra menos  
Ao meu assunto, e aos caros meus Leitores.

Demos que ressuscite (o que hoje é fácil)  
Vieira, e ouça falar certos Peraltas,  
Pregoeiros de afrancesada língua.  
Parece-me que o vejo franzir beiços,  
Encrespar o nariz, perguntar logo:

VIEIRA

Quem vos torceu as falas à francesa,  
Meus pardais novos de amarelo bico?

PERALTA

Lemos livros de fita, e é nesses livros  
Que nos *puisamos* o falar à moda,  
No mais *charmante* tom, mais *seduisante*.

VIEIRA

E quem trouxe essa moda, meus meninos?

PERALTA

Ele é, pois que *exigis*, que com *justeza*  
*Raporte o renomado Chefe*, é esse o  
Tradutor do Telémaco capado,  
De sermões Vicentinos precedido,  
*Avancorores* desta nova scola  
«Vou-me lá» (diz Vieira) – Ei-lo que bate  
À porta do Ribeiro, e pede novas  
Desta nova eloquência Galo-Lusa.

VIEIRA

Quem prega cá melhor? quem faz bons versos?

RIBEIRO

Eloquência, Monsieur, tem alto *rango*;  
É o *affaire* do dia, os meus *Elèves*  
*Belos espíritos, chefes do bom gosto*,  
Têm dado à linguagem tais *nuanças*,  
Que nunca em *golpe de olho remarcaram*  
Os antigos na *afrosa* obscuridade.

VIEIRA

Pare, pare, senhor, c'ò sarrabulho  
Dessa frase franduna. Eu fui a França  
Nunca lá me atolei nesses lameiros,  
Nunca enroupei a língua Portuguesa  
Com trapos multicores, gandaiados  
Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos  
Me deram sempre o precioso traje,  
Com que aformosentei a Lusa fala.  
Com Deus fique, senhor. Tal gíria escondça  
De ensosso mixtifório bordalengo  
Só medra co'esses tolos, que se enfronham  
Em língua estranha, sem saber a sua.  
E dão co'essa mistura a vera efígie  
Do apupado ridículo enxacoco.

Eis vejo ao longe as duas largas portas  
Por onde a corrupção entrou lavrando  
No corpo da linguagem Portuguesa,  
E lhe estragou a compleição sadia.  
Uma lh'a abriu Filipe de Castela,  
Hipócrita tirano, e não prudente,  
Quando o Reino não seu, quando as conquistas  
Com sangue Português tão rubricadas,  
Mais com ouro usurpou, que com trabucos,  
Ele os peitos torceu téli altivos  
E a Lisonja, que encosta brandamente  
A dextra à cerviz dura, a foi curvando,  
Té que inteira a abaixou ante o Tirano.

Medrou logo o desejo de agradar-lhe,  
Que fez beijar-lhe o ceptro, e a mão de ferro,  
Que mui pesadamente a carregava.

Nos ânimos soprou alento frouxo,  
Banhou os beiços de fagueiras falas  
E as penas embebeu na Hispana tinta,  
Tanto ao fundo, que as penas esqueceram  
Do seu idioma Luso a cor nativa;  
Para afagar com frases mendigadas  
As orelhas dos duros vencedores.

Que longe iam correndo do Ferreira  
(Bom Ferreira da nossa língua amigo!)  
Esses filhos ingratos, que deixavam  
A mui caroável Mãe, que de seu leite  
Nunca lhes consentiu terem segura,  
Para ir buscar, em braços de Madrasta,  
Sustento e afagos que ela dava esquivos!  
Fastiosos na opulência requestavam  
Pão de esmola a soberbos estrangeiros,  
Que escassos, com desdém, ao chão lh'a deitam

Se era útil, se era grato o que escreviam,  
Quem os mal aconselhou que deserdassem  
Do rendoso aprazível património

A pátria natural, o meigo idioma  
Que abundante, e grandioso, e brando, e fero  
Entendidos Maiores lhe aprestaram?  
Que antemão obsequente, oficioso  
Lhes moldara nos lábios infantis  
As primeiras palavras carinhosas,  
Com que, do berço, os Maternais semblantes  
Souberam borrifar de almo sorriso;  
Por ir (oh ingratitude! oh esquivaça!)  
Estragar, com mão pródiga, tesouros  
Em desdenhosas terras forasteiras.

Oh desdouros da Pátria! oh inimigos  
Da língua em que nascesteis, vos criasteis,  
Da língua a quem deveis todos os lucros  
Do saber, do talento, e engenho vosso!  
E esquecê-la pudestes? desprezá-la?  
Negar-lhe o foro dos caudais estudos?  
Quem sabe se esse imérito descuido  
Dos bons, que aformosaram vosso idioma,  
Se esse cultivo de estrangeira frase  
Não foi a lança mais aguda e forte  
Que lhe abriu as feridas mais profundas?  
Talvez se não cessásseis de alinhá-la,  
De a alimentar com vosso estudo e lida,  
Seria inda hoje aquela, que com tanto  
Brado se fez no mundo honrada e altiva .

Outro infortúnio prolongou funesto  
Nas Lusitanas letras, o prolixo  
Marte, que suportámos corajosos  
Em nossos braços, por manter no augusto  
Sólio o recém subido Soberano  
Contra as rapaces mãos usurpadoras,  
Que, anos sessenta, nas espáduas curvas  
Do férreo ceptro o conto nos calcaram.

O alvoroço, e o tumulto, que consigo  
Trazem brônzeos canhões, roucas bombardas  
Mal convém c'ó remanso de Minerva,  
Co'a amena calma das pousadas Musas.  
Os que Apolo influiu, por Marte o deixam,  
Depõem os livros, os broquéis abraçam;  
E em lugar dos acentos numerosos,  
Com que ínclitas ideias se revestem,  
Só tem o agudo ouvir aberto *á l'arma*,  
Só tem do irado olhar cravado o lume  
Na ardente bala, ou carnicieira brecha.

Quem não vê pois, que em quadras tão esquivas,  
A Lira emudeceu, parou a pluma,  
Emagreceu a língua, que se nutre  
De Ócio, de Vates, de Ócio de Oradores,  
Que altiloquos ressoam? No santuário  
Das Letras puro, e até então guardado,  
(Nessa hora de atalhas desprovido)

Pelas portas lhe entrou mal agourada  
A Ignorância ladeada da caterva  
Dos erros, das malélicas doutrinas.  
As mãos se deram sempre pelo mundo  
Esses dois feios brutos tragadores  
Do Ingenho, e do primor das boas Artes.

Vede a Grécia, soberbo monumento  
Da arrojada solerte humanidade,  
Milagres da arte, a cada passo erguendo  
Ante os olhos atentos do Universo;  
Profundos meditando, desferindo  
Modelos do saber Sublime e nobre,  
Tão eloquente, quão limado e terso;  
Hoje esquecida Grécia, hoje ignorante,  
Hoje bruta, de bruto dono escrava.

Tu pudeste, Ignorância mal querente,  
De torpes Dogmas sempre bem provida,  
Destruir as searas das ciências  
Com tal suor plantadas e floridas!

Assim foi descuidada, e embrutecida  
A nossa língua ilustre. Os Portugueses  
Co'a pertinaz tormenta desgarrados  
Da bem assinalada antiga esteira,  
Perderam o bom tino ao saber puro,  
Que em eras de Camões, eras de Barros  
Granjeado tinham nos Liceus da Europa.

Nós hoje, se prezamos levantar-nos  
Ao grau de glória a que éramos subidos  
Trilhemos senda que ampla nos abriram.  
Nossos Maiores no apurar do Ingenho.  
Eles da Grega língua, e da Latina  
Tomaram cabedais, com que adornaram  
De garbo e de melindre a Lusa fala,  
Lusa escrita. (Brasão dessa era augusta,  
Que nos deu nome em toda a redondeza,  
E o brado inda ressoa!) A Lusa fala,  
Que hoje é mofa e baldão de Peralvilhos,  
Que ensossos passam por estranhas línguas  
Minguados na Materna a quem desdenham,  
Por que inda aptos não são para invejá-la.  
Ridículos que tentam pôr escola  
Duma língua meiada de hervilhaca  
Mal colhida em mau signo, chocha e mocha,  
Que trava na garganta do Critério!  
Fogem da língua sã, chamam-lhe antiga;  
(Antigo é o comer, e todos o usam!)  
E vão dar de malhão num neologismo  
Sem sabor, mal fundado, e mal aceito.

Protesto que, mal grado, sou prolixo;  
Que me enfadam tão longos razoados  
Sobre assunto tão fraco e tão miúdo:  
Mas a tanto chegou nossa pobreza,

Pelo descuido de uns, bruteza de outros,  
Que não sentimos só míngua; – Penúria  
De Autores, que das Artes, das Ciências  
Nos abram o riquíssimo sacrário;  
Se não que disputamos Escolares  
Sobre idades de vozes. Oh miséria  
Do ingenho! Oh torpe negligência  
Dos homens, a quem cabe o alto domínio  
No reino das palavras eloquentes!  
Vates sublimes, nobres Oradores,  
Dai rios perenais de alta loquela;  
Enlevai, persuadi, dai pasmo e assombro;  
Troem na altiva boca os sons ousados;  
Ou melíflua mane a melodia  
Do Canto, que enfeitiça o entendimento;  
Ponde somente o fito na energia  
Das cores com que dais luz ao conceito;  
Que essas cores já novas, ora antigas  
Abastaram a língua. E esses que ouvem,  
Esses que lêem o arrojo das palavras,  
Encantados do altivo das ideias,  
Dos acesos matizes da pintura,  
Não irão indagar se vem de Barros,  
Se de Horácio, de Cícero, ou Vieira,  
A voz que lhes deu na alma o nobre abalo.  
Perde-se a cor de Chumbo, a de Junquillo  
Quando o pincel as mescla na palheta;  
E só no quadro avulta a similhaça  
Que ilude, e representa vivo o objecto,  
Que a Natureza amostra, e que a Arte esconde.

E vós ainda disputais ferrenhos  
Se havemos de fallar como os Peraltas;  
*Se afroso, rango, populácea, egídio*  
Devem ter entre nós assento e posse,  
Ou se havemos de pôr em extermínio  
*Quiçá, mau grado, asinha, outrora, avante!*  
Eis-nos pois deparados neste ensejo,  
Como esses Aldeões, que ainda esquivos,  
De possuir herdades, nem courelas,  
Que com Baco, e com Ceres lhes acudam,  
Altercassem vermelhos e afinados  
Sobre o gume de foices e podoadas.  
Tanto devemos a rançosos Bonzos,  
A Académicos Naires campanudos,  
A mulheres perluxas sabichonas,  
A besuntados fátuos francesistas!

Loucos que o tempo desperdiçais sem fruto,  
Em descompor da língua o molde e a graça;  
Cansai-vos antes em lavrar os campos  
Da Clássica abastança, achareis barras  
De ouro mais puro e rico, que esse cobre  
Que baixos gandaias em sujos regos.

Parvos! que enxovalhando com posturas  
O formoso carão da pátria língua;  
(Formoso, inda que antigo, qual a Vénus  
De Médicis, antiga, e sempre bela)  
Cuidais, que hão remoçá-la esses rebiques?  
Co'a demão que lhe dais mui presumidos  
Lhe estragais as feições; – Tirais-lhe a grave  
Majestade, – e não sei que brando termo,  
Que inda em anos crescidos bem parece.  
De mim confesso, que em a ver garrida  
C'os besuntos, co'as soltas maravalhas,  
Com que dessimilhais seu nobre vulto,  
De riso estouro, ou desadorno de ira,

Chasqueemos um pouco, Amigo Brito,  
De certos doutoraços puritanos,  
Que. em versos de altas Odes, em Poemas  
Se enfastiam de achar vozes compostas,  
Abonadas por Túlio, e por Horácio.  
Não são dignos que os zombem, que os apupem?

Que enfeite e gala não recebe a língua,  
Quando são por mão sábia colocadas  
*Compostas*, que nos forram largas prosas!  
E que dão novidade, e dão deleite  
A quem lhes sabe dar o preço e estima!  
Tão peço é o Camões, quando descreve  
Do *stelífero pólo* os moradores,  
E a *belígera* gente? É despiciendo  
O Garção, o Dinis, quando com duas  
Já conhecidas vozes compõem uma,  
Imitando o Camões, e antigos Vates?  
Que bem pintou Alfeno, Aluno destes,  
O carro, que briosos vão tirando  
Os *auri-verdes*, *bípedes* cavalos!

Lede (que é tempo!) os Clássicos honrados  
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,  
Que em Reinos dos Romanos, e dos Gregos  
Com indefesso estudo conseguiram;  
Vereis então que garbo, que facúndia  
Orna o verso gentil, quando sem eles  
É delambido e peço o pobre verso.  
Lede; que é gran cegueira esse descuido,  
(Antes bruteza!) Mal se ganha o prémio  
Do alto saber, sem improba fadiga.  
O meditado estudo aço é, que rijo  
Fere do nosso ingenho a aguda escarpa;  
E os pensamentos de subtil arrojo  
Faíscas são brilhantes, que ressaltam  
Do batido fuzil aporfiado.  
Se ousamos escrever, destas centelhas  
Ordenadas com pródigo artifício,  
Se compõe formosíssimo luzeiro,  
Ou astro, que nos rudes olhos fere  
Do vulgo, e que a prudentes muito agrada.

Como pois esperais compor luzeiros,  
Se os bons não estudaís, se da memória  
Os cofres não proveis com abastadas  
Jóias, que os livros bons doar sóis podem!

Eles dão, co'a louçã valente frase,  
Preço à sentença aberta e pura,  
E ao subtil quadro da ficção ditosa  
Dão a cor, dão a luz com que realça.

O verdadeiro toque, que árduo abona.  
A força, a veia do Escritor prestante  
É quando entorna (como em pronto vaso),  
Com suco, e com calor, na alma do ouvinte  
Inteiro o néctar das ideias suas,  
Tão suave, e no gosto tão activo,  
Como ele o preparou no alto conceito;  
Tal, que ao Leitor colore e embeba a mente;  
Tão funda e viva qual no Autor nascera.  
Saber dar tal activo, dar tais cores  
Fez claros os Virgílios; enjeitá-lo,  
Não poder concebê-lo faz rançosos,  
Faz Pinas, faz Poetas deslavados.

Contigo mais que nunca falo agora,  
Aluno, que pretendes ser das Musas  
Estremado, e querido: o altivo assento  
Perto de Horácio, perto de Virgílio  
Só aguarda o Pintor que em fiel quadro  
Da Natureza as lidas afigura,  
E as belezas lhes pinta em vivo verso;  
Ou que do homem moral debuxa ardente  
As lutantes Paixões, Virtudes, Vícios,  
Assomos da alma em solidão, em turba.

Contempla, que nasceu o homem sujeito  
A muitos estos revoltosos, torvos;  
Que ora a Cobiça, outrora a Mágoa o vence;  
Que este confia, aquele desespera.  
A Alegria ao mancebo instiga a dansas:  
O deleite requebra o rosto ameno  
De quem do amado Bem logrou o agrado.

A triste dor quebranta o vivo lume  
No esmorecido olhar. Quando um prospera,  
Outro cai da roda derribado:  
Um periga, quando outro em salva praia  
Corre afouto a abraçar-se co'a coluna  
De Segurança. Almeno sente as puas  
Do rigor, do desdém da sua Filis  
Espinhar-lhe as entranhas dolorosas;  
Enquanto Élio assustado acanha os membros,  
E todo se encolhera numa cifra,  
Por esconder-se ao malfeitor fantasma,  
Que ele a si próprio ergueu na eivada mente.  
Jaz estirado em tormentoso equúleo,  
Quebrado a tratos do Ódio e da Vingança  
Esse altivo, que um gesto, uma palavra

Mal julgada acendeu em chamas de ira.

Cuidas que não tem sempre a Mente abertas  
As portas ao tropel das infinitas  
Variadas pinturas, ou quimeras  
Que indefessa a Imaginação lhe arroja?

O colorido da fileira imensa  
De quadros que oferece nesses homens  
O nascimento, a compleição, a plana,  
As companhias, hábitos, usanças,  
São exercício, são liberta alçada  
Do pincel dos Poetas, a quem coube  
Abranger c'os seus braços alentados  
Quanta aparência ostenta este Universo,  
E o que a noss'alma no seu peito encerra.

Vê se há hi língua tão valente e rica,  
Que acuda com palavras ajustadas  
À descrição, clareza, e louçania  
De que um Vate carece, quando as pinta.  
Sejam pois teus estudos e ousadias  
Enriquecer a língua, que te valha  
Quando avivas com rasgos eloquentes  
Quanto na alma arrojado debuxaste.  
Ali estanca a força, abarca os meios  
De dar valia às vis, enobrecendo-as  
C'ó lugar em que as pões: (lidado emprego!)  
Tecer, co'as de bom uso, na urdidura,  
Reclamadas antigas; com bons laços  
Duas encadear que uma componhão;  
Forjar novas, enérgicas, sonoras,  
Com que agrades, te louvem e te admirem:  
Sejas vergel, jardim, com frutos, flores,  
Estas vistosas, succulentos esses,  
Com que brindes, contentes gosto e vista  
Dos que cheguem a ver o teu cultivo.

Lançado a pontapés saia das faldas  
De bífido Parnasso o Vate aguado  
A quem fastio dão caudais correntes  
Do sublime discurso. Ande acanhado  
Esgravatando em brejos de pedantes  
Os termos com que escreva, e com que enoje.

Quem ao douto Dinis, Mestre atilado  
No mister de compor em prosa ou verso,  
Vedou téqui [x] (com visos de tirano)  
Empregar a seu gosto a frase nobre  
A enérgica palavra antiga, ou nova,  
Colhida com sagaz utilidade  
No egrégio prosador, audaz Poeta,  
Ou inventada com feliz estudo?  
Quem lhe impedir de ser senhor da língua  
De poder meneá-la, como queira,  
Pode ao Pintor tolher, que mescle as cores,



Que no pano as estenda a seu arbítrio.  
Que homem tégora [xi] ousou arguir Vieira,  
Luso Apeles, de ter enobrecido  
Dum moderno painel a formosura  
Co'as ruínas dum Templo, dum Colosso,  
C'os derrocados arcos dum Triunfo?

Que homem há hi [xii] tão bronco em nossa história,  
Que ignore perdas que custou à língua  
O reinado da insípida Ignorância!  
Esse stúpido Monstro as fuscas azas  
Despregou, e cobriu co'elas o Reino;  
Tapou o sol, pôs noite nos Ingenhos,  
Bafejou anagramas, forçou glosas,  
Inçou de oucos conceitos predicáveis  
Os púlpitos, e as aulas de sofismas;  
E degradou a língua de nobreza,  
Despindo-a de afouteza, e bizzarria.

Que carece que empreendam esses que hoje  
Quiserem remontá-la à antiga plana,  
Repô-la em seu solar autorizado,  
Restituir-lhe os bens, que lhe escorcharam?  
Se os Clássicos (da enleada algaravia  
Que ela era, antes da nossa era de Augusto)  
Com porfiado fito aparelharam  
Língua para os Lusíadas, e Castro:  
Assim vós da mestiça gerigonça  
Desses baforinheiros francesistas,  
Assim vós, que punis pela pureza  
Do materno vulgar, com grão desvelo  
Qual trigo joeirai, o que inda resta  
De nativa e singela, e pura fala  
Do ataroucado joio campanudo  
De gente em solidéu, de gente em coche.

Abra-se a antiga veneranda fonte  
Dos genuínos Clássicos, e soltem-se  
As correntes da antiga sã linguagem.  
Rompam-se as minas Gregas e Latinas;  
(Não cesso de o dizer, porque é urgente)  
Cavemos a facúndia, que abasteça  
Nossa prosa eloquente, e culto verso.

Sacudamos das falas, dos escritos  
Toda a frase estrangeira, e frandulagem  
Dessa tinha, que comichona afeia  
O gesto airoso do idioma Luso.

Quero dar, que em Francês hajam formosas  
Expressões, curtas frases elegantes;  
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;  
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.  
Ponde um belo nariz, alvo de neve,  
Numa formosa cara trigueirinha;  
(Trigueiras há, que às louras se avantajam)

O nariz alvo no moreno rosto,  
Tanto não é beleza, que é defeito.

Nunca nariz Francês na Lusa cara,  
Que é filha da Latina; e só Latinas  
Feições lhe quadram. São feições parentas.  
Se nativo não é, não é singelo,  
Quanto pões nesse rosto, esses besuntos,  
São mascarras, são lodo imundo. Oh Vates,  
Não fique uma só nódoa em nosso idioma  
Desse lodo, que o enxovalhou tégora.

Ora pois que esses guapos modernistas  
Tudo acham no Francês; e quem tal crera!  
Até a língua Lusa em Francês acham;  
E riem c'um riso parvo dos que afanam  
Por beberem nos Clássicos a frase  
Constante e pura; e revocarem  
As antigas palavras que nos faltam  
Para clareza, adorno, ou brevidade;  
E degradar da língua essa matula  
De termos franduleiros, que os patolas  
Querem nela meter à queima-roupa:  
E pois que esse Francês tanto nos gabam  
De rico, e belo, e de apto para tudo,  
Quero de Autor Francês acreditado  
Por literato Crítico profundo,  
Citar em termos *ibi* a mesma urgência  
De restaurar à língua antigas vozes  
E frases obsoletas. – Tendo dito  
Que a língua é acanhada, porque a apuram,  
Ou cuidam apurá-la, cerceando-lhe  
Energia de termos, que já foram  
Caro granjeio de seus bons Maiores;  
Continua dizendo: «Bem deveram  
Revocar antes do desuso as vozes  
Que lá mandara insípido melindre;  
Mormente hoje que tanto tem medrado  
Em todo o estudo a seara das ideias.  
Que escassez deplorável (logo exclama)  
Ver sempre a locução mais baixa e ténue  
Que o conceito, de que ela é o retrato!  
E a língua, que é o buril do pensamento,  
Ser frouxa, ou ser rebelde à mão do Mestre,  
Que quer assinalar valentes rasgos,  
E assemelhar a estampa co'a figura!  
Bem serve a língua, a quem os ombros mete  
Contra os que se dão manha a empobrecê-la,  
Lidando em empolgar certas maneiras  
De falar naturais, de que os Antigos  
Usaram, e só tem em seu desvio,  
Um senão que lhe arguem, sem dar provas.»

Que dizeis dum Francês, meus francesistas,  
Que vos dá tal sopapo na bochecha!  
Não há que retrucar; baixai a tromba:

Senão – cito outros mil, dado que eu creia  
Que este só vos derruba, e tapa a boca.

Se por força de fado, ou por penúria  
Forçados somos a espremer dos livros  
Franceses o alimento das ciências;  
Se como na palestra empoeirada  
Vamos lutar contra a Ignorância bruta  
No ginásio Francês, tomemos o uso  
Dos antigos Atletas, que ao saírem  
Do pugilato, ou fervida carreira,  
A poeira dos fatos sacudiam,  
E banhando-se em líquidas correntes  
Do liso (que, ali perto, com sereno  
Passeio alegre studiosas margens)  
Os corpos asseavam diligentes.  
Assim vi sempre o literato Erilo,  
Depois de revolver Francês volume,  
Desempear-se da estrangeira frase  
C'ò espanador de Barros, ou Vieira.

Aberta a lice está, bons Oradores,  
Franco o stádio – correi; sublimes Vates.  
Inventai, adoptai próprios, Latinos;  
Ressuscitai enérgicas, sonoras,  
As antigas palavras venerandas,  
Que esvaneçam toda essa bastardia  
De que nos inçam frívolos tarecos,  
Tal, no corro, se vê, quando coberto  
C'um gafo burburinho de garotos,  
Vem mui sisuda a Guarda, em duas filas;  
Encara co'a Real tribuna, e logo  
Dobra à direita, à esquerda, pelos lados  
Vai varrendo a matula, e rebanhada  
A impõe fora dos festivais palanques.

De termos já sabidos formai novos  
(Força é que eu vo-lo diga, e que o rediga)  
Juntando-os com primor em laço estreito,  
E sereis de bons Mestres aprovados.  
Que três conheço eu, que estas veredas  
Por únicas apontam a quem busca  
No Circo da Eloquência enobrecer-se,  
Ou com bons versos deleitar o ouvido  
De amadores de Horácio e de Virgílio.

Convosco a mais me arrojo, ousados Vates,  
A quem mais francas portas abre Apolo;  
Vós, que a mais broncas pedregosas brenhas  
Deveis subir; por mais emaranhadas  
Selvas deveis romper até ao cume  
Do difícil Parnasso. A vós só cabe  
Penetrar nos recônditos arquivos,  
Revolver, pôr de parte, e tirar fora  
Com largo privilégio ousados termos  
A nenhuns Oradores outorgados,  
Termos, por temerários, mais felizes.

Que, quando exerce um Orador o ingenho  
Sobre a vida civil, e sobre assuntos  
A que ela já cunhou corrente nome,  
Tu, Poeta sublime, a quem descobre  
Ampla imaginação aventurada  
Novos mundos de objectos extra alcance  
D'algum sentido humano o mais alerta,  
Te arrojas (que é forçoso) Adão moderno  
A dar, a novas cousas, nomes novos.  
E os que a atalhar se atrevem com barreiras  
Do teu ousar o arrebatado curso,  
Não são Vates, nem Vates folhearam.

Nova contende ser no stilo e frase  
A pompa das palavras e sentenças,  
Se é novo quanto o Vate caro aos Numes  
Da mente divinal descarta aos homens.  
Nunca soube falar, escrever nunca,  
Em nobre frase, nem co'a altiva ideia  
Descortinou países inda ocultos,  
Campos de esmalte, Torres, e Palácios  
De estranha relevada arquitectura,  
Novos Heróis, ou novos Céus e Numes  
De mais alto poder, mais majestade;  
De mais vivo falar, que a ténue prosa,  
Quem denega ao Poeta afoutos, novos  
Termos, de alheia boca nunca ditos.  
É bem certo, que ao descobrir co'a vista  
Altas montanhas, estendidos mares,  
(Pela primeira vez subido ao mundo)  
O Selvagem, nascido numa cova,  
Numa cova até então aferrolhado,  
Não sabe como os chame. – Tal se vira  
O Vate, que não ousa novos termos  
Impor a novos sóis, novo Universo,  
Que Estro omni-criador tira do Caos,  
E na Imaginação lhe põe à vista,  
Se, em si fiado, não inventa o Vate,  
Ou se enjeita colher na Ausónia, e Grécia  
Nomes, que a *turba* imaginada indiquem;  
Ei-lo, como o Selvagem, na tortura  
De não saber contar o que descobre:  
Faltam-lhe santos, não lhes dá baptismo.

Já, quando a língua, em que nasceu, mais rica  
Do que em prata o Peru, em termos fosse,  
Sentiria penúria em pôr patentes,  
As ideias, que um vivo, e claro lume  
No ingenho lhe acendeu. Darei conselho  
A tantos apoucados zeladores  
Do avarento falar, ensosso, impuro,  
Que se apliquem a dar discretas artes  
De compor Sarrabais, entrançar Loas,  
Sem se enfronhar nos mélicos assuntos,  
A dar regras, a contrastar palavras.  
Com frouxos sons não ferve esse Estro ousado

Que Apolo sopra no Ático alaúde:  
Mágicas vozes rompem, com que impele  
Os peitos dos Heróis; quebranta, anseia  
Roxos tiranos no enfiado trono,  
Com cantos entranhados de terrores.  
Estes só conta Clio entre os Alunos,  
Que cingir devem do Parnasso os louros;  
Não minguidos versistas, que recuam,  
Quando a Musa afoutezas lhes demanda.  
Vede-me um Píndaro altear o voo  
Enfiando a senda, do Estro arrebatado,  
Beber no Olimpo a prática dos Numes,  
E vir, junto do Alfeu, soltá-la aos homens.  
Palavras imortais compunha afouto,  
Em que imortais conceitos embebia:  
E Vós, sequazes do Tebano Cisne,  
Que vos prezais de erguer o voo às nuvens,  
E vós acobardais-vos? Encolheis-vos  
Na derrota que deixa assinalada?  
Ousai, ousai; que está pendente a palma  
Ao que ama a glória, e se aventura ao prémio.  
Quem vos tolhe avultar ouro sobre ouro,  
Com que a língua se aumente, e se afidalgue?  
Por ventura é pavor de ser mordidos  
De insectos literários terrulentos!  
De novas Filamintas sabichonas?  
De Bonzos? de Rançosos, o que hoje arrotam  
Pôr banca de puristas e censores?  
Um, porque mais não leu, em toda a vida,  
Que as gordas Odes do cerval Talaia,  
Ou versinhos anões a anãs Nerinas  
Do Cantarino Caldas, a quem parvos  
Põem alcunha de Anacreonte Luso,  
E a quem melhor de Anacreonte fulo  
Cabe o nome: pois tanto o fulo Caldas,  
Imita a Anacreonte em versos, quanto  
Negro peru, na alvura, ao branco Cisne.  
Outra, que só de Albano e Damiana  
Tomou de cor as modorraais oitavas;  
E inda outros, que no Chagas, na Henriqueida,  
Na Gazeta do alarve Castrioto,  
Ou nas infames traduções de Bonzos  
De língua Portuguesa. se atestaram,  
Quererem dar quinaus na frase pura  
É mais que ser Orate, é ser jumento.

E chamais-los Puristas e Censores?  
Tais patolas temeis? tais modernistas?  
Vós émulos de Píndaro! Mal cabe  
Cobardia em quem diz: «*Píndaro imito.*»  
Quem nas bandeiras triunfais milita,  
Do Marte mais intrépido dos Vates  
Não tenha susto de rançosos gansos,  
De Doutoradas, de afrancesados Bonzos.  
Pejo é ter pejo de relé tão cível!

Se dais humilde ouvido a vozes néscias  
De tanto scrupuloso, que não gosta  
Dos Clássicos o grosso Chotolate,  
De medo que o jejum lhes não quebrante  
Da língua quaresmal, que penitentes  
Abraçaram, na qual morrer persistem:  
Se recuais às magras ameaças  
Com que do alcance o ardor cortar-vos lidam  
De novos termos de raiz Latina,  
De antigos, de inventados, de compostos,  
Que a língua adoçam, enriquecem, ornam,  
Ver-vos-eis (qual nos vimos) tão estreitos  
No acanhado repiso das palavras,  
Que com mesquinha mão vos migalharem  
Os Fiéis mui perluxos do idioma,  
Que não possais, de aperto, revolver-vos,  
Na lazeira do stítico discurso .  
Não sei que Trasgo, no salão da testa  
Me anda saltando, e me revolve tudo;  
Traquinas desarruma os trastes todos...:  
Que espalhafato!... Lá no fundo me ergue  
Um teatro (dos muitos que armar vedes,  
E que *Caseiros* chamam) e sorrindo  
Me diz malino e concho: «Aqui te ingenho  
Uma comparação, para argumento  
Do que intentas provar». Ora Leitores  
Mui benévolos meus, fazei de conta  
Que vedes d'entre carmesis cortinas  
Sair muito arraiada uma Princesa,  
De dois rivais Sob'ranos pretendida...  
Vai senão quando, trava-se uma guerra;  
E do Amor, que é concórdia e paz, as armas  
Decidirão com sangue a gran conquista.  
O teatro é pequeno, e Actores poucos,  
Mais pouca a gente que encham tais comparsas  
Para dar um combate, bem renhido  
De dois exércitos campais, que em forma  
Avancem, firam, matem, morram, fujam.  
Aqui é o grão busíris, que embetesga  
O mais agudo e perspicaz miolo;  
Mas do qual sai campando o meu Duende.  
O Director da cena manda astuto,  
Que daqui saiam quatro, de lá quatro  
Soldados com broquéis, com capacetes  
De grosso papelão, pintado à brocha:  
Logo uns contra outros, com motim sobejo  
Com catanas de pau, que dão pranchadas  
Nos broquéis, nas couraças que retinem,  
Assomados, sanhudos acometam,  
Dêem talhos, dêem revezes, acutilem;  
Que entrem num bastidor, saiam por outro;  
Sempre gritando, sempre acometendo,  
Se empurrem, se acalcanhem. – São só oito;  
Quatro de cada banda, e sempre os mesmos  
Bonecos a girar em roda viva.

Atéqui do meu Trasgo a travessura;  
Mas que igualmente me ressurgue a ideia  
Do que eu vi numa feira da Sorbona,  
Feira mui rica em bolos mascavados,  
Mui maciços, mui duros, mui grosseiros,  
Sem gosto algum, que toda a Guapa enfeira  
Para si, para a filha, e para o amante,  
*Pão de spécie* se chama o rico bolo.  
Vi (digo) na tal feira, co'estes olhos  
(Que a terra, ou mar tem de comer sem falta)  
Uma Câmara óptica, com vistas  
Das grandes luminárias de Veneza,  
No dia, em que a República parira  
Um Doge de atufada Carapuça:  
Em roda harto plebeu embasbacado  
Na corada lanterna movediça,  
Zimbório luminoso da tal óptica;  
Que volteando no rodízio untuoso,  
Em vera efígie representa a entrada  
D'El Rei de França em Reims, indo sagrar-se,  
Eis *Cavalos-Ligeiros*, eis *Gens-d'armas*,  
Ei-los *Guardas-do-Corpo*, eis *Mosqueteiros*,  
Que correm, que galopam... Que quantia,  
De cavalos que passa! – *Viva, viva*.  
Pois eram (que os vi bem) quatro bonecos,  
Numa roda que andava em dirandina,  
Duma vela de sebo à luz pingosa.

Tal, Oradores, tem de acontecer-vos,  
E a vós pior, oh Vates, se deixardes  
Empobrecer a língua a arbítrio, e ranço  
De Seiscentistas, Mandriões, Tarelos.  
Essas poucas palavras, que ficarem  
Pelas mãos dos gramático-perluxos  
Minguadas, espremidas, escoimadas  
Nos versos, e na prosa, em remoinho  
Contínuo correrão umas traz outras  
A apanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-cega*.

Mas tratam-nos (dizeis) de Quinhentistas:  
Quinhentistas sejais Campai de o serdes;  
E que eles de o não serem se envergonhem.  
Que riso, ou que labéu vem desse apodo?  
Beberes luz da idade de ouro augusta,  
Que nas armas, nas letras nos fez claros!  
Eles de que era são? – Dos Asneiristas!  
Que em toda era houve, e agora inda mais nesta.  
De Quinhentistas vos prezai, Alunos.  
Nesse bom séc'lo as letras Portuguesas  
Tomaram praça entre as Nações mais cultas  
E hoje os que tomam tudo dos Franceses,  
Nem terão um só canto em que se metam.  
Nessa era a Castro muito antes luzia,  
Que Corneilles, Racines visse a França;  
Nessa o Camões Lusíadas compunha,

Quando Henrique inda ao longe não raiava  
Nem suspeitado inda era a seu Homero.  
Era ditosa, que a atenua o encómio.  
Ásia te louve, e as Costas Africanas,  
Povoadas de padrões da nossa glória.  
O brado, que inda dura pela Itália,  
Por França, pelo Norte mais instruído,  
De alguns claros ingenhos Portugueses,  
Nos conserva no crédito e conceito  
De estimáveis Nações. Esse bom nome  
No-lo querem delir quatro fedelhos,  
Motejando os antigos, e escrevendo  
Numa gíria franceza desgostosa,  
Que a si, que ao nosso século injuria.

Inda em bem, que o Dinis, e alguns de escolha  
Nos vingam dessa corja, e desagravam:  
Ida em bem que os estranhos dão estima  
A Barros, e a Camões, que ruins insultam!  
Afortunada idade de Quinhentos,  
Quando os teus te põem nódoa, alheios te honram!  
Correi-vos, Seiscentistas, ou Pacóvios;  
Que néscios motejaies do que é de preço:  
Do que não entendeis, julgais a esmo.  
Temei, não caia sobre vós o apodo,  
Vosso motejo insulso, e parvo riso,  
Quais flechas no ar viradas, que se encravam  
Em quem as disparou, e vão vingando  
Mal nascidas, iméritas injúrias.  
Aprendeí, estudaí; e os bons Autores  
Sabereis ter em crédito e valia.  
Eles a língua, e seu primor criaram,  
Eles no-la poliram. – Que se os néscios  
De quadra posterior não esgarrassem  
Da estrada, que batida lhe eles tinham,  
Nunca por tais rodeios, tais ambages  
Intrincadas, se foram despenhando  
A si, e a vós, que às cegas, os seguistes.  
E, pois que novo sol vos alumia,  
E a dextra novos Guias vos estendem,  
Para fora surdir da negra furna;  
Lançai a mão à coma fugitiva,  
Com que a donosa Ocasão vos brinda.  
Eis que, de seu regaço, os bons Autores  
Vos emborca a Impressão. Lede, e relede:  
Que os moldes engraçados da Facúndia  
Asseada, e nobre, e rica neles jazem.  
De Quinhentistas vos honrai briosos,  
Que é ser herdeiros dos caudais Latinos,  
De não murcha eloquência árvores férteis.  
Prezai esses que ousados os imitam, –  
Ou temei-os, se não sabeis honrá-los:  
Que armas têm, e tão destros as meneiam –  
Que (pela Stix vos juro, e vos tresjuro)  
Se os assanhais com vossas parvoíces,



E se os olhos abaixam despeitosos  
A ler vosso ruim verso, aguada prosa,  
Ou de ouvir-vos falar se não desdenham,  
Que nem na vossa escrita nem nas falas,  
Há hi membro, que escape a seus revezes.

Musas, que sobre o deleitoso Pindo,  
No regaço de Apolo, estais cantando  
Variadas Canções de agrado cheias,  
Que com grande atenção estão ouvindo,  
E em seus ânímos prontos recolhendo  
Subtis Horácios, Píndaros altivos,  
Mandai uma de vós, a mais florente,  
Que venha amenizar estes meus versos  
Mui secos, mui Gramático-prolixos,  
Que eu mesmo me enfastio de escrevê-los.

Mas, nenhuma se move: – Apolo apenas  
Um pouco o rosto volve sobre a esquerda  
Com gesto desdenhoso, e me responde:  
«Tens mais que pôr-lhe fim? Levanta a pluma  
Do cansado papel: forra o fastio  
A mim, às Musas, e ao Leitor coitado.»

~~~~~

Peço-te, Amigo meu, peço desculpa  
Do longo enfado, que escrevi sem tento;  
Mas tão corrente o pensamento vinha,  
Tanto em fervor na veia borbotavam  
As ideias, que no papel rugia  
A pena, em despachar-se pressurosa.  
Mais curta fora, a me acudir pachorra  
De ordená-la, limá-la, e reduzi-la.  
Mas tu, que além do vulgo te remontas,  
Qual Contraste sisudo, pões a marca  
No precioso quilate da matéria,  
Curando pouco do feito tosco.

F I M.

*P.S.* Se alguma alma piedosa compadecida dos achaques desta prolongadíssima escritura, quiser empunhar um bem afiado podão; e aqui, ali talhando sem misericórdia repetições, luxuriante viço, etc., etc., etc., a quiser tornar mais abreviada, e por esse modo mais maneira, e também mais útil e agradável, o seu Autor lho agradecerá mui cordialmente; pelo muito conforme que ele sempre esteve com esta máxima do inimitável La Fontaine.

Les ouvrages les plus courts  
Sont toujours les meilleurs. En cela j'ai pour guides  
Tous les maîtres de l'art, et tiens qu'il faut laisser  
Dans les plus beaux sujets quelque chose à penser.

Bem pudera o Autor (dirão alguns perluxos) encurtrar como lhe era permitido, a seca desta estiradíssima parlenda; sim, senhores; bem a encurtara, se meu vira teso e crespo, nos meus 24 e um ferrugento. Oh como eu empunhara a catana da crítica; e talho daqui, revés d'acolá, gilvaz um atrás de outro; não lhe ficava são o quarto da sua refastelada *prosopopeia*! Mas, mísero de mim! que 82 anos me quebraram os brios, e tão desasado tenho o juízo, que pegar eu na pena, e sair-me por ela um chorriho de destemperos, é tão corrente coisa como cheirar a alho quem de alho comeu assorda; ou cambaleiar pela rua quem muito de mistela se tomou.

Tomem-me esta desculpa, em lugar da requisita emenda, enquanto eu me consolo... Oh quanto me consolaria agora um bom prato de trouxas de ovos, ou de ovos moles!

## DIOS TE LA DEPARE BUENA

QUANDO estava estremando de altas Odes  
Os títulos pomposos, *Excelências*,  
*Reverências*, *Altezas*, *Senhorias*,  
Bem andava enleada a mão na empresa;  
Mais enleado o Sp'rito. – Poucas vezes  
Cursei do Paço as cortesãs medidas,  
Nem fui do Mestre-sala Aluno esperto.  
Nas pressas Deus acode. – Eis que no quarto  
Entra mui tesa, mui refastelada  
Dona *Etiqueta*, de ademã sisudo;  
Toma os papéis, vai dando precedências,  
Ordena, arranja, mete na fileira  
Os pretendentes, que imprimir-se anelam.  
Nunca vi procissão tão bem composta;  
Pendão, cruces, andor mais bem seguidos.  
Fiquei maravilhado e satisfeito:  
E tendo eu dado à Dona arrumadora  
Devidas graças, ela muito inteira  
Voltou de leve o rosto, e despediu-se.  
Mas entra logo a fervida Amizade  
Descompõe a Matrícula, entremeia  
Mecânicos mortais com semideuses,  
E Rascoas com Damas de donaire.  
Vistes vós um rapaz, que arruma as Sotas,  
Condes, Ases e Reis no seu baralho,  
E o mais vulgo dos naipes, por seu turno,  
Que se mira no quadro? – Assim estava  
Eu, antes que a Amizade embrulhe tudo.  
Neste ensejo entra Amor co'a Formosura,  
Mete as mãos ambas nos papéis, revolve,  
Embaralha, transtorna... ri, e vai-se.  
Eis-me em grande embeleco, em gran desordem.  
*Peior está que estava*. Triste, e mudo,  
Perplexo não atino c'o remédio  
De dar rumo a tanta Ode transmalhada.  
Lembrou-me Deus em bem. – Ponho o capote;  
Lanço na aba o tropel das Poesias,  
E corro às portas da piedosa Sorte.  
Ali lastimo o meu fracasso, e peço  
Atalho a tão sinistro desarranjo.  
Olhou-me compassiva a Deusa; e logo  
Diz a Mercúrio: «*Escreve-me esses nomes.*»  
Ela depois co'as destras mãos enrola  
De papel os notados quadradinhos,  
E bem vascolejados no galero  
Alado de Mercúrio, mos vai dando  
Pela mesma ordem, que os vereis seguidos.

## ODE

Justum et tenacem propositi virum  
Non civium ardor jubentium,  
Non vultus instantis Tyrani  
Mente quatit solida.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

QUEM, pode aos pés lançar soberbas iras  
Do Fado rigoroso;  
Quem, sem torcer a vista, olhou seguro  
As duas mãos da Deusa  
Que Antio governa, carregadas  
De prémios, de infortúnios,  
Nobre Varão, desprezador dos Fados,  
Superior à Fortuna,  
Verá sem medo encapelar-se as ondas  
Por cima dos rochedos,  
Fumegando de espuma, a Nau aberta  
Entregar o costado  
Às pontas dos cachopos naufragosos,  
Sem perder no semblante  
A cor tranquila do esforçado peito.  
Nem quando Jove atira  
O trisulco farpão, estrago e morte  
Das torres e sobreiros,  
Baixa a vista, de susto estreita os ombros:  
Antes constante espera  
A pé firme o naufrágio, as várias sombras  
Da carranca da Morte.  
Que não crê tão injusta a mão suprema  
Que o raio vingativo  
Sacuda ao coração, que ermo de culpa  
Não teme não deseja.  
O que perde a constância nas desgraças,  
Ao soldado assemelha,  
Que, no calor da briga, arroja o escudo,  
Para correr mais leve  
A cometer descorçoado os pulsos  
Às cativas correntes.  
Eu vi, Meu caro Freire, com tranquilo  
Desassombrado rosto  
O braço alçado, c'o punhal luzente;  
A coberta Calúnia

M'ó apontar ao peito; os grilhões prontos,  
As lôbregas masmorras  
C'ó seio aberto, acesa a infame teia,  
Sem demover os olhos:  
Vi ao longe a Pobreza, a aguda Fome  
Que os braços alargavam-me;  
A má Fama, o Viver desconhecido  
Que o manto espesso, escuro  
Abriam pelas pontas, e envolver-me  
Nas dobras pretendiam;  
Os gemidos do pobre, da viúva  
Ouvi na despedida,  
Os abraços da Pátria, dos amigos,  
Sem derramar um pranto,  
Sem que o passo me atalhem resoluto,  
Para o nobre degredo.  
Assim Coriolano perseguido  
Pelas iras da Inveja  
Animoso cruzava a praça, as portas  
Da ingrata Roma; os prantos  
Da Mãe, da Esposa, o esperançoso nome  
De si, dos nobres filhos,  
Abafando no peito estimulado:  
E as portas ermas, tristes  
Que outrora ovante o viram, carregado  
De louros, de vitórias,  
Seguido de despojos, de cativos,  
Gemeram, quando olharam  
Entre raros amigos, baixos, mudos,  
O ilustre desterrado,  
Levar a estranhos Lares as virtudes  
Saudosas a Roma.

## DESPEGO DO MUNDO

**N**A Ásia e na Europa se ateou a guerra  
Que na América e na África lavrara;  
E a Morte já segou com foice avara  
Um Grão-Lama, um Sultão, Deuses da Tera.  
    Ronceira veio a nova  
    Às plácidas campinas,  
Onde só dos amores, das boninas  
Tratamos, quando o campo se renova;  
E quando o inverno inerte o mundo enluta  
    Com desabrido manto,  
(Junto do aceso lar) cada um desfruta  
    O prazer sábio e santo,  
De falar da virtude, e praticá-la,  
C'o sumo de Lieu molhando a fala.

## ODE

*Em 23 de Dezembro de 1790, dia dos meus anos, [xvi]*

..... Transfuga divitum  
Partes linquere gestio  
Contemptae dominus splendidior rei.

HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

QUANTO acerta o que orgulhos e etiquetas,  
Deixando a corte, desaloja da alma;  
E às portas das cidades turbulentas  
Despe ambições e invejas!  
Já livre do pesado encargo, os leves,  
Rindo, sacode, restaurados membros,  
Para encetar; desassombrado, o trilho  
Do campestre tugúrio,  
Olhos fitos no plácido repouso,  
Que pôs seu trono em prados solitários;  
Vê junto dele o altar da Sapiência,  
Que em puro fogo brilha.  
Lá não lhe nasce o dia turvo e feio,  
Enublado c'os sustos dos acasos;  
Nem agourar-lhe vem a noite inquieta  
Mordazes novas perdas.  
A Primavera o vê sadio e ledó;  
Vem deleitá-lo, o saboroso Outono,  
Que maduros, na cepa que plantara,  
Louros cachos blazona.  
Em prática suave, ao lar sentado  
C'ó amigo, que compara com virtudes,  
Robusta enzinha, que voraz chameja,  
Lhe arreda os alvos frios.  
Sente rodar tranquilo, e sem mudança  
A carroça do Tempo, e acerta apenas  
Com raras cãs, que lhe hão semeado os anos,  
Na desrugada frente.  
Quando vai longe o fio das bonanças,  
E os dias cheios, puros, empregados  
No bem da humanidade, vê sem susto  
Vir o sperado termo:  
E estranha a Morte o vulto do home'inteiro,  
Que encostado nos braços da Inocência,  
Lhe entrega o sopro livre, e não manchado  
De incógnito remorso.  
Tal espero acabar mais claros dias  
Despidos destes longos infortúnios,  
Que o coração com mágoas estreitavam

De perene tormento;  
Apenas duas lúcidas Estrelas,  
Que mais que Polux e Castor, na Elísia,  
Aos náufragos no Golfão da Desgraça,  
As ondas abonançam,  
E dois leais amigos, que estremados  
Nota em seu livro de ouro o honrado Brio,  
Me alcancem visitar vedados Lares  
Do meu rústico alvergue.  
Hoje, que, além de lustros onze, avança  
A carreira que abri para a Virtude,  
Quando aos olhos me deu primeiro assalto  
A estranha luz do dia:  
Hoje com quatro taças (mais vertentes  
De prazer que de Baco) brindo aos Numes  
Tutelares, que um Templo têm sagrado  
No arcano de meu peito.  
Pois que estes quatro Numes, como eu, prezas,  
Gentil Delmira, a festejar me ajuda,  
Com quatro taças mais, seu santo Amparo,  
E as áureas Esperanças.  
Oh quem obter pudera que estes brindes  
Cheguem fervidos (quais me saltam na alma)  
Nas asas do Desejo agradecido  
Às Cortes de Haia e Elísia!



## SONETO

MOTE

*Da voz o garbo, e do cantar a gala.*

GLOSA

**O**RA lá vai a Deus, e à Ventura  
Um soneto de arromba. *Estrepitosos*  
*Pregões da Fama, que aos Heróis famosos*  
*Movem as cinzas na alta sepultura...*

Atequi não vai mau. Se o Estro atura,  
Dou dois trincos c'os dedos gloriosos  
Para os rompantes oucos, ou rançosos  
Da caterva outeiral, que mais se apura.

Continuemos. *Quando a tuba excita,*  
*O Ar se atroa, o Pólo estremecendo,*  
*C'ó retumbante som, que a sfera, abala...*

Ora esta não desdiz da acima dita.  
E o Mote?... Vem d'encaixe: vem nascendo.  
*Da voz o garbo, e do cantar a gala.*

## ODE À MINHA MORTE

..... Nullum  
Saeva caput Proserpina fugit.

HORAT., *Lib. 1. Od. 13.*

**S**EI, que um dia fatal me espera, e talha  
À minha vida o estame:  
Nem Proserpina evita uma só frente.  
Sei que vivi: mas quando  
Tem de soltar-se, ignoro, o vivo laço;  
E se claros, ou turvos  
Se hão-de erguer para mim os sóis vindouros. –  
Pois, que ao sevo Destino  
Me é vedado fugir, fugi ao longe  
Roazes Amarguras,  
Que estes permeios anos minar vínheis.  
Rir quero – e mui folgado,  
De vos ver ir correndo, de encolhidas,  
Escondendo na fuga,  
As caudas dos medonhos ameaços.  
Quero, entre mil saúdes,  
De vermelha, faustíssima alegria  
Ir passando em resenha,  
Taça após taça, a lista dos amigos,  
E o coro das formosas,  
Que a vida me entreteram com agrado.  
E reforçado e lesto  
C'o néctar da videira, as mãos travando  
Co'as engraçadas Musas,  
Em dança festival, com pé ligeiro,  
Na matizada relva,  
Cansar de tanto júbilo o meu sp'rito,  
Que se vá (sem que o sinta)  
Continuar o baile nos Elísios)  
Entre o Garção e Horácio.  
De lá, em novas Odes, que mais valham  
Que quantas fiz tégora,  
(Pois que emendadas pelo douto Mestre)  
Darei pasto à mania  
De versejar, que me tomou bem tenro,  
Que zombou de remédios.  
E de lá mandarei guapos modelos,  
Onde ávidos alunos

Bebam largas lições; – se achar Correio;  
Que deles se encarregue,  
E refretando a barca de Caronte,  
Cá lhas recove ao Mundo.

## ENIGMA

**N**OS campos de Mavorte

Quem há que não conheça quanto eu valha?

Chamo os guerreiros ao perigo, à morte:

No rijo da batalha

Lhes dou alma, eu que sou inanimada.

Não tenho amor de glória,

Mas troco as mãos (às vezes) à Vitória,

E ganho a palma à tropa derrotada.

# EPITÁFIO

## DUMA NÁDEGA EPISCOPAL

**A**QUI jaz um tassalho do traseiro  
De certo Bispo. Aos seus Diocesanos  
Sumo prazer lhes dera (há muitos anos)  
Ver junto do tassalho, o Bispo inteiro.

# FÁBULA

## OS ÓCULOS E A TOUPEIRA

1

**U**MA Toupeira, um dia  
Saiu do seu buraco, a correr mundo;  
Mas logo pressentiu quão pouco via  
Para estudo tão largo e tão profundo.

2

Acaso nesse prado  
Donde ela ia encetar a longa rota,  
Tinha os mimosos óculos deixado  
Ao despedir do dia, uma Devota.

3

A Toupeira que vira  
Como deles fizera útil emprego  
A santa Velha, traça o como adquira,  
Móvel tão apto a Bicho peti-cego.

4

C'os óculos, ansiosa,  
Vai ter co'a Mãe à toca, e deste achado  
Gabar a serventia preciosa,  
Mui de gosto, – que a Mãe – tornou aguado,<sup>5</sup>

Dizendo: «Oh párvua filha  
Tanto esse móvel foi para ti feito,  
Quanto para um bezerro uma servilha,  
E para um asno um livro vem a jeito.»

## SONHOS

### DE ALGUMAS PESSOAS QUE EU CONHEÇO

**S**ONHA Brito [xvii] diplomas e finuras  
Da Oficina Política; o Correia [xviii]  
Prazer de preguiçeiro, e algum bom dito;  
Manuel Pedro [xix] A mais B; sua Lira o Lima; [xx]  
Marialva [xxi] ciências, honra e brio,  
E mais certa cozinha, que eu não digo;  
Borges [xxii] apoquentados Dicionários,  
Filinto Odes de Horácio e trouxas d'ovos.

# ODE AO ESTRO

Quindi s'io tempo le field corde  
L'anima scorre entro furor celeste  
E a novi pensieri in cima siedi:  
Per gli eterni sentieri ascendi e riedi  
Colma sempre di voglie altere e grandi.

ALESSANDRO GUIDI, *Ode al Cardinal Panfilii*.

1

**E**STRO filho de Apolo, quando desces  
Do verde Pindo, sobre acesas nuvens,  
Impetuoso assaltas  
Inopinado Ingenho,  
E chama imperiosa, insana fúria  
Levantas na alma digna de teu voo.

2

Tu à morada Olímpia arrebataste  
O Cantor Grego, Pai da heróica tuba,  
Que a Aquiles iracundo  
Troa, quando afadiga  
O anelante Hector, longo dos muros  
Da emudecida Tróia descorada.

3

Tu lhe deste ousadia, com que olhasse  
Fito a fito o tremendo Soberano  
Dos Deuses e dos Homens,  
Que só c'um sobre-cenho  
(Quando a cólera as faces lhe roxeia)  
Abala os Céus e a Terra, empola os mares.

4

E lhe deste o pincel, com que arriscado  
Pinta a Jove, e o trísculo raio iroso  
Que a mão de ardor lhe cora  
Ao remessá-lo às gentes: –  
E os fuzis vingativos da cadeia,  
Que suspende e castiga o error de Juno.

5



Ao Épico pregão do Ausónio Povo,  
Da trompa argêntea os aros enrolaste,  
Quando cantou sonoro  
Acolhidos na Itália  
Os Troianos Penates foragidos,  
E da alta Roma os triunfantes muros.

6

Pintaste-lhe o Furor impio sentado  
Sobre as armas cruéis, e atrás das costas  
Retorcidos os pulsos  
Com cem laços de bronze,  
No templo, aferrolhado, de Mavorte,  
Bramando horrendo co'a sanguínea boca.

7

Abriste-lhe a Caverna da Sibila,  
E as proféticas folhas do Futuro,  
Pejadas de sucessos,  
Que as entranhas dos Fados  
Sem ordem, sem conselho descompunham,  
Ao capricho dos ventos revoando.

8

Tu a Píndaro, a Alceu, ao Venusino  
Subiste em tuas asas inflamadas  
Ao concelho das Musas,  
Onde ávidos gostaram  
O almo licor da reservada veia,  
Que em Divino transmuda o canto humano.

9

Franqueaste-lhe ali pródigas chaves  
Dos tesouros que encerra a Natureza;  
E o fusco véu rasgando,  
Que lhes cobria a mente,  
O trilho que conduz da Terra ao Olimpo,  
Ao colóquio dos Numes, lhe apontaste.

10

Assim Camões, por Ti enfurecido,  
Ao cume do Parnasso se avizinha;  
E os Déléficos loureiros,  
Quando ele sobe, curvam  
Ao novo Homero os orgulhosos topes;  
E arredam larga estrada ao Vate egrégio.

11

Calíope a mão lhe dá; e às doudas grutas,  
(Do rápido talento asilo) o guia,  
    Onde a sublime trama  
    Da Ilíada sonora,  
Palpando as cordas da Épica harmonia,  
Cantara Apolo, e transcrevera Homero.

12

Ali subiu Camões; ali a Musa  
A boca e vozes do imortal Aluno  
    Banhou de Poesia;  
    E co'as Irmãs que invoca,  
Co'as três Graças, que tudo aformoseiam  
Enchem do Vate o peito, dadivosas.

13

Eis chega ao sábio coro o Ausónio Cisne  
Comedido, e das faces ressumbrando  
    Assomos de Celeste:  
    E tanto se afeiçoa  
Do valido das Musas Tagitanas,  
Que por Aluno e confidente o aceita.

14

Das recônditas minas da Memória,  
A seu pedido, as ricas veias abre,  
    Que Camões entesoura:  
    Também lhe rega o ingenho  
Co'Épico arcano, em límpidas correntes,  
Que manaram nos novos Argonautas.

15

Entoa o forte Gama, avassalando  
Os mares não trilhados de outros lenhos,  
    Impávido afrontando  
    O conflito das ondas,  
Que o Tioneu contra ele acapelava,  
Ajudado do impróvido Neptuno.16

Sobrevem Safo, e canta de Inês linda  
A ternura fiel, trágico termo  
    De viçosos Amores.  
    Ambição crua e cega,  
Cobiça de mal firme valimento  
Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

17

Homero inchando à tuba o brônzeo ventre

Mais alto ressoava, e tinha em fogo  
A vista rutilante  
Quando lançava as vozes  
Do Adamastor membrudo, e árduas vinganças  
Do quebrado segredo de seus mares.

18

Como sentiste do ânimo o alvoroço,  
Absorto Vate, quando o íntimo seio  
Os sons te revolviam  
Daquela voz valente,  
Tonante voz encerro de prodígios,  
Voz de que assim se ufana a natureza!

19

Como já n'alta mente as cores punha  
Nos quadros dos Lusíadas ilustres!  
Aqui se ateia a briga  
Dos doze de Inglaterra:  
Além, da água que sorve, engrossa a nuvem,  
E o pé que tem no mar, a si recolhe.<sup>20</sup>

Quanto se ergue entre stúpidos humanos  
Quem ao nascer sortiu um peito altivo  
Capaz de ínclita empresa?  
Mais que homem é um Nume.  
Os parabéns te dou, oh Lusa Pátria:  
Também os tomo, de dever-te o berço.

21

Oh prole de Japeto, a tudo ousada,  
De ser do barro vosso me gratulo,  
Quando contemplo a chama  
Que em vós prendeu celeste,  
Luzir no ingenho, desferir no esforço,  
Braço, e assombro das futuras eras!

22

Logo Tirteu, para as feroces guerras  
O prendou c'ó clarim agudo e forte,  
Que a cor ao gesto muda;  
E nele os tons lhe ensaia,  
Com que recontes as ásperas batalhas  
De Nuno fero, e do pugnaz Pacheco.

23

Eis no carro, que as alvas pombas tiram  
Lhe entrega agradecida a meiga Vénus

(Do mimoso regaço)  
Quadros de Idália e Chipre,  
As fontes, e arvoredos namorados,  
Com que ele adorne a Ilha dos amores.24

Os olhos para a sfera erguei celeste:  
Como raia vermelha no Oriente!  
Do centro escapa um lume  
Que de ouro reluzente  
Vai as nuvens cobrindo... Um Deus radioso  
Com plácido semblante à terra desce.

25

Pelo cinto do lúcido horizonte  
Melodias dulcíssimas se espalham;  
Alados Hinos voam  
Flamígeros em torno  
Da verde-láurea fronte; as alvas asas  
Dos Zéfiros, na lira, ferem vozes.

26

Mas já o previdente Apolo abrindo  
O fatídico seio do Futuro,  
Movido do ardimento  
Do generoso Vate,  
Põe nele os olhos de splendor trajados,  
E estas aladas vozes lhe dirige:

27

«Feliz Mancebo, que a vereda pisas  
Dos dois Cisnes, que além de todos prezo,  
Não desmaies, ao veres  
Os sustos, os despenhos  
Que ameaçam na senda alcantilada  
Do laurífero Pindo, temeroso.28

Com meu raio facundo, e nunca incerto  
Quero teu guia ser na Épica lida:  
E serás celebrado  
Na esteira perigosa  
Que intrépido em rasgá-la aos teus, a estranhos  
De não-murchandas flores a esmaltares.

29

Mas Estro adquire glória, e não tesouros.  
Morrerás pobre, tendo submetido  
Mais riscos, mais trabalhos  
Que o Gama, a quem dás nome.  
Aos Vates, que só põem na Fama o fito

68

Serás farol de náufrago penedo.

30

O mesmo Fado desastroso empunha  
Irado raio em dano dos que venham  
    Por estas broncas fragas,  
    E absortos na harmonia  
Dos sonoros teus ousados versos,  
Te imitarão na lira, e na desgraça.

31

Coridon, Coridon, que improba estrela  
Te dá Nome imortal, fonte de invejas?  
    Pelos salões das honras  
    Te arremessa às masmorras,  
Onde os anos consumes, que deveram  
Ser de ampla glória e louros assombrados.

32

Lá vai, de atroz Calúnia perseguido  
Correr mares, trilhar estranhas terras  
    O cândido Filinto  
    Que tanto tinha a peito  
O seu Camões grandíloquo a quem lia  
Com gosto, com respeito às Musas grato.

33

Lá, contigo abraçado, em seu desterro,  
Em ti bebe a corrente nobre e pura,  
    Com que os seus versos banha.  
    Ainda, ausente, brada  
Às novas Águias da soberba Elísia,  
Que o teu canto e dicção tomem por Norte.

34

Mas, enquanto te estuda, e te defende,  
Lavra contra ele setas a Ignorância;  
    E dos seus bens e fama  
    Põe ópimo despojo  
Nos altares da Inveja, e da Calúnia  
Iníquo galardão de haver-te amado!

## EPIGRAMA

**A**POLO um dia, ao ler certa Ode minha:  
«Nunca inspirei (me diz) tão frouxa obrinha.»  
– Apolo (eu lhe respondo muito inteiro)  
– Eu não armo ao louvor, armo ao dinheiro.

## MADRIGAL

**A**O ver-te, oh minha Márcia [xxiii], tão formosa,  
Não estranho que os olhos lhe vendasse  
Vénus a Amor, com sustos de ciosa,  
Que por Ti (se Te visse) a não trocasse.

## SONETO

«TARDIO às vezes, sempre merecido,  
Tem a Virtude o prémio aparelhado  
Ao profícuo talento, ao peito honrado,  
Que do dever o stádio tem corrido.

O Sábio, que dos louros esquecido  
Só no obrar bem os olhos tem cravado  
Inópino também se acha c'roadado  
Por mãos sob'ranas c'o laurel devido

Útil à Pátria seja, as paixões dome,  
Seja piedoso, honesto, afável, justo;  
Que no futuro o espera ínclito nome.»

Assim falou Minerva ao Coro augusto,  
Pondo no Templo do imortal Renome,  
De glória ornado, o teu prezado Busto.



## ODE

Frui paratis et valido mihi,  
Latoe, dones, et precor integra  
Cum mente, nec turpem senectam  
Degere, nec Cythara carentem.

HORAT. L. 1. Od. 31.

QUE cuidas, meu Pilaer [XXIV], que pede aos Fados  
O Poeta Filinto?  
Quando vê, por detrás do pardo monte  
Erguer-se o Sol dourado;  
Ou quando, já trilhado o etéreo cinto,  
Molha o cansado Coche  
No pego Ocidental do azul Neptuno?  
Não põe nas aras cegas  
Da soberba Fortuna ofrendas, votos  
De sôfrego interesse;  
Nem pede, novo Midas, que entre os dedos,  
Em flavo ouro luzente  
Se lhe tornem as pedras, as correntes;  
Nem tosem seus pastios  
Grossos rebanhos de nervudos touros,  
Para lavrar activo  
Com vinte jugos dilatadas jeiras.  
Cometa ousado os sustos  
Do assanhado Oceano verde-negro  
O mercador ganhoso,  
Que a vida em menos preço tem que o lucro;  
Ouça silvar os ventos  
Pela gemida enxárcia enfurecidos;  
Acapeladas ondas  
Na esmorecida proa lhe rebentem;  
Rache o ruivo corisco  
O grande masto em retisnada roca;  
Que ele só fita os olhos  
Nas loges do Brasil; por entre os raios  
Vê chegar o Mineiro;  
Ouve por entre os rancos, e estampido  
Dos trovões, tinir dobras  
No mostrador avaro; vê vendidos  
Os enfardados panos.  
Porque não justicou Jove potente  
Com despedido fogo  
O mortal, que arrancou com mão culpada  
Das entranhas da Terra  
Esse ouro malfeitor, fonte de crimes,  
Estrago da Inocência!

Bem foi idade de ouro a feliz era,  
Que pálidas figuras  
Não viu nos cunhos do ouro amoedado,  
Para desonra e morte;  
Que não viu a Ambição, a Tirania  
Medrar, assoberbando  
Com desiguais riquezas os singelos  
Costumes da Virtude.  
Eu sobranceiro às vagas empoladas  
Da turbulenta Corte,  
Verei correr às Mitras, aos Governos  
Imprudentes humanos,  
Que o valor não conhecem do Sossego.  
O Corno de Abundância  
Emborcando sonoro a um Tersites,  
Louros dobrões a rodo  
Sóbrio o verei com olhos não torcidos;  
Seguro de mim mesmo.  
Coberta a mesa de Faisões custosos,  
Em dourada baixela;  
Dez lacaios esbeltos, olho alerta,  
Pelos cristais derramem  
De Constança e Tokai os raros vinhos;  
Com descuido, e desprezo  
Olho o luxo, a soberba dos manjares,  
O desperdício, o custo  
Com mais justa partilha bem logrados  
Na Viúva, no Órfão roto.  
Sem orgulhoso apresto dá Natura  
Saudável sustento:  
Saboroso legume, herdada fruta  
Acareia apetite  
Ao Sábio que ganhou com sóbrio emprego  
Proveitoso cansaço.  
Para alojar o corpo dum Magnata,  
Talvez pigmeu e seco,  
Trinta salões de vasta Architectura  
Fazem gemer a terra  
Com altos torreões, chumbados tectos;  
E o grande Cincinato  
Numa breve choupana vive rico,  
Folgado, e farto de honras.  
Que não dão diamantes, nem Palácios  
Descansada ventura;  
Nem vem o Sono, com as mansas plantas,  
Abrir cortinas de ouro,  
Para estender-se ao lado ambicioso  
Do Cortesão inquieto.  
Eu, que além piso a raia a doze lustros,  
Que de alterna fortuna  
Com sombra igual provei penas, favores,  
Que bebi proveitoso  
Sazonadas lições da Experiência  
Na carreira da vida:  
Que c'o fanal da reflexão atenta

Vi no pego do Nada  
Cair tantas coroas – subir tantas  
Que impróprias fronteiras curvam;  
Tanto desejo ardente não cumprido,  
Ou morto apenas nado;  
Tantos ricos, ilustres, poderosos,  
E tão poucos felizes,  
Só peço aos Céus dourada Mediana  
Em plácido remanso,  
Saúde alegre, e Lira, com que cante  
Louvores da Amizade.

## A MULHER E A VACA

**P**ERDEU Mulher e Vaca em outo dias  
O gordo Almeno: um, já lhe a Filha ofrece,  
Outro a Sobrinha, a Irmã: que se enfenece  
Cada um de impor com Deus suas Marias.  
Almeno, que quer cousa que lhe renda,  
Busca a rês, e não topa c'uma ataca;  
Mas topa com Mulher, que lhe despenda:  
Que é mais fácil achar Mulher, que Vaca.

# LIRAS

1

TINHA de fachos mil a noite ornado  
A argentada Princesa:  
De amor, graça e beleza  
O campo etéreo Vénus povoado.

2

A Terra, com perfume precioso  
Em torno recendia;  
E plácido dormia  
Sobre a dourada areia o pego undoso;

3

Quando veio roubar a formosura  
De tudo o que é criado,  
Márcia, fiel traslado  
Da beleza do Céu, sublime e pura;

4

Com Lírios, que estendeu, vestiu ufana  
A forma divinal;  
Em aceso coral  
Tingiu, sorrindo, a boca soberana,

5

As madeixas tomou das veias de ouro,  
Nos olhos pôs safiras,  
Que das setas, que atiras,  
São, fero Amor, o mais caudal tesouro.

6

Todos seus dons lhe pôs o Céu no peito;  
Como orna o Régio Sposo,  
C'o enfeite mais custoso,  
A Princesa, a quem rende a alma, sujeito.

7

Eu vi afadigados os Amores,  
E as Graças, que cantavam  
Enquanto se moldavam  
Seus graciosos gestos vencedores.

8

Das Sereias o canto deleitoso  
Lhe nasceu sem estudo;  
E o dom de enlevar tudo  
Envolto veio em seu sorriso airoso.

## MADRIGAL

«**P**RAZER! Prazer! oh falso, oh bandoleiro!  
Que fugindo te ausentas  
De nós, sem saudade, e tão ligeiro:  
As penas nos aumentas,  
Se, mal que te acolhemos, já nos deixas».  
Eis que o lindo Prazer tão suspirado  
Me responde: – Que vãs são tuas queixas!  
Aos Numes graças rende, que hão criado  
O Prazer breve: que, a ser eu comprido,  
Me houveram (certo) para si retido.

## ODE TRADUZIDA

1

TU, cujo ingenho ergueu para baliza  
A varonil Virtude,  
Que sem mais guia, ao Templo seu te alçaste  
Por íngremes veredas,  
Caro \* \* \*, [xxv] que atroz Desassossego  
Pôs no teu peito o albergue  
Do triste Enojo, da pungente Mágoa?  
Verdugo de ti mesmo,  
Porque a dar armas, lúgubre porfias  
Ao teu mordaz Desastre?

2

Afugenta esse Enojo voluntário  
Que te cativa a ideia;  
Deixa às almas vulgares, que se acurvem  
Com tão frouxos revezes,  
Afronta c'ó infortúnio, e crava os olhos  
No broquel da Esperança,  
Que contra o Fado e seus punhais te ampara.  
Se zune o vento, e se hoje  
Sobre ti ronca a tímida borrasca,  
Na barra amanhã surges.

3

Nem sempre aceita o mar os rijos sopros  
Dos agastados Euros;  
Nem turvas precipitadas torrentes  
Alagam sempre os campos.  
Quando a nuvem infeliz abafa o peito  
Sem albor de refúgio,  
É duríssimo o peso da Desdita:  
Mas logo se aligeira,  
Dês-que aponta no rúbido horizonte  
Esperançoso raio.

4

Mudado, um dia, em plácido Sossego  
O teu roaz Cuidado,  
Será qual sonho infausto, e pavoroso,  
Que ao despertar se esvai.  
Chama o Valor, confia. – Se o Piloto  
Sagaz teme a tormenta,  
Quando Neptuno alisa o equóreo plaino,



Também, quando os negrumes  
Os corações dos Nautas amedrontam,  
Espera por Bonança.

5

Sei, que ao Sábio, de penas combatido,  
Apetecer é dado  
(Quando ouviu pronto o brado da Virtude)  
Da Fortuna os favores.  
Mas a Virtude que não sofre, e afana,  
Que se ceva em branduras,  
Muitas vezes em vil frouxeza pára.  
A Sequidão, o Orgulho,  
Com a Dureza da alma os lados cingem  
Dos deslumbrados ricos.

6

Não que prósperos dias dormentassem  
Teus sisudos desvelos;  
Nem que para acordá-los falecessem  
Iníquos infortúnios.  
Nem que, pouco leal, tua Virtude  
Tomasse por modelo  
Esse soberbo, e tétrico insensato  
De inchada e vil soberba,  
Que a mor desgraça, que sentiu na vida,  
Foi ser sempre ditoso.

7

E quando o mal, quando a tristeza é ténue,  
Por nos sarar da Dita;  
E c'os bens opulentos não transpormos  
Da Sapiência as metas,  
Útil é sempre o Mal que aformoseia  
A presente Ventura:  
Posta à luz c'os sofridos Pesadumes,  
Co' a sua agra lembrança  
Afia o paladar enfastiado  
De ditoso Sossego.

8

Tal ata o Sol dourado, e a fusca Noite  
A cadeia dos anos;  
E tece o Fado o círculo da vida  
Com gostos, com tristezas.  
Com previsto saber o Céu prudente  
Reciproca o proveito  
Das vezes desiguais do humano trato;  
E a miúdo arranca ainda  
Divina mão, do seio do Infortúnio

O Bem mais precioso.

9

Porque cansamos com perdidos rogos,  
O renitente Olimpo?  
Dos desvairados lances da Fortuna  
Jaz este mundo escravo.  
Jove, formando o homem, semelhou-o  
Aos Gémeos, que entre os Deuses  
Pôs a Fábula. Deuses, que, por certo  
De estranha divindade,  
Ora são Cidadãos do Averno escuro,  
Ora do Céu, preclaros.

10

Assim por vis suplícios, por branduras  
A seu sabor nos roda:  
O Sábio só, de preparado peito,  
Resiste a seus caprichos,  
Que olha com rosto igual, em todo o tempo  
A Cortesã mudável,  
Que a fineza menor lhe desmerece,  
Ou já que o false incauta,  
Ou já menos lembrada, o leito antigo,  
Por inconstância busque.

## SONETO

CO'A catana debaixo do capote  
Vinha de noite um bêbado Marujo  
Tomando a rua derrengado e sujo,  
Té que na esquina c'o nariz deu bote.

«A mim!... a mim!... Irra, c'o piparote!  
Meta mão, se é capaz. – Que eu cá não fujo.»  
Trape, zape. – É bem rijo o tal sabujo!  
«Não recua!... Traz malha. – Traz pelote.»

A pedra dura, às tesas cutiladas,  
Ferida, faiscou!... Ficou patinho  
O Marujo!... Fez pé atrás... e logo

Co' estas se desforrou, razões pausadas:  
«É velhaco! é traidor!... Vou-me, e embainho,  
Não brigo com quem traz armas de fogo.»

## EPIGRAMA

OUVIU Francisca a um Pregador famoso  
Dizer, que no marido  
Recai todo o error pecaminoso  
Por mulher cometido,  
Se ele o débito leva a alheio leito.  
Francisca a bom recado  
Pôs do sermão o machacaz conceito.  
«Farei tanto pecado  
(Disse zelosa) e culpas tão imundas,  
Que darei c'ó meu home' nas profundas.»

## ENIGMA

**N**EGRA sou, se mais negra, mais formosa.  
Nenhum, se eu não o aprove é claro feito:  
De mim depende a fama gloriosa;  
Dou a vivos e a mortos seu direito:  
Em mim podes achar, ora encerrada  
Uma sentença, agora um desatino;  
O Bem, e o Mal, sem dar palavra, ensino;  
E ensino tudo, não sabendo eu nada.

# CARTA

## AO SENHOR JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA

### DEFEITOS DA FILOSOFIA

On a bani les démons et les fées;  
Sous la raison les grâces étouffées  
Livrent nos coeurs à l'insipidité.

*CONT. DE V.*

~~~~~

So ben che sono molti come voi  
Che credono romansi e favolette  
Le cose delle fate: – e sono buoi.

*RICCIARDETO. Cant. 20.*

**E**NQUANTO nossos Pais, nossos Avós,  
Encostados na fé do Padre Cura,  
Criam Fadas, Duendes, criam Bruxas  
Quão felizes que foram! Que Sossego  
Lhe adormentava então o entendimento!  
Não lhe davam tormento as barafundas  
Desse fiscal Esp'rito, que aforoa,  
Que examina hoje tudo, e que amplos gostos  
De enfeitadas quimeras afugenta.

Junto do lar ardente, em curvo cerco,  
Baixas as testas, corpos bem cerrados,  
Toda a família nos serões de inverno,  
Embelezada nestas ventoinhas  
Inquilinas do mundo imaginário,  
Não sente o como ronca, esbravejando,  
O vento, pelo trémulo arvoredos;  
Nem como, a telha-vã remexe e grita  
Por saltante pedrisco fustigada.  
Apenas, quando vai o Conto em meio,  
Arreda do Leitor, um tanto, os olhos,  
Para dar um meneio à frigideira,  
Ou virar o bom lombo que repinga.

Um Cavaleiro, que a viseira cala,  
Embraça o seu broquel de amante mote,  
E vai correr o mundo, confiado  
Na aguda lança, e na talhante espada;  
Que acomete arriscadas aventuras  
Por livrar encantadas formosuras

De mimosas Princesas; de esquecidas  
Masmorras retirar ao claro dia  
Um Montesinos, guapo Cavaleiro,  
(Saudades da mísera Belerma!)  
Que para o conquistar, em campo afronta  
Gigantes, Malandrins, Dragos, Duendes,  
E de toda a refrega sai com brio:  
Descrever (como digo) essas proezas  
Era o talento duma *sábia pluma*,  
Estimada na Corte, e na Cidade;  
Farta leitura de vilões e nobres,  
Que, enchendo-lhe a alma de gostoso enlevo,  
Criava nos guerreiros mais sabidos  
Campanudo valor, cortês agrado.

De Carlos Magno o folheado livro,  
C'os doze Pares de esforçado pulso  
Pariu mais valentões à nossa Elísia  
Que não darão (nos séculos vindouros)  
Embrulhos para as tendas, as fidalgas  
Folhas dum certo Autor lá dos Algarves  
Nos copiados seus bastos volumes.

Em duros corações que ternos golpes,  
Não deram sempre as lágrimas pudicas  
Os saxi-fragos rogos da formosa  
Lastimada Floripes? Qual foi nunca  
A Dama bem-nascida, bem criada,  
A donosa Donzela bem falante,  
Que lendo na novela os altos feitos,  
Galhardias de justas, e torneios  
Às Belas dedicados, e vencidos,  
Não bebesse vã glória, e bons desejos  
De correr semelhantes aventuras,  
A desconto dum susto em negro bosque,  
Dum assalto de amor em leite de ouro?  
Conversando, sonhando (ao menos) nelas,  
Enquanto de as correr não chega o dia,  
Quantas horas com gosto se não passam?

Não assim esses livros engoiados,  
Com que hoje enguiçam guapas livrarias;  
Cartapácios de linhas, de figuras  
Nigromânticas, bárbaras, insólitas,  
De Algebrias, de Químicas, de Fósforos,  
De Sínteses, de Análises, *et reliqua*,  
Com que tantos engenhos parafusam,  
Com perda de papel, perda de tempo,  
Sem deleite do Autor, nem dos Leitores.  
Ah! quanto o bem merecem (muito folgo!)  
Lhe venham na garupa as escoimadas  
Críticas finas, cáusticas Censuras,  
Bichos desconhecidos nos bons tempos  
Do bom siso dos nossos bons Maiores.

Que cousa há hi nos matos espinhosos  
Dessa magra e subtil filosofia

Que emparelhar se atreva c'um bom Conto  
De fadas, c'o condão duma varinha?  
Numa volta de mão, c'um leve toque  
Dessa bendita vara milagrosa  
Vos faziam sair lá das entranhas  
Da terra obediente, altos Palácios  
De alabastro, com seus capitéis de ouro  
Engastados de fina pedraria,  
Sumptuosos jardins, fontes, passeios  
Que recheiam que servem, que aformosam  
Mil Pagens cortesãos, mil Ninfas belas,  
Duma casca de noz cair a rodo  
As perlas, em chuveiro, as esmeraldas,  
São prodígios que pasmam, que divertem  
O mais triste fidalgo embezerrado  
De não ter conseguido uma comenda  
Por cansados serviços, por vinte anos  
A fio ter cursado os venerandos  
Tijolos de palácio, e feito airosas  
Nos beija-mãos as sólitias medidas.  
Nem conto os mimos, músicas e amores  
Surdindo da caverna, mais escura  
Que as Princesas amantes, pensativas  
Na solidão maviosa deleitavam.

Oh rico Ariosto! Oh vate nobre e farto  
De brilhantes ideias variadas!  
Um cento de Palácios de alabastro  
Nunca te custou mais que quatro rasgos  
Da riquíssima pluma criadora.  
Não sem razão a sapiente Crusca  
Te dera sobre o Tasso a primazia.

Oh ricas Fadas, rico encantamento,  
Enleio dos sentidos agradável,  
Com que saudade crua, e com que pena  
Vos choro de entre nós afugentadas,  
Por esses maus Filósofos, esquivos  
De todo o bom saber? toda a delícia  
De entretida lição, de útil estudo!

Assim, Amigo Andrada, a minha Musa  
Em seu ócio sagrado divertida,  
Com desenfado, um dia assim traçava  
Esse embrião de ensossos destemperos,  
Aceites com desdém ou com sorriso,  
Segundo te achem lépido, ou trombudo.



## EXAME DE CONSCIÊNCIA

VIZINHO 1.º

«VIZINHO onde é que vás?

VIZINHO 2.º

Vou-me a confesso.

VIZINHO 1.º

Boa memória tens, faço os pecados;  
Mas mal que os faço, adeus; – logo os esqueço

VIZINHO 2.º

Faze como eu. Dous murros bem socados  
Calma em tua mulher; logo ela azinha  
Te reza da que hás feito a ladainha.  
Corre co'a reza, e chimpa-lha no bico  
Ao mouco passa-culpas. Dominico».

## SONETO

OLHA, Filena; o Rio turvo, e feio  
Corria com as ondas encrespadas,  
Como ora emborca as águas descansadas  
E mostra a areia trémula no seio.

Olha o risonho dia que nos veio,  
Depois de tão medonhas trovoadas;  
Olha as terras de flores esmaltadas,  
No travesso matiz, da vista enleio.

Tal, mudável Filena é a minha vida:  
Sou triste, ou sou alegre, como vejo  
Tua face irada, ou de rigor despida.

Se me afagas, sou prado que verdejo;  
Se te esquivas, campina desabrida.  
Tanto dispõe de mim o meu desejo!

## A UM RETRATO

DE M. DE BUFFON

**T**ALENTO perspicaz, saber profundo:  
Dai-lhe a matéria, dar-vos-á um Mundo.

## ODE

Serves animae dimidium meae.

HORAT. *Lib. 1. Od. 3.*

**P**EDE, pede (me disse Jove um dia,  
Quando teve acabado o seu despacho,  
E dado ordens ao mundo)  
Era dia de festa, e de alegria,  
Em que de Juno não sofreu o empacho  
Nem seus zelos sem fundo.  
Pede riquezas, pede impérios, pede  
Ciências, artes, honras, formosura;  
De tudo tenho a rodo.  
Senhor Jove, que em dons se assim desmede,  
Grato a sua mercê: tanta ventura  
Não quadra cá a meu modo.  
Nasci sem ambição. A ter vinte anos,  
Pedira uma *Muchacha* graciosa,  
Mansa como um borrego:  
Mas fiz sessenta e cinco; se entre humanos  
Dum amigo me deu jóia preciosa,  
Que m'a salve o encarrego.

## CONTO

ERA uma vez Bieito, e mais Briolanja  
Casados há seis anos, sempre amigos,  
Amigo o filho, o gato, o cão; e amigos  
(Cousa pasmosa!) O harda c'o canário.  
Nunca, ao salvar da pífia humanidade  
O diluviano resto, reinar vira  
Tão boa inteligência  
Noé no encerro da arca.  
Vai senão quando, em festa domingueira,  
Tão de bandas tomou a cabeleira  
Bieito, que azoado, apenas entra,  
Desanca sua mulher;  
Esta para desabafar a raiva,  
Põe em lençóis de vinho o pobre filho;  
O filho dá no cão, o cão no gato,  
E este arranha o harda em certa parte.  
Todo cólera o harda  
Ferra ao canário os dentes no gasnete,  
E põe-lhe a alma de avesso.

~~~~~

### *Moralidade do Conto*

Vejam vossas mercês que desavenças  
Não procedem da culpa dum marmanjo!  
Toda a casa atéli tão mansa e queda  
Desmanchou da harmonia o tom pacato.  
Assim vai num convento  
Quando o Prior treslouca, a bola vento  
Vai Lente, e Pregador, Leigo, e Donato.

## ODE A HORÁCIO

..... Usque ego postera  
Crescam laude recens.....

HORAT. *Lib. 3. Od. 30.*

QUAL vai lambendo activa labareda  
Crepitante espessura,  
Ou qual Euro nas vagas Sicilianas  
Desmedido galopa,  
O Ferino Africano rompe, arrasa.  
Os reparos das Ítalas Cidades...

Emulando os arrojos desenvoltos  
Do Cisne de Dirceia,  
O avistas lá nos Alpes (despeitoso  
De atalhadas vitórias)  
Esse asp'ro Aníbal, retorcendo a vista  
Contra Roma, que ao seu furor se esquiva.

Se as venustas Canções de Anacreonte  
Na Cítara renovas  
Erato, a linda Vénus, Baco imberbe  
Te rodeiam, te inspiram:  
Dádiva é sua, que te amostre o dedo  
Cantor suave na Romana Lira.

Cloé, Gliceria, Lídia nomeadas  
Por todo o Lácio império,  
Aos Gregos modos, já por Ti Latinos,  
Devem rumor perene.  
Vive nas tuas cordas, e flameja  
Do teu ciúme a cólera difícil.  
Era vosso, oh Camenas, quando afouto  
Dormia mui seguro  
No topo do Vulturio descampado,  
Entre Ursos, entre Víboras:  
Vós chamastes as Pombas, que teceram  
De murta e louro o milagroso abrigo.

Ah Clio, bebendo a voz de Febo,  
Soprou na infante veia  
Os poéticos sons, que Ele na Lira  
Mandou à Eternidade.  
Acesa, ali fatídica revela  
Às Irmãs a vindoura luz de Horácio.

«Qual, pela madrugada solta a Abelha

O afadigado voo,  
Vai chupar nos casulos orvalhados  
O melífero perfume,  
E açodada c'o doce peso acode  
À colmeia a lavar os louros favos;

Tal, nos Campos da Grécia irás colhendo,  
Flaco, o beijo das flores,  
E o mel tem de manar das tuas Odes  
Com tal sabor e aroma,  
Que crescendo em louvor, sempre recente,  
Eras, e eras verás inimitado.

## EMPREGO DAS NOVE MUSAS

1

COM opa e manto azul, de áureas estrelas  
Recamado, passeia majestosa,  
C'um compasso na mão a Musa Urânia  
Dos Céus medindo a vasta redondeza.

2

Emboca a tuba argêntea a augusta Clio  
E faz soar num Pólo e noutra a Fama  
Dos Reis e dos Heróis, que sobre-humanas  
Obras, em bem dos Povos empreenderam.

3

Calíope, na Lira, em sons medidos  
Conta as mesmas acções que Clio escreve;  
E os Deuses, para ouvi-la, se debruçam  
Do Olimpo, no seu Cântico enlevados.

4

Melpomene, a purpúrea, roçagante  
Roupa arrastando, c'o coturno piza  
Ceptros, coroas, pelo chão caídas  
Das mãos dos crus, dos pálidos Tiranos.

5

E Tália que ri, que sempre mofa,  
Com mão maligna, e folgazã lhe rasga  
Ao Vício a máscara; e subtis verdades  
Com risonho primor enfeita airosa.<sup>6</sup>

De murta se engrinalda a branda Erato,  
Emprega as mãos em coroar amantes  
Co'as rosas de Cítera, e guia as penas  
De Horácio, Anacreonte, e de Petrarca.

7

Sobre alcatifas de viçosa relva  
Sentada Euterpe, adoça o canto à flauta,  
Nas lições dela atentos os Pastores,  
A conquistar as Dríadas aprendem.

8

Nova fala mais viva que as palavras



Com que a alma exprima a força dos afectos  
Nos gestos dá Polimnia; as mãos, o rosto  
Dão mais que vozes, dão as cores da alma.

9

Com destras plantas levemente airosas,  
Terpsicore mil símbolos descreve,  
Dá vida, alenta os ânimos que jazem,  
C'ó inerte peso do Ócio, quebrantados.

## ENIGMA

**S**EM princípio, sem fim símbolo claro  
Da duração eterna,  
Nada sou, se não vem em meu amparo  
Uma de nove Irmãs, prole paterna.  
Nome e figura  
Em vão repito  
Desajudada, e só: mas com mistura,  
Com cortejo traz mim  
Tenho princípio e fim – valho infinito.

## ODE À VIRTUDE

Virtus recludens immeritis mori  
Coelum, negata tentat iter via,  
Coetusque vulgares et udam  
Spernit humum fugiente pena.

HORAT. *Lib. 3. Od. 2.*

1

**F**ORAGIDA entre os homens, e medrosa  
Tu, Virtude, te escondes:  
Do seio do alto Deus, donde descendes,  
Rara as terras visitas.  
Que delas te afugenta um vício infesto,  
Vil arremedo, que te usurpa o nome.

2

Mafomas falsos, Cromwéis tiranos,  
Em teu manto embuçados,  
Vertendo sangue, atropelando ceptros  
Te fizeram malquista,  
Em vivo fogo, em lôbregas masmorras  
Te deram não devida sepultura.

3

Tu douras os Celestes aposentos  
Com tua luz sagrada:  
Tu és o sol, que nesta sombra espessa  
Os Justos alumias;  
A tua luz dá na alma, a aclara, a esforça,  
E põe no humano assomos de divino.

4

Entre rodas, equúleos, e catástas  
O Varão virtuoso  
Mostra ao medonho algoz plácido o rosto;  
E envergonha o Tirano:  
Abre, entre as setas, abre entre as machadas  
No corpo retalhado uma alma inteira.

5

Co'a vulnífica proa o grande Castro  
Rompe os Índicos mares  
Alastrados de pérolas luzentes:  
Visorei parco e pobre,  
A quem vislumbres dos rubis do Oriente

Não desviaram do alvo da Virtude.

6

Envolto em negro fumo, em pó, em fogo,  
Entre estaladas pedras  
Da mina, e despedido baluarte,  
O impávido Fernando  
Desfigurado, ardente ainda, ainda  
Na semi-viva mão aperta a espada:

7

E c'os olhos nos Turcos assombrados  
Quer nesse arranco extremo  
Vingar a Fortaleza! – Oh Castro forte,  
Mandas tomar-lhe o posto  
O espelho de teu ânimo, e virtude,  
O único esteio da prosápia ilustre.

8

Que a tanto o guia aquele raio puro  
Da Honra bem fundada;  
Que por Deus, pelo lei, e pela Pátria,  
Vê, sem torcer a vista,  
Da Morte a fouce, os cofres do Avaro;  
Sem susto a Morte; e sem cobiça o ouro.

9

Emudecei, profanos; afastai-vos,  
Ministro do Deus sumo,  
Que os Céus, que as Terras c'um aceno rege,  
Direi cousas mais altas  
Que descrida não pensa a Iniquidade,  
Mas que da sã Virtude foram dignas.

10

Virtude, que és o prémio de ti mesma,  
Tu zombas da Fortuna,  
Ídolo vão dos homens imprudentes.  
A Toga respeitada,  
O Bastão militar, o Ceptro de ouro  
Não dão honra sem ti, dão vitupério.

11

Tu, quando cobres c'o imortal escudo  
O peito a ti votado:  
Em vão lhe arroja lanças o Destino;  
Despontadas, por terra  
Caem; se atroz Inveja te mareia

D'entre os aleives cândida rebrilhas.

12

Tu vens nas almas, quando ao mundo brotam;  
Qual o botão mimoso,  
Que ajudado do sol, da mão cultora  
Desdobra do casulo  
Os soberbos matizes, mil corados,  
Que bordou curiosa a Natureza.

13

Tu, qual ardente luz, da rija pedra  
De entre trabalhos duros  
Exprimes teu valor, vibras luzeiros;  
Se vem favónios sopros,  
Logo se ateiã altas labaredas,  
E vás lavrar por almas bem nascidas.

14

Eu te vejo, oh Virtude! Vens descendo  
Formosa em nuvens de ouro;  
Pelas modestas roupas te distingo  
Pelo sereno lume,  
Que te reveste a alvura, e doura a fronte,  
De lidadas vitórias coroada.

15

Onde me elevas na veloz carreira?  
Os globos das estrelas  
Vejo rodar por esse vácuo imenso.  
Que novos sóis, que mundos!  
Que ordem! que justas leis entre si guardam!  
Do Criador, girando, o aceno cumprem.

16

E estes montes, e a fúlgida Cidade,  
Com muralhas tão ricas;  
Que em doze portas, doze perlas abre  
De bipartida entrada!  
Calçadas, de ouro acrisolado, as ruas!  
Diamantes, da Sala o pavimento!

17

Que cânticos! que música doçura!  
A, que o trono rodeia,  
Nuvem de ouro, se abala!... Uma voz rompe  
De majestade cheia: –

«Aqui só têm entrada os que venceram  
O difícil caminho da virtude.»

## FRUTOS DA EXPERIÊNCIA

**D**EPOIS de sessenta anos que imagino  
Na causa, e nos efeitos, de quem come,  
Quanto eu bem profundei com sério tino,  
É dar-me um bom jantar cabo da fome.

## IMITAÇÃO DUNS VERSOS DE GRESSET

Do cáliz das violetas  
Saí, mimosas veludadas folhas;  
Estendei a fragrância  
Pelas ocultas, intrincadas sendas  
Deste ameno retiro,  
Que Flora coroou de alta verdura.  
A Musa embrandecida  
Descai em aprazível devaneio;  
E súbito entranhada  
De doce canto, e de estro irresistível,  
Vales, serros, florestas,  
Toda a cena das plácidas campinas  
A seus olhos se enfeitam,  
Cobram alma, se avivam, se meneiam.  
Se ante a vista de vulgo  
São mera solidão, são mortas sombras,  
Se é mudo claustro um bosque,  
Se o ribeiro é um fio de água mansa,  
E os Zéfiros ruído,  
Que acaso move as folhas descuidadas  
De tecido arvoredo;  
Tudo reluz, e pensa, e vive, e corre  
Para os a que abriu Calíope  
Claridade de Déléfco luzeiro.  
Essas águas, queixosas  
Ninfas são, que de Jove vão fugindo,  
Para ir cair nos braços  
Dos Zagais, que as vontades lhes prenderam:  
Têm vida, têm alento  
Esses Fetos, que um sopro abala e treme,  
E as flores que as esmaltam,  
Já foram celebradas formosuras,  
Mudadas em boninas.  
Esses, que agora, alados Mariposas,  
Com voos, com requebros  
As namoram, outrora amores foram,  
Que de pura fineza  
Por elas aqui vivem transformados.



## SONETO

UNS lindos olhos, vivos, bem rasgados,  
Um garbo senhoril, nevada alvura;  
Metal de voz que enleva de doçura,  
Dentes de aljôfar, em rubi cravados:

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,  
Alvo peito, que cega de candura;  
Mil prendas; e (o que é mais que formosura)  
Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido  
Encerra a linda Márcia, a quem ofereço  
Um culto, que nem dela inda é sabido:

Tão pouco de mim julgo que a mereço,  
Que enojá-la não quero de atrevido  
Co' as penas, que por ela em vão padeço.

## ENIGMA

**S**OU Pintor e painel, que represento  
O que nenhum Pintor pintou tegora:  
Pinto os gestos, a cor, o movimento,  
E o que eu pinto não pega, surge fora.

## ODE

Si la vertu se montrait aux mortels  
Ce ne serait ni par l'art des grimoires,  
Ni sous des traits farouches et cruels,  
Mais sous votre air, ou sous celui des Grâces  
Qu'elle viendrait mériter nos autels.

GRESSET.

QUEM me dirá que incógnito caminho,  
Deve trilhar afouto,  
Quem salvar quer da venenosa vista  
Da desvelada Inveja  
O tesouro opulento de virtudes,  
Que lhe reluz no peito?  
Houve mortal tão puro, a quem o dente,  
Maligno não mordesse?  
E no candor da vida intemerada  
Lividez não marcasse?  
Dos são costumes Sócrates modelo,  
(Brasão da humana prole)  
Não a pôde evitar; não o pôde Tito,  
Delícias do universo.  
Sonho!... ou deliro!... Aligeirar-se o corpo  
E em penas sopesar-se  
Sinto estranhado!... Trava-me do braço,  
E me guia a Ulisseia  
Arrebatado Nume!... Entra na Corte,  
E as nuvens da Lisonja  
Afastando co'as asas estridentes,  
Me abriu o claro seio  
Da Verdade, malquista nos Palácios.  
«Aqui dentro reside  
Quem soube unir com laço estreito e puro,  
A formosura, as Graças,  
Quem compor das virtudes todas soube  
Uma única virtude.  
Grata, afável, activa se contenta  
De afortunar os outros.  
Mede as razões, o valimento, a força  
Pelo interesse da alma:  
Toda empenhada no favor alheio,  
Nada no próprio. Vale,  
Socorre com prazer, sem pôr a vista

Na ingratidão futura.  
Com este esforço se granjeia a Estima,  
Sem despertar invejas.  
Tem no peito bondade inexaurível,  
Que pelo rosto e olhos  
Lhe verte graciosa, e se derrama.  
Tu vês, oh Vate ingénuo,  
Armania; vês o trilho de seus passos  
No incógnito caminho.  
Vai publicar em verso generoso  
As lições que aprendeste:  
Convida esse universo a praticá-las.  
Vejam com alto espanto,  
Quem pôs como ela à inveja duro freio  
Quem colocou a Dita  
Em bem-aventurar (com mão que esconde)  
Os ânimos que a buscam.  
Buscam todos. – Que em seu olhar benigno  
Todos o abrigo encontram.  
Ah não saias ousado além da raia  
Que austero te abalizo.  
Louvar de seu ingenho os dotes raros  
Escassamente pode  
Quem tanto como Armania ingenho alcance.  
Esse inda o creio longe  
De ombrear com o assunto, quando cante  
O valor de seu peito».

## EPIGRAMA

**M**ANDOU-ME Amor, que esta Ópera vertesse;  
Ou sábio ou néscio a Amor tudo obedece.  
Censor, que lê a tradução do Drama;  
    Os erros meus desculpa.  
    Amor tem toda a culpa.  
Não vê erros um cego; e é cego o que ama.

## SONETO

MOTE

*Do duro Amor tomei o jugo brando*

GLOSA

**V**i passar pela minha rua um dia  
Duas compridas filas de amadores.  
Mostra uma, alegre, os áureos passadores  
Com que Amor as entranhas lhe feria.

Outra com pranto a sua dor carpia  
Refrescando co'a mão sevos ardores,  
Que, com facho infernal, Zelos traidores  
No peito lhe ateavam à porfia.

Segui a procissão dos penitentes,  
Té onde um sacerdote nos umbrais  
Do Templo, um jugo a todos ia dando:

Quando, ao passar a fila dos contentes,  
O meu turno chegou, fiz como os mais  
Do duro amor tomei o jugo brando.

## ODE

Fervet, imensusque ruit profundo  
Pindarus ore.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

### ESTROFE I

VAGANDO entre o matiz, e ingénuas várzeas  
Das Graças, onde a cor ponho a meus Hinos;  
    Pelas margens Dirceias  
Colhendo o esmalte, e beijo das boninas,  
À Tebana feição com mão lidada,  
    Esta tri-corde c'roa  
Armo em círculo, e teço: co'ela enfloro  
    A fronte radiante  
Do caro Polião dos Céus bem-quisto,  
    Dos Céus; donde consigo  
Trouxe as Filhas, que à luz dera a Memória.

### ANTIESTROFE I

Mnemósine de Eleuteris Rainha  
De ósculos nove obteve nove Filhas:  
    Jove as prezou por suas.  
Mas quando a vaga Lua doze vezes  
Atou as curvas pontas luminosas,  
    C'os raios prateando  
A parda face da selvosa Terra,  
    Mnemósine cingida  
De estreita dor, clamando jaz, do Olimpo  
    Nas fraldas: Vem, Lucina...  
E esta logo a alumiou com filhas nove.

### EPODO I

Com larga mão os Fados as dotaram  
De suave-imortal-músico alento.  
    Nos inda tenros lábios  
Suco de Ático mel brandos verteram;  
    A guarda lhes foi dada  
Dos versos com que as almas se lisonjam;  
Com que as lidas dos homens, e dos Numes,  
Da voz medida aos sons amenos, dormem.

### ESTROFE II

Logo que a ténue infância , (atropelando,  
Com os passos do tempo desenvolto,  
Da Primavera a quadra)  
Tocou ligeira a sétima baliza;  
O sangue natural, que altivo ordena  
Ver os que, a ver o dia,  
Amantes nos mandaram, se apodera  
Dos nove tenros peitos,  
Que briosos c'os braços nove e nove  
Da Mãe o colo enredam,  
Por que à face do Pai queira guiá-las.

#### ANTIESTROFE II

Mnemósine insofrida de contento  
Desprendendo, e beijando, uma após outra,  
Mãozinhas torneadas,  
No seio as toma em lágrimas sorrindo,  
E solta a voz, que sobe da alma à língua,  
Entalada em suspiros.  
(Mas suspiros de gosto!)... que a entranhava  
Deleitosa ternura,  
Vendo a Dita cobrir com asas de ouro  
Suas Filhas, no instante  
De ver o excelso Pai, que lhes deu vida.

#### EPODO II

Depois que entreteceu numa grinalda  
Moles violetas c'o matiz das flores,  
Os puros fios de ouro  
Lhes coroou, e as opas nas cinturas,  
Lhes prendeu com alinho;  
Ante a tropa gentil marchando airosa,  
Noite e dia o caminho acometendo,  
Co'as nove Musas pisa a praia Etiópia.

#### ESTROFE III

As Donzelas viçosas, não confrontes  
Inda c'o mal, co'as improbas fadigas  
Tremiram, quando olharam  
Do mar sanhudo a torva catadura,  
E espavorida a juvenil coragem  
Recuaram vergando,  
Qual mole o junco, ao duro sopro do Euro  
Na alagoa stremece.  
A Mãe não abalada lhes conforta  
Os peitos palpitantes,  
E as consola com este alado acento:

#### ANTIESTROFE III



«Cobrai ânimo, oh Filhas, Prole estreme  
Do Deus sob'rano, que na dextra ingente  
    Sopesa o roxo raio;  
Não vos dêem que temer as vagas oucas,  
Que roucas revolvendo re-murmurão.  
    Já perto assoma o dia  
Que alto domínio vos trará sobre elas,  
    C'os sons do encanto vosso.  
Rompei-me desse mar as longas rugas:  
    Arremetei afoitas,  
Que a Jove ides saudar no húmido Reino.»

#### EPODO III

E logo às vastas ondas se arremessa,  
Dum salto: – como um Cisne, que mergulha,  
    Se Águia pelo ar avista;  
Ou qual, por listas do arco, baixa a prumo,  
    Íris, e na água cala as coloradas plantas  
Quando Juno com pressuroso Divinal mandado,  
(Mensageira fiel) as envia a Tétis.

#### ESTROFE IV

Elas, o combro olhando que o mergulho  
Da Mãe no mar erguera, e o como rompe  
    C'os braços destemido  
O grosso rolo de água, dão de golpe  
(Baixa a cabeça, os olhos apertando),  
    No chão do salso argento.  
O mar delas ferido em cima salta,  
    Os ares borrifando;  
Em mil debruns de círculos lavrado,  
    Com vagas sobre vagas,  
Cobre a (que as engoliu) fauce profunda.

#### ANTIESTROFE IV

Eis que abertas as mãos, joelhos curvos  
Os delicados braços revolvendo,  
    Rasgavam por mil modos  
De Neptuno spumoso o azul império.  
Assim vergando vai chumbada corda,  
    Pela onda verde ao fundo,  
Tirando a si da rede os nós olhudos.  
    Já profundam com ânsia,  
E às priscas portas chegam já do Alcáçar  
    Abobadado da água,  
Onde o Oceano a Jove banquetea.

#### EPODO IV

Deste alcáçar eterno, alti-colúnio  
De rios cem a borbulhões saía

A perenal corrente.  
Da áurea cimalha pende, entre as arcadas  
De verde esmalte insigne,  
O vagabundo carro que circunda  
Com despedido curso noite e dia  
Duas vezes do mundo a redondeza.

ESTROFE V

Tem cerradas múltiplas sementes  
(Eternas Filhas da Água), a Natureza,  
Em ricas taças de ouro.  
Lá membrudos Tritões põem peito aos Rios,  
Que entalados rebentam das montanhas  
A florear as veigas; –  
E à volta em vastos lagos os recolhem .  
Eis que entra o infantil bando,  
Quando Pomona, erguidos os manjares,  
Concertava nas mesas  
Os multicores frutos saborosos.

ANTIESTROFE V

Então Apolo c'o arco harmonioso  
Desposa a doce voz, que alegra a fronte  
Dos recostados Numes.  
Mas Júpiter c'os olhos cerca a mesa,  
E a penetrante vista longe estende  
Ao rutilante Coro,  
Que airoas tem no rosto a Graça, o Brio  
De viva cor pintados;  
E em divinos clarões bem denunciam  
A clara augusta fonte  
Donde alta origem imortais beberam.

EPODO V

Logo descurva o braço, e o corpo erguendo  
O acume fita dos avaros olhos...  
Eis c'um abraço envolve,  
E estreita a todas c'um milhão de afagos.  
Ama ver-lhes nos rostos  
Tanto mimo singelo, tanto aviso:  
E por dar a tal hóspede contento,  
Quer das Músicas nove ouvir o canto.

ESTROFE VI

Elas então a airosa boca abrindo,  
Pleno cofre de Árabe perfume,  
Com almo e douto sp'rito  
Deram vida a celestes cantilenas,  
Da Lira magoando as Délias cordas  
De Minerva e Neptuno  
O antigo desafio discantaram:

Como ela fez profícua  
Brotar da Terra a pálida Oliveira,  
Ele o hinidor ginete,  
Vindouro anúncio das campais batalhas.

ANTIESTROFE VI

Depois com voz cantaram mais robusta  
A férrea, precipitada bigorna.  
Que nove e nove dias,  
A revoltões, mediu os céus, e infernos,  
Que brônzeo muro abrange, e que alongando-se  
Todos em torno os cinge;  
E a Noite com três mantos lhes ofusca  
As tríplexes muralhas.  
Lá, (sem curvar) ante as tremendas portas  
Sustém nos ombros duros  
Atlante espadaúdo, o firmamento.

EPODO VII

Lá, nesse abismo onnipotente é que uiva  
A coorte rebelde, que assaltara  
A Jove gigantófono:  
Ao lado os Arsenais estão fornidos  
Das retortas centelhas,  
Que aos maus o Deus arroja volteando:  
Qual, em torno da testa, brande o dardo  
Que atira ao inimigo o Mouro infrene.

ESTROFE VII

No mais fundo da lóbrega voragem  
Desse Orco profundíssimo, as raízes  
Prendem da Terra, e Mares ;  
De estrelas recamada, ali a Noite,  
Saúda o Dia, ou já do Mundo vinda,  
O encontre à larga boca  
Do golfão cavernoso; ou quando sai  
A deitar trevas, e luto  
Pelas altas montanhas, fundos vales,  
O vê tornar cansado  
De espalhar os luzeiros no Universo.

ANTIESTROFE VII

O ferido Bordão na lira troa,  
Com rijo Som que os astros estremece:  
Logo as Musas recitam  
O assalto dos Gigantes contra os Numes;  
Como na encosta do Otris se enfileiram  
Os Titãs, e contra eles  
No Olimpo Deuses, anos dez, cerraram  
Granizo de frechadas

Em resposta das arrancadas rochas,  
Que aos Céus lhes remetiam  
Cem braços, entonando fronts cento.

#### EPODO VII

Com duvidosas asas a Fortuna  
Ora estes, ora aqueles amparava.  
Eis Jove diz que soe  
Tuba divina recolher os Numes,  
Espargindo repouso.  
Manda verter de néctar cópia grande  
Pelas taças; que bebam novos brios,  
E re-tentem mais fortes a refrega.

#### ESTROFE VIII

Do terrífico raio armando o braço,  
Que em relâmpagos vivos roxeava,  
Encrespa o largo peito  
Co'a horrenda pele de ouriçada grenha.  
Marte franzindo a fronte em negras iras,  
Movia a enorme adarga.  
C'uma queixada o Lémnio a mão garante  
Calosa: em pó envolto,  
Em punho tem Apolo a besta arcada,  
E sua Irmã guerreira,  
Doutro lado, a Dictina, lhe faz muro.

#### ANTIESTROFE VIII

Cobriu Belona a testa c'o aço fino  
Onde Medusa flamas vomitava  
Da colérica boca;  
E enxerta no cerrado punho, a acha,  
Que os Reis agasta, quando alui irosa  
As venerandas torres  
Das Cidades. A Stige os braços, coxas,  
E os peitos emuralha  
Dum cossolete negro; e contra Giges,  
E Briareu, e Cotis  
Traz pela dextra a vencedora filha.

#### EPODO VIII

Alunos das batalhas Reco, e Mimas,  
Guerreiros duros, rompem as entranhas  
Pedernais dos rochedos,  
Para em cardumes arrojarem os tiros.  
Leve, como uma lança,  
Tifeu brande esgalhado um grão Pinheiro;  
Joga Encélado um monte, que (não tarde!)  
Inteiro o acurve cargo da Sicília.

ESTROFE IX

Trovão contra trovão abalroando,  
A que Asas deu sanhudas Euro, e Noto,  
Rompem retumbam, roncam,  
Tais na refrega embatem os dous campos,  
E do asp'ro encontro o Pólo ao longe toa.  
Pulverulenta nuvem,  
Do robusto calcado roda aos astros;  
O dia se enegrece,  
O mar se empola, os montes abalados  
Dão prolixo rugido,  
Rebrama o Céu, assustam-se os infernos.

ANTIESTROFE IX

Eis Alcides magnânimo ameaça  
C'o arco stridente a Reco... Eis que recua  
Ao golpe dum penhasco  
Que Mimas, que o lascou, dardou zunindo.  
Co'a tri-farpada lança entra Neptuno,  
Cerra c'o grão Tifeu,  
Que no ar rodeia a sibilante funda.  
Febo a certa flecha  
Despede a Encélado, que verga ao tiro.  
Mas já Porfírio o pulso  
Lhe atordoa c'um canto. E abate-lhe o arco.

EPODO IX

O Padre omnipotente atesa o braço  
Nervado, avermelhado do corisco;  
O peito a meio curva,  
E sacode o trovão flami-spirante,  
Que estala serpeando,  
(Qual cobra, as roscas destorcendo, silva)  
A ardente aguda luz aponta horrenda  
Às sacrílegas fronteiras giganteias.

ESTROFE X

Queimados té à base, os dous pilares  
Do mundo, vergam: o Ar, a Terra, as Ondas  
Crepitosas faiscam,  
Apenas nos Titãs, zumbindo, estoura  
O desenvolto, vingativo raio.  
Inda hoje exala o enxofre  
Que então os campos denegriu de Flegra.  
Aqui deram repouso  
As Filhas da Memória aos sons da lira,  
Fechando a canção nobre  
Com este hino suave de triunfo.

ANTIESTROFE X

E Jove, que os estáticos ouvidos  
Banhava em sem igual contentamento,  
À voz tão sobre humana,  
Que arremedava o seu furor profundo;  
Encosta o corpo atrás, e ri de Marte,  
Que sobre a lança dura  
Pousando a frente sôfrega de rixas,  
Roncava a sono solto,  
Embebido em doçura. Eis manda às Filhas  
Que entre ósculos abraça,  
Peçam sublime dom, digno do Canto.

EPODO X.

Chega-se então a ele a Prole sua;  
C'o a mão mimosa o joelho uma lhe afaga,  
Outra lhe ameiga terna  
Da spessa barba as ondas majestosas.  
A negra sobancelha  
Longo tempo as assusta, as emudece,  
Té que assim desatou a voz melíflua,  
Em nome das Irmãs, a só Calíope:

ESTROFE XI

«Outorga-nos, oh Pai, que o nosso Canto  
Em todo o tempo a todos dê agrado.  
Dos bosques e das grutas,  
Dos montes, rios, veigas, e campinas  
Sejamos por Princesas respeitadas;  
Que os dulcíssonos versos  
Se estendam imortais por sua face.  
Sejam partilha nossa  
Os sonorosos, divinais Cantores,  
Profetas e Adivinhos,  
Que o lume avistam do subtil futuro.

ANTIESTROFE XI

Sejam por nós oráculos cantados,  
E os potentes Sinais mágicas Letras  
De stupendo prodígio.  
Caiba às Musas reger com brando império  
As fúrias do Orco, e do Olvido o sono;  
Notar o curvo trilho  
Dos lumes que no Céu vagos se pesam;  
E sermos poderosas  
De arrancarmos, do vil, corpóreo lodo,  
As almas, para uni-las  
À substância imortal, que as procriara.

EPODO XI

Outorga, que os Heróis, que os Soberanos,  
Que à nossa divindade derem culto,  
Nos Reinos seus, por divos  
Os venerem; que os Reis, por nós ornados  
Com dádivas de louro,  
Sejam pasmo dos homens, quando entrarem  
Com cortejo, nas festivais Metrópoles,  
Ou derem justas leis às pias gentes.»

ESTROFE XII

Já curvando o joelho respeitoso  
A pedida mercê punha assim termo.  
Eis que Jove magnífico  
Largo lh'o outorga, os olhos inclinando:  
«Se todas as mortais que em braços tive  
(Disse) me concebessem  
Tais filhas, ah! quão pouco me ansiaram  
E Juno, e seus enfados!  
Corrido estou dos que ela deu ao Mundo,  
Já monstros aleijados,  
Já prole de execranda valentia,

ANTIESTROFE XII

Como Marte. Mas Vós, caros penhores,  
Que mais, que o lume de meus olhos preso,  
De vossa Mãe no seio  
Vos pus, para encantar homens, e Numes.  
Voltai ao mando, as ondas retalhando,  
E com facunda língua  
Minha glória cantai, e o prémio vosso.  
Vossa Arte as artes todas,  
Oh! gentis Filhas, vencerá sob'rana  
Se não raivar cativa  
Nos grilhões de Artes, às Musas desairosos.

EPODO XII

Qual meneia o Piloto, em mar infido  
Do veli-vago lenho as destras rédeas,  
Rege o Orador os peitos,  
E os Reis regem as ondas da peleja.  
Seja Arte, e experiência  
Embora a regra dos mortais misteres;  
Que em vós só meu furor, do vosso canto  
Sacra fonte será farol, e adorno.

ESTROFE XIII

Qual chama Íman possante a si o ferro,  
E este a si prende um ferro, que outro prende,  
Assim de Apolo o esp'rito,  
A mim subindo, subirá os vossos

Ao conceito imortal, divina ideia.  
Vós alçando, e embebendo  
A mente dos fatídicos Alunos,  
Com seus canoros versos  
Enlevando as atónitas vontades,  
Serão Íman violento,  
Que os ânimos da gente ate, e subjugue.

ANTIESTROFE XIII

Por que em falso não creia esse orbe indouto  
Que da Arte, e do Estro não, a Vós descende  
Vosso lavor sublime,  
Vós, oh Destinos, expulsai-me ao longe  
Toda a arte, que se ufane de apossar-se  
Da primorosa tela:  
Dai, que este meu vigor se rasgue, e estreme  
(Sob vossa mão potente)  
Em Profecia, Amor, Versos Mistérios,  
Quatro alternadas fúrias  
Vosso encanto, e deleite soberano.

EPODO XIII

Não foge tão veloz o raio aceso  
Que despeço da mão, qual voa a humano  
Peito furor divino;  
Se ermo de vícios, rico de virtudes  
Preparado o recebe.  
Que os Deuses, de mui bons, nunca malogram  
Seus dons sagrados de valor subido  
Na alma que em lodo se manchou de culpa.

ESTROFE XIV

Quando eu impetuoso, e furibundo  
Vier turbar-vos o estranhado peito,  
Acolhei tanto abalo;  
Deixai que a alma vos trema à fúria torva,  
Que vos sacode as íntimas entranhas.  
Consenti que ela impere  
No Templo da alma, de que a fiz senhora,  
Que exalando virtudes,  
Verta os arcanos meus no vosso ingenho,  
E deles vos fecunde  
Sem estudo, sem arte, e sem fadiga.

ANTIESTROFE XIV

Mas antes que estas dádivas sagradas  
Nos vates derrameis, tratai que sejam  
Salvos de nódoa os peitos.  
Com santas águas da Castália pura,  
Limpai o cofre, que tais dons recolhe:



Que é mais grado, e mais nédio  
O trigo em terra estreme semeado. –  
Puro, e nítido o Ingenho  
Súbito solta arrebatados voos;  
E vai seu furor délfico  
Pôr de assento no coração dos homens.

EPODO XIV

E quem sem meu furor cantar se atreve  
Órfão de graça, e de altivez falido  
Verá seu charro metro;  
Combalidos, e pecos os abortos  
Virão da veia sua,  
Forçados frutos de infeliz terreno!  
Por que luz venha às gentes, que a Poesia  
Não é poder humano, é dom divino.

ESTROFE XV

Os que eu, para Poetas invejados  
Escolhi, por arbítrio meu supremo,  
Intérpretes sinceros  
Das vontades dos Numes serão ditos:  
Bem que os apode loucos, furiosos,  
Maldizente vulgacho,  
Sempre avezo a morder c'ó injúrio dente,  
Fâmulo, a cada Vate  
Doar-lhe quero, obediente, e prestes,  
Que os mandados lhe observe,  
Espírito sujeito ao Vate ilustre.

ANTIESTROFE XV

Ide, que é tempo, os Campos espumosos  
Sulcar, oh Filhas, doce glória minha,  
Meu brasão mais facundo.  
Ide minha Progénie mais amada,  
Bem que grão prazo não hajais, no Mundo,  
De ter firme aposento.  
Que há-de estreitar-vos a arripiar caminho  
Bruta Ignorância ousada;  
Té que um Faro de Luz Latina, e Grega  
Vos guie ao chão deixado,  
E a pedestre Ignorância ponha em fuga.»

EPODO XV

Nisto, Jove as redondas faces enche  
De soberano espírito, que infunde  
Nas divinas Donzelas;  
E de mimo lhe of'rece o alaúde,  
Que armou Cilénio alado.  
Já fendem, perfiladas, as planícies

Do Oceano, c'os braços denodados;  
E os mares rebatidos remurmuram.

ESTROFE XVI

Salve, oh Prole divina, florescente;  
Dai calor a meu ânimo, que enrame  
Deste hino as verdes folhas,  
E as engrinalde em círculo completo.  
Desnevoai-me a mente, e arrojai longe  
O sob'rosso do vício.  
Oh dai-me atalaia com sempre aguda  
Vista, dos Céus o arcano,  
E os versos escolher, que mais contentem;  
Com que Aluno das Graças  
Cante o meu Protector na Lira vossa.

ANTIESTROFE XVI

Vinham talhando as ondas azuladas  
C'os peitos de alabastro, quais de Reinos  
Longínquos vêm surgindo  
Sobre o horizonte, de nove nuvenzinhas  
No profético seio das Sibilas,  
Que um Nume aquece, e inflama,  
Logo de aguda luz cravando a farpa,  
Às gentes cobiçosas  
De ver, entre rebuços, seus desejos,  
Dão novas do futuro:  
Enleio a língua, escuridão as vozes.

EPODO XVI

Já respostas proféticas se alargam  
Por toda a redondeza; e vão os Versos,  
Ditados por Apolo  
Revestir os Oráculos antigos.  
Em verso as Leis se encerram;  
A Amizade dos Reis o Verso a alcança;  
O Verso, para as ínclitas empresas,  
Arma, e robora dos Heróis o brio.

ESTROFE XVII

Ao santo brado seu logo acordaram  
Adivinhos, e Alunos seus vieram  
Os Divinos Poetas.  
Divinos; que sem arte, e sem rebuço,  
A livre Natureza descifravam.  
Sem arte, mas com Estro  
Davam vida a singelas escrituras.  
Museu, e Orfeu vieram  
Eumolpo, Lino, e Ascreu; e esse Divino,  
Com cujo Canto, a Grécia,

Se ergueu sublime, perenal triunfo.

ANTIESTROFE XVII

Insanos, e co'a branda acesa farpa,  
(Das virgens tiro), que arde na alma, e ferve,  
Os segredos dos Numes  
Com coragem frenética assoalham.  
Alta noite os Esp'ritos bons, e as Musas  
Lhe apareciam, quando  
Pastoravam seus bois no campo ervoso;  
E ao som de águas saudosas,  
Sacros Ministros de Orgias, e Mistérios  
Ledas os promoviam,  
Travando em cerco Báquicas Coreias.

EPODO XVII

Traz estes sacros Vates, grande turba  
Os Poetas humanos, nova messe  
(Somenos dos primeiros)  
Chegou. E como derradeiros vindos,  
Com arte entristecida  
Com estudo, traíram, deslustroso,  
Os versos muito aquém dos de alta veia,  
Frios do antigo ardor sagrado, e santo.

ESTROFE XVII

Um da guerra, que o fero Adrasto a Tebas  
Conduzira, embocou a horrenda Tuba;  
Da Noite os alvos fochos  
Este canta; outro lavra em verso a Terra.  
No discrime da flauta a sete vozes  
Inventou a Sicília  
Cantar rebanhos. Os Téssalos vogavam  
Na Scítia, em sons mais nobres.  
Um de Cassandra a fúria ; outro sublima  
Aos Céus, Régios entrecos;  
Ou Facécias no humilde soco moldam

ANTIESTROFE XVIII

Longo tracto de tempo já corrido  
Traz os Vates humanos, bafejaram  
Com sua graça as Musas  
Os ouvidos dos Quirinais profetas  
Nunca igual à primeva nem segunda,  
Com já cansado alento  
Como última chegada os comoviam.  
Mas na lira rebelde  
Tanto os ávidos dedos calejaram,  
Que seu gorjeio illustre  
Mais alto soa, que do Império o grito.

#### EPODO XVIII

Populosas Províncias instigando  
Armava então a rústica Ignorância,  
Contra as nove Camenas,  
A cegueira dos Príncipes feroces.  
Ante as de aço luzente  
Cerradas hostes, pávidas as Musas  
Deixam a Terra; o voo aos Céus estendem,  
Onde entram açodadas arquejando;

#### ESTROFE XIX

E do trono paterno vão em roda  
Sentar-se; e ali c'o Irmão vidente Apolo,  
Cantam o poder sumo  
De Jove. Os Divos nunca sem as Musas  
Algo empreendem, ou já sejam de vodas  
Em solene Festejo;  
Ou já co'a alterna dança o Empireu alegrem.  
Mas já lá assola o termo  
Que as há-de apressurar a tomar no Orbe  
Nova e longa pousada.  
Eis, com seu passo eternamente firme,

#### ANTIESTROFE XIX

Júpiter do alto sólio se abalança;  
Das Nocti-genas Parcas guia à sala  
A planta omnipotente. –  
Até coxas lhes desce o traço curto;  
Do tronco Dodoneu a espessa coma  
Lhes dá sombra às melenas  
Caídas, tristemente branquejando.  
Em três coxins sentadas,  
Cingidas junto ao peito, em roda fiam;  
Com sobreceño esquivo  
Da crespa fronte a catadura afeiam.

#### EPODO XIX

As maúças dos fusos se estrelavam  
Com ruivas sardas de áspera ferrugem:  
De aço duro coberta,  
Nos quadris se atravessa a fatal roca.  
Num Cofre, em meio delas,  
Cerra o Tempo as tarefas, cerra os fusos;  
E os curtos, longos fios, lisos, broncos,  
(Como o Fado assim quis) bem, mal, dobados.

#### ESTROFE XX

As três Irmãs, à dura lida atentas,

Fadado carmen roucas murmuravam,  
Fiando o estame vivo  
Do caro Polião vindoura forma.  
Cloto, que o fio torce, estes dous versos  
Nove vezes re-canta:  
«Torço a vida, qual nunca mais formosa  
Meus dedos retorceram.»  
Mal que foi nu, da massaroca de ouro,  
O fuso, a toma o Fado,  
E de Saturno, e Rea ao Filho, a entrega.

ANTIESTROFE XX

Logo Jove, em presença dos mais Numes,  
Molda de massa etérea um corpo humano,  
Com suas mãos Celestes:  
Faces lhe avulta, alisa a grave fronte,  
Afila-lhe o nariz, rasga-lhe os olhos;  
E com sopro Divino  
O Sp'rito lhe infundiu que em mil virtudes  
Vinha todo banhado.  
À perfeição da ilustre forma assistem  
As nove Filhas suas,  
Ao alto Padre atentas, que assim fala:

EPODO XX

«Nada hajais de temer: que um douto Guia  
Neste vos dou, quando outra vez ao Mundo  
Baixeis. Segui-o ousadas;  
Que em seu saber seguro vos doa armas,  
Que todo o susto espancam.  
Despojai-vos de pálidos receios;  
Que o General intrépido, e prudente  
Derrotará as hostes da Ignorância.»

ESTROFE XXI

Eis, co'elas perfiladas, verte o Guia  
A terra o voo: as líquidas campinas  
Talham co'a afouta dextra,  
Sobre alígeros ventos reclinadas.  
Tal vemos, entre as nuvens, ir voando  
De Grous, de brancos Cisnes  
Ordenado esquadrão, seguindo o rumo,  
Que o Antesignano [xxviii] enfia.  
Co'a Terra investem. Logo no horizonte,  
Que fuzilou da esquerda,  
Claro sinal se abriu, que são chegadas.

ANTIESTROFE XXI

Cara Musa, que Zéfiro, soprando  
Mais que rijo, o baixel, em que eu sulcava

Com infunadas velas,  
Os moles combros de água, assim arriba,  
Torna à marcada areia o teu Aluno?  
Não vês Varrão na praia,  
Co'a vista, e meigo aceno convidar-te?  
Não vês a Ninfa sua,  
Plautina, que te chama, à foz do porto,  
C'os lumes da alva face  
Que de Estrela polar te estão servindo?

EPODO XXI

Dá-te pressa a ferrar o solto pano,  
Que a Canção vai prolixa. Teme, oh Musa,  
De dar à Inveja assunto,  
Que sacrílega vibre a língua, e trace  
De me afundar o nome  
Na água do Olvido. – Ah! quanto mais no fundo  
M'ó calca, mais escoa, e vem boiando,  
Qual vem leve cortiça à flor do pego.

ESTROFE XXII

Não curves, nem aos ladros desse Monstro  
Espáduas fugitivas acobardes.  
Grão mal é a Desventura;  
Mas é suprema glória dar invejas.  
Ancorada no porto da Ventura  
Tua lida irá sentar-se  
Aos pés de imortal Nume; e esses; que a aborto  
Força canina inveja  
(Que em se morder os membros gasta a raiva)  
Versos, dous Sóis não duram)  
Sem perder a zombada, ignóbil vida.

ANTIESTROFE XXII

Branda Lira, urde ainda um Canto ao Sábio  
Que te dá doce afã na Dória corda.  
Que a afouto Vate nunca  
Tolheu torrente rouca, íngreme rocha  
De ir respirar suavíssimos perfumes  
Junto dos bons Esp'ritos,  
Que dão alma ao saber, à Melodia.  
Quem, com braço vaidoso,  
Poderá este Hino aos Céus lançar tão alto,  
Quanto é virtuoso, e instruído  
O Varão, que é tão digno de meus versos!

EPODO XXII

Pregoando os seus dotes, e grandezas,  
Por sete línguas desta Lira de ouro,  
Não quero entoar d'Ele

Hipérboles, que Síndicos me estranhem.  
Amo cantar sincero,  
Que Ele orna a Terra, como a Perla a C'roa:  
Que em Justiça, em Verdade, em Leais feitos  
Leva às antigas eras gran ventagem.

ESTROFE XXIII

Desceu co'as Musas a adornar de novo  
O desalinho do Orbe. Ele a quem ornam  
Tantas prendas nativas,  
Com suas letras as alçou de estima:  
Seu nome egrégio aformosando tudo;  
Ou já com pés medidos  
Assujeite a escritura a ritmo estreito;  
Ora em números soltos  
Outorgue passo franco à pena. Ele honra  
Quem as Castálias ama;  
Guia-lhe o ingenho e o bom lavor lhe agrada.

ANTIESTROFE XXIII

Canção respeita o seu sublime esp'rito,  
Como vindo dos Céus, a espargir brando  
As nossas Leis severas  
Com mel suave de Áticas Abelhas.  
Ele à sacra Balança na alta dextra  
Tem o fiel seguro:  
E com agudos olhos indefessos,  
Nos bons, nos maus cravados,  
Na esconsa estrada os vela, e inda na plana.

EPODO XXIII

Ao ruído da minha Lira, inquietos  
Olhos derrama a Pátria, e atenta em torno  
Onde encravar-se irá  
O farpão, que tão destramente vibro  
Ao fúlgido Alvo insigne.  
Virtudes, que pedis virtuoso encómio,  
Trair-vos fora, não mandar, com claro  
Pregão, o vosso nome, a estranhos Climas.

ESTROFE XXIV

Um despende, em tal lida, ávido, os anos,  
Quando outro a seu sabor vário os diverte:  
Tua alma, oh Polião caro,  
Só no que é bom se enleva, e no que é justo.  
Não sem causa Cesónia, alta Princesa,  
Teu mérito atinando,  
De tão boa, a Ti bom, a si atraí.  
Bem que com dura lança  
Seu pai domou alvorotadas iras

Da Volânia; e com ouro  
Grego e Latino redourou o Reino;

ANTIESTROFE XXIV

Jamais obrou acção de tal valia,  
Como o ter procriado a flor viçosa  
Desta imortal Bonina  
De imortal graça, de imortal talento;  
Em que o Céu se revê, o Céu se enleva,  
E fito emprega a vista  
Nos dons, com que lhe ornou o ínclito Esp'rito.  
Com verso ousado, e nobre  
Já me cinjo a cantá-la, a meu contento,  
Apenas dê remate  
Aos louvores do Tronco seu excelso.

EPODO XXIV

Mas da Ode as leis me tiram já do braço,  
E já me acusam de estender tão longe  
As dobras de meu Canto.  
Pois que a flux esta Flor cantar me vedam;  
Estranho ardor me lavra  
De ir meus gorjeios desferir canoro  
No teu ouvido; e o meu potente encanto  
Entranhar-to no seio negocioso.

~~~~~

Bem capacitados creio todos os que me conheceram, que nunca peguei na pena com intenção de que fossem impressos os meus escritos. Fiz versos por desenfado, e para descarregar a mente das ideias, que se amotinavam de encerradas. – Aqui vinha a pedir de boca a comparação com o alvoroço dos ventos na caverna de Éolo, e o citar *–illi indignantes magno cum murmure montis, circum claustra fremunt;* e depois, para a destemperada torrente, que de versos impetuosos se tem há mais de quarenta anos despenhado por esse mundo de Cristo, citar o – *Quid data porta ruunt!* – Mas, viva a Modéstia! que desmente muito a bazófia com a pobreza. Aos meus versos que andam impressos essa, e nunca essa outra lhes deu Carta de alforria. Comecei por uma Ode à Rainha N. S., para lhe lembrar (no caso muito duvidoso, que lhe chegasse às mãos, que um vassalo seu vítima de caluniosa inveja padecia em longo desterro trabalhos, e penúria, de que não era merecedor; dos quais S. Majestade podia por sua Justiça, e sua Benignidade liberá-lo. Este o motivo da primeira Ode impressa. O caminho uma vez aberto, e franqueado o primeiro passo, veio a Amizade requerer seus direitos, e sai à luz em segundo folheto; daí em segundo, e mais terceiro *et reliqua*, continuando sempre na suposição, que não chegaria o cabedal de minhas folhas a avultar em livro: porquanto nunca me conheci com juízo para tanto. Vai senão quando; eis que folha sobre folha foi medrando o Volume; e quando menos me precatava, achei-me Progenitor dum tomo impresso com mais de trezentas páginas inchado. Já lhe não podia ir à mão. – *Nescit vox missa reverti.* – Esta Ode foi quem me abriu os olhos, nesta nova impressão, acerca do vulto que já faziam as miúdas burundangas poéticas. Enquanto ia folha a folha, nunca lhes somei a conta; mas esta tal Ode-zinha desmediu-se tanto com a patarata de Epodos, e Antiestrofes; entumeceu-se tanto com os acréscimos das notas que (desconforme do comedimento



e humildade das outras) deitou por esses trigos, demasiando-se em dobro, e tresdobro das suas Camaradas; como mulher de Mercador rico, que vai à igreja com roupas de *afasta afasta*, e ocupa com a refastelada redondeza o lugar de duas Damas, e uma Criada. – Achais que passa de longa? Também eu. Fazei à Ode, o que eu fazia aos escarramões, quando era estudante, partia-os pelo meio, e comia a primeira metade, e depois a segunda.

Se eu para desculpar a desmesurada gigantês desta Ode, me quisesse escorar em algum exemplo, mui volumoso o tinha eu nas Odes do Senhor Bezerra, que como Professor da Universidade deve mui bem saber todas as bitolas duma Ode. Ora ele faz odes *sine fine dicecentes*. Ergo Rosas.

Direi, por fim como um amigo meu pôs por epígrafe nas suas Obras:

Se as Odes do Bezerra, e do Talaia, [xxix]  
Sem pejo, se imprimiram;  
Quem tolhe à Minha Musa, que Ela saia  
Por onde essas saíram?

## DESVARIO

..... Dieu ne fit la sagesse  
Pour les cerveaux Qui hantent les Neuf-Soeurs.

LA FONTAINE

QUE deus? que homem? Que musa? ou que demónio  
Me aturdiu a cabeça sossegada,  
Com revoltos poéticos vapores?  
Que tinha eu com Apolo, e co'as Piérias?  
Com Pégasos, Parnassos, Hipocrenes,  
E outros sonhos de Orates rematados?  
Quem quiser perder tempo, perder siso,  
A saúde estragar, vazar a bolsa,  
Tome dos versos a fatal mania:  
Que a Deusa dos Poetas logo ordena  
Que para bem cumprir c'os estatutos  
Da tresloucada, pobre Confraria,  
Em que o boçal verzejador se alista,  
Não coma um só bocado com sossego,  
Nem breve noite durma a sono solto:  
Mas da boca a comida mal-mascada  
Passe ao ventre voraz mal-engolida,  
Se erga da mesa, encaixe o consoante,  
Que escarnicando, e a acinte lhe fez foscas;  
Que no roto enxergão perneie insomne,  
E de Febeus Duendes avexado  
Tresvalie com oucas ventoinhas .  
Quando a Manhã com dedos cor de rosa,  
Vem as portas abrir ao sol que acorda;  
Quando todo o mortal, esperguiçando,  
Estira os braços, pálpebras desgruda,  
Põe o fito no almoço, ou no trabalho,  
O pobre Vate estremunhado busca  
O fecho atarracado duma glosa,  
Ou rói e escarva nas pecantes unhas,  
Maldito encantoado consoante.  
E o como arqueia na franzida testa  
Espantados, e fitos, grandes olhos,  
Quando revolve no azoado ingenho  
Pensamento subtil, valente frase,  
Ou desvairadas fúrias de altas Odes!

~~~~~

Para bem conhecerdes estes loucos;  
Darei alguns sinais. Quando vós virdes  
Um homem de conversa atrapalhada,

Estouvado no trato, em termo, em gesto,  
Que vai pelos passeios, pelas ruas  
Ruminando quimeras todo absorto,  
Aqui se enxurda, ali marra co'a gente;  
Passa, como um sandeu, dum cabo ao outro,  
Sem caminho, ou carreira concertada;  
Em casa, e fora, fora de si mesmo,  
Embebido no espaço imaginário;  
Não cuidar nos seus bens, no seu alinhô,  
Nem cortejar a Deusa da Fortuna,  
Para alcançar, por graça, o metal louro,  
Que dá Vida agradável, Honra , Amigos;  
Por Poeta, ou por doudo, que é o mesmo,  
logo m'o assinalai em bom canhenho.

~~~~~

Pois se como a possesso espiritado  
O Demónio o aguilhoa co'a veneta  
De imprimir engrazados consoantes,  
Então lhe quero eu lágrimas e afano. –  
Em casa do Impressor lá estão alerta,  
Esperando o suado manuscrito,  
Consumições de cobres, amarguras,  
Erratas de impressão, logro de Obreiros,  
Gatunices do Proto, papéis faltos,  
As correcções sem cabo, e sem medida,  
Cheios de erros, e sem sentido os versos;  
Depois de trinta provas emendadas.  
Que loucura! Que absurdo indesculpável,  
Perder tempo, e saúde, e paciência  
Perder as belas louras reluzentes,  
Ganhadas com suor, talvez sumidas  
Aos olhos do apetite mais guloso,  
Por ir em negra estampa correr mundo  
Apôs um nome vão. Bem peço fruto  
É o ser por bom Poeta decantado.

~~~~~

Ah! se a Diva Razão, compadecida  
Da enfermidade que lhes lavra na alma,  
Lhes corresse a cortina do Futuro,  
E lhes mostrasse o mar calamitoso,  
Crespo de escolhos, denso de naufrágios,  
Onde irão mil Poetas dar a pique,  
E engrossar o cardume dos passados;  
Talvez que o medo lhe encolhesse as asas  
Da presunção balofa de ser lidos .

Tomai exemplo em mim, Ingenhos cegos.  
Que ganhei eu c'um Cartapácio de Odes,  
Com dez cansados lustros de Versista?  
Risos, Invejas, Críticas, Calúnias  
Breve Fama, Desterro, e desamparo.

## ODE

..... Quem tu, Dea, tempore in omni  
Omnibus ornatum voluisti excelere rebus.

LUCRET. *Lib. 1.º, vers. 57.*

**N**ÃO quero cantar Moças, que estou velho,  
    Ensosso, e derengado:  
Já pendurei de Vénus nas paredes  
    Do namoro as insígnias ;  
E a Lira desmontei das meigas cordas  
    Que discantaram Márcias,  
Delmiras, Élias, mil formosas Ninfas  
    Do saudoso Tejo.  
Hoje o meu Araújo só pertendo  
    Entoar nos meus versos.  
Ele os finais acentos de meu Canto  
    Aceitará benigno.  
Se as flores me aceitou a Formosura,  
    Colha a Amizade os frutos;  
Mais sazonados são, se mais tardios  
    Os tributos do Outono.  
Dize, oh Musa, quem deu prendas tão amplas;  
    Quem de índole prestante...  
Eis que rodear-me vejo as Musas todas,  
Clamando de contentes:  
«Nós fomos quem no berço o embalámos  
    Com Délias Cantilenas.  
Nós o talento, nós a mente vasta  
    Lhe povoámos ledas  
De jucundo saber, de quantas artes  
    Te enlevam, quando o escutas.  
Mas nossa Mãe Mnemósine, que olhava  
    Tão donosa porfia,  
A qual primeira, com seus dons o ornasse,  
    Risonha nos reprende:  
– Que podeis vós sem mim? O saber todo,  
    Que lhe verteis no engenho,  
Resvalará, se o cravo lhe não pondes  
    Da ferrenha memória.  
Essa seja o meu dom, meu dom nativo ,  
    Com que me prendou Jove. –  
Logo as Graças (das Musas Companheiras)  
    E, por todas, Aglaura,  
Como quem de maior tesouro é rica,  
    Diz com despejo airoso:  
«E quando o vosso Aluno tenha todas  
    As artes, as ciências  
Bem encravadas co'a tenaz memória,  
    Qual é vossa ufanía!

Será sábio, e enfadoso como um livro,  
Se lhe falece o enfeite  
Do mimoso primor, da gala nobre,  
Que tudo aformoseia;  
Essa lhe damos nós; essa é o enlevo  
Dos que melhor juízam.»

# IMITATION

## LIBRE E BADINE, DIFFUSE, BABILLARDE

Ridentem dicere verum  
Quid vetat?

HORAT. *Satyr. 1.*

~~~~~

On peut en badinant dire la vérité.

**J**E ne chante plus les belles;  
L'amour propre, ou le bon sens  
M'avertit depuis longtemps  
Que je suis trop vieux pour elles:  
Dans le temple de Vénus,  
À côté de son image,  
Déjà dorment suspendus  
Les frivoles attributs  
Des plaisirs de mon jeune âge.  
Sur les bords heureux du Tage,  
Imitant le doux langage  
De Flacus, d'Anacréon,  
De Tibule et de Nason,  
Autrefois j'ai peint Delmire.  
Flore, Ima, Cloé, Thémire;  
Et mille autres de ma lyre  
Ont aussi goûté le son:  
Araújo est le seul nom  
Qu'aujourd'hui ma voix entonne;  
C'est à lui que je prétends  
Consacrer mes derniers chants,  
Et tresser une couronne.

Si les jeux ont emporté  
Mon printemps et mon été,  
Douceuse ou folichonne,  
Là ma Muse n'a chanté  
Que l'Amour et la Beauté;  
L'Amitié me le pardonne,  
Et reçoit avec bonté  
Les tributs de mon Automne:  
Fructidor les a mûris,  
Et l'estime qui les donne  
Est aussi de quelque prix.

Toi de qui le feu m'inspire,  
Et seconde mes transports,  
Viens, ô Muse, me redire

Quelles mains, dans un seul corps,  
 Assemblèrent sans mesure  
 Tous les dons de la Nature;...  
 Qui versa tant de trésors  
 Dans cette âme noble et pure!...  
 À ces mots, soudain je vois  
 Les neuf doctes Immortelles  
 Accourir autour de moi:  
 «C'est nous-mêmes, disent-elles;  
 Le former fut notre emploi.  
 Dès l'instant de sa naissance  
 Nous soignâmes son enfance;  
 Chaque jour à son berceau  
 Nous allions avec tendresse  
 Répéter quelque air nouveau  
 Des cantiques du Permesse.  
 C'est par nous qu'il fut instruit;  
 Nos mains mêmes l'ont conduit;  
 Par des routes lumineuses,  
 Jusqu'aux sources généreuses  
 Du savoir et de l'esprit:  
 D'une culture divine  
 Ses talents sont l'heureux fruit;  
 Reconnais leur origine:  
 Notre mère Mnémosine  
 Contemplait d'un oeil ravi  
 Ce disciple si chéri;  
 Elle observe, elle examine  
 Comme chacune à l'envi  
 Le caresse et l'endoctrine:  
 Les enfants profitent bien,  
 Quand les maîtres sont habiles;  
 Mais leurs fibres sont débiles,  
 Leurs cervelles trop mobiles;  
 Et moi seule ai le moyen  
 De les rendre moins labiles:  
 Sans mémoire on ne sait rien;  
 Tous vos dons les plus utiles  
 Ne sont que des dons stériles,  
 Nous dit-elle, sans le mien;  
 Du savoir, de l'éloquence,  
 La mémoire est le soutien,  
 Et c'est moi qui la dispense.  
 Puis d'un air doux et riant:  
 Ce trésor, ce don suprême  
 Que me fit Jupiter même,  
 Je l'accorde à cet enfant.

Le charmant trio des Grâces,  
 Qui des Muses suit les traces,  
 Vint aussi donner sa voix;  
 Aglaé, la plus capable,  
 S'exprima pour toutes trois



Avec une aisance aimable:  
Souveraines des beaux arts,  
Des esprits et des oreilles,  
Vos leçons vos doctes veilles,  
Le pouvoir de vos regards  
Font sans doute des merveilles  
Mais pour votre nourrisson  
Je connais un autre don  
Nécessaire à votre gloire:  
Le trésor de la mémoire,  
Enrichi d'un vaste amas  
De sublimes connaissances,  
De mots, d'arts et des sciences,  
Forme un grave savantas:  
Que doit-il de-là s'ensuivre?  
Vous aurez un froid pédant,  
Un parleur sec et pesant,  
Ennuyeux comme un gros livre.  
Être aimable est le grand point;  
Un *bel art* c'est l'art de plaire;  
Nul sans nous, ne peut le faire  
Et sans grâce on ne plaît point:  
Agrémens, goût, élégance,  
Politesse, noble aisance,  
Aux talents, à la science,  
Tout cela doit être joint:  
Unissez à la sagesse  
Cette grâce enchanteresse  
Par qui tout est embelli:  
À ce jeune favori  
Nous faisons cette largesse;  
Votre ouvrage est accompli.»

ANT. MATHEVON DE CURNIEU [xxx1]

## FÁBULA

No cristal duma fonte clara e pura  
Uma Macaca estava contemplando  
A sua formosura:  
Os momos, e os pulinhos revezando,  
Da sua presunção indícios dava,  
E de ser bela, com prazer, gozava.  
Um Burro, que pastava  
Não longe do mostrengo presunçoso  
Condoído as orelhas sacudia.  
E consigo dizia:  
«Se, ao menos, o meu porte grave, e airoso,  
Se a minha voz tonante ela tivera,  
De ser vaidosa a permissão lhe eu dera.»

~~~~~

Quantos conheço aí, que tomam azo  
De notar erros meus; e estão no caso  
Do Burro, e da Macaca!

## ODE

..... Non Aquilo impotens  
Possit diruere, aut innumerabilis  
Annorum series et fuga temporum.

HORAT. *Lib. 3. Od. 30.*

PROMETEU, quando quis, industrioso  
Dar alma à humana forma, que plasmara,  
Roubou dos Céus a sempre viva flama,  
De Minerva amparado.  
E disse ao Homem: «Tu darás ao Mundo  
Filhos de bem diversa natureza:  
Tais têm de atravessar perecedouros  
O quedo stígio Lago;  
Que deixaram de si curta lembrança;  
E quais ruim; nenhuma, a maior parte.  
O Olvido, c'o seu negro mudo manto,  
Tem de os cobrir sem termo.  
Mas os filhos do Ingenho, que derivam  
Dos Céus a altiva Origem, terão vida  
Tão longa como os Astros, que desdenham  
Da barca de Caronte.  
Semelhantes a Palas, quando rompe  
Do cérebro de Jove, vem armados  
De arremessões fulmíneos contra o Olvido,  
Contra a fouce da Morte.

## SONETO

D'HÁ longos dias Vénus reparava  
Que seu filho Cupido emagrecia:  
A viva cor no rosto emortecia;  
A rapidez nas asas afrouxava.

Solícita o Concelho convocava  
Das Ninfas, e remédio lhes pedia  
Para o filho doente, em quem bem via  
Quão mal do Império as rédeas meneava.

Depois que sobre o mal bem consultaram,  
A flux concluem todas, que era *Tédio*.  
Receitam perrexis espertadores,

Mil drogas, não aceitas, apontaram...  
– O Ciúme (diz Vénus) é o remédio  
Provado contra o tédio dos Amores.

## SAUDOSA INFÂNCIA

**D**ONOSOS dias de feliz memória,  
Quando em vós cuido, cuido ir remontando  
A contraveia o Rio de meus anos:  
As flóreas, frescas ribas me deleitam  
Respiro o ar puro da manhã da vida.

## ODE

COMENTÁRIO sobre o *Addis cornua pauperi* de Horácio *Lib. 3. Od. 21*. Mal entendido até aqui pelos seus expositores.

..... Injuriū est de Poeta male sobrio  
Lectorem absteniūm judicare.

AUSONIO

**P**OETAS por Poetas sejam lidos:

Sejam só por Poetas explicadas  
Suas obras divinas: que não lavra  
No esquivo ingenho dum Bentley Saturno,  
Dum Minélio, um Juvêncio apoquentados  
A sacra chama do Estro desenvolto.

Como pode colher um acanhado  
Seco comentador a ideia altiva  
Dum destemido Vate ali potente,  
Que dum ao outro Pólo estende o voo,  
Quando ele as asas tem agorentadas?

Deste erro vem, deste falaz desforço  
Tanta inépcia, e sentido extraviado!  
Tão pesados juízos, tão perluxos,  
Recheados de tão frívola sabença;  
E os lugares difíceis que eles saltam  
Como faz por brasido qualquer gato.

Cada qual de sua arte fale e escreva:  
Comente a Euclides, Newton e Descartes,  
De Demóstenes Túlio nos dê conta,  
E a Píndaro interprete e siga Flaco,  
E falaremos todos com acerto.

*Et addis cornua pauperi* tegora

Absconso, escuro foi. Versão genuína  
Não achei em Pai velho, em Cartapácio  
Nem sentido frisante lhe foi dado  
Que me enchesse as medidas do desejo.  
Inda os mais sabichões, que mais se gabam  
De terem as entranhas do conceito  
Esgravatado com prolixos olhos;  
Nem mesmo às cegas inda o apalparam,  
Que nenhum se lembrou, que o Venusino  
Foi Poeta, e Profeta neste texto:  
Que o nome *Vate*, em Délfico sentido  
Inclui os dois potentes atributos.

Sim: que é Vidente um Vate; que o Futuro  
Rastreia, e fere com a aguda vista,  
Como mimoso do Vidente Apolo,  
E a quem franqueia o dom, com que entre os Divos,

Claro e sublime, a todos se aventaja.  
 Horácio tinha pois os olhos fitos  
 (Como desta Ode, quem vê claro, colhe)  
 Na célebre Paris. – Não qual ela era  
 Tugúrio vil de pobres pescadores;  
 Mas, na Mãe das Ciências, e das Artes,  
 No centro do bom gosto, e áureo luxo.

Via virar desta Era a ingente roda  
 Pejada de recônditos sucessos;  
 Com ela voltear cabeça abaixo  
 Torpe Devassidão, insano Jogo,  
 Infame Embriaguez, que facilmente  
 É das mais feias culpas a Princesa.

Via que assim correndo atropelava  
 Os breves anos, as fugaces Horas.  
 E via Baco de luzente face,  
 Que sobraçando a mosqueada pele,  
 C'o açoite, que assomado destorcia,  
 Levava a trote os bandos do vulgacho;  
 E apontando-lhe o ramo embandeirado,  
 Com as mãos estendidas abarcava  
 O couce das ranchadas; pelas portas  
 Das *Guinguêttas* os empurrava a froxo.

Via por certo, e de bem longe, Horácio,  
 Que *per fas*, e *per nefas*, nos Domingos  
 Por uso usado, e por pecado velho  
 Toda a cabeça de artesão, e obreiro  
 De bandas tomar deve a cabeleira.  
 O jornal da semana é cousa ténue:  
 Se co'a padeira, se c'o taverneiro,  
 Co'a tenda o aranzel se ajusta, e paga,  
 Pouco, ou nenhum dinheiro nas mãos fica,  
 Com que uma cã se tire na *Guinguêtta*,  
 Entre o assado peru, e a larga pinga.

Que regresso? – Nenhum. – A sede aperta:  
 Aferrado nas roscas da goela  
 O vermelho apetite da canada  
 Pica, puxa, arrepela, aflora, esgana,  
 E Baco o está de longe convidando.

#### MULHER

«Lá vai fulano para a Casa-branca  
 Braços dados co'a sua Maricota.  
 Como vão guapos! se ela fora arisca....»

#### MARIDO

«Ele é feliz, que tem mulher, que ajude  
 A levar este carro de misérias.»

~~~~~

Sede infame de vinho baptizado,

A quanto obrigas, quando o peito abrasas!  
O sôfrego marido fecha os olhos  
A um meigo gesto, a um requebrado riso  
Com que a mulher engoda o dadivoso;  
E afrouxa as rédeas do áspero Recato,  
Deixando acrescentar mais uma ponta  
À Vulcânea grinalda retorcida,  
Com que à risca, e sem vesgo Comentário,  
Se cumpre no pobrete o puro texto  
*Et addis cornua pauperis* de Horácio.



# FÁBULA

## O RATO E O VAGA-LUME

RATO

ESPERDIÇAS a luz.

VAGA-LUME

Que te alumia

RATO

Em bom lavor te empregas?

VAGA-LUME

Tu o destróis.

RATO

Aturado me ocupo.

VAGA-LUME

Quando róis.

RATO

És um ocioso.

VAGA-LUME

Sou de noite guia

~~~~~

O Vaga-Lume é o Sábio, o Rato é o Crítico.

## ODE

..... Te peritus  
Discet Iber, Rhodanique pотор.

**L**ENDO os teus versos, numeroso Elmano,  
E o não-vulgar conceito, e a feliz frase,  
Disse entre mim: «Depõe, Filinto, a Lira,  
Já velha, já cansada:  
Que este Mancebo vem tomar-te os louros  
Ganhados com teu Canto na áurea quadra,  
Em que ao bom Coridon, a Elpino, a Alfeno  
Aplaudia Ulisseia.»  
Rouca hoje, e sem alento a minha Clio  
Não troa sons altivos, arrojados:  
Vai pedestre soltando em frouxo metro  
Desleixadas Cantigas.  
Desceu Apolo, e o Coro das Donzelas  
À morada de Elmano; e esse, que outrora,  
Canto nos dava nome, o pôs na boca  
Do novo amado Cisne.

## PROFECIA

QUE tristezas alegres vão subindo!  
E que alegrias tristes vão descendo!  
Nascem nos troncos de folhuda rama  
Elefantes, Onções, e Crocodilos.  
Aqui pára o pincel, ali a pluma :  
Vivo traslado de não visto corpo.  
Em rodas de ouropel passa, e transpassa  
O rotundo esquadrão dos infinitos.  
O galhudo pastel dos consoantes  
Ao sopro tremerá da canafístula;  
Sem descer dos Tirintios almagrados  
Nota de despeitosas afluências .  
Virá tempo, em que a língua Lusitana  
Seja nova Babel de escuro enleio;  
Aversa, mixtiforme algaravia  
Galo-Lusa invenção aperaltada.  
Virá um espantalho Legatório  
Enrufado peru, impando alcunhas,  
Ditar ufano bárbaras soalhas  
Que envoltas em dourada Holandez [xxxiii] folha,  
Vão pela posta desgostar a Europa.  
Que não verão os séculos vindouros!  
Verão águas descerem por penedos,  
E penedos descerem pelas águas.  
Os corníperles Faunos, Egipanes,  
Vestidos à Mourisca, os Campanários  
Revolver com perluxa garridice;  
Lindos Orangotangos sorver a esfera  
Diamantina da estática lembrança,  
E avesso co'a mestiça gerigonça  
Erguer o Tejo a encanecida frente,  
E os olhos verde-mares derramando  
Por todo o Cais da pedra, e Boavista,  
Perguntar às lindíssimas Nereias,  
Que bárbara Nação, sem que ele o saiba  
Conquistar veio a mísera Ulisseia,  
E dar-lhe a nova língua enlabuzada?  
Que há muito sabe, os Vencedores darem  
A sua língua aos Povos que hão vencido.  
O que porém lhe enche a alma de ânsia, e pasmo  
É ter sido a conquista tão calada,  
Tão oculta, que andando noite e dia,  
Rondando aquelas praias, não lhe veio  
Aos ouvidos ruído de tambores;  
Nem estrondo de grossa artilharia,  
Como se usa no conquistar dos Reinos.  
Só conheceu que estavam conquistados  
Os Lusos, quando ouviu o novo enleio  
Da linguagem bastarda, tão diversa  
Da que o Camões cantava à sua beira,

E o fez ali deter-se, e as suas Ninfas,  
Enlevados no Canto, e na doçura  
Das frases desse tempo, que as de agora,  
Ou já que eu de mui velho, ou de mui surdo,  
Não compreenda cabal o que eles dizem;  
A língua, que eles falam, tão avessa  
Nada para ele tem que claro seja.  
«Paizinho (Ihe responde bem falante  
Linda Tágide Ulina) não te admires.  
Nem tu mais surdo estás, nem velhentado,  
Nem conquistado foi o Reino Luso:  
Mas tudo empiorou no triste idioma ,  
C'um andaço, uma lepra, que aqui lavra  
Pelas bocas de certos Peralvilhos.  
Chamam-Ihe galicismo, os mais espertos,  
Que este ar todo empestou. É gran desgraça  
Que a Real Academia não fabrique  
Para estes empestados de ruim frase  
Um Lazareto, e boa quarentena,  
Onde por doudas mãos curados sejam  
Com xaropes de corda, ou de azorrague,  
Como doudos de nova frenesia.  
Deles, Paizinho Tejo, vem a mácula.  
Nós mesmas, que corremos estas praias  
Desejosas de ouvir nossos amantes  
E com eles ter prazo de recreio;  
Apenas, longe em longe, a Elpino, a Alfeno  
Na frase de Camões, teu tão valido  
Ouvimos Portuguesa melodia,  
Imitada dos nossos bons Cantores,  
Das eras de ouro da grandeza Lusa.  
Com capelo farrusco se cobriam  
Longas orelhas barricais, que agora  
Abanam com descoco, e afouteza  
À sombra de pedantes enrufados  
De engoiado saber, que tem diante  
Por guias uns fulanos, que furtaram  
Ou quiseram furtar pela sorrelfa  
O Bastão comandante que empunharam  
Camões, Barros, Ferreira, Arrais, Lucena.  
Mas detrás do Fantasma as n' -orelhudo,  
C'o azorrague sonante, vem correndo,  
Um filho teu, prezado amante nosso,  
Que a um cinge o nariz, a outro a orelha  
Com lívido vergão de longa dura.  
Já recuam. Já fogem trasmalhados  
Bem zurzidos da mão pesada, e irosa.  
Antes vereis Caterva malandrina,  
Derretidos os Céus, o mar enxuto,  
O Sarrabal saloio falar certo,  
O Piegas beber o sete estremo  
Em feição de Café, ou Chocolate;  
Que a vossa infame, idiota burundanga  
Meta pé no alto vão da Lusa fala.  
Desmamai-vos do aperaltado leite,

De que vossos escritos se embostelam:  
Lede os Clássicos, único remédio  
Contra o Francês ozagre, que vos gafa.

## SONETO

QUE torpe Monstro, fero, truculento  
De descarnada ossada carcomida,  
Co'a açacalada fouce no ar erguida,  
Vejo entrar pelo pálido aposento?

Da mirrada garganta o infecto alento  
Sopra no rosto a Délia adormecida:  
Vejo-lhe a cor murchar-se, espavorida  
A alma deixa a morada se esvai no vento.

Mil Cupidos, sem arco, e passadores,  
Vão chorando traz ela, assim cortada  
Na quadra dos afagos, dos amores.

Quando eu ia sparzir, com mão magoada  
O lindo corpo de saudosas flores...  
Acordei – ao cantar de Délia amada.

## ODE

..... Quod adest memento  
Componere aequus.

HORAT. *Lib. 3. Od. 29.*

QUANDO o sol, já subindo do horizonte,  
Enceta ufano a rápida carreira  
E Morfeu às pestanas, que cerrara,  
    Vai dando a despedida:  
Começam de tropel a vir subindo  
Os Cuidados, que o sono sopeará,  
Dentre eles rompe o Almoço inexorável,  
    Pedindo precedências.  
Vem depois a mais turba, que afastada  
Com poderosa mão se arruma aos lados  
Respeitosa – por que entre as duas filas,  
    Passe da tropa o Cabo,  
Que eu chamarei com nome conhecido  
*Desejo de Políticas notícias,*  
Deste que aumenta, doutro que fraqueia  
    Às forças do adversário.  
Mas o Factor esta ordem de nove anos  
Com ímpia novidade desconcerta;  
Trazendo às duas, a que vinha às nove,  
    *Universal Gazeta.*  
Oh tu, potente Redactor, que as rédeas  
Do governo das novas nos moderas;  
Restaura ao posto antigo a grande folha,  
    Tão mal des-possuída.

## EPIGRAMA

**D**EIXARA certo Bispo em testamento  
Dez moedas, por legado  
A quem componha, e grave em seu moimento  
Epitáfio exalçado.

### EPITÁFIO

Foi Prelado mui sábio, mui virtuoso  
Mui pagador, mui casto, mui formoso.  
«Cessa, oh pluma, que em tal louvor, te enredas  
Mentiste, mais que a flux, por dez moedas».



## NOTÍCIAS ATRASADAS

D'ENTRE cruéis apertos,  
E enleios encobertos  
Brotou a prosa, que útil foi no mundo  
À esquiiva humanidade,  
No preciso comércio das ideias;  
Qual brota do fecundo  
Seio da terra a loura saciedade,  
Que as cataduras feias  
Da fome, e da magreza deita a longe.  
Dos Céus a Poesia  
Desceu ladeada de ínclitas figuras,  
Com que a mente lisonje,  
De doces favos, mélica ambrosia,  
Que enlevam almas puras.  
Almas comuns, no pão tomem sustento;  
Que spíritos sublimes  
Só com Ático mel se saboreiam.  
Sem grande atrevimento  
Não tomam sobre si os fracos vimes  
Carregos que os derreiam.  
Robustos freixos, válidos Carvalhos  
Só pugnam c'os negrumes.  
A quem Deus não prendou c'ó sacro louro,  
Que coroa os trabalhos  
De aos Povos descifrar falas dos Numes  
Vem com sequaz estouro  
A vingança de Apolo, vêm risadas  
Das Musas, e do Pégaso pateadas.

## CANÇÃO

Ah! se in ciel, benigne stelle,  
La pietà non é smarrita,  
O toglietemi la Vita,  
O rendetemi il mio ben.

METAS. [XXXIV]

~~~~~

Uma dor provo tal, um tal tormento,  
Que muito vem a ser se não acabo.

CAMÕES. *Son. v. 26.*

1

QUE mimoso prazer! Teu rosto amado  
Me raiou na alma! Oh astro meu luzente!  
Desfez-se em continente  
O negrume cerrado,  
Que me assombrava o coração aflito,  
Em saudades tristíssimas sopito.

2

Bem, como quando aponta o sol radiante  
Pelos ervosos cumes dos outeiros;  
Fogem bruscos nevoeiros,  
Da roxa luz brilhante;  
Assim, mal vi teu rosto, assim fugiam  
As Mágoas, que de luto a alma cobriam<sup>3</sup>

Quem sempre assim de amor nos brandos laços!  
Doces queixas de amor absorto ouvira!  
Da idade não sentira  
O voo. Entre os teus braços  
Me corte o fio, com a fouce, a Morte;  
Que perco a vida, sem sentir o corte!

4

Se a meiga Vénus, se o gentil Cupido  
Cede a meus votos, cede à minha Amada:  
Se esta união prezada  
Não rompe um Nume infido...  
Não dou por mais feliz o vil Mineiro  
Sobre montes de sórdido dinheiro.

5

Não dou por mais feliz o Rei no trono  
Lisonjado de Cortesãos astutos.  
    Já meus olhos enxutos,  
    Já alegres dão abono  
Do gosto, em que se engolfa o peito, ao ver-te,  
Dos sustos, que se afastam, de perder-te.

6

Amor quanto é maior, mais é medroso:  
Descora, que lhe fuja o bem ganhado.  
    Quase vejo roubado  
    O Bem mais precioso...  
Das mãos m'ó arrancam!... Márcia! e tu – consentes?  
Ah! Não digas, que me amas... Márcia... Ai... Mentas.  
7

Quero deixar-te. – Antes que tu te enlaces  
Nos braços desse, que de Ti me priva.  
    Resgato a alma cativa,  
    Antes, que a eles passes.  
Não quero ver, em teus grilhões atado,  
Lograr-se outrem dum Bem, a mim roubado.

8

Irei vertendo lágrimas iradas  
Por essas nuas praias arenosas:  
    Às Naiadas piedosas  
    Minhas queixas magoadas  
Irei contar. Irei cravar no peito  
Um punhal, vingador de meu despeito.

9

Não, linda glória desta vida tua;  
Despe os temores de eu querer deixar-te  
    Eu! – Que jurei amar-te! –  
    A sorte amarga e crua  
Não fará que perjure a sã vontade  
De amar em Ti a minha Divindade.

10

Não Inconstância, não os Desfavores  
Menos puro farão meu canto amante.  
    Que eu falte a ser constante  
    Aos olhos roubadores,  
Às faces de carmim, madeixas de ouro,  
Em quem Vénus, e Amor põem seu tesouro!

Vivas ausente, ou vivas sempre à vista,  
O teu Filinto há-de adorar-te puro.  
    Tens meu peito seguro,  
    Tens segura a conquista:  
Nem doutra sorte esses teus olhos rendem,  
Nem estes meus outra adorar pretendem.

Jurei a Amor em teu altar sagrado  
De agasalhar no seio a Lealdade.  
    Não temas falsidade  
    Num coração honrado.  
Não quebrarei o juramento amante,  
Que fiz ao Deus, que fiz ao teu semblante.

## SONETO

### TRADUZIDO

**D**ENTRO do peito, em parte a mais sensiva,  
Nasce um querer, que após passa a Cuidado;  
De esperanças se nutre, e inopinado  
Tirano a Liberdade nos cativa.

Sustos, Zelos, Rancor, Peçonha activa  
Traz por seus Cortesãos, e sempre, ao lado;  
Deixa a Paz e o Descanso alvorotado,  
E aos míseros mortais morte motiva.

Quer, não quer, eis cobiça, eis se desvia,  
Com facho, ora com gelo o peito anseia:  
Amigo, ora inimigo ama e desama.

Insano frenesi! Louca mania!  
Se saber queres como se nomeia;  
(O Céu dele te guarde!) Amor se chama.

# METAMORFOSE DA BORBOLETA

**S**AIU de vil casulo a insultar flores,  
Co'as que nos ares trajo, aladas cores.

## ODE

Il est certains esprits d'un naturel hargneux  
Qui toujours ont besoin de guerre:  
Ils aiment à piquer; se plaisent à déplaire,  
Et montrent pour cela des talents merveilleux.  
Quant à moi je les fuis sans cesse,  
Eussent-ils tous les dons et tous les attributs;  
J'y veux de l'indulgence, ou de la politesse.  
C'est la parure des vertus.

FLORIAN.

**A**OS que prendaram com seus dons as Musas,  
Ou agrado entre os grandes lhe obtiveram,  
E alento nos amigos – ou nos doutos  
    Acolhimento e auxílio.  
A minha estrela iníqua inimizou-me  
Da Fortuna os mimosos; pôs-me esquivos  
Quantos com aura, quantos com doutrina  
    Puderam dar-me a dextra. Até dous bons Amigos, em quem toda  
A esperança livre da aura, ou conselho,  
Trocaram o Favónio da Amizade  
    Em pechosa investida.  
Mal haja o charco imundo , imundos ares  
Que compleições tão boas achacaram!  
Mal haja a Turba , e enxofre negro e duro  
    Que os ingenhos lhes tolda!  
Que Deus tão amorável me seria  
O que a mim, que os Amigos sarrazinas  
Volvesse às terras, que bafeja Apolo  
    Com mais benigno raio!  
Nascer-me-iam felizes os bons versos,  
Com desafogo da alma; e os meus Quintílios  
Cortando o viço, ou descurvando o ramo  
    Dar-lhe-iam louçania.

SONETO  
AOS ANOS DA SENHORA D. M. J. R. D.

**J**OVE chamou os lívidos Pezares,  
As Invejas de face carcomida,  
As Iras, a Vingança, a Fé mentida  
As Traições, os impróvidos Azares:

«Hoje ireis aos tristíssimos lugares,  
(Lhes disse o Deus) à Stige denegrida;  
A vassalagem a Plutão devida  
Lhe ide render nos lúgubres altares».

Já parte de tropel o bando imundo,  
Que o mal pelo Universo repartia,  
Tudo hoje nos será fausto e jucundo.

Foi obsequente o Deus. Quis que este dia,  
Em que, oh Ninfa gentil, vieste ao mundo,  
Fosse todo de festas e alegria.



## ODE

Nos bene concordēs ter denis jungit ab annis  
Nullo unquam spatio debilitatus amor:  
Nomen amicitiae per te sublimius extat,  
Per me clarescit nomen amicitiae.  
Tu Pylades mihi; curarum tu dulce levamen,  
Scriberis Vati fortis amansque tuo:  
Perque ego mille vices, varis et discrimina rerum  
Dicar Oresteâ te coluisse fide.

A. M. DE CURNIEU.

EIS-NOS, honrado Mathevon, na vida,  
Inda uma vez, unidos  
Ambos entre os abraços da Amizade,  
Nesta Paris famosa  
Por crimes execrandos, por virtudes  
De heróicas idades.  
Queiram as Parcas estender o fio  
Desta união sagrada,  
Até quando, curvados da velhice,  
Num báculo encostados,  
Vamos ao sol sentar-nos vagarosos,  
No emparreirado abrigo  
Dum rústico poial, junto da porta  
Da modesta pousada;  
E lá nos recrearmos c'o gorjeio  
Da pintada avezinha.  
Ou c'o murmúrio das quebradas águas  
Dum claro arroiozinho:  
Talvez c'o som monótono da nora,  
Que a fresquidão debruça  
Dos cinturados vasos, e há-de na horta  
Dessedentar o seio  
Da tenra alface, da tronchuda couve,  
Do corado morangão.  
Inda talvez nos venha abrir o riso  
Os enrugados lábios  
Com lembranças de apodos engraçados  
Que outrora bem frisaram  
Nas vãs glórias dum fátuo, nos melindres  
De uma Hécuba dengosa.  
E o nosso Flaco, o nosso amado Mestre  
Na Amizade, e virtudes,  
Com seus versos virá bem acolhidos  
Deleitar-nos a fala.  
Quais nos viu Portugal, nos veja a França  
Além dos sete lustros  
Constantes na virtude e na amizade;

De nós saiba o segredo  
De renovar nesta era de Filautes,  
Em laço nunca solto  
Por crimes de Ausência, e de Infortúnio,  
Os Pilades e Orestes.

## SONETO

À sombra dum verde Álamo frondoso  
Beijava o peito a Clori Tirso, um dia,  
Amor, c'uma asa o furto lhe encobria  
Com outra a Clori o rosto vergonhoso.

Ela, ao Pastor amante e sequioso,  
De si, co'a mão sem força despedia;  
Ele, c'o lindo corpo o seu cingia,  
Tomando o gosto ao pomo saboroso.

Ri-se Amor. Salta aos braços da Pastora;  
Beija-lhe os olhos, que os mortais lhe rendem;  
E, (assim dizendo) aplaca a frouxa briga:

«Consente o escasso alívio a quem te adora:  
Que a sede que esses olhos na alma acendem  
Só no meu Templo, e aras se mitiga.»

## LIRAS

1

**N**ESTES sagrados bosques, onde vivo  
Retirada do mundo,  
Mal assombrado e esquivo  
Dou repouso profundo

2

Aos que deixando as Cortes ambiciosas,  
Seu fausto e valimento,  
Nestas ribas viçosas  
Buscam plácido assento.

3

Não venha aqui o Amor, que é cativoiro;  
Que fora injusto agravo  
A um Nume livre e inteiro  
Pôr-lhe ao lado um escravo.

4

À Amizade, que acode c'o conforto,  
A virtude ofereço;  
Aos náufragos dou porto;  
Aos bons coroas teço.

5

Quem com a mediania se contenta  
Goza de prazer puro;  
Aura de vida o alenta,  
Dorme são e seguro.

## ODE

Vides ut alta stet nive candidum  
..... geluque  
Fulmina constiterint acuto!  
..... benignus  
Deprome quadrimum.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

PASSEMOS, Aguiar [xxxv] em festa, e riso,  
Este dia, que o sol viu já sessenta  
E dous invernos ir precipitar-se  
No Golfão das Idades.  
Enquanto nos desvia a Morte a fouce  
Da sujeita cerviz, demos a Baco  
Os momentos da vida, sonegados  
Ao teimoso Infortúnio.  
Venha a gorda *Polarda*, c'o a *Omeleta*  
Regalar os gulosos gorgomilos  
Que depois banharemos c'o cheiroso  
Dourado Carcavelos.  
Risqueemos este dia de contente  
Desse aranzel de dias enfadonhos,  
Perdidos entre a sáfia casmurrada  
Da sepulcral Holanda.  
Olha como essas ruas e telhados  
Alvejam c'os tapetes de alta neve!  
O sol encapotado!... O Céu tristonho!...  
Fechemos-lhe as janelas.  
Insultemos com luzes prematuras  
As três horas da tarde enoitecidas:  
Demos-lhes vaia; que nos não desbotem  
C'o torpe vulto a festa.  
Façamos corro, na área das entranhas,  
Em que dance o Prazer, dêem cavalhadas  
Os Risos, os Remoques, e inda a Pulha  
Salgada, mas decente:  
E à mesa com Delmira, [xxxvi] e c'o bom Monge  
Empunhemos rubis, louros topázios  
À saúde das duas, cobiçosas  
De ter quinhão no gáudio.

SONETO  
À MORTE DA SN.<sup>RA</sup> D. J. MARG.<sup>dA</sup> DE M. F. E S.

DE lúgubres vestidos mal trajada  
Os tardos passos para mim movia  
A pálida, a mortal Melancolia  
De spectros furiais acompanhada.

Tocou-me co'a mão fria e descarnada  
O corpo, que se gela, e se arrepia:  
A alma tremeu ao som, que assim rompia  
Da boca sempre triste e desbotada:

«A condição humana o Fado ordena  
Que se teça de gosto, e de amargura  
Nem há Bem puro, nem contínua Pena.

Mas, Júnia morta, e co'ela a fé mais pura,  
A que penes comigo te condena  
Até que vás morar na sepultura.

## ODE

Solveutur risu tabulae, tu missus abibis.  
HORAT. *de Art.*

COBERTO o Campo está, coberta a altura  
Do soberbo Palácio  
Com deslumbrante alvíssimo regelo:  
Tremem com o Austro irado  
De negros troncos desfolhados cumes.  
O Pardal, sem abrigo  
Na desprovida neve entra, e mergulha  
O bico, que agra fome  
Aguçou na penúria, o Céu negreja,  
E esquiva ao sol passagem,  
Por entre espessos toldos. Muda a Terra,  
Mudos os ares, prende  
Nas engelhadas gentes impio Tédio  
Que as ideias ensossa .  
Fui-me ter com as Musas que acudissem  
A celebrar meus anos.  
Dei com elas, e Apolo a fazer corte  
A um rúbido brasido,  
Contando estalos do folgaz magusto.  
Horácio andava aos pulos  
Apanhando as castanhas bombardeiras:  
Catulo em calças largas  
Tirava da algibeira o seu cachimbo;  
Dava quatro fumaças,  
Com que o pardal de Lésbia sacudia  
O pipilante bico.  
Lésbia ralhava, Apolo ria, as Musas  
Castanhas esbrugadas  
Davam na palma ao velho Anacreonte,  
E as tígridas Bacantes  
Nos tabuleiros de xarão traziam  
Carcavelos, Chamusca,  
Com que empurrar a entaladora bucha.  
Perdi o tempo, e o rogo:  
E já, sem desmanchar o regabofe,  
Tália, com descoco,  
Zombando do convite, me responde:  
«Não deixaremos (certo!)  
Tão rico fogo, e as estourais castanhas,  
Por teus minguados versos.»

## SONETO

**E**STENDE o manto, estende, oh Noite escura,  
Enluta de horror feio o alegre prado;  
Molda-o bem c'ó pesar dum desgraçado,  
A quem nem feições lembram da Ventura.

Nubla as estrelas, Céu; que esta amargura,  
Em que se agora ceva o meu cuidado,  
Gostará de ver tudo assim trajado  
Da negra cor da minha Desventura,

Ronquem roucos trovões, rasguem-se os ares,  
Rebente o mar em vão n'oucos rochedos,  
Solte-se o Céu em grossas lanças de água:

Consolar-me só podem já pesares;  
Quero nutrir-me de arriscados medos,  
Quero saciar de mágoa a minha mágoa.



## ODE

Vexet eques metuendus hasta (\*)  
Vitamque sub dio et trepidis agat  
In rebus.

HORAT. *Lib. 3. Od. 2.*

**A**OS feros golpes da Fortuna iníqua  
Mal resiste o cobarde, que em regalos  
Da lauta mesa, da venal amiga  
    Passou sem glória os dias.  
O rouco toque do tambor guerreiro  
Como ouvirá constante, e os estampidos  
Da rota bomba, da assoviante bala  
    Na travada peleja:  
Como as brigas dos ventos descompostos  
Na assanhada campina, e os mares verdes  
Rebentando na popa, desornada  
    Da bandeira e varandas,  
Quem deslebrado da Virtude, e nome  
Farto busca o jantar, sem sono o leito;  
Quem stremece ao roncar do mar distante,  
    Ao despir dum estoque!  
Esses Gamas e Castros, que investiram  
Contra agouros do Adamastor sanhudo,  
Que as traições, que os perigos arrostaram  
    Do mar, e gente, ignotos,  
Não davam culto à Embriaguez, ao Luxo  
(Ídolos torpes dos ruins vindouros)  
Nem pejavam as ruas, embalando-se  
    Em rodantes andores.  
Nem bela Dafne as Damas doutro tempo  
Escutaram vadios, caprichosos  
De insulsas modas, de ruins costumes  
    Sem mérito, sem honra.  
Vinham d'África os seus Galãs, honrados  
Co'as airosas feridas no semblante,  
Tintos em Mouro sangue, as mãos beijar-lhes  
    As mãos tão merecidas.

## ODE

AD ILL.<sup>MAM</sup> ET EXC.<sup>MAM</sup> D. D. J. I. F., ETC., ETC.

QUOD genus, Clio facilis, modorum  
Quos tibi mittam potius ministret  
Quam quibus nomen meritum lucrata  
    Lesbia Sappho?  
Illa vocali modulata Sistro  
Protulit digne numeros perenni  
Laude, queis vivit, celebrisque vivet  
    Juncta Phaoni.  
Tu sacras artes veterum diserta  
Suscitas Musa, facilemque praebet  
Se tibi Phoebus numeris canoris  
    Verba liganti.  
Docta sermones variae loquelae  
Scripta percurris studio perenni  
Quae tulit cura vigili legenda  
    Quaelibet aetas.  
Nunc quidem Lasum, superis benignis,  
Quomodo crevit bene res perampla,  
Et legis Reges, celebrata quorum  
    Fama per orbem.  
Caeteros inter merita notabis  
Laude complures, genus unde ducis  
Ipsa praeclarum, reliquisque nulla  
    Parte secundum.  
Prole diceris merite beata,  
Moribus structa placidis, cuique  
Pullulat jam nunc Proavum, Patrisque in  
    Pectore virtus.

# TRADUÇÃO

## DA ODE LATINA

COM que métricos sons a afável Clio  
Me acudirá melhor, para ofertar-te,  
Que o metro que adquiriu à Lésbia Safo  
    Tão largo nome no Orbe?  
Ela no loquaz Sistro modulando,  
Soltou cadências tão suave e douta,  
Que, junta ao seu Faon, inda hoje vive,  
    E vivirá famosa.  
Tu perita na bela antiguidade,  
Seus sacros sons na Lira ressuscitas; Febo a teu rogo atende, quando  
entoas  
    Canoras Cantilenas.  
De diversas Nações Cidadã sábia  
Descobres com lidado estudo quantos  
Arcanos qualquer Era cometera  
    Ao desvelo incansado.  
Agora lê as ínclitas façanhas  
Com que Elísia medrou do Céu bem vista;  
Lês as acções dos Reis, cujo renome  
    Tem estendido a Fama.  
Com devido louvor verás, entre eles,  
Muitos de quem derivas a nobreza,  
Em alto grau preclaros, que são cedem  
    Primazia aos mais nobres.  
Tens prole bem munida em são costumes,  
Por quem te pregoaram ditosa as Eras:  
Já no seu peito abrolha, dos Maiores,  
    E do Pai a virtude.

F. M.<sup>EL</sup> DO NASCIMENTO

SONETO  
ESTANDO AUSENTE  
DA SNR.<sup>A</sup> D. M. J. R. D.

**T**ODO o lembrar da tua formosura  
Já o peito a agudos tiros mal defende:  
Já do Ciúme o ardor, que assim me acende  
Me entrega a vida aos golpes da amargura,  
Que muro entre nós põe a Ausência dura?  
Quem com grilhões os pés aqui me prende?  
Ah! se esta acerba dor o prazo estende,  
Sem ver-te, verei, Márcia a sepultura.  
E vós, oh Faunos, que me estais ouvindo,  
Devendo magoar-vos meus pesares  
Protervos! de meus prantos estais rindo?  
O Céu vos dê no Amor ruins azares;  
E as Ninfas, que buscais, de vós fugindo,  
Zombem dos ais, com que canseis os ares.

SONETO  
À CERCA DE CERTOS DARES E TOMARES  
DA SNR.<sup>A</sup> D. FL. E. G. DE S.

QUEBRO contigo o desleal contrato;  
Que me desdenha, Amor, sem causa, Flora.  
Pagou os mimos, com que esta alma a adora,  
(Obras tuas!) c'um termo infiel e ingrato.

Quando mais lhe encareço o desbarato  
Que me fez na alma..., A Pérfida, a Traidora  
C'um riso iníquo (que inda assim namora)  
Zomba do mal que fez, do ímprobo trato.

Se o puro amar, se a fé tão pouco presas  
De quem se deu por gosto a ti rendido,  
Que injusto que és, Amor, com tais cruezas!

Não firas, com rigor tão desmedido,  
Peitos em que se lavram tais finezas,  
Se o teu Reino não queres destruído.

## ODE

Gloire à Vénus dans la Cour étherée;  
Paix sur la terre aux fidèles amants.

MES. DE GNIDE.

**A**GUIAR, quanto és contente!  
Tens à vista, e nos braços a Consorte,  
Há tanto suspirada.  
De cá, donde sozinho leio e escrevo,  
Te contemplo ditoso,  
E contigo me alegro.... Mas que muito!  
Se Vénus, de benigna,  
Lembrada de mil férvidas ofrendas  
Que lhe pus nos altares,  
Rompendo a azul abóbada, a mim desce  
E me ergue d'ante os olhos  
Certa cortina que estorvava a vista  
De Paris a Versalhes:  
E quis que eu visse a tua Amada, entrando  
Ansiosa no teu quarto.  
Pelos lados, diante, e detrás dela  
Os Amores, e os Risos  
Abraçados com cestos mil de Flores,  
Que a frouxo derramavam;  
Os Prazeres, com grandes açafates  
De abraços e de beijos;  
E um que escondia um Cofre, em que fechados  
Vinham uns dons preciosos,  
Que entre os lençóis foi pôr mui recatado,  
Para depois o abrirem  
Entre os segredos da calada noite...  
Mais me disse ao ouvido  
Certas cousinhas Vénus, que ora calo;  
Que é devido o segredo  
Às Damas, muito mais quando são Deusas.  
Em mim, com mais reserva;  
Que houve dela promessa de inda dar-me  
De amor um ramilhete,  
Antes que me armem de bordão os anos.

## SONETO

### DEPOIS DE CERTA AUSÊNCIA DA SNR.<sup>A</sup> D. M. J. R. D.

**M**ÁRCIA! Márcia! Meu Bem! Que grossa enchente  
De prazeres pela alma se me espalha!  
Oh, como ao ver-te, foge, e se transmalha  
Dos pesares o turvo bando ingente!

Não sou em mim. A alvoroçada mente  
Soltar-se emprende, e a ti voar trabalha.  
Acode o Amor: no coração entalha  
Vindouros gostos c'o farpão ardente.

Hei-de ser mais feliz. Sopro divino  
A ideia arrebatada me bafeja...  
Já ouço a voz do Oráculo benigno:

«Terás Márcia, apesar do Ciúme e Inveja;  
Gozarás de seu peito alabastrino.  
Tens Deus Amor nos Céus, que te proteja.

## ODE

..... Nil sine magno  
Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. *Satyr. 9. Lib. 1.*

DÁ de mão à preguiça lisonjeira,  
Lança-a ao longe de ti; que não se alcançam  
Os segredos das Musas, sem fadigas,  
Sem indefesso estudo.  
Olha-as no cimo d'íngremes montanhas,  
Aplicadas às Artes engenhosas;  
E em torno em seus assentos merecidos  
Os cuidadosos Vates.  
Olha a rama vivaz, que a frente cinge  
De Camões sublimado e sonoro:  
Vê como Adamastor desmesurado,  
Para ele se debruça;  
E ao largo da alta espádua lhe dá mostra  
Do honrado Cavaleiro e gentil Dama,  
Que viu morrer de fome os filhos caros,  
Nas ardentes areias.  
Lá, janto àquela fonte dos Amores  
Olha as Ninfas do Mundo; inda orvalhadas  
As faces têm das lágrimas sentidas,  
Que por Inês verteram.  
Não o ouves tu, na Lira ressonante  
Cantar do Gama os ímprobos trabalhos,  
Que as portas da Ásia, superando riscos,  
Se abriu ousado e forte?  
Lá vai surcando os mares do Oriente,  
No nadante baixel empavezado  
Tremola as Quinas Lusas vencedoras  
Junto aos berços da Aurora.  
Cheio o peito de incógnitos segredos,  
Eis solta as velas, fita em Lísia os olhos,  
Os olhos satisfeitos, com que vira  
As Índicas Nereias.  
Esperado da bela Protectora,  
E das Ninfas, que Amor feridas tinha,  
Os Amores lhe acenam; e os Prazeres  
Lhe estão abrindo os braços.  
A virtude ergue o prémio refulgente



Além de longas metas arriscadas;  
Pede afrontados medos, pede p'rigos,  
Aos que a arrancá-lo correm.  
Mas logo que vencidas as fadigas  
Sobrepuja o valor, lá está assomada  
A Fama, que apregoa a merecida  
Bem conquistada glória.  
Ouviste o Canto? – Eis co'a guerreira dextra  
Às escabrosas fragas te convida:  
Eis te aponta a vereda inda trilhada  
De seus pés resolutos.  
«Vem escutar-me, vem (te diz benigno)  
Se da Poesia os penetrais vedados  
Queres investigar no almo Congresso  
Dos imortais Cantores.  
Rompe com passo ardido a encosta dura  
Esmaga espinhos, desmaranha balsas:  
Filinto, a quem fiz certo o meu desígnio  
Te esforçará os passos.»

## TRADUCTION DE L'ODE DÁ DE MÃO À PREGUIÇA LISONJEIRA

REPOUSSE loin de toi la paresse flatteuse;  
Les doctes secrets des Neuf-Sœurs  
Sont le pénible fruit des constantes sueurs  
D'une carrière studieuse.  
Vois-les sur le sommet de la double colline  
Cultiver les arts libéraux;  
Des Poètes, aux rangs marqués par leurs travaux,  
Contemple la troupe divine.  
Vois du grand Camoëns la glorieuse tête  
Ceinte de lauriers florissants;  
L'énorme Adamastor fléchi par ses accents,  
De son front calmer la tempête.  
Dans les sables brûlants il lui fait voir les restes  
De ce couple d'infortunés  
Dont les fils, par la faim, sous leurs yeux consternés,  
Ont fini leurs destins fanestes.  
Non loin de cette source aux amours consacrée  
Vois les nymphes du Mondégo,  
Mêlant encore des pleurs au cristal de son eau  
Pour cette Inès tant adorée.  
Eh! ne l'entends-tu pas célébrer sur sa lyre  
L'inébranlable fermeté  
De ce hardi Gama qui, sur les mers porté,  
Conquit l'Asiatique empire?  
Le voilà d'Orient foulant les vastes ondes  
Sur son vaisseau triomphateur:  
Des lieux où naît le jour, son pavillon vainqueur  
Fait trembler les plaines profondes.  
Plein de vastes projets, aux campagnes liquides,  
Des vents invoquant le pouvoir,  
Content, il fuit nos bords de l'oeil dont il va voir  
Les indiennes Néréides.  
Vénus, déjà Vénus ses nymphes protectrices  
Brûlent pour lui de vifs désirs:  
Les Amours caressants les folâtres Plaisirs  
A ses vœux se montrent propices.  
La Vertu montre au loin la brillante couronne  
Par-de-là les monts sourcilleux;  
Elle veut des périls, des exploits merveilleux;  
De ceux à qui sa main la donne.  
Mais dès que la valeur des mains de la victoire  
Voit ceindre son front radieux  
La renommée alors paraît planant aux cieux  
Et proclame une juste gloire.

Sont chant t'a-t-il frappé? – Vois, de sa main guerrière  
Il te fait signe de gravir;  
Il te montre aux sentiers que tu dois parcourir  
Ses pas empreints sur la poussière.  
Viens m'entendre, dit-il, viens, si ton coeur désire  
Pénétrer l'art mystérieux  
Du langage divin qu'en cercle glorieux  
Parlent les maîtres de la lyre.  
Viens d'une main hardie écarter la barrière;  
Viens fouler le sol épineux:  
De mon projet instruit, Filinte officieux  
Te soutiendra dans la carrière.»

## LIRAS

1

FLORES, às alcatifas de verdura,  
Quando o Orbe regenera  
A alegre Primavera,  
Vós dais a rica, a airosa bordadura.

2

Com que deleite me encantais a vista!  
Quanto me é grato agora  
Soltar o extremo embora  
Ao frio, à neve da estação malquista!

3

Vós, Flores, descaís do mole seio  
De Vénus, quando passa  
C'os Amores, e enlaça  
Na dança as Graças, com festivo enleio.

4

No matiz se apurou a Natureza,  
Pondo as cores mais finas:  
Das terras peregrinas  
Vos colheu o perfume que mais preza.

5

Os Zéfiros nas asas delicadas  
O bafejo odoroso  
Por tributo donoso,  
Levam com gosto às Célicas pousadas.

## EPIGRAMA

CAÍ doente. Eis vem Médico douto,  
Que discorre três horas muito afouto,  
No nome que à moléstia Autores dão.  
«Curou-vos?» (perguntais) «Senhores, não.»

## ODE

À ILL.<sup>MA</sup> E EXC.<sup>MA</sup> SNR.<sup>A</sup>  
D. ANA APOLÓNIA DE VILHENA ABREU SOARES

..... D'altí pensieri e regi,  
D'alta beltà, ma sua beltà non cura,  
O tanto sol, quanto honestà se'n fregi.

TASSO *nella Jerusal. Cant. est. 54.*

**N**ÃO te assombre de longe a mão da Idade,  
Que da viçosa face as rosas murche,  
Nem que o mimoso rutilante lume  
Dos olhos te amorteça.  
Sustos são, que prender em Ti lhes nega  
O respeitando aceno do alto Nume,  
Que nas asas do Tempo tem império.  
Zomba da sua fouce.  
Que assim zombou Ninon sempre formosa  
Em quem catorze lustros não puderam  
Marear a beleza; e que aceitava  
Galãs, rendidos votos.  
Quando foi que as Virtudes, os Talentos,  
Que o Mimo, e a Graça não sobreviveram  
À caduca ilusão da formosura,  
Gabo de poucos dias?  
Não são velhas as Musas, nem desceram,  
Depois de tanto século, um só ponto  
De valia c'os sábios. O teu Nome  
À Eternidade o mando;  
Qual já mandei de Márcia, e de Delmira,  
Terníssima saudade, amor sem mancha,  
Gratidão da mais sólida amizade,  
Envoltas em meus versos.  
Enquanto a lira de Camões sublime  
Soar pelo Universo, irão do Aluno  
Os números, seguindo-lhe os vestígios  
À sombra do seu Flaco.

## SONETO

QUEM viu, do Tejo erguer-se um fumo brando  
Com visos de alva cassa transparente;  
Corar-se ao sol roxeando no Oriente,  
Entre neve e carmim luzes cambiando:

Quem viu este vapor ir-se moldando  
Em mil formas, de aspecto diferente;  
Qual, nas formas, cristal resplandecente  
Vai diversas efígies aceitando:

Se acaso viu fingir-se a névoa pura  
N'alvos membros de Dama delicada,  
Talhados pela mão da Formosura,

Viu em tosco uma cópia debuxada  
Daquela, em que empreguei toda a ternura,  
Do meu Bem, minha Márcia tanto amada.

## SACRIFÍCIO A BACO

ALMO senhor das pampinosas vinhas  
Baco, Rei da Alegria galhofeira,  
Lá deixo aos pés da divinal parreira  
Quebradas, as do Amor, flechas daninhas.  
    Escravo fugidio,  
    Seu jugo sacudi,  
    E me entreguei a Ti,  
Deus contente, vermelho e luzidio.  
Por prova de que venho bom vassalo  
    Seguir teu estendarte,  
De Nise os mimos, feitos com tanta arte  
    Já me não dão abalo:  
Onte' os escritos da fiel Delmira  
    Queimei em voraz fogo;  
    E a Cloris mandei logo  
Seu retrato, que finge que respira.  
Só conservo um anel da loura Olaia  
    Fino, – e de boa laia;  
Que à manhã, se risonho, oh Baco, me olhas  
Vendo, por me prover dum saca-rolhas.



## ODE

Aetas parentum peior avis, tulit  
Nos nequiores mox daturos  
Progeniem vitiosiore

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

VAl o Mundo a pior, Amigo caivo;  
Tudo se abastardeia, e degenera:  
Miseros homens, vindos em má quadra,  
Somos os homens de hoje.  
Os séc'los tão gabados de Inocência,  
De candura, e de amor, séculos de ouro  
São para nós de bronze, e ferro duro;  
De barro para muitos.  
Há trinta anos as Moças c'os Rapazes  
Brincavam sem malícia; hoje as Crianças  
Namoram já do berço, e inda prometem  
Mais proterva ralé.  
No tempo antigo as Damas das novelas  
Eram de ouro, de perlas, de alabastro,  
Todas rubis, e rosas, e açucenas;  
Hoje – são de osso e carne.  
Eram meigas, fiéis, eram corteses  
Às prendas, ao valor, ao bom ensino:  
Hoje, ariscas a tudo, só se ameigam  
Com redondos dobrões.  
A valentia, a robustez, a força,  
Caro presente de almas cabeludas,  
Pouco a pouco afrouxou; perdeu-se a barba  
C'o rapar dos barbeiros.  
Roldão, que os Mandricardos, Rodomontes,  
Vestidos de armas finas alanhava;  
Que enfiava dez homens numa lança;  
Hoje – traria roca.  
Dom Quixote, que outrora, destemido  
Investia descomunhais Gigantes,  
Malandrinos foliões, azenhas de água,  
Hoje fora um Maricas.  
Ah tempo, tempo! em que um Fidalgo nosso  
C'um golpe da catana abria um Touro,  
*E c'o resto do golpe a sepultura!*  
Que o fizesse alguém hoje!  
Eram homens de barbas té à cinta,  
De retorcidos, ásperos bigodes,  
Não barbicas de agora, amoladinhos,  
Tres-calando pivetes.  
O Cónego Bernardes, que brincando,  
Fez duas oitavas de repente,  
À Lua cheia; não faria agora

Uma trova sequer.  
O Capucho Macedo, insigne lauro  
Do Délfico furor versi-potente,  
Que da Poesia navegava o golfão  
    Com infunadas velas,  
Abarrotando o mundo de Poemas  
As Odes, e Elegias desunhava,  
Nadava em Epigramas, e Epitáfios;  
    Hoje daria em seco.  
É o que eu digo. O séculos empeioram.  
Vai tudo a menos. Todo o bom se acaba.  
Formosura, valor, talentos férteis  
    C'os bons velhos morreram.  
E eu ando, Amigo, há tempos esquecidos  
Forjando uns versos, que mandar-te possa  
Em troco de Soneto das *Lampreias*,  
    E não me ocorre nada.  
Ingenha a ideia um verso. – Meto-o à forja:  
Ou lá rebenta, ou na bigorna estala:  
E se dali sai são; quando o mal cuidado,  
    Falha ao correr-lhe a lima.  
Mas quem vejo eu entrar com gran sotana  
Barba espessa, cortada à Fernandina,  
Carregado de tomos, grandes, grossos  
    De letra miúda e cega?  
Eu sou Tostado (diz) venho animar-te.  
«Tens medo de escrever? Põe cá os olhos.  
Vês esta livraria? É toda minha;  
    Anda toda em meu nome.  
Sabes tu, que estes grandes volumaços  
Fizeram tanta bulha neste mundo,  
Que de grande Escritor o ilustre nome  
    Me assoalhou a Fama!  
E como os compus eu? Aprende, aprende.  
Abrindo muito livro desleixado,  
Tirando dum e doutro; e com caseiras  
    Linhas sirzindo tudo.  
Enche de citações os teus escritos,  
Se escrever muito, a pouco custo, queres:  
Traslada dum Autor laudas inteiras,  
    Doutro furta as ideias.  
Inda agora vocês têm mais socorros  
Que eu tinha no meu tempo: têm Moréri,  
Têm Berlink, e mil outros Dicionários  
    Valhacoutos de néscios.  
Também, para o que digo, é são conselho  
Torcer as guardas ao que bons disseram.  
Ou já dizer bem dum, já malhar noutro: –  
    Com razão. – ou sem ela.  
Os homens não são grandes, por ser grandes;  
Mas sim por que souberam bem fingi-lo.  
Quantos jazem no pó, que só merecem  
    Os louros que outros roubam!

Toma estes meus avisos; serás grande:  
Que eu fui-o assim também, e mil o foram  
Que hoje estão em famosas companhias  
Logrando honras de sábios.  
Nem cuides em compor invenções novas:  
Que *nil sub sole novum* diz o adágio;  
E ao fogo, mais que à luz vão certas obras  
De odiosa novidade.  
Assim disse com voz doutora e cheia;  
Olhou-me c'um trejeito compassivo;  
E mal que os livros arrumou nos ombros,  
Traçou a loba, e foi-se.  
Ele bem me animou; mas eu não posso  
O alheio dar por meu. Não sou Tostado;  
Nem blasono deixar para as estantes  
Gigantes de retalhos.

## SONETO

NOS ANOS DA SENHORA D. M. R. DE A. E S.

MOTE

*Causando ao Filho amor, à Mãe inveja.*

GLOSA

VÉNUS livro abriu do Fado, um dia,  
Por ver se inda outro Anquises a esperava:  
E ao colo o Filho pérfido espreitava  
Se inda em Jove outra seta empregaria.

Quando em meio o volume revolvia,  
Com este acerbo oráculo acertava:  
«Nas terras, nascerá, que o Tejo lava,  
Ninfa, que a Vénus roube a Primazia:

Que os altares, em que hoje o mundo a adora,  
Derribe, e aos pés rendido o Filho veja,  
Algemado por mãos da Vencedora...

Cumpriu-se o Fado. O mundo a mão vos beija  
No dia, em que nasceis, e estais, Senhora,  
Causando ao Filho amor, à Mãe inveja.

## CONTO

UM santo Cura, em mui solene dia  
Com voz clara o *Te Deum* garganteava  
Repousado: outro verso lh'ó alternava  
Com pastrana, devota gritaria  
O rebanho, que a Igreja e o adro enchia.  
Por fado mau do Cura, um doido estava  
Junto dele; e que muito a mal tomava  
A choruda algazarra estrepitosa.  
Vai-se ao Cura, desanda a mão nervosa;  
E c'um bom bofetão lhe cobre o rosto;  
Dizendo zombeteiro e descomposto:  
«Soube-te bem o coscorrão, meu rico  
Alv'rotador do Povo! leva a esmola.  
Se tu não começaras a Charola,  
Toda esta Corja não abrira bico.»

## ENIGMA

OS homens e animais, vales e montes  
Envolve no meu manto, e não me sentem:  
Por séculos perenes me consentem  
Mui largo império nesses horizontes.  
Eu sou a Mãe da Noite atraçoada;  
E quer-me a Morte companheira sua,  
Como ela à formosura soa malvada,  
E apago quanto aclara o sol e a lua.  
Se a lua tem do sol a luz devida,  
Ele guerra comigo traz renhida:  
E o sol que tudo vê não pode ver-me,  
Que ante ele mesmo, eu sei dele esconder-me.

## ODE

Dans des tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,  
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort:  
Dieux, qui d'un oeil serein voyez ma peine extrême,  
Secourez mon Iris, ou donnez-moi la mort.

ROUTIEZ

QUANDO a Fortuna, de inconstante aviso,  
Encetou com desgraças  
O varão que não veio humilde, abjecto  
Adorar o seu Nume,  
Na refalsada Corte, ou ante os cofres  
Chapeados de Pluto;  
Levando avante, o seu empenho, e acinte,  
Maléfica lhe emborca  
Sobre a cabeça a mágoas devotada,  
Toda a Urna infelice,  
Que Jove encheu colérico co'as penas  
De atormentado inferno.  
Dos ombros do Varão constante e justo  
Resvalam debruçadas  
Perdas de bens, desonras mal sofridas  
A lhe aferrar o peito  
Co'as garras afaimadas da pobreza;  
Logo os tristes Pesares  
Em torno ao coração serpeiam, mordem,  
Trajando a rojo lutos.  
Vem a má nova, de agouradas falas,  
Que se compõe sequela  
De tibiezas, senões, desconfianças,  
Desamparo de amigos.  
A Doença, com mão finada abrange  
Os fatigados membros  
E no âmago do peito as amargaras  
Vão assentar morada.  
Com índice maligno a Providência  
Lhe aponta no futuro,  
Em nebuloso quadro hórridas formas  
De sinistros sucessos.  
Quem não quisera, com melhor semblante  
Despedir-se do dia,  
E fraudar, com as sombras do jazigo,  
Do Fado os ameaços?  
Qual é a alma tão forte, que resista  
Aos prantos duma Amante  
Ingénua, comedida, afável, terna,  
Que, nos braços da Angústia,

Implora com os olhos arrasados  
De lágrimas mimosas,  
Arredado socorro, e este lh'o embarga  
Às desprezadas portas  
O agudo rosto da Miséria esquiva!  
Amigos insensíveis  
Vede, que é obra vossa este rascunho  
Das penas de Filinto:  
Obra vossa, que o dais ao desamparo  
Com culpado descuido.



## EPIGRAMA

**E**U lia a um grão Doutor  
De gorda catadura  
Do sublime Camões a rima pura  
Do nunca assaz louvado Adamastor,  
Quando mais enlevado  
Em seu canto divino  
Ameigo a voz, e em brando tom a afino  
Para lhe ler Inês, e seus amores,  
E sua injusta morte, injustas dores;  
Ouço o Doutor roncar alto e rasgado;  
Então o abalo, e grito-lhe enfadado:  
«Doutor, Doutor, desperta  
Que Febo quis que o Vate  
Neste almo Canto ao Pindo se arrebate,  
E de Hipocrene a fonte tenha aberta.»  
– Que inúteis, que perdidas  
(Diz-me o Doutor) comigo tais razões!  
Prefiro o meu Ulino ao teu Camões.  
Diz-me e torna a roncar o novo Midas.

## SAUDADE EXTREMA

1

GENTIL Rola, que sobre o ramo seco,  
Desse viúvo freixo, brandas queixas  
Espalhas toda a noite, e escutas o eco  
Repetir-te mavioso iguais endechas:

2

Não chores. Ouve a meu saudoso canto,  
Que excede quanta mágoa arroja a sorte:  
Ninguém, como eu padece extremo tanto,  
Que a ninguém roubou tanto a crua Morte,

3

Tu viste Márcia: a Márcia, oh Rola, ouviste,  
Quanta beleza, oh Céus! quanta doçura!  
Tem coração de bronze quem resiste  
À dor de a ver no horror da sepultura.

4

Tu podes ter formosa companhia  
Terna e fiel. Filinto desgraçado  
Te perdeu a speranza lisonjeira  
De achar Márcia em transunto inanimado.

## SONETO TRADUZIDO

QUANDO Adão viu chegar Eva formosa,  
Para ele obrada pela mão divina,  
Grande amor lhe tomou; e a tal Menina  
Não lhe foi (inda bem) Descarinhosa.

Adão, único home' (a Deus graças) goza  
Mulher que não dá zelos, mulher dina.  
Como não fora essa Eva amante e fina,  
Se do homem só que havia, ela era Esposa!

Eu não sei se na conta vou errado.  
Seja robusto Adão, de idade inteira,  
Corpo gentil, juízo delicado:

Que Eva o Diabo viu, e creu asneira,  
Não lhe ouvir lérias, não o ter ao lado,  
Ser mulher, e não ser namoradeira.

## ODE

Chi sperar poteva il sole,  
Quando l'alba procellosa  
Questo giorno partori.

METASTAS.

O Lavrador que rasga à terra ingrata  
As avaras entranhas;  
A quem falaz seara mal responde  
Com mesquinha colheita  
(Ávida mira dos filhinhos rotos,  
Da esposa enfraquecida)  
Não manda aos Céus mais graças, se co'a relha  
Quebrou a talha de ouro,  
Por fugitivo Mouro ali guardada,  
Do que eu vi a Alegria  
Brotar do seio de tão feias nuvens,  
Que pesando no peito  
De aperto, aos olhos, lágrimas forçavam.  
Embora exulte e corra  
Beijar a terra o Nauta descorado,  
Que na brusca tormenta  
Zunir os ventos, fuzilar os raios  
Viu sobre as ondas verdes,  
Que fendidas, o náufrago navio  
Bateu co'a quilha a areia.  
Eu que outro sol não vejo, outra bonança,  
Que do rosto formoso  
De Márcia me não venha, única Vénus  
Que as tormentas serena  
Nesta minha alma erguidas, por ausências,  
Por ásperos ciúmes,  
Maior prazer senti, que o Navegante.  
Ele só perde a vida  
E as perigosas, pálidas riquezas:  
Mas que é o ouro, e a vida  
A quem perde um mimoso olhar de Márcia?  
O Réu, que vem subindo  
Trémulo a escada, a ouvir ler a sentença,  
E em vez da morte infame  
Se lhe intima o perdão, com a soltura;  
Ou quem ansiado arqueja  
C'o a aflita carga dum funesto sonho,  
Por bandoleiros duros  
Sente romper o peito espavorido  
Entrar a fria adaga,  
As desmaiadas carnes descosendo-lhe,  
Que a esposa condoída

Acorda; ele descansa acariciado  
Nos braços da Consorte,  
Entre beijos de amor com laço estreito:  
Não se dêem por felizes  
Se ousam comigo pleitear ventura.  
Foi mais vivo o meu júbilo  
Que vi a Márcia, longo tempo ausente,  
E a vi, quando perdida  
Tinha esperança de tornar a vê-la.  
Tive em meus braços Márcia,  
Quando ia só verter saudoso pranto  
Ao tristíssimo sítio,  
Que viu nossa penosa despedida.  
Os ares, que enlutados  
Ameaçavam lúgubres chuveiros,  
De novo o azul vestiram  
C'um gracioso olhar da alegre Márcia.  
Os campos se tocaram  
De novas flores, e de gosto riram:  
O sol, que se ia pondo,  
Nunca de nós se foi com mais saudade.  
Márcia, querida Márcia  
Que prazer que gozámos! que ternuras!  
Depois de tantas mágoas!  
Ditoso padecer! mágoas ditosas,  
Que tais gostos renderam!

## SONETO

«**E**SCREVE. (Amor me diz com tom severo.)  
Filinto, escreve os versos magoados,  
Com que ao som de teus ferros namorados  
Teu canto me insultou de ímprobo e fero.

São arrojados dum ânimo sincero  
Teus insultos, em tanta dor gerados.  
Dos cordões duma aljava pendurados,  
Por monumento no meu Templo os quero.

Conta as minhas façanhas sanguinosas,  
Meu facho invicto, e as de encantado gume  
Certeiras flechas, de ferir sequiosas.

Leiam *Fereza, Ingratidão, Ciúme*  
Meus escravos, nas folhas lastimosas;  
Adorem, temam meu tremendo Nume.»

## ORIGEM

### DA MALVASIA

**D**UM bacelo, que fruto inda não dava  
Fazia Baco, um dia, alta resenha:  
Aqui contava os gomos abrolhados,  
Ali expunha a vara ao sol benigno,  
Torcia a parra a dar jeitosa sombra;  
Ao pimpolho abrasado. Em tais desvelos,  
Eis dum basto rosal emaranhado,  
No alcance duma Ninfa, sai Cupido;  
E vê Baco, no ardor de seus amanhos;  
Diz entre si, sorrindo: «Triste Nume,  
Que a divindade estragas em tais lidas;  
Esta seta a gozar do Ócio te ensine.»  
Junta os cornos cruéis da ebúrnea lua,  
Despede a farpa (à Ninfa antes disposta)  
E no âmago do peito a Baco a embebe.  
Baco, que não temera o bando inteiro  
Dos Gigantes, trepando monte a monte,  
Antes duro, co'as unhas, co'a queixada  
Do leão ruivo, derribara a Reco...  
Baco tremeu c'ó desalmado golpe,  
Perdeu inteiro a vista; o imenso corpo  
Vergou, caiu, mediu o chão c'os membros.  
Co'a rija queda, da ferida crua  
Golfou a espadana do Celeste sangue,  
Que as cepas rega em cálido ribeiro.  
Baco de dor, de pejo se lastima,  
E enche os ares de prantos despeitosos.  
«Ergue-te, (Amor lhe diz, sorrindo iníquo)  
Domador de Leões, de irosos Tigres;  
Deus invencível, triunfador das Índias.  
Deus generoso, que trouxeste aos homens  
O segredo do néctar, dado aos Numes:  
Ergue-te; e vem prestar a vassalagem  
A Amor, que te venceu. Largo e profundo  
O farpão te fará de mim lembrado.»  
E nisto voa, e fende o Céu aberto  
Com descuidadas asas, logrativo.  
As cepas que beberam do divino  
Sangue de Baco, súbito perderam  
Quanto acerbo nas veias lhe corria,  
De tão melífero humor alimentadas.  
Dos gomos de tal vinha à Grécia vindos  
Nasceu a Malvasia; que graciosa

Não desdenhou as serras da Madeira;  
E inda cedeu doçuras de seus frutos  
À feliz Carcavelos, e Setúbal,  
Que o Celeste sabor inda conservam  
Do sangue divinal que em si tomaram.



## MADRIGAL

O Deus Amor, por se vingar um dia  
Duns açoites que a Mãe lhe deu, raivosos,  
    Na mente revolvia  
    Projectos acintosos.  
«Buscar-lhe-hei novo Adónis?... novo Anquises?....  
(Diz consigo) Não caio nessa chança.  
    Finura é de aprendizes  
Dar-lhe, por me vingar, nova folgança.  
    Melhor!... Melhor!... Com rede  
Nova, em braços de Marte, o Olimpo inteiro....  
    Mas Vénus, num terreiro,  
Cora ela mais se a vêem, – se a vêem na alcova!»  
Depois de ter projectos mil traçado,  
Desfechou em lhe dar ciúme activo.  
Formou Márcia mais bela; e nela ao vivo  
Debuxou das três Graças o traslado.

## ODE

*Em 23 de Dezembro de 1760, dia dos meus anos.*

O rus, quando ego te aspiciam! quandoque licebit  
Nunc veterum libris, nuuc somno, et inertibus horis  
Ducere sollicitae jucunda obliviae vitae.

HORAT. *Lib. 2. Sat. 6.*

~~~~~

Hoc erat in votis.

1

CÉUS, que tirastes do encoberto Nada  
O fio de que a vida me teceste,  
Bordada longe em longe  
De murchas alegrias;  
Mas o raso tingido de desgostos  
Na verde negra espuma do Ódio e Inveja.<sup>2</sup>

Sem vos pedir a luz do ignoto dia,  
Que mal cometer pude não nascido,  
Para atizar os fachos  
De precoce vingança;  
E na carreira da imatura Idade,  
O meu castigo anteceder a culpa!

3

Se a mim, que não a vós, coubera em sorte  
Traçar da minha vida o cheio quadro;  
Qual serpeia o regato  
Com sossegada veia,  
Entre esmaltados prados saudosos,  
Brandos, contentes anos deslizara.

4

Longe dos montes da Ambição altiva,  
Num abatido vale, a humilde choça  
Poria, em salvo amparo  
Das víboras da Inveja,

Abrigo do Prazer, do Riso honesto,  
Da virtude, e das Graças inocentes.

5

C'uma lira nas mãos, às Musas caro,  
Na beira duma fonte cristalina,  
    Que salpica de aljôfar  
    O serpão, o tomilho,  
À sombra dum verde álamo frondoso  
Saudaria a nova Primavera.

6

A singela Canção enfeitaria  
Co'as flores do saber, que em anos tenros  
    Me espalhou pelo seio  
    A cândida Natura,  
De Minerva os preceitos espinhosos  
Ameigando com plácido carinho.

7

Sem cuidar donde os mármoreos me venham  
Para invejandos pórticos, nem Cedros  
    De eterna construtura,  
    Me darei por contente  
Com choupos, que sustentem pobre colmo  
Domicílio de mim perecedouro.

8

Donde, sem atesar cordel tedioso  
Porei a meu prazer de estreme fruta  
    Os saborosos troncos:  
    E os seus corados pesos,  
Dos olhos alegria, e não custoso  
Regalo meu, dos hóspedes regalo.

9

Plantando outrora co'a contente dextra,  
Loura vinha, à visita inopinada,  
    Ao festival encontro  
    Do suspirado Amigo;  
Ora um rosal, votado ao riso meigo  
Do aplacado ciúme de Marfisa.

10

Ali alto Pinheiro, pouso de Águias,  
Sagrado às notas da vivaz Lembrança  
    Do quebrado Infortúnio:  
    Lá tremedoras Faias  
(De Titiro feliz augusta sombra)

Devida ofrenda às Campesinas Musas.

11

Criam Augustos imortais Virgílios,  
Ingenhos claros de ótimos Horácios  
Com meigo olhar favónio  
De sábia Majestade;  
E os que ignotos sorvera a Stige escura  
Nobres, e longe dela, ao Céu remontam.

12

Filinto os bens perdeu. Filinto triste,  
Que não achou Mecenas, que de Augusto  
O ouvido lhe inclinasse!  
Triste, infeliz Filinto  
Torna a teu sonho, torna a teu desejo,  
E em sonho espera só de ser ditoso.

13

Hespérico vergel de pomos de ouro  
Reluzindo entre verdes lisas folhas,  
Dera cheiroso circo  
À Státua da Amizade  
Tão formosa, tão rara, tão ingénua  
Como em meu peito seu sacrário, assiste.

14

De Carvalhos civis uma lameda  
Cortaria alterosa a ampla Campina  
Em desparzidas alas:  
Eterno monumento  
Do salvo Cidadão; e honrados Nomes,  
Que um bosque historiado compusessem.

15

Onde eu, quando mais alto o ardor da sesta  
Encalha os gados, e emudece os campos,  
Explicasse os segredos  
Daqueles caros nomes  
Conversando co'as verdes Hamadrias,  
Depositarias de íntimos sucessos.

16

Ali fora meu gosto recostar-me  
Ao som de buliçosas aveléiras  
Molemente pousando  
Na esquerda a face, e ir lendo  
Verdes padrões de mais alegres dias,

Postos por minhas mãos, por mim gravados

17

Sobre tapetes de macia grama  
Que Filósofo Plátano ensombrasse,  
Com folhage hospedeira  
Os ramos entrançando  
C'o vizinho Pereiro, que defronte  
Lida por descansar sobre ele os frutos;

18

Quando, por entre os dous amigos troncos  
Passeia, costeando-lhe as raízes  
O chocalheiro arroio,  
Que das musgosas rochas  
A espadana orvalhosa desentala,  
Argentada de bolhas correntias.

19

Saudosa Campina, qual na mente  
Agora te debuxo, tu só foras  
Alvo de invejas minhas;  
Aos troncos teus atada  
Me tens a ambição da alma; a minha vista  
Fez ponte, em ti cravada, a meus desejos.

20

Se qual te sonho, com clareza eu visse  
Nas enubladas folhas do Futuro  
Augusta Divindade  
Desferrolhando as portas  
Do desabrido cárcere, onde jazem  
Castigados meus bens tão inocentes!

21

Deliro?... Ou lá co'a dextra um Deus me aponta  
Roto o seio dos escondidos Fados?..  
Os súplices joelhos  
Dobrando respeitoso  
Homem humano ao Trono envia rogos  
À Clemente Rainha Lusitana!...

22

Já pisa aos pés o colo da Calúnia:  
Diz aos meus bens: «Surgi.» – Eis surgem fora.  
Já rasgos de ventura  
Vão lavrando na teia  
Dos anos de Filinto agradecido

Vivo matiz de generosas flores.

23

Se os doze lastros meus erguer-se podem  
Deste cargo de mágoas, [xxxviii] de pobreza;  
E as correntes quebradas  
Dos pulsos sacudindo,  
Podem ver de Alegria a loura face....  
Viverei longos anos num só dia.

24

Na Lira afeita a prantos e pesares  
De amargo luto há muito remontada;  
E que os festivos metros  
Desaprendeu gemente,  
Despirei a voz triste; e em cordas de ouro,  
A vir de novo chamarei os Hinos.

25

Da Augusta mão, do mavioso peito  
Um bálsamo virá, com que eu ainda,  
Nessas inertes horas  
De recobrado sono  
Cobrirei de jucundo esquecimento  
As cicatrizes dos rasgados golpes.

26

Ah! quão tardio! – Que a rugosa dextra  
Da pesada Velhice já na frente  
Me gravou seus ferretes,  
E com pungentes dores  
A Gota me agrilhoa, e me atravessa  
Os pés que anelam por correr à Pátria.

27

Como súbito acende árduo Desejo  
O spr'ito alvoroçado de speranças!  
Já ponho aquém os mares:  
Saúdo a foz do rio,  
Que ora alegre, quão triste à despedida,  
Chama as Ninfas, e os braços me oferece.

28

Verei os meus Penates tão queridos,  
A areia beijarei do Tejo ovante,  
E saudando as Musas,  
Que infante me embalaram,

Com divinas Canções, no chão nativo  
Contente e parco, viverei ditoso.

29

Com pouco é rico o Sábio: – e estende ainda  
Co'as sobras do seu pouco a mão piedosa  
    À Viúva afligida,  
    Ao desvalido honrado.  
Mais se alegra c'os bens, quando socorre  
Que Avaros, com montões do ouro, que amuam.

30

Ali virá o Amigo sem dobreza ,  
Que em amizade envelheceu comigo,  
    Entrelaçar-me o braço,  
    Para entreter saudoso,  
Ao abrigo do sol, junto à Choupana,  
Doces lembranças engastadas na alma.

31

E co'a quebrada voz mas inda grata,  
Repetiremos as Canções, que outrora  
    Enlevados ouvimos  
    Nos bosques de loureiros,  
Domicílios de Píndaro, e de Horácio,  
Sem que esqueçam os sons de Anacreonte.

## EPIGRAMA

UM pobre esfarrapado, – quase nu  
Mostrava o peito, e o ventre nu e cru.  
    Ferrolhado em gaiola  
    Por ter scandalizado  
Boas almas, a quem pedira esmola;  
    Citam-lhe as testemunhas  
    Que ele tinha citado:  
Vêm mulheres: – que em suas caramunhas  
    Asseveram jurando  
Bem terem visto o roto pobre, quando  
    Ante elas esmolara;  
Mas nenhuma na cara lhe encarara.



## SONETO

MOTE

*Já descer vejo a fresca madrugada.*

GLOSA

**J**á a Noite vai colhendo o manto escuro  
Recamado de estrelas radiosas:  
Do Tempo as gentis Filhas graciosas  
Lavam Piróis e Etonte em néctar puro,

Já Lúcifer com passo mui seguro  
Pisa do Oriente as plagas luminosas;  
E as sombras vão fugindo de medrosas,  
A amparar-se do Sol c'o Stígio muro.

Tingem-se as nuvens já no Céu luzente  
Da lindíssima cor apavonada,  
E a Terra enfeitada a torreada frente;

E já a Aurora co'a dextra alva e rosada  
Abre as portas ao dia; e do Nascente  
Já descer vejo a fresca madrugada.

## ODE A CUPIDO

Tendo uma bolsa nas mãos,  
e aos pés o facho, a aljava, o arco, as flechas.

Fore enim tutum iter et patens  
Converso in pretium deo.

HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

~~~~~

Car de trouver une rebelle,  
Ce n'est la mode à gens de qui la main  
Par les presents s'aplanit tout chemin.

LA FONTAINE, *Conte du Magnifique.*

**T**ENS bem razão, Amor: largaste o facho,  
Largaste aliava e flechas  
Que hoje força não têm, nem prendem lume  
Nos corações de gelo.  
Nem com Lira nas mãos foras seguro  
Fundar império na alma:  
Que não vejo por cá tão brando ouvido  
Que te franqueie acesso.  
Mas se queres (tal foi teu pensamento)  
Abrir as bipatentes  
Do peito feminil guardadas portas,  
Toma as aladas plantas,  
O Cilénio Galero, e vai correndo  
Com bolsa prene d'ouro,  
Que eu, coração não aches te prometo,  
Que a flechas tais resista.

## EPITÁFIO

1

**A**QUI jaz um Gatinho mui querido  
Beijado, anedeado e tanto e tanto...  
Quanto a Delmira é lágrimas e pranto  
Hoje, que a Morte o deu ao duro Olvido.

2

Ei-lo vai por caminho longo e escuro  
Buscar o Reino vão de Proserpina,  
Saudoso de sua Ama, e da benina  
Mão que o manjar lhe dava eleito e puro.

3

Seja-te a terra leve: e se no prado  
Elísio, postos há de mor apreço  
Para ti a Plutão com versos peço  
De Gato Abade, o posto regalado.

## REVELAÇÃO

ACHAVA-ME no monte do Martírio  
Do Senhor São Dinis, alta montanha  
Mui famosa, e a Paris mui sobranceira  
Quando vejo passar três muito louros,  
Mui gordinhos meninos, mui formosos,  
Que vão rindo, brincando e caminhando.  
Quis ver, de curioso, os três Anjinhos  
E saber onde os passos os levavam.  
Responde-me cortês o mais idoso  
(Que podia bem ter nove a dez anos)  
Veador de Vénus sou, este é Mordomo,  
E Camareiro-mor esse pequeno.  
Vamos à Capital da Elísia terra  
Se queres, vem connosco. Dou ao passo,  
E brinco (bem que velho) c'os que brincam!  
Nós que chegamos à ditosa Elísia,  
E os mancebinhos que entram pelas lojas,  
E que enfeirando vão a todo o custo  
Os livros Portugueses. – Ali pasmo,  
E pergunto: «Pois Vénus que é tão bela  
Que tem outros cuidados, perde o tempo  
Em ler livros? Beleza poupa estudos.  
Bela Dama que lê teme a velhice.  
Vénus é imortal, e sempre bela  
(Me responde o Amorzinho mais travesso)  
Mas Vénus que amou tanto a Lusitana  
Gente, que amou a Lusitana língua;  
Que o seu altar viu sempre cumulado  
De vítimas, de votos of'recidos  
Pelo génio amador dos Portugueses:  
E o Romano falar tão adoptado  
Do Povo imitador das claras obras  
Dos Camilos, dos Régulos, dos Décios,  
Se prove, cada século, dos livros  
Que os amores contém, ou altos feitos  
Dos Portugueses seus, tão estimados.  
Vem connosco, e verás.» – Eis-nos chegados.  
Que quem vai com Amores, vai depressa.  
Nos palácios de Idália tinha armada  
De Romanos e Lusos Escritores  
Deleitosa escolhida Livraria.  
Ali a vejo entrar. Mal que deu vista  
Da nova provisão de livros Lusos;  
Aqui abre, e revolve; ali folheia  
Elpino e Coridon – mais um ou outro:  
Pouco vê que lhe agrada, pouco estrema;  
Os mais com esquivança, e com enojo

Deita por terra, ou da janela arroja;  
E aos Amores das compras incumbidos,  
Assim repreende: «Não conheço nesses  
A língua de Camões, nem de Ferreira,  
Que tanto me agradou, que a tinha ao lado  
Do Romano falar, do meu Tibulo,  
Do que soube avivar o amor de Dido,  
E desse que cantou Lídia e Glicera.  
Esses livros de novo mixtifório  
Que trazeis, são da língua contrabando  
E são forjados por boçais pedantes  
Na scola do Telémaco capado.»

## EPIGRAMA

**P**REGAVA o Padre André , com mais que humano  
Esp'rito e zelo, o Amor Celeste e puro:  
«Tende embora (dizia mui seguro)  
O pejo virginal dum Franciscano:  
Tende inda, o que mais é, essa elegante  
    Capucha subtileza:  
        Dum Carmelita  
    A angélica pureza:  
        Do Jesuíta  
O peito humilde, e da pobreza amante:  
Se não tendes Amor sincero e forte  
Despedi-vos do Céu n'hora da morte.»

## SONETO

AQUI, oh Musas do sadio Pindo;  
Acudi, acudi em continente.  
Trazei convosco Apolo omnisciente  
E esse Nepente de préstimo infindo.

Quero mandá-lo à Haia rebolindo;  
E a poder do benigno ingrediente  
Por, como um pêro, são, certo doente  
Que amor da *du C\*\*\** [xxxix] vai consumindo

Ei-las que chegam! Febo escafedendo  
Vai-se a Mercúrio! pede-lhe que parta  
C'uma Carta da amante. Ei-lo correndo

Chega ao leito; as cortinas pronto aparta;  
E B\*\*\* [xl] que saudoso está morrendo  
Se ergue em pé, rijo e são, com ler a Carta.

# ODE À ESPERANÇA

Sperat infestis, metuit secundis  
Alteram sortem bene preparatum  
Pectus.....

HORAT. *Lib. 2. Od. 10.*

1

VEM, vem, doce Esperança, único alívio  
Desta alma lastimada;  
Mostra, na c'roa, a flor da Amendoeira,  
Que ao Lavrador previsto,  
Da Primavera próxima dá novas.

2

Vem, vem, doce Esperança, tu que animas  
Na escravidão pesada  
O aflito prisioneiro: por ti canta,  
Condenado ao trabalho,  
Ao som da braga, que nos pés lhe soa,

3

Por ti veleja o pano da tormenta  
O marcante afouto:  
No mar largo, ao saudoso passageiro,  
(Da sposa e dos filhinhos)  
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

4

Tu consolas no leito o lasso enfermo,  
C'os ares da melhora,  
Tu dás vivos clarões ao moribundo,  
Nos já vidrados olhos,  
Dos horizontes da Celeste Pátria.

5

Eu já fui de teus dons também mimoso;  
A vida largos anos  
Rebatida entre acerbos infortúnios  
A sustentei robusta  
Com os pomos de teus vergéis viçosos.

6



Mas agora, que Márcia vive ausente;  
Que não me alenta esquiva  
C'ó brando mimo dum de seus agrados,  
Que farei infelice,  
Se tu, meiga Esperança, não me acodes?

7

Ai! que um de seus agrados é mais doce  
Que o néctar saboroso;  
É mais doce que os beijos requintados  
Da namorada Vénus,  
A que o Grego põe preço tão subido.

8

Vem, vem, doce Esperança, que eu prometo  
Ornar os teus altares  
Co'a viçosa verbena, que te agrada,  
Co'a linda flor, que agora,  
Enfeita os troncos, que te são sagrados.

## SONETO

D'ALVAS cãs o semblante povoado,  
Velho de olhos previstos, cautelosos,  
Calva a cabeça, os membros animosos,  
Pardo, comprido manto sobraçava:

Na dextra curvo báculo arvorava,  
Com que regia os passos vigorosos;  
Dava brados aos Moços mal-cuidosos,  
Que Amor em suas redes emalhava.

Corri trás ele a ver que nos queria.  
(Ele era o Desengano mal-aceito.)  
«Deixa Moço enganado (me dizia)

De arrastar vis grilhões servo, e sujeito  
À Traição, ao Desdém, à Tirania,  
Que Nize esconde em refalsado peito.»

## CONTO

«O pão furtado aguça o apetite:  
Negaça e perrexil é a lei, que tolhe.  
Ir e vir, tomar este ou 'stoutro atalho,  
Não tem pico nenhum, se é permitido.  
Dá-lhe o sainete, de que a lei t'ó vede,  
Vem-te a água à boca, o coração te pula.  
Nós somos filhos de Eva, cobiçosa;  
Inda em nós lavra de Eva pecadora  
A nódoa original. Mas pede escusa.  
Bem que outros que obrariam pior que Eva,  
No lance em que Eva obrou, inda hoje a acusem.»  
Assim falava certo sposo um dia  
À Consorte que de ira esbravejava  
Contra Eva que o gatásio nos pregou,  
Donde a flux todo o nosso mal surdiu.  
«Despenhar num abismo de misérias  
Seu sposo, e toda a sua descendência!...  
(Dizia) E por que lucro, ou que regalo?  
Por ensossa maçã! Nossa Mãe Eva  
Tinha bem fraco gosto. – Ou fraco ou forte,  
(Lhe retruca o Marido) Quem foi causa,  
Quem tudo nos danou, não foi o fruto,  
Mas sim a Lei que ao gosto pôs travezes;  
Do vedado lhe veio o sabor sumo  
Mas seja, ou não assim; aposto, e digo,  
Que quem te ora vedasse qualquer cousa,  
Da qual bem pouco, ou nada se te desse,  
(Digo mais) coisa mesmo a ti nociva,  
Que almejaras por ela, se a não tinhas.  
Eu, almejar?... (Diz ela) – Sim, te juro.  
(Torna o Marido) e que o farás sem falta.  
Desde já, se mais teimas, faço a aposta.  
Olá, se teimo (lhe responde) e a aceito.»  
Sobre palavra entre ambos se stipula,  
(Segundo ouvi dizer) grossa quantia.  
«Não quero (diz o mui pacato sposo)  
Pôr-te empecilho em coisa que te custe.  
Fica-te um Charco à esquerda no caminho  
Que guia ao banho: – Vá no Charco a aposta.  
Se a fio um mês inteiro, em indo ou vindo,  
Represas a vontade que não molhes  
Na borda do tal Charco ambos os pés,  
Ganhas a aposta, e dou-me por vencido.  
Mas se ao passar te encravas no recife,  
Sem remissão perdeste o teu dinheiro.»  
Ora o tal Charco, em termos bem frisantes  
Era um lameiro, um cano de inundices,  
Digno (pelo não ver) dum bom rodeio.  
Fez dar muita risada o desafio,

À Dama, que festeja o bom mercado  
Do ovo por um real, e o tem tão certo  
Da aposta o ganho, como china em burra:  
E já cuida no emprego que há-de dar-lhe,  
Que traste comprará, que novo diche,  
Ou qual do toucador novo tareco.  
Roupas mormente, e bem da moda, a enlevam.  
Partem, como era de uso, para o banho  
(Não, sem dar sorradeira vista ao Charco.)  
Para a primeira vez, não é já pouco!  
Nem desta feita foi mais largo o arrojo.  
Com ir, e vir azinha se avezaram  
Ao verdoengo, à babuje, e lodo da água;  
Que a tudo habituar-nos sabe o Tempo!  
Fez mais o Tempo! Fez, que o Charco agrade.  
O ingenho humano é tráfego, e esquisito!  
Quando lhe chamo humano, incluo nele,  
Por três quartos e mais, o ingenho fêmeo  
(Em lances de apetite!) O que mui claro  
C'ó seguinte sucesso vo-lo provo.  
Eis que entra a conceber (nos diz a história)  
Veleidade a tal senhora minha  
De chafurdar nessa água suja e negra.  
(Que já vai nela obrando efeito a aposta!)  
E ao ver o charco, já lhe dava enojo  
Da água do banho a limpa e clara veia.  
Aqui entrou com seu bedelho o Demo!  
Fosse o que fosse: a Dama de sisuda  
Nem nisso boquejou a Joaninha,  
Sua Aia, que com ela vinha ao banho;  
Ladina e mui perfeita em seu emprego,  
E era mais que Aia; que era a dos segredos,  
E por acenos a Ama adivinhava;  
E tinha a alma (não muito) tão maneira,  
Que em cem anos e mais, que ali servisse  
Nunca daria um não ao querer da Ama.  
Mas palramos já muito da Criada,  
Que é mais que tempo de voltar à Dona,  
Que em si com muito custo se refreia.  
Medrava o Charco em convidoso engodo  
Dobrado esforço em resistir-lhe incumbe.  
Perto. – E mais perto os pés se lhe avizinham;  
Por gostinho de exótico tempero,  
Já não se vai ao banho, vai-se ao Charco.  
Já c'ó dedo se apontam a Joana  
Os marrecos, que dentro patinhavam!  
E que invejosa a Mocetona os via!  
E com eles trocara boamente!  
Que ânsias lhe vinham lá do âmago da alma  
De ser pata (sequer) por dous minutos.  
A miúdo, além do ponto nos arrastra  
A próxima Ocasião, que empuxa e tenta.  
Parando a Dama à borda apaulada,

Num súbito violento acesso, um dia,  
Tira um pé curioso da chinela,  
Toca ao de leve a orela verde e suja,  
E desta vez não vai mais longe a Dama  
Que o scrúpulo a atalhou, pondo-se em meio.  
Bons combates no peito se renhiam;  
Mas bem quadra a virtude em qualquer lance.  
Ora o Marido que da fresta espreita  
O entrecho da tramóia, muito sonso  
Rindo estava, e contava pelos dedos  
Que a seu salvo não leva o mês ao cabo  
Bem contava (ao que a Crónica nos reza)  
Que gualdidos do mês quase os dous terços,  
Chega o crítico dia finalmente:  
E o sposo astuto que tecia o logro,  
Do aguçado capricho vendo a altura;  
Diz-lhe que vai pôr olhos na vindima,  
Dar uma volta, e vir, lá pela fresca.  
Mas sai ao Campo, e recolhendo as rédeas,  
Vem descair em casa da Abegoa,  
Onde oculto os redores atalaia.  
Partir vê logo para o banho espertas  
Ama e Aia – no Charco demorar-se,  
Contemplá-lo, – deixá-lo a muito custo:  
Como quem com pesar de clara fonte  
Saudosa se arrancasse suspirando.  
Minava-a lá no banho incêndio oculto,  
Que inquieta, e triste, e pensativa a lança  
Fora da água, mais cedo que à hora do uso.  
Dá-se a perros, consigo regateia,  
Põe-lhe a espora a paixão, o ânimo verga,  
E no alcance a virtude lhe coxeia.  
«Passa já de aturar (diz a Ama à Moça,  
Apontando a ferida) Não. – É muito.  
Não há aposta que valha o que eu padeço,  
Nem se me dá aposta um leve adarme;  
Que alto o declaro, e fixo o determino;  
Eu hei-de ir às do fim: – ou Charco, ou nada.  
Que o saibam, que o não saibam: – stou ninando.  
Nem o caso é de morte: – e quando o fora,  
Tem de ir, desd'ora, avante o meu desejo.  
Bem morte de homem que é, Minha Ama o caso  
Para tais escarcéus: (Disse a Joaninha)  
Cá tinha meus barruntos. – Inquietar-se  
Por tão pouco; cismar! – Como é Menina!  
Faz gosto disso? – Cumpra-o, e dê dous trincos  
Quanto mais que o senhor anda por fora.  
Quem é que a vê? – Ninguém; a bom seguro.  
E se a vêem? – Grande Perda! – Perde a aposta.  
Deus nos valha? Virá a morrer de fome  
Por isso? – Um gosto vale mais que ouro, e perlas.  
Além de que, tal moca lhe urdiremos  
Que o gosto, e que o proveito entre num saco

Vales pesada a ouro (a Ama lhe torna):  
Hoje seja a função, que não mais tarde.»  
E nisto, já se amanhã para a folga:  
Chinelinhas na mão, os pés nuzinhos,  
Caminham aguçosas para o Charco.  
Vai diante a senhora, de lampeira,  
E logo vem de retaguarda a Moça,  
Deitando de caminho em roda o lúzio,  
Se há espia, ou malsim que sonso espreite.  
Comem-lhe de ânsia os pés. No Charco arrisca  
Primeiro um pé, com que o terreno sonde,  
Logo o arreda, mas outro toma o posto,  
Que também logo encolhe mui ligeira.  
Em conclusão: depois de muitos momos,  
Lá vão os dois pés juntos de mergulho,  
Até o lodo donde as rãs são inquilinas.  
Chafurdar, peguinhar ali folgada  
Superlativo gosto lhe dá na alma;  
Nunca no banho achou igual deleite.  
Em tanto o sposo (Perdoai) vigia  
Muito a seu grado quanto ali se passa;  
Dentro em seu coração folgando muito  
De não ter posto a prova mais forçosa  
Tão noviça virtude, e tão vidrenta.  
Só de cuidar no impróvido infortúnio,  
De susto estremecia. Deste aviso  
Vendo o caso avançado e bem maduro  
Vem, chasqueando, aparecer à Dama,  
Não dá mais susto uma alma do outro mundo!  
«Leva, leva; – abalar daqui – Corramos.»  
Mas quem corre descalça, corre pouco.  
Entram na sala; e co'elas entra o sposo.  
Que lhe diz logo: «E bem! teve mau gosto  
Nossa Mãe Eva em pôr (que tal é a surra!)  
Nessa maçã fatal seu apetite?»

## SONETO

AOS ANOS  
DA <sup>[XL]</sup> SENHORA D. F. X. A. DE S.

VÉNUS hoje descia, dos Amores  
E das venustas Graças rodeada;  
Cruzava em dança o voo a turba alada,  
Frechando a terra ardentes passadores:

Vi pousar os travessos voadores:  
Vénus o teu coração quis por morada;  
As Graças na garganta torneada,  
E nos peitos moraram matadores.

Dous Cupidos tomaram aposento  
Nos olhos petulantes: dous ufanos  
Nas faces de carmim buscam assento.

A mais tropa acolher-se, nos arcanos  
Tronos do almo prazer, vai num momento.  
Que donosa visita em dia de anos!

## ODE

– Non gemnis, neque purpura venale, nec aulo.

HORAT. *Lib. 2. Od. 16.*

QUANDO sinto subir-me à memória  
As imagens dos anos sab'rosos;  
Quando a Infância com brincos donosos  
Me ensinou a alegrar;  
Bem quisera despir-me das honras,  
Cruas tiranos dos meigos prazeres,  
Dar de mão ao renome aos haveres,  
E à puerícia tornar.  
Se não dão nome ilustre e riquezas  
Desatado teor de alegria,  
Mais valor me merece um só dia  
Que essa Infância alegrou,  
Que trinta anos de insípido fausto  
De lisonja mal dada, mal vista,  
De cansada etiqueta, malquista  
C'um taful como eu sou.



## ENIGMA

QUANDO um varão, que ilustra a Pátria, o Mundo  
    Vos sai à luz do dia,  
Com ele unido, alto poder me envia.  
    Quando sábio e profundo  
Abre as portas à lúcida verdade  
    Eu as chaves nessa hora  
        Lhe dou;  
        E eu sou  
    O que lhe aponto a Aurora  
    Rasgando a escuridade  
Das nuvens que Ignorância lhe atropela.  
    Com ele ufano brilho;  
    E com ele me humilho,  
Quando contra ele influi hórrida strela:  
    Com ele tenho vida  
E em sua morte a minha é compreendida.

## MORALIDADE

CUPIDO me levou dos olhos Márcia,  
Cupido m'a trará:  
Mas os anos, que o Tempo me há roubado,  
Quem mos restituirá?

## BILHETE

**N**ÃO sei que Fado mau, Fortuna escura  
Influiu contra mim, do Céu patente  
Passos baldados, e furtiva ausência.  
Não cuido ter da sorte merecido  
Tão agras, e tão longas esquivações.  
Quisera deparar c'um Bruxo esperto,  
Sagaz em descobrir esconderelos,  
E saber dele a causa desabrida  
Donde o meu venha contumaz queixume.  
Quisera ir ter c'ó Fado, e folhear-lhe  
O grosso bacamarte, em que anda escrito  
Quanto é, quanto há-de ser, quanto há passado:  
E nas laudas pintadas de sucessos,  
Quisera ver a mão desamorosa,  
Que amigos tão leais, de mim arreda.  
Como, agastado, ali lhe perguntara:  
«Dize, enojoso Deus, que error tão grande,  
Que crime cometi desventuroso?  
Eu as mãos não manchei no Pátrio sangue,  
Nem sacrílego entrei nos sacros templos  
A revolver arcanos proibidos,  
De mirrados Heróis divinos ossos.  
Os tremendos mistérios de Eleusina  
Não profanei com desmandada língua.  
Que fiz eu pois, que me granjeie a mágoa  
De nunca achar em três prolixos dias  
Os mui dignos objectos, mui prezados  
Da maior amizade, e mor estima?»  
Emboca, oh Fama a altíssonã trombeta,  
E dá-me a ouvir no meu retiro escuro,  
Quem separa de mim tão caras frentes.  
Ser-me-á consolação neste desvio  
Lançar mil maldições, raios, coriscos,  
Contra quem me desquita de seu lado;  
Lastimar-me do Fado, e quantos Deuses  
Jove rebanha na malhada Olímpia.  
Que se com rogos demover os Numes  
Não pude, hei-de abalar esse Aqueronte,  
Chamar as Fúrias, e infernais flagelos,  
O Cérbero triunfante, o Orco horrendo,  
Com rodas, com penedos, com os pregos  
Que a Prometeu cravaram diamantinos  
No Cáucaso (Tartárea ferramental!)  
Para afligir o indigno que me rouba  
Tão cara, tão gostosa Companhia.

## ODE

Quas Hector sensurus erat, poscente Magistro,  
Verberibus jussas, praebuilt ille manus.

OID. *de Art. amandi. Lib. 1.*

CANTEI essa Ode , Mathevon [XLII] difícil,  
Pelos modos de Horácio:  
Mas tão mal me afinei; que esse arremedo  
Mal semelha o modelo.  
Tentei-o, ao menos: e o tentá-lo é nobre.  
Tu vê, tu nota e risca.  
Tu não poupes a lima; não perdoes  
A ambicioso viço,  
Nem à peca, insofrida, ensossa prosa.  
Toma a Censória vara.  
Não quero os filhos meus tratar com mimo,  
Como os filhos morgados.  
Qual Tétis entregou a Quiron duro  
O pouco vividouro  
Filho. E mais o Centauro, nas tenrinhas  
Costas vergões lhe erguia,  
Quando Aquiles lhe errava. Assim eu quero  
Co' estes meus versos uses.  
Bem que hajam como Aquiles durar pouco,  
E esse pouco entre invejas:  
E que algum Bonzo, [XLIII] alguma mulherinha  
Pedante os abocanje.

## ANFIGURI

DÁ ca o presunto,  
Rapaz enfeitado:  
Quem não come um bocado  
Não morre de fome.  
Morreu Lobisomem  
Em camas de neve  
Co' a pena que escreve  
Decretos do Amor  
Que quis com primor  
Em rico tapete  
Depor o sainete  
Da concha Ciprina.  
Eu vi a Menina,  
Que vence as formosas  
C'os lírios, e rosas,  
Falar de sob-capa  
A bichos do Papa.  
Foi muito daninho  
Às cepas do Minho  
O sol deste inverno:  
Quem pôs o governo  
Nas mãos da criança  
Não canta nem dança;  
Mas põe gerigonça  
Nos papos da Onça.  
Garrido estribilho,  
Com palha de milho  
Vai mui penitente  
Nas pelias da gente  
Sorver a mostarda,  
Que trouxe a Bastarda  
Nas garras do lobo.  
O magro Farrobo  
Nas altas ameias,  
Sem ligas, sem meias  
Gritou tartamudo:  
«Trazei-me veludo  
De pelo encarnado  
Que dê mau olhado  
A três feiticeiros.»  
Os velhos gaiteiros  
Rebentam de riso  
Co'as trovas de guizo  
Na vã carapuça.  
Bem vai quem se aguça  
Por ver o chavelho  
Do bom scaravelho  
Pintado de azul;

E a penca ao Taful  
Da parda caraça,  
Que bem se almofaça  
C'o texto da Glosa.  
E viva essa Moça,  
Que compra o rebique,  
E diz no repique:  
«São bons carapaus.»  
Ásados maraus  
Com pança balofa  
Refrescam a fofa  
Nas costas do Alfeito.  
Mas foi mui bem feito  
Trazerem castanhas  
De avulsas maranhas  
Do monte Pegú.  
O Cucurucú  
Despindo as baetas  
Mostrou carapetas  
Nos Alpes gulosos.  
Vieram gostosos  
Os nabos Turquinos  
Trazer aos meninos  
As torres da Sé.  
Não ouve, não vê  
Cruel rapazia  
Dragão que assobia  
Deserto e Filhota.  
O Céu se encapota  
Com manto de sarro  
E chove catarro  
Por gordas goteiras.  
Sacode as peneiras  
Brincam Demonico;  
Lá leva no bico  
Barbudo alguidar.  
Mandei bugiar  
O homem de ferro,  
Que vai como um perro  
Capar os picanços.  
Passeiam mui mansos  
Subtis Jesuítas  
Varrendo as Mesquitas  
De são Sarabando.  
Aqui vão quebrando  
Os ecos das bombas,  
Que estouram nas trombas  
Dos Rinocerontes.  
Com seis Faetontes  
Nas pregas da cauda  
Compunha uma lauda

De vãos palavrões  
Para as Conclusões  
O grande Enxobregas,  
Que estanca as bodegas  
Da esconsa Prosódia.  
Gentil palinódia  
Discanta o Sultão  
No grão Casarão  
Que Merlim lhe acabou.  
Aqui me mandou  
O seu mensageiro  
O mui marralheiro  
Autor da matraca,  
Que intrépido ataca  
Com seus consoantes  
Os versos tonantes  
Sem tais maravalhas;  
E afia as navalhas  
Trombudo Censor,  
Sem pejo, sem dor.  
Eu neste entrementes  
Vos lanço a seus dentes  
Versinhos louquinhos.

## SONETO

**S**E o meu Bem creio em braços de outro amante  
Lavra em meu peito férvido ciúme;  
Arde-me o coração em vivo lume,  
Chameja a labareda no semblante:

A voz rouca, o juízo delirante  
Embrusca-me a alma rábido negrume;  
Megera afia o atraído gume,  
E mo ensopa na mente a cada instante.

Nem das Maternas fúrias agitado  
Sentiu Orestes infernais horrores,  
Quais no ânimo revolvo lacerado.

Os látigos de Alecto vingadores  
Tanto não doem, nem sente um condenado,  
No Averno, ao menos, zelos mordedores.



## EPIGRAMA

**E**NTENDER de Comércio é gran venida  
Para dourar com cabedais a vida:  
Val mais que tenças, mais que bons morgados.  
Saibam que Filis d'alugar seu leito,  
Que apenas lhe custou vinte cruzados,  
Tira dez mil, cada ano, de proveito.

## USOS DESTE MUNDO

**N**AS praças uns perguntam novidades;  
Outros dão volta às ruas, ao namoro;  
Este usuras cobrar, esse as demandas  
Lembrar corre ao Juiz que se diverte.  
Ir de Jano aprender a ser bifronte,  
De Mercúrio, no trato, a ser bilingue,  
Franco no prometer, no dar escasso.  
C'os olhos fitos no ávido interesse  
Ser consigo leal, com todos falso  
É ser homem capaz, home' entendido.  
Assim, que vemos nós por este esconso  
Mundo? Vemos logrões, vemos logrados;  
Ninguém vê ir com cândido desejo  
Aos Sénecas, aos Sócrates de agora  
Perguntar as lições tão necessárias  
De ser honrado, ser com todos justo.  
Tão sobejos se crêem de honra e virtude,  
Que cuida cada um poder de sobra  
Mostrar na Ocasião virtude a rodo,  
E chega a Ocasião, falha a virtude.

## ODE

.....Te doctus prisca loquentem  
Te matura senex audiat.  
CLAUDIAN.

~~~~~

Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva  
A Portuguesa língua.

FERREIRA. *Carta a Pero Caminha.*

**I**RRITADO da dor, de ver zombada,  
Por insulsos pichotes,  
A língua de Camões sonora e pura,  
Que nos deu tanto nome;  
A frase nobre e tersa, com que a Castro  
Derramava seu pranto;  
Chorando o fado dos alados Cisnes;  
Que do Parnasso as sendas  
Nos calcaram com tão gentil despejo,  
E com tanta opulência  
De eloquente riqueza nos fizeram  
Herdeiros sumptuosos,  
Fui sentar-me cuidadoso, magoado  
Nas ribeiras do Tejo:  
E, a mão na face, descaída a frente,  
Lançava ao longe a vista  
Pelas águas do rio caudaloso,  
Outrora tão cantadas.  
Tão famosas na Europa, e no Oriente.  
«Quem vos viu noutras eras  
Tágides nobres, célebres nos hinos;  
Levantar triunfantes  
Nas claras ondas o soberbo rosto;  
Entre as do Alfeu, do Míncio,  
Na Itália e Grécia tão gabadas Ninfas!  
Hoje, de deslembadas,  
Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos  
Nos Cantores de Elísia...»  
Nisto... Sinto um rumor... Turbam-se as ondas;  
Borbulham, formam cercos,  
Que vão, uns após outros, estendendo-se,  
E entre a miúda espuma,  
Que alveja pelas lisas verdes tranças,  
Diviso o lindo Coro  
Das graciosas Ninfas, escoltadas  
De Tritões escamosos,  
Com a forcada cauda o mar varrendo.

No meio um soberano  
Ancião de branca barba ondeada e longa,  
Que branda lhe descia  
Pela cerúlea toga auri-brilhante.  
De Nereia em Nereia  
Os verde-mares olhos perpassando,  
Curva Real aceno  
À mais bela das Ninfas, que responda  
A meus vivos queixumes,  
Calou-se o vento, e as ondas alisaram-se.  
Como em luzente espelho  
Tritões espadaúdos retrataram,  
E o Tejo, e suas Ninfas.  
Então em mim fitando a clara Deia  
O angélico semblante:  
Filinto, com razão, mui justas queixas  
Apaixonado espalhas  
Pelas nossas ribeiras saudosas,  
Depois que a Morte crua  
Segou, com fouce avara, aqueles grandes  
Esp'ritos excelentes  
Camões sublime altíloquo Ferreira  
E quantos a era augusta  
Criou com leite são, clara doutrina,  
Que a Pátria acreditaram:  
E Nume tutelar, benigno Febo,  
De acender não cessava  
Divino fogo nos engenhos Lusos,  
Mostrando-lhes c'roado  
De ilustres ramas o desejo de honra,  
Ganhada por bons versos.  
Este ar, troando ainda c'os furores  
Da belicosa tuba  
Que imortal aquecia o Vate ousado  
Quando lançava o brado,  
Que por esse Universo se estendia,  
Mostrando os mares da Ásia  
Trilhados das afoutas proas Lusas,  
E os feitos memorandos,  
Que inda eco fazem nos auritos montes,  
Despertam insofridos  
Ardentes peitos de Renome eterno  
A treparem com ânsia  
Pela scabrosa encosta do alto Pindo,  
E nele cortar louros.  
Inda há pouco Garção, Elpino, Alfeno  
Por Apolo animados,  
E nos nossos regaços instruídos,  
As liras receberam  
Dos Cantores mais altos do Parnasso  
E sobre as doudas cordas,

Já renovaram as Canções Dirceias;  
E as Musas, que corridas  
Da rançosa Académica coorte,  
Fugiram enojadas,  
Que, de mil semi-vates aprosados  
Escuros, e espinhosos  
Desdenharam influir os Anagramas,  
Acrósticos, e Enigmas,  
Ou Góticos, freiráticos conceitos,  
Já canoras do Pindo  
Vinham descendo a bafejar os Hinos  
Dos viçosos Alunos  
Nos Gregos prados, nas Latinas veigas  
Medrados co'a cultura  
Do apurado saber, ferrenho estudo...  
Eis que de negros Corvos  
Um bando iníquo em torno deles grasna  
Invejoso, molesto,  
Moteja a língua de áspera, e de antiga;  
De sentido enleado;  
Acha bronco o Camões, charro o Ferreira;  
Camões! a nossa glória!  
Por quem somos só lidas e estudadas  
Nas terras mais remotas!  
Erguem no povo rudo alto ruído  
Contra os novos Orfeus .  
E assim como as Bistónides raivosas  
O canto lhe afogaram  
Quando no Hebro a dulcíssima cabeça  
Arrojaram dementes;  
Tais contra os meus Alunos, essas Gralhas  
Os gritos desentoam.  
Delas te queixa, nelas ceva as iras;  
Que as flechas do ridículo,  
Horácio e Juvenal te afiam prontas:  
Que não temos as Ninfas  
Mais armas que as do verso acicalado  
Que rasga o âmago da alma.  
Não somos Jove atirador de raios  
Nem Febo arci-tenente,  
Que contra esses, que a pura veia turvam  
Da Pegásea Aganipe,  
E às estradas do Pindo o passo impedem  
Aos mimosos das Musas,  
Disparemos bombardas. Mas tu podes  
Novo Boileau severo  
Cortar por Scuderis, Cotins, La Serres  
Descoser seus escritos,  
Ou novo Lobo de engraçado pico  
Pô-los tão desprezíveis,  
Que nem os olhos levantar se atrevam

Para os que os sons melífluos  
Ansiosos bebem na água do Parnasso  
Alta esperança Lusa!»

## SONETO

«**N**AVEGAS entre Cabos tormentosos,  
Açoutada de ventos inclementes;  
Rompendo serras de ondas combatentes,  
Vás naufragar em baixos temerosos.

Por que deixas os portos bonançosos,  
Onde abrem claros sóis dias contentes?  
Onde gorjeiam gárrulas correntes,  
Entre vastos rosais, mirtos verdosos?

Assim à Nize bela, Amor (que a via  
Entre as vagas de turvas tempestades  
De zelos de Filinto) lhe dizia.

Té que, abalada das fiéis verdades,  
Beijou na face ao Deus, que a persuadia;  
E os Ciúmes tocou em saudades.

## MADRIGAL

**M**ARIPOSA inconstante,  
Que namoras a Rosa, a Violeta,  
E com vontade inquieta  
A toda a flor te of'reces fino amante,  
Vai, leva essa meiguice  
Longe destas Campinas lealdosas,  
Que pode vir Almeno; e se te visse  
Render tantas ofrendas enganosas,  
Te imitaria a errática ternura,  
Desleal a Delmira, à fé mais pura.

## EPIGRAMA

**E**STE, aqui, tenda; aquele assenta banca:  
Um ganha com pandeiro , outro com tranca .  
Cada um labora neste escasso mundo,  
Com mister, com ofício, ou benefício.  
Clori acertou, que com saber profundo,  
Na alcova a loge abriu, do seu ofício.



## ORIGEM DO AMOR

**N**O almo dia em que Vénus veio ao mundo,  
Celebraram com splêndido convite  
Seu nascimento os Deuses: até Pluto  
C'os mais tomou assento. À porta olhava  
(Quanto a mesa durou) pronta a Pobreza  
A pôr a mão nas sobras dos manjares.  
Pluto, c'o Néctar, que bebeu sobejo  
(Que inda ao mundo não era o vinho dado)  
De Jove nos jardins se deita, e dorme.  
D'há muito que a Pobreza apetecia  
Lanço aberto de ter dum Deus progénie.  
Assim, chega-se a Pluto, afável, meiga  
E a si, com tais carícias o afeiçoa,  
Que Amor dali nasceu: e de nascido  
Com Vénus num só dia, vem, que na alma  
Lhe agrada a formosura, e sempre a segue.

## ODE

.....Sed Cynaræ breves  
Annos fata dedere. –

HORAT. *Lib. 4. Od. 18.*

**A**S breves Horas, co'as fugazes plantas  
Levam de rojo, a grão tropel, os anos,  
Que na boca voraz a Eternidade  
    Aceita de contino.  
Debalde, oh douto Sales, sobre os livros,  
Fatigas a saúde, e os piscos olhos:  
Debalde apuras a lidada ideia  
    Em busca da Ventura;  
Que mal viu a boceta de Pandora  
Aberta em nosso dano irreparável,  
Abriu as penas, e se ergueu do mundo  
    Corrupto e tenebroso.  
Logo, após dela, os Deuses desgostados  
O voo lhe alcançaram, e nas limpas  
Moradas venturosas se esqueceram  
    Dos incautos humanos.  
Os Desastres em alas investiram  
Co'a inerme prole do mal seco lodo,  
Sem perdoar às forças, à beleza  
    Às graças, aos talentos.  
Deu corte à Argiva Helena, a Aquiles fero  
Da esquiva Morte o inevitável gume;  
E os que afouto levou Tifis a Cholchos,  
    Viveram scassa idade.  
Tu não encetes longas esperanças,  
Nem confies nos braços alentados  
C'ó esperto saco dos viçosos anos,  
    Nem no corado rosto:  
Quando Márcia, que assemelhava os Numes,  
E que dias sem termo merecia,  
Quasi avista os umbrais da Libitina,  
    C'os encovados olhos.

## SONETO

### TRADUZIDO

QUANTO é singela a vossa vida, e pura!  
Pastores, quanto é brando o vosso estado!  
Longe da Inveja, longe do Cuidado,  
Zombais da língua, que em mentir se apura.

À sombra dos docéis, que ergue a verdura,  
Vai para vós rompendo o alegre prado  
O ribeiro das rochas desatado,  
Que entre as quebradas plácido murmura.

Ditosos! Desfrutais a Natureza  
Entre o gado inocente, entre as boninas,  
Entre peitos de amável singeleza.

Nós, entre dolos, ambições, ruínas,  
Mal vemos o Prazer; que se despreza  
De trajar o ouro das culpadas minas.

## DESAFOGO

ONDE estás, oh Filósofo indefesso  
Pio sequaz da rígida Virtude,  
Tão terna a alheios, quanto a si severa?  
Com que mágoa, com que ira olharas hoje  
Desprezada dos homens, e esquecida  
Aquela ânsia, que em nós pousou Natura  
No âmago do peito, – de acudir-nos  
Co'as forças, c'o talento, co'as riquezas  
À pena, ao desamparo do homem justo!  
Que (baldão da fortuna iníqua) os Deuses  
Puseram para símbolo do esforço,  
Lutando a braços c'o áspero infortúnio?  
Pedra de toque em que luzisse o ouro  
De sua alma viril, onde encravassem  
Seus farpões mais agudos as Desgraças,  
E os peitos de virtude generosa  
Desferissem poderes de árduo auxílio?  
Que nunca os homens são mais sobre-humanos  
Mais comparados c'os sublimes Numes,  
Que quando acodem com socorro activo,  
Não manchado de sórdido interesse,  
Nem do fumo de frívola ufanía;  
Ou cheios de valor e de constância  
Arrostando co'a medonha catadura  
Da Desgraça, que apura iradas mágoas  
Na casa nua do varão honesto.  
Mas Grécia e Roma há muito que acabaram;  
E as cinzas dos Heróis fortes e humanos,  
Que as cívicas coroas preferiam  
Ao louro triunfal, tinto de sangue,  
Hoje as pisa, hoje espalha desdenhoso  
O vulgo cego dos Filautes duros,  
Surdo à voz que o repreende vingadora.  
Que os homens, de imprudentes, não alcançam,  
Que o perene prazer único e puro,  
Que o Céu outorga neste esquivo exílio,  
É o que se esparge pelos seios da alma,  
E que a transpassa de imortal deleite,  
Quando partimos, com bizarra dextra,  
Os bens, que liberal nos deu a sorte,  
E vemos transluzir radiosa e viva  
A Alegria no rosto do afligido,  
A Dissabor molesto condenado.

## MORALIDADE

É nosso coração vorage imensa,  
Em que Honras, Cargos, lúbrica Ventura  
São dos Desejos vagos a manutenção,  
Que, gozados, os manda à sepultura,  
Para abrir nova boca à turba densa  
De prazeres de nova formosura  
Quais das talhas das Bélides impias,  
Se esvaecem as águas fugidias.

## ODE

As invejas da ilustre alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados;  
Quem valorosas obras exercita  
Louvor alheio o esperta e excita;

CAMÕES. *Cant. 5. est. 92.*

1

**R**OMPEN curvadas quilhas atrevidas  
Por climas não usados,  
De Neptuno as espáduas insofridas:  
Por cerros não trilhados,  
Por férvidas areias, crespos gelos  
Devassa o afouto pé do Orbe os cancelos.

2

C'o a mão segura às roupas da Virtude  
Não teme o Varão forte  
Do Leão, ou da Ursa a garra rude:  
Calca o semblante à Morte,  
Ou na férrea peleja, ou na tormenta  
As lanças quebra, os Euros amedrenta.

3

Com alto brio, e poucas tropas duras,  
Alexandre em Arbelas  
Juncou o campo d'áureas armaduras.  
As frentes amarelas  
A três Pretores fez voltar, ousado  
Viriato de esforço e ardis armado.

4

Estremecem c'o insólito rebate  
Quando o ardido Soares  
De Meca às portas c'oas trombetas bate  
Tremolam pelos ares  
Nos nadantes baixéis farpadas Quinas,  
Quando avista o Cabral Brasil e Minas.

5

Mas que furor se ateia no meu peito!  
Novo fogo me acende,  
Um Deus me peja o coração estreito.  
Minha alma se desprende,  
E os ares vai talhando a voo solto;

A azul morada piso desenvolto.

6

Que Templo é este que à direita vejo?  
Que altar de verde antigo?  
Teu santo simulacro humilde beijo.  
Salve, oh Nume amigo.  
Este é da Glória o Templo. Aqui são Numes  
Os Varões de honradíssimos costumes.

7

Ali vejo Nunalv'res!... Sim: na lança  
Que foi da Pátria amparo,  
O grave corpo impávido descansa.  
Ali sublime e claro.  
Está Manuel, está João segundo,  
Que ensinou a ser Reis os Reis do Mundo.

8

Ouço Ataíde, e Constantim valente,  
Castro, Cunha e Sampaio  
Memorando as façanhas do Oriente:  
Do Achem e do Malaio  
Contando árduas batalhas que ganharam,  
Golpes que deram, Reis que avassalaram.

9

Dom João da Silva, para o baixo Mundo  
Descendo o olhar pausado,  
Tinge o semblante de prazer jucundo.  
C'o braço recostado  
Na orla do escudo, o corpo sobranceiro,  
Assim te fala, oh novo Cavaleiro.

10

«Tu, que afouto trilhar do valor queres  
As difíceis estradas,  
Desvia o fito de brasões, de haveres,  
Para as acções honradas  
Dos que acesos no brio alto e prestante  
A Fama, por fanais, te pôs diante.

11

Na Ásia Albuquerque, na África Meneses  
Valentes retalharam  
Indianos broquéis, Mouros arneses,

Os Focas se assustaram  
Das Lusitanas Naus empavesadas  
Sulcar do Eão as húmidas estradas.

12

Ergue os olhos à Sala grave e dina .  
Aqui os vês honrados  
Os Capitães, que em terra peregrina,  
Ou nos Lares amados,  
A roxa Cruz de modo enobreceram,  
Qu entre ilustres Heróis lugar se deram.

13

Cavaleiros da roxa Cruz de Cristo  
Venceram denodados,  
Com valor, nunca noutra gente visto,  
Tantos Povos armados,  
Tantos Reinos no Antípoda Hemisfério,  
Que deram novo Império ao Luso Império.

14

Por feitos de valor duras fadigas  
Se ganha a Fama honrada,  
Não por branduras vis do ócio amigas  
Zonas fria e queimada  
Viram do Cancro, à Ursa de Calisto  
Cavaleiros da roxa Cruz de Cristo,

15

Eu, já a Fé, e os teus Reis, e a Pátria amada,  
Na guerra, te ensinei  
A defender, com a tingida espada:  
Co'a Morte me afrontei  
Pela fé, pelos Reis e Pátria. A vida  
Se assim se perde – a vida é bem perdida.

16

Já com esta (e arrancou a espada inteira)  
Ao Reino vindiquei  
A C'roa que usurpou mão estrangeira.  
Fiz ser Rei o meu Rei  
Com acções de valor, feitos preclaros  
Nas Linhas d'Elvas, e nos Montes Claros.

17

Se de imitar meu nome te glorieias,



As façanhas me imita,  
Ou na Pátria Nação, ou nas alheias.  
O meu valor te incita;  
Segue os meus passos, segue o meu exemplo,  
Se morar queres neste honrado Templo.»

## SONETO

DO peito as portas, me assaltais, guardada,  
Oh Zelos, que os buídos passadores,  
Torvos na vista, respirando horrores,  
Vibrais em vão nas mãos ensanguentadas.

Em vão co'as línguas, em rancor cevadas  
Ansiáis pôr nódoa em cândidos favores  
E, aos visos da Suspeita de mil cores,  
Dais face a culpas, na alma nem pensadas:

Vindes de armas, sem força, apercebidos.  
Vede os Amores postos em defesa;  
Vossos tiros das asas sacudidos.

Nize aparou do Amor toda a fineza  
Num favor, que enlevando-me os sentidos  
Não deixa onde empregueis vossa crueza.

# ODE

..... Operosa parvus  
Carmina fingo.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

1

LIRA, há tempos altiva, temerária;  
Que ousavas (mas de longe)  
Seguir o trilho do divino Horácio;  
Que, escutando-lhe os sons, a voz moldavas  
Em seu metro ditoso,  
Da Grécia herdado, e que legado a Roma,  
Se malogrou em Vates apoucados.

2

Lira cansada, lembrem-te as fadigas,  
Que por seguir teu Mestre  
Desvalidas nos ares te largaram  
À Icária sorte, sem deixar teu nome  
A celebrados mares;  
Lá perdeste a conquista aventureira,  
E a fama lá trocaste por desdouros.

3

Lembrem-te ultrajes da ruim Doença,  
Que as relíquias do Estro  
Me definhou co'a macilenta dextra,  
Quando a arquejar o anhérito entalado  
Me assoberbou no peito  
O ansioso coração, e que ante os olhos  
Vidrados quase, a Morte, e seus Sequazes,

4

Com feia, ameaçadora catadura  
As luzidias fouces  
Medonhos meneavam, e do avaro  
Jazigo a campa aberta me apontavam.  
E inda tens ânsia, oh Lira,  
Que te fira as desafinadas cordas  
Com desleixado plectro? És louca; és louca.

5

És confiada: que estás chamando os Numes  
Ao meu estreito albergue.

Já a Gratidão fizeste vir do Olimpo,  
Me acenas que a corteje. – Eis-me no enleio.  
Faze pois com que Apolo  
Co'as Musas desça, – já que és Lira sua,  
Que os sons desçam de Píndaro, e de Flaco.

6

Como prodígio tal pudeste, oh Lira,  
A favor d'Araújo?  
Eis vem co'as Musas Febo! Vejo os altos  
Soberanos da Lírica harmonia!  
Já meu curioso ouvido  
Bebe a inspirada voz, que leva aos Pólos  
O mérito do Herói de fama digno.

7

Quando, por sustentar recém-remida  
A Lusa Liberdade  
Do tirânico jugo dos Filipes,  
O aclamado João ia amostrar-se  
Ao desejoso exército,  
E na dianteira General supremo  
Guiá-lo pelo trilho da Vitória;

8.

Deu a guardar a vida mal segura  
Das Hispanas ciladas  
A Araújo fiel : e ali o Nume  
Tutelar da liberta Lusitânia,  
Que, envolto em rara nuvem,  
Sempre a assistiu com disvelado amparo,  
Do Rei novo, assim fala, ao Régio Guarda:

9

«Tens a teu cargo a glória Portuguesa;  
Em ti depositada  
Tem toda a confiança o Povo Luso.  
Sê disvelos, sê olhos sempre abertos;  
Com teu cuidado cerca  
Esta nossa esperança, dos Céus vinda,  
Resgate do comprido Cativo.

10

Nos ânímos dos Lusos libertados  
Se anda tecendo o prémio  
Agradecido, e enquanto tu vigias,  
Inda outro prémio mais subido e raro  
Te apresta o Rei guardado:  
E o Profético Nume quer brindar-te  
Co'a avara vista dum arcano oculto.

## 11

A mim mo descerrou; por que eu com ele  
 Te gratifique o zelo;  
 A mim que afecta sou com maior ânsia  
 Em honrar-te a velada fiel guarda.  
 Gostoso e atento me ouve;  
 E no âmago do peito forte imprime  
 As vozes de ouro, que revela o Fado.

## 12

Um Neto, que virá, passada esta Era,  
 Coberto de teu nome,  
 Bafejado dos Céus, caro às Aónias,  
 António de Araújo, [XLIV] há-de ser astro,  
 Que a toda a tua stirpe  
 Dê luz com seu Ingenho agudo e raro,  
 Com Pátrio zelo, e sociais virtudes.

## 13

Do Empireu, onde te põe teu zelo activo,  
 Verás como ele doura  
 Os cargos, de que o Rei, e a Pátria o incumbem;  
 Como luz c'os talentos, já nas Cortes,  
 Já nos doutos Congressos;  
 E te darás, por séculos, premiado  
 No brilho de teu Neto generoso.»

ODE  
DE ARROMBA  
A UMA MORTE MUI SENTIDA

Ah que não sei de nojo como o conte!

CAMÕES.

FOGE, profano vulgo, que aborreço,  
Cego, que nunca viste  
As colunas, os pórticos sagrados  
Que a morada torneiam  
Da facunda imortal Sabedoria,  
Sobre asp'ro cume de ermas rochas brancas.

Caro às Aónias, destemido Vate  
Pela mão de Tália  
As escabrosas retorcidas fragas  
Do fatigoso monte,  
Vou subindo, tardio, mas cravados  
Os animosos olhos no alto tecto.

No largo umbral, de jaspe o douto Apolo  
Rodeado das Musas  
Co'a lira alti-sonante me convida:  
Por onde os pés aponto  
Curvam-se os louros, abrem-se os silvados  
E perfume divino em mim recende.

O sacro horror que me ocupava o peito  
Se converte em corage:  
Da luz que pelas portas rompe e brilha  
Sinto ferida a mente.  
Desfaz-se a névoa do Erro; estalam, quebram,  
Os oucos sons da tímida Ignorância.

Com sábia mão a Divindade augusta  
Que aqui pousou seu Templo,  
Me despe os olhos da embotada vista,  
Cega herança do vulgo.  
Com raio perspicaz de agudo lume  
Me brida, e me esclarece generosa.

Desde a Aurora serei até o Ocaso  
Solene Vate ouvido.  
Enxutas Ursas e Mouriscas praias  
Estudarão meus versos.  
E a Fama, as asas longas alargando,

Meu nome estenderá dum Pólo ao outro.

Eu já vejo aos montes sobranceira  
Com cem bocas, cem olhos  
Que vêem tudo, e mais contam que não viram.  
Infatigável Nume,  
C'o pé ligeiro, enquanto a terra mede,  
Na abóbada do Céu co'a frente roça.  
A gente , que de novas se sustenta  
Em tropel se lhe apinha .  
A voz desprega. Chego cobiçoso,  
Que assim me avisa e manda  
A voz da Sapiência, mais segura  
Que o crido som dos Dodoneus carvalhos.

E diz: Que todo o Olimpo está de nojo;  
Vénus, Palas e Juno  
Vão negras longas caudas arrastando;  
Júpiter, Marte e Apolo  
Puseram choradeiras nas casacas  
Pela morte do Gato de Marfisa.

## SONETO

*De romper outeiro de Abadessado.*

MOTE

*É tempo, oh Musas, rompa o doce canto.*

GLOSA

**T**ÊM as Virtudes estrelado assento  
Na aula sublime do Factor do mundo;  
C'os pés estão trilhando o colo imundo  
Do Vício torpe, do Ócio macilento.

Mas, ah! que vejo? Do áureo Firmamento  
Desce um luzeiro rápido rotundo,  
Donde, com rosto plácido e jucundo  
Salta uma Ninfa ao térreo pavimento.

Serena Religião, sei que procuras  
De Tirceia o composto ilustre e santo,  
Pasma das nossas eras e futuras.

Quero-a louvar; mas não me atrevo a tanto.  
Vinde: acudi do Pindo, oh Ninfas puras  
*É tempo, oh Musas rompa o doce canto.*



## MADRIGAL

**D**IZEM que Ausência  
Quebranta Amor:  
Mas quem o diz, não tem de amar ciência;  
Que, ausente, eu sinto na alma ânsia maior;  
Arrebatado,  
Desejo forte  
Lavra em meu peito de colher agrado  
Da linda boca de Elia, que impia sorte  
Longe de mim  
Aparta assim.  
Ausência a Amor é como ao fogo o vento;  
Ao fraco apaga, ao forte dobra o alento.

## ODE

À ILL.<sup>MA</sup> E EX.<sup>MA</sup> SENHORA  
D. MARIANA JOAQUINA DE VILHENA, COUTINHO

Io temo si de begli occhi l'assalto  
Ne quali l'amore e la mia morte alberga  
Che fuggo lor, come fanciul la verga.

PETRARCA.

**E**M vão, Cupido, setas sobre setas  
Encravas nesta chaga de meu peito.  
Ouves-me um só suspiro, um ai amante,  
Da alma arrojado à boca?  
Já corre a mim com passo atropelado  
O nono lustro da cadente idade:  
Farpões estragas num caloso peito,  
Que é todo brecha e ruínas.  
Queres, que entre destertos e amarguras,  
Perda de bens, da fama, dos amigos,  
Erga inda os olhos para a breve face  
Do Prazer, que me foge?  
Cego! que os tiros empregar não sabes!  
Despeja a aljava no formoso seio  
Da lindíssima Armânia, alvo que possa  
Enobrecer-te os tiros.  
Ela que de hecatombes te enche o Templo,  
E que onde quer que volve a terna vista,  
Fere, e derruba as almas orgulhosas,  
Que o Nume teu desdenham:  
Ela merece que uma alada cana,  
De teu arco sonante despedida,  
No isento coração, c'o gume de ouro  
Rasgue amante ferida.  
Sinta o teu braço quem te traz temido:  
Saiba como arde no anelante peito  
Pudibundo suspiro, que receia  
Tremor no ouvido amado.  
Ufano então da triunfal conquista  
Te esquecerás de esperdiçar as setas  
Com mão iníqua a fio malogradas  
No peito de Filinto.

EPIGRAMA  
DIÁLOGO  
ENTRE O ABADE E FR. AMBRÓSIO

UM Abade dum antigo mosteiro  
Comia santamente um bom robalo:  
Eis aqui Frei Ambrósio, mui lampeiro  
Do gosto do jantar vem estorvá-lo.

FREI AMBRÓSIO

E diz: «Não coma Vossa Reverência  
Num dia de jejum, de penitência  
Iguaria guisada com toucinho.  
Hoje, que é dia da Paixão sagrada,  
O Cozinheiro punha esfatiada  
Metade dum presunto em branco vinho,  
Para tempero desse peixe grosso,  
Que é Pai e Avô do miuçalho ensosso,  
Que ao refeitório vem dizer a culpa  
De não ousar subir à vossa mesa.»

ABADE

*Padre, é bem taralhão. Sua afouteza  
De ir a olha espreitar, não tem desculpa.  
Quem lhe ensinou a ruim descortesia  
De escoimar os bocados a quem come?  
Para o futuro, em penitência tome,  
Ser cego e mudo em semelhante dia.*

GENIAL EX ABRUPTO,  
OU  
ODE A BACO

*No dia 23 de Dezembro dia dos meus anos, em 1783,  
estando à mesa, com dous Portugueses.*

Fas pervicaces, est mihi Thyadas,  
Vinique fontem, lectis et uberes  
Cantare rivos.....

HORAT. *Lib. 2. Od. 19.*

EMPUNHEMOS, Amigos  
As insígnias sagradas do grão Brómio;  
Altos os copos, largas as saúdes,  
Brindemos, festejemos  
As Anfrisas, as Délias, as Delmiras,  
Místicas Ninfas de engraçadas Orgias.  
Perdemos o passado;  
Não vemos o futuro, só é nosso  
O momento da vida que deleita.  
Brindemos, festejemos  
O barbi-louro Deus sempre mancebo,  
Doador da Alegria, e dos Prazeres,  
Que em roxo, em áureo sumo  
Se embebeu precavido, e generoso  
Para aditar os Sábios, os Prudentes;  
Os que põem na vanguarda  
Do exército, que alinham contra a Pena,  
Copos do Douro, frascos da Chamusca.  
Brindemos, festejemos  
O risonho Sileno, afável Aio  
Do sempre invicto Domador das Índias:  
Que melhor que o Pitágoras,  
E outros tais bebedores de água pura,  
Com máximas mais sãs lhe deu ensino;  
Lhe deu palmas, triunfos,  
Lá onde a loura Aurora o Céu nos abre;  
E entre os homens e os Numes lhe deu brado.  
Evohé, grão Sileno.  
Amigos, evohé! Olhai sisudos,  
Como roxo, e pançudo se escarrancha  
Sobre o tonel festivo;  
De hera trémula, e louros enramado,  
Os pendentos corimbo lhe adereçam

A nunca-triste fronte.  
Ali tem trono, ali convoca os Faunos  
Os corníferos Sátiros felpudos  
Com a rasa espumante,  
Nectareia taça aos dentes encostada,  
Mergulha, ensopa os rúbidos bigodes;  
E os beiços espremendo,  
Para absorver o cheiro, o pico, o suco  
Do vermelho regato, que desliza  
Pela esconsa garganta,  
Arrebatado, estático, divino  
Docemente sorri, e os olhos cerra.  
Molhemos, ensopemos  
As sequiosas fauces nesta ambrósia  
Que Lieu nos plantou, Deus favorável.  
Aqui garrafas, copos  
Esgotemos a pino, generosos,  
A Sileno que o manda, e dá o exemplo.  
Lá no bojo do peito  
Façamos este louro sacrifício  
Ao Deus não avarento de deleites.  
A mim depressa a Urna  
Do áureo Champanha, que trasborda e espuma  
Pela orla auri-brilhante de topázios.  
Ali dentro se esconde  
(Se eu atino) a lépida Alegria,  
Que salta, que borbulha, estoura, e brilha  
Não me engano. Lá a vejo  
No fundo deste vaso reluzindo  
Co'a viçosa Esperança; e tem nos braços  
A rosada Ventura,  
Que c'os olhos me diz: *Quero agasalho  
Com todos os meus mimos no teu seio.*  
Amigos, eu aqueço  
C'o vigoroso néctar, que se enfia,  
E corre atropelado pelas veias.  
Eu canto, eu sou Poeta;  
E entro já pelas foscas espessuras  
Do laurífero Ménalo sonante.  
Bassarides, traçados  
No ombro esquerdo os Nébridos despojos,  
Descomposto o cabelo, a voz em grita,  
Eivados, nus os peitos,  
Olhos fogosos, espumosa a boca  
Rompem os bosques, trepam nos rochedos;  
E c'os uivos medonhos,  
C'os redobros dos ríspidos adufes,  
Os ecos vão troando re-estrugidos.  
Terçam nas mãos protervas  
Trémulos tirsos!... Eis que batem fogo,  
As resinosas pinhas sacudindo.

Baco, indómito Baco,  
Tu me levas contigo a mente a rojo  
Por sobressaltos de escarpadas penhas.  
    Já dobro o agudo pico  
Da montanha que abriu ditosa lapa,  
Onde as Ninfas te criam desveladas  
    Na mui ditosa Nisa.  
Que verdejante encosta se debruça,  
Pelo revés do endeusado monte!  
    Que gárrulos ribeiros  
De licor Nictileu cortam os prados  
Embebidos de Arábicos perfumes!  
    Lá abaixo cresce um golfão  
Pacífico, contente, onde almos Génios  
Coroados de parras buliçosas  
    Afogam de mergulho  
Hirtas formas de lúgubres Espectros  
De amarelos semblantes definhados.

TODOS

Quem são, que são os vultos?

POETA

São Cuidados, pungentes Amarguras,  
Que gastam, que consomem as entranhas.TODOS

Morrei, morrei, tiranos:  
No pego da Alegria, e da Saúde  
Daí os finais arrancos despeitosos.

POETA

Alvíssaras, Amigos;  
Enchei de novo os copos... rasos, rasos;  
E em parabéns de gosto os despejemos.  
    Outro vinho, outros copos  
Mais bojudos – mais cheios – trasbordando...  
Abraçai-vos, Amigos. – Lá morreram;  
    Lá vão ao fundo as Mágoas:  
C'ó folheado tirso pontiagudo  
As atravessa, as crava no profundo.

TODOS

Quem?

POETA

E o perguntais!  
Quem senão Baco? O Deus, que amado impera

No contente domínio! O Deus Benigno,  
Que aviva, que remoça.  
O Deus que inventou bailes, e teatros  
No duto chão da regalada Grécia  
O Deus, que planta e encurva  
Por cima das cabeças dos sabidos  
Verdes caramanchões, frescas parreiras;  
E tece opacas sombras  
Que aferrenham os elos retorcidos,  
Contra a calma, e seus raios importunos.  
Eia; vamos: Amigos,  
Beijar devotos o altar perene,  
Do nosso tutelar Lieu brilhante:  
De ofrendas mil, e votos,  
Carreguemos as mãos agradecidas,  
Que com solene rogo acompanhemos.  
Mas, onde iremos? Onde?  
Se aqui presente Baco pôs seu trono,  
Da mesa fez altar, da sala templo?  
As vítimas, os vasos  
Diante nós estão, Ninfas, Ministros,  
Ao Deus aceitos. – Começai comigo.

TODOS

Evohé, evohé.  
Com teu imberbe rosto, excelso Brómio,  
Glória de Nisa, domador do Oriente  
Espanca, arreda as nuvens  
Apertadas dos Sustos, das Tristezas,  
Que forcejam subir pelo horizonte:  
Embota o gume à foice  
Do medonho esqueleto, que do Averno  
Aponta a nós os macilentos passos.  
Evohé, evohé.  
Com pipas, com tonéis alçai trincheiras  
Que a seca perna aqui lançar lhe tolham,  
Nos umbrais deste asilo,  
Onde façam perpétuos sacrifícios  
Em torno deste altar os teus devotos.  
Assim vejas, oh Baco,  
Trocar-se em templos teus todas as forjas  
Da aguda, malfazeja Rabulice,  
E os arsenais medonhos  
Da armada Tirania; e seus sequazes  
Convertidos em mui leais amantes  
De teu gostoso sumo,  
Virem vermelhos protestar brandura  
Nas tuas lisas aras sempre francas.

# O VERDADEIRO AMOR

## CONTO

**N**UNCA ouvi de mulher contar extremo,  
Que ombrear possa c'ó este peregrino  
De Amor mais puro sem igual realce,  
Que em breve frase aponto a meus Leitores.

Navegavam com próspera viagem  
A decantada Meca dos amantes,  
Que os Pais devotos concertado tinham  
Ajuntar em legítimo consórcio,  
Depois de saudarem do Profeta  
A sepultura, e de Jacob o poço.

Ibraim e Fátima suspiravam  
Pelo ditoso dia prometido:  
Mas com ver-se e falar-se eram contentes  
Seus acesos desejos, sempre castos.

Já se viam de longe agudas grimpas  
Co'as Muçulmanas luas vencedoras,  
Apontadas ao Céu nas altas torres  
Dos templos de Gidá, na foz do Estreito;  
E o peito alvoroçado dos amantes  
Sentia, ao longe, os passos apressados  
Do flórido Himeneu, que a eles corre  
C'ó estreito laço na aprazível dextra.

Que carícias, que mimos não debuxam  
Na delicada ideia namorada!  
Que prazeres, quais guardas em seu tesouro  
Vénus, nas grutas da cheirosa Chipre,  
Não passam em revista, e não escolhem  
No futuro com sôfrega vontade  
Duas almas que Amor queima e consome!

Tu não podes, Leitor, com mortas cores  
Dum pousado pincel lânguido e frio  
Traçar no quadro as deleitosas chamas,  
Que abrasam corações junto à baliza  
Que co'a dextra sagrada as Leis puseram,  
Por que viva c'ó Pejo o Amor seguro,  
Se não amas honesto e esperançado  
De unir-te à tua Amada em prazo breve.

Oh mortais Esperanças lisonjeiras,  
Frágeis ídolos da alma! vãs quimeras,  
Aéreas torres, frívolos castelos,  
Assentados na areia movediça!

Eis que em roda começa o horizonte



A abafar-se de nuvens denegridas,  
Os pólos se afogueiam com relâmpagos,  
Nos ares cruzam trémulos coriscos,  
Com horrendo estampido estalam; rasgam  
Roucos trovões roncando, rebramando  
Nas rotas rochas da fronteira praia;  
Os ventos se ameaçam, se acometem  
Na assustada campina de Neptuno;  
As ondas se amontoam, se acapelam,  
Em borbulhosa espuma se espedaçam,  
Os verdenegros rolos branqueando.

Um temporal desfeito lhe rebenta  
Nas tremedoras velas de improviso:  
O Susto de seus ânimos se apossa,  
E a Palidez se espalha pelos rostos.  
A verga geme, estala o grande mastro,  
O navio se enjoa, perde o rumo;  
Joga desarvorado, e se esconjunta  
A quilha aos duros toques naufragosos.  
Um açoute colérico de vento  
O levanta das ondas, e arremessa  
Às crespas orlas de áspero recife;  
E entre fileiras de sequaz espuma  
Em pontiagudo escolho um rombo o alaga.

Quem contará de acerba desventura  
O lastimoso horror? o desconforto  
Da esmorecida pálida Fátima!

Toma Ibraim sobre os robustos ombros  
O doce peso da formosa amante;  
Co'as ondas luta, em pouco tendo o p'rigo,  
Quando olha perto a salvadora praia.  
Eis que uma onda mais dura avança irosa  
Desprende os braços que lhe atava ao colo  
A chorosa Beleza desmaiada:  
Outra onda sobrevém, que posta em meio,  
Lha arroja longe do cansado alcance.

O fiel amador arreda, e corta  
C'o porfiado peito a vaga avara,  
Que lhe encobre as madeixas de Fátima,  
Norte e rumo de seus velados olhos.

Aqui foi o furor, aqui as forças  
Tirar do Amor, que não dos lassos membros,  
E empregá-las nas águas despiedosas.  
Debalde as empregava, que mais longe  
A cada bracejar lhe punha a Amante  
O rigor do Destino, que a cadeia,  
Que Amor formou, queria ver quebrada.

Então falido o arrojo de seus braços  
Ibraim perde o alcance, perde o fito,  
Que o turvo manto da iminente Morte  
Lhe começa a cobrir de sombra eterna

A desperada saudosa vista.

Um Marinheiro, que da salva praia  
Vira o vigor de mais ventura digno,  
Tão mal frustrado pela iníqua estrela,  
Às naufragadas ondas arremete  
Para arrancar da amarga sepultura  
O pálido Ibraim da dor vencido.  
Oh excesso de amor, sublime glória  
Da fineza dum home' em tal extremo.  
De brando à sua Amada, a si severo  
Estas últimas vozes piedosas  
Soltou ao marinheiro compassivo:  
«Emprega o teu socorro generoso  
Em alma de mais preço que esta minha:  
Salva Fátima; que eu contente morro,  
Se no último abrir destes meus olhos  
Vejo na praia salvos os seus dias.»

## MADRIGAL

À ILL.<sup>MA</sup> E EX.<sup>MA</sup> SENHORA  
D. ANA APOLÓNIA DE VILHENA  
E ABREU SOARES

TU sempre noite e dia estás frechando,  
Amor, humanos peitos.  
Quem te está tantas frechas preparando?  
Não Vulcano, c'os seus mal escorreitos  
Ciclopes, a servir-te  
Fora agora bastante.  
Como um coxo e três tortos acudir-te  
Com armas poderão  
Quando tu mil a mil lhe dás vazão?  
Não vês com quanta azáfama o Tonante  
Pede ruivas centelhas,  
Quando em Verão e inverno as sobranças  
Encrespa flamejante?  
Já doutra parte  
Sanhudo Marte  
Para Turcos e Russos pede estoques,  
E alfanjes luzidios...  
Amor, que estes ouviu graves remoques  
Com ouvidos macios,  
Me responde, apontando o mais profuso  
Arsenal onde as setas de mais uso  
Sem conto, e sem remédio astuto guarda.  
Os olhos formosíssimos de Anarda.

# ADEUS

## DE CURTA AUSÊNCIA

CARMEN

ADEUS, livrinhos meus; daqui a pouco  
Ansioso, em vosso alcance, irá Filinto:  
Que não se compadece ausência larga  
Entre os que atou idosa companhia,  
Com vínculos do alívio apiedado,  
Na minha solidão amarga e escura.  
Vós, desenfado meu, vós meu socorro,  
Vós fostes brandos, próximos amigos,  
Noite e dia espancando meus pesares,  
Quando a Desgraça, c'uma negra nuvem,  
Me pôs a noite no âmago do peito,  
E me abafou o coração de espinhos.  
Desde então que em vós sós achei amparo,  
Entrando a espairecer da alma a tristeza,  
Em vossos campos de matiz risonho;  
Que o sabor renovei daqueles frutos,  
Que a idade de ouro, gratos sazouara,  
Entre as do Ingenho flores nunca murchas,  
Comecei a cobrar-vos amizade.  
E quando foi sarando a peito interno  
Das frechadas malignas do Infortúnio,  
Que eu já via com olhos indiferentes  
Perdidos bens, perdida a intacta fama;  
Que encostado nos braços da leitura  
Sobre-via sem ódio os falsos Bonzos,  
Que as redes da Calúnia me estenderam;  
Passou a gratidão o que era alívio.  
Nem dádiva há tão grande, tão valiosa  
Como o dar asas, com que se erga acima  
Das túrbidas paixões o ânimo nosso.  
Dívida então bem contraí convosco  
De nunca vos lançar da minha vista.  
Sois poucos; velhos sois; ouro não brilha  
Nas folhas, nos magníficos filetes,  
Nem vos chamam as guapas livrarias  
Apinhadas, ornar, luzidas planchas,  
Avezadas a imóveis inquilinos:  
Mas assim sem alinhio, sem vã glória  
Me acudistes melhor, que esses garridos,  
Destinados a donos não leitores,

Que nem abri-los vêm, nem visitá-los.

Que ingrato galardão, mal merecido  
Fora o deixar-vos, porque lá me acena,  
Com mais riqueza, com fastosos nomes  
Um tesouro de livros campanudos,  
Que com alto desdém vos olhariam  
Se pedísseis lugar entre os seus ouros,  
Entre os farfantes rótulos, e fitas?  
Não sou eu Lavrador desamoroso,  
Que mande ao Carniceiro o Boi cansado,  
Companheiro das prósidas lavouras,  
Quando rasgava os dilatados sulcos,  
Depósitos da messe esperançada,  
Largo sustento da caseira prole:  
Nem Guerreiro inumano lanço à margem  
Alquebrado dos anos, das carreiras,  
O que outrora feroso, nas batalhas  
Renhidas combateu, fero ginete,  
E me ajudou a conquistar os louros.  
Sim: convosco nas mãos, convosco à vista  
Dobrarei da Velhice o Promontório,  
E convosco entraria voluntário  
Pela foz do mortal esquecimento.  
Velhos, comigo velho, amados livros,  
Vereis cair nos últimos Dezembros  
As secas folhas do curvado tronco,  
Que já vistes robusto erguer acima  
Contra o peso do vento e dos negrumes.  
Caduco pouco leio; os olhos negam  
À prolixa lição o acume antigo;  
E a cansada memória mal se peja  
De sobrepostos móveis: mas não perco  
Lembranças do potente auxílio vosso,  
Nas refregas do aspérrimo Infortúnio.  
Sereis sempre a meu lado agradecido,  
Companheiros nesta aura de ventura,  
Que nos bafeja a próxima partida,  
Quais o fostes nos roncós da borrasca.  
Ireis comigo à Casa benfeitora,  
Donde vos veio o raio da Bonança:  
Que assim leva consigo o Passageiro  
À Casa da devota Romaria,  
Com gosto e gratidão os piedosos  
Navegantes, com quem correu naufrágio.

## ODE

..... Perigosos  
Formosíssimos olhos que a robustos.  
Isentos corações dão triste vida.

*Cerco de Diu. Cant. 17.*

QUAIS as chamas do raio despedido  
Quando no bojo do Etna  
Se despenham, lhe abrasam as entranhas  
Treme o Vulcão, e muge:  
Já crescem, já borbulham, já rebentam  
Pelo abrasado cume  
Horríssonos trovões enovelados  
De fogo, e roxo fumo;  
A labareda aguda vai irada  
Romper aéreas nuvens;  
E de metal os líquidos ribeiros,  
Por entre rotas fendas,  
Fumegando estridentes, precipitam  
Afogueadas ondas...  
Musa, que tom é este estrepitoso,  
Disconforme do assunto?  
Pindáricas refregas do Estro antigo  
Soam ainda as cordas?  
Quando tomei nas mãos a ebúrnea Lira  
E quando ao Pindo os olhos  
Volvi para invocar-te auxiliadora,  
Só quis cantar Anarda.  
Vamos a Idália, oh Musa, aos santos bosques,  
Às namoradas murtas,  
Onde Amor, onde Vénus têm depostos  
Os lidados transuntos  
Das belezas que ornaram o Universo.  
E pois que me é vedado  
Ver aquela, que tanto ver desejo,  
Que ao longe tanto admiro,  
Vejam na figura alguns dos rasgos...  
Musa, não é Helena  
Essa que rindo apontas nessa base?  
No pórfido gravado  
Seu nome vejo, e de Ilion a ruína.  
Essa státua fronteira  
É Semiramis: lá batendo as asas  
Lhe vem trazer sustento  
Pelo ar talhado a pródida Nutrice.  
Aqui Lésbia, além Cíntia  
E mais Gregas, e Lácias formosuras....

Busquemos a de Anarda,  
Que não deve estar longe... É esta, é esta!  
Que me fere a memória  
Seu retrato que Olindo quis mostrar-me.  
Quantas graças respiram  
Inda no mármore! Nos olhos quantos  
Piedosos movimentos!  
Quão potente é de Amor a sábia dextra,  
Que finge em pedra dura  
Demonstrações <sup>[XLVII]</sup> de vida! Os lábios quase  
Para falar descerra:  
E rompendo na boca ansioso passo  
Está o eficaz Rogo,  
Para ir prostrar-se ante o sublime trono,  
Em favor devotado  
Do Mérito prestante, desvalido.  
Aquelas mãos tão puras  
De generosos dons estão pesadas;  
E admiro enternecido  
Com que agrado os reparte, e com que acordo,  
Inda o lustre das prendas;  
Com que as Graças o ingenho lhe enfeitaram  
Está raiando airoso  
Em redor deste seu gentil semblante!  
Disseras que acabaram  
De erguer a mão desse último polido...  
Nisto me atalha a Musa:  
«Não vês que é hoje o muito fausto dia,  
Em que, nos Céus formada,  
Desceu de Anarda a formosura a Elísia,  
Que dela se glorieia!»

## EPIGRAMA

«VENHO atónito (muito sério um dia  
Certo Romano ao grave ancião dizia)  
Catão, Catão, um Rato todo o couro  
Me roeu do sapato! – Fora agouro  
Mui mau (Catão responde) se o sapato  
Roesse o couro ao Rato.»



## PRESUNÇÃO RIDÍCULA

QUE gente há hi gabada de polida,  
De bem falar a língua, e que se preza  
Não ter dos Mestres a alta frase lida?  
Com vergonha o descubro – A Portuguesa. –

## SONETO

**P**OR que imploro de Vénus a piedade,  
Romagens amiudando ao Templo lindo?  
Se, só de ver-me, escapam, vão fugindo  
Suas Servas que adorna a fresca idade.

A Pobreza, a Velhice, a Fealdade,  
Os ásperos flagelos sacudindo,  
O Amor espantam, que a mim vinha rindo,  
C'uma Rosa na mão, de gran beldade.

Vi que apontava airoso na formosa  
Boca de Laura um inocente, e puro  
Beijo, que a gratidão ali tecera.

Mas vi também, que recuou medrosa  
Das minhas cãs, e o beijo, ao seio escuro  
Do Nada mergulhando, ali morrerá.

## INSCRIÇÃO

### NO PEDESTAL DUMA ESTÁTUA DE CUPIDO

Qui que tu sois, voilà ton Maître:  
Il l'est, le fut, ou le doit être.

~~~~~

Cru tirano, com gesto brando, e belo,  
É, ou foi teu Senhor, ou tem de sê-lo.

## ODE

Ogni mio esterno, ogni mio interno senso  
Siegue solo di voi le felici orma,  
Vada, o stia, sieda o giaccia, vegghi, o dorma;  
Da voi sola ragiono, o scrivo, o penso.

*// Cicco d'HADRIA.*

**N**ÃO tinha em ondas de ouro desparzidas  
Andrómeda as madeixas pela espalda;  
Nem safiras azul-brilhante lume  
No rosto lhe acendiam;  
Quando a progénie do auri-chuvo Jove  
C'os talaes batendo o bojo nédio  
De ali-potente Pégaso descia,  
Socorredor amante.  
Não tem Delmira a desnevada alvura  
Da mimosa açucena, que a alma Vénus  
De seu vertido leite florejara,  
Em cáliz de esmeralda.  
Mas Hebe lhe entornou na infante face  
Todo o vaso da verde Juventude;  
Amor piedoso lhe vestiu os olhos  
De enternecida chama.  
Minerva a si tomou encher-lhe o seio  
De prendas imortais; na sábia agulha  
Os dedos lhe adestrou para os labores  
Das engraçadas artes.  
Logo ao nascer as Musas cuidadosas,  
Do berço, em moles braços a tomaram,  
Para a ir ofr'ecer nas aras puras  
Da Lealdade ingénua;  
E ali os jocos, e os jucundos risos,  
Com flórea dextra, o campo do semblante  
Lhe espraíram de plácida Alegria,  
E joviais afagos.  
A Ternura fiel, com a Amizade  
Escolheram seu peito por abrigo;  
E na Lira sonora, e em doce canto  
Lhe deu lições Apolo.  
Ela é o meu cuidado mais gostoso,  
Que em flamejantes letras vinha escrito,  
Na longa hástrea da seta namorada,  
Que Amor me despedira.  
Ela me tem cativo em seu domínio,

Sem força de quebrar meu cativoiro:  
Um só nó destes laços, que me prendem,  
Desatar não quisera.  
A seguidora luz destes meus olhos  
Outro trilho não vê, que o que ela pisa,  
Nem meus ouvidos outra voz conhecem  
Que o seu suave canto.  
Dela falo, ela cuido, dela escrevo,  
Ela canto em meus versos amorosos,  
Qual Petrarca, na Lírica Vauclusa,  
Cantava a sua Laura.

## TRADUCTION DES VERS PORTUGAIS

**S**UR un rocher desert, Andromède attachée,  
Jouet infortuné d'un oracle odieux,  
Ne dut point le bonheur de s'en voir arrachée  
À l'or de ses cheveux, aux saphirs de ses yeux.  
Un œil de jais brillait sous son sourcil d'ébène;  
Et ses beaux cheveux noirs tombaient en longs replis,  
Lorsque, fendant l'azur de la céleste plaine,  
Et du cheval ailé pressant les flancs polis,  
Le Fils qu'eut Danaé du maître du tonnerre,  
Qui pour elle de l'or prit l'éclat séduisant,  
Accourut enflammé d'amoureuse colère,  
Et brisant ses liens, l'emporta triomphant.

Sur sa joue arrondie et de rose émaillée,  
Flore n'a point l'éclat qu'avait le tendre Lis  
Qui, dans une émeraude en calice taillée,  
Fut engendré du lait que répandait Cypris.  
Mais Hébé revêtit sa figure enfantine  
Des charmes que les Dieux en sa coupe ont versés,  
Et l'Amour bienveillant, d'une flamme divine  
Anima ses beaux yeux qu'Uranie a tracés.  
Par les soins de Pallas son aiguille formée  
Enfante sous mes yeux des miracles nouveaux,  
Et la toile sourit de se voir parsemée  
Des fleurs dont le printemps embellit nos côteaux.

Les Muses, au sortir des mains de la nature,  
L'ont mise sur l'autel de la Fidélité,  
Où les jeux et les ris ont formé sa figure  
Des traits de la candeur et de l'aménité.  
La paisible Amitié, la sensible Tendresse  
Ensemble de son cœur pour séjour ont fait choix.  
Elle a du blond Phœbus la voix enchanteresse,  
Et fait aussi parler la lire sous ses doigts.

Sur la flèche qu'Amour dans mon cœur a lancée,  
Écrits en traits de feu les soucis les plus chers  
Sont venus pour Delmire occuper ma pensée;  
Je goûte des douceurs à languir dans ses fers.  
Trop heureux de porter le joug de son empire,  
J'arrose mes liens de mes vers amoureux.  
Lors même qu'à mes yeux le jour cesse de luire  
Son portrait à mon cœur s'offre et me rend heureux:  
Tout plein de ses accens, je crois toujours l'entendre.

À chanter ses attraits j'ai consacré ma voix:  
Tel Pétrarque autrefois chantait sa Laure tendre,  
Près de Vaucluse, assis dans l'ombrage des bois.

## SONETO

### DE ARGENSOLA

**D**EIXA de folha Outubro a vide pobre,  
E com as cheias o Ebro, de insolente,  
Nem ribeiras, nem ponte já consente,  
Nos campos reina, e de alta vaga os cobre.

Moncaio triste e feio já descobre,  
De nuvens abafada, a negra frente;  
E apenas o Sol raia no Oriente,  
Que a Terra com vapores no-lo encobre.

As devesas, e o mar sentem a sanha  
Do Aquilão fero; assusta o seu bramido  
No porto as Naus, as Choças na montanha.

Mas, de Tais no umbral, Fábio estendido  
De vergonhosas lágrimas o banha,  
Quando as devera ao tempo mal perdido.



## ODE

..... Cui Pudor, et justitiæ soror  
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,  
Quando ullum invenient parem?

HORAT. *Od.* 24.

INSTA o Tempo: daqui, d'além derruba  
De Nero o ufano bronze,  
De Máusolo a saudosa sepultura;  
Co'a fouce no ar erguida,  
Que só co' fuzilar põe medo ao mármore,  
Os Carlos ameaça, os Fredericos.

Vivem pouco os Heróis, que o nome fiam  
De caducas estátuas:  
Na longa estrada de estendidas eras,  
Cem anos são um passo,  
Que o Tempo apaga c'um bater das asas  
Na disferida, lúbrica passagem.

Sem socorro de Fídias cinzel destro  
Vive a fama de Aquiles;  
Que o monumento que lhe ergueu Homero,  
Zomba da aguda fouce;  
E as Aónias, dos Fados alcançaram  
Tornarem imortais os seus validos.

Estremecem-se ainda as ânsias ternas  
E vivem as saudades  
Do deserto Mecenas, confiadas  
Às cordas Venusinas:  
E o Gama inda hoje corta os mares da Ásia  
Nos arriscados lenhos voadores.

Inda na ala direita Vasconcelos  
Leva ao combate duro  
O Luso, a quem não dói perder a vida  
Pelos avitos Lares:  
Pelo Rei, que escolhera, merecido,  
A destemida lança inda meneia.

Mas tu, que só da guerra assinalaste  
Os concertados p'rigos,  
Que, Aluno de Minerva delicado,  
Te educaste em seu Templo,  
Caro às Musas – de quem, se não das Musas  
Aceitarás perene monumento?

As Musas, temerosas de Mavorte,

Tecem com mais disvelo  
Capelas às pacíficas virtudes  
De Sólon, de Antonino;  
E os brandos Hinos, nas argêntas plumas,  
Erguem com gosto os nomes eruditos.

E mais prontos ao Templo da Memória  
Vão depor nos arquivos  
A nobre acção de peito generoso,  
Que emprega o valimento,  
A riqueza, o saber, o sangue ilustre  
Em desarmar o braço da Calúnia.

## SONETO

### AOS ANOS DA SENHORA D. E. M. J. M.

**E**U vejo (ou me é traidora a fantasia)  
Que Amor deixa de Gnido o Templo e altares;  
Seguem-no Cupidinhos a milhares,  
Sem arco, setas, sem aljava impia.

Vejo que a tropa alvoroçada enfia  
C'ó alegre voo os Lusitanos ares  
Ouço entoar-lhe uns hinos singulares  
Hinos de nunca ouvida melodia.

Que assombro? – Amor, e os seus ajoelhados  
Beijam a Nize a mão, «Dum Deus, que adora  
(Lhe diz Amor) teus olhos engraçados

Aceita os cultos, Ninfa encantadora:  
Por minha Mãe te elejo. – Vós, alados  
Amores, conheci-a por Senhora.»

## EPIGRAMA

COM pomadas, rebiques,  
Aqui cor negra, além de azul as veias,  
A máscara do rosto aformoseias,  
    Filis. Ah não caustiques  
A sege, as bestas de correr cansadas,  
A amostrar-te por templos, por moradas;  
    Manda lá teu Criado,  
    C'o teu rosto pintado.

## MADRIGAL

**S**E mais que aéreas nuvens pressuroso,  
Se mais que inquietas ondas inconstante,  
Nos foge o Tempo; é inútil o saudoso  
Pranto, dado a quem foge; eu incessante  
Quero abarcar, e com ardor ansioso  
Entranhar na alma cada alegre instante:  
Pois que a vida é passagem, as lindas flores  
Bom é colher na estrada dos Amores.

# ODE

## À AMIZADE

*Em 23 de Dezembro de 1786, dia dos meus anos.*

Solem enim e mundo tollere videntur qui amicitiam e vita  
tollunt; qua a Diis immortalibus nihil melius habemus, nihil jucundius.

CICER. *de amicit.*

~~~~~

Amitié, doux penchant des humains vertueux,  
Le plus beau des besoins, et le plus saint des nœuds,  
Le Ciel te fit pour l'homme et surtout pour le sage.

DELILLE.

**S**E depois do infortúnio de nascermos  
Escravos da Doença e dos Pesares  
Alvos de Invejas, alvos de Calúnias  
Mostrando-nos a campa  
A cada passo aberta o Mar e a Terra;  
Um raio despedido, fuzilando  
Terror e morte, no rasgar das nuvens  
O tenebroso seio,  
A Divina Amizade não viera  
Com piedosa mão limpar o pranto,  
Embotar com dulcíssimo conforto  
As lanças da Amargura;  
O Sábio espedaçara os nós da vida  
Mal que a Razão no espelho da Experiência  
Lhe apontasse apinhados inimigos  
C'ó as cruas mãos armadas;  
Terna Amizade, em teu altar tranquilo  
Ponho – por que hoje, e sempre arda perene  
O vago coração, ludíbrio e jogo  
Do zombador Tirano.  
Amor me deu a vida: a vida enjeito,  
Se a Amizade a não doura, a não afaga;  
Se com mais fortes nós, que a Natureza,  
Lhe não ata os instantes.  
Que só ditosos são na aberta liça  
Dois mortais, que nos braços da Amizade,  
Estreitos se unem, bebem de teu seio  
Nectárea valentia.  
Tu cerceias o mal, o bem dilatas,  
E as almas que cultivas cuidadosa,  
Com teu suave alento aformosentam-se  
Medradas e viçosas.

Caia a Desgraça, mais que o raio aguda,  
Rebente sobre a fronte ao mal votada,  
Mais lenta é a queda, menos cala o golpe  
    No manto da Amizade:  
E se desce o Prazer, com ledor rosto  
A alumiar o peito de Filinto,  
A chama sobe, e vai prender seu lume  
    Na alma do fido Amigo.

REPENTE  
À SENHORA D. M. J. R. D.

QUANDO a voz solta em peregrino canto  
Essa boca formosa.  
Ama chegar-se à tua a minha, ansiosa  
De dar-te o galardão de prazer tanto.



## EPITALÂMIO

À S.<sup>RA</sup> \*\*\* E S.<sup>R</sup> D\*\*\*

**H**ÍMEN, oh Himeneu, vem, corre, voa;  
Junta esse Semideus, co'essa Deidade.  
Hoje os pões no teu livro. A estreia é boa!  
Amanhã entrarão noutra Irmandade .

## EPIGRAMA

**I**NFELIX Dido, nulli bene nupta marito;  
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris.

Dido, nas bodas triste fado corres;  
Morre-te um, foges, foge-te outro, morres.

## SONETO

ACRÓSTICO, enigmático, anagramático,  
retrógrado, com consoantes forçados.

MOTE

*Derretem as esferas circumfusas.*

GLOSA

e alcantiladas nuvens  
stelíferos lúbricos  
tropelam selváticos  
om melífluos anhelitos  
ebenta em borbotões  
pavilhão celícola dos  
om redundantes carcomidas  
stalam, roncam pávidos  
alta Apolo no plaustro  
s crebras Horas, as fulgentes  
ertem pulos no equóreo  
a despeito das grávidas  
om canto Boreal, fervor  
erretem as esferas

– espumantes  
– reveses  
– paveses  
– fragrantés.  
– flamigerantes  
– meses  
– fezes  
– diamantes.  
– alabastrino,  
– Musas  
– purpurino;  
– Medusas  
– Austrino  
– circumfusas.

# ODE

## A ÉLIA

Ah! si jamais on aime sur la terre,  
Si d'un mortel on vit les Dieux jaloux,  
Ce fut alors qu'assuré de vous plaire,  
J'étais heureux, et l'étais avec vous.

Le Chevalier de PARNY.

**A** tarda Aurora, no rosado coche  
Tirava ao largo o flavo Hiperião  
Mal desperto, e saudoso,  
Dos braços da alva Tétis:  
E as estrelas nas casas do Ocidente  
Entravam de tropel, buscando abrigo  
Contra as fúlgidas setas,  
Que disparava o Dia.  
Também fugiam em confuso bando  
As penas, os suspiros da saudade,  
Diante dos vencedores  
Brilhantes olhos de Élia,  
Que pondo mar em meio já deixava  
Longe de si os últimos Britanos,  
Por vir dar luz e vida  
Ao penoso Filinto,  
Quando ausente infeliz dias e noites,  
Com a vista cercando o monte, o vale,  
Pedia ao vale, ao monte  
O rosto suspirado;  
E em vão tendo vertido um grande lustro  
Um ribeiro de lágrimas tão ternas  
Que os rochedos comigo  
De mágoa amoleciam:  
Té que Cupido enfim já lastimoso  
De meu chagado peito, sem alívio,  
D'Idália, a mim, dum tiro  
Desceu inopinado.  
Pelo rumor das asas, pela aljava  
E os farpões acerados que retinem,  
O pressinto. Eis que afável  
Se of'rece a mim, dizendo:  
«Aqui tens Élia, e seu gentil semblante,  
E seu peito amoroso a ti rendido,  
Tesouro de carícias,  
A Filinto votadas.

Não só, no coração, a seta de ouro,  
Por ti no centro, lhe cravei, segura;  
    Mas, de rara constância,  
    Lhe prateeí as farpas.  
Alto favor, a poucos reservado!  
Sê grato a Vénus, que te galardoa  
    O cúmulo de ofrendas,  
    Que depões em seu templo.»

## CONTUMÉLIA

Em louvor do primeiro retrato, que se gravou para a edição do Poema dos Mártires, em verso português

**F**USCO retrato vês sarabulhento;  
Vês-lhe a triste carranca aboleimada.  
É de Filinto a cara angustiada  
Contra o buril mal destro, e ferrugento.

## SONETO

DA fumegante destra arremessados  
Vejo raios chover; troncos idosos  
De Ciprestes, de Freixos orgulhosos  
Vejo até às raízes escachados;  
Como a mais vil choupana mal tratados.  
Obeliscos, e Templos sumptuosos,  
Dos Aquilões, dos Austros furiosos  
Soberbos monumentos respeitados!  
Que vingança, Senhor, que grão castigo  
Vos desprendeu a mão onnipotente,  
E as portas vos cerrou do amor antigo?  
Se maldades, Senhor, da iníqua gente  
Nos puseram irado um Pai amigo;  
Somos filhos, dai trégua ao raio ardente.

## CARTA

HOJE que vinte sóis são já passados,  
Tristes, feios, co'as névoas importunas,  
Que a Discórdia soprou neste horizonte.  
Hoje, que a mão amiga, e sempre franca  
Da leal Amizade, que deseja  
Sempre para e serena a esfera sua,  
As pôs em fuga, e ao Céu limpou a face;  
Hoje \* \* minha alma te saúda,  
E por letras te envia estreito abraço.

Que fazes destas horas estiradas  
Nuas de antigo social passeio,  
Sazonadas de ensino, e dito agudo?  
Das noites enfadosas, que a longuíssima  
Cauda vagarosíssimas arrastam,  
Quais vão, no meu País religioso,  
Roxos Colegiais varrendo a areia  
Mui passo a passo em procissão prolixa.

Que livros lês? que insípidas gazetas?  
Que Luxembourgs frequentas fastiosos?  
Vás porventura renovar namoro  
D'alguma antiga Lais, dalgum Batilo?  
E novo Anacreonte a vida alargas  
Entre Vénus, e o galhofeiro Baco?  
Vás empulhar (gritando) o tardo Tempo  
C'o trêfego Per \* \* \*, ou grulha Cal \* \* \* ?  
Vai: não t'ó invejo. Eu, retirado, em tanto  
Desfecho d'algazarra, e gafa pulha,  
Fico aqui disfrutando mudas horas  
Co'as Odes de Rousseau, que mais ao alto,  
Que algum Francês, impávido desprega  
Por insólita via as francas asas,  
Ao Lírico Solar pouco trilhado.  
Leio o seu Mestre, e meu; ferrenho estudo  
O Venusino Horácio, até que venha  
A tua amiga voz desaferrar-me  
Desta útil, e gostosa Companhia.



# OS ÚLTIMOS ADEUS

## ÀS MUSAS

DEDICADOS

### AO SENHOR ALEXANDRE SANÉ

Or laissons donc la Muse, Apolon et ses vers;  
Laissons le luth, la lyre et ces outils divers,  
Dont Apolon nous flatte, ingrante frénésie.

REGNIER, *Satyr.* 4.

**D**ESTE ingrato Parnasso me despeço,  
Estéreis Musas: Cá vos deixo a Lira,  
Que, sem pedir, ma destes. Já me canso  
De esperar por um Louro, uma Hera inútil,  
Infrutífera; prémio, que não chega,  
Senão depois que a campa emudecida  
Cobre, com seco pó, mirrados ossos,  
Prémio, que quando vem antes da morte,  
Vem dos dentes da Inveja abocanhado,  
Vem rompendo por turbas de desprezos,  
De pobreza, de injúrias, de fadigas;  
E nunca está na frente tão seguro,  
Que, para dela o derribar, não lidem  
Mil Semi-vates, fartos de vã glória,  
Armados de rifões, e consoantes.

Os Vates somos hoje em pouco tidos:  
Acabaram-se as honras, que algum dia  
O divino furor cevavam na alma  
Dos Virgílios, dos Vários, dos Horácios.  
Muito há, que Augusto é morto e mais Mecenas.  
Já Píndaros, nem Sófocles aplaude,  
Vencedores em sábio Eleu certame,  
O circunfuso Povo, no teatro  
Mais honroso, que o Mundo viu tegora.  
No Capitólio já se não dão c'roas  
Aos imortais Poetas, que alongavam  
As vidas dos Heróis, anos eternos.  
Já os Reis o seu lado não confiam  
Dos Adissons, Boileaus, Sás, nem Ferreiras,  
Que aslouváveis acções lhes recomendem  
Às engraçadas Filhas da Memória.

As maneiras dos Reis, Grandes, e Povo  
Seguem, sem mais reparo, e fazem moda  
De amar, e desamar, a seu exemplo.

Quem de obrar altos feitos nada cura,  
 Nada preza os que sabem decantá-los.  
 Vai o Mundo a pior, em seus caprichos;  
 Não Poetas, Funâmbulos pede hoje  
 A douta gente desta nossa Terra.  
 Mui poucos, e mui poucas nos estimam,  
 E ainda a furto, e que o não saiba o Mundo  
 Que temem, que o Desprezo anexo à Arte  
 Seja contágio, que com eles prenda.  
 O certo é sermos fábula do Povo,  
 Dos Nobres, dos Togados, dos do Claustro;  
 E; até das Damas, que de nós se enjoam,  
 Quando com Odes, e c'um peito honrado,  
 Sem moeda, que tina, as requestamos.  
 Que é já mui velho, entre elas, o costume  
 Pôr (se não traz pecúnia) à porta o Homero,  
 Bem que venha das Musas ladeado .  
 Logo um rico baboso lhe preferem,  
 Cujos machos possantes rodam forte,  
 E dão ao Dono o jus de ser bem-visto,  
 E de ter em seus peitos cabimento.  
 Pois se tem cargos, se por fora um Cristo  
 Lhe blasona enfunado em larga fita!...  
 Então a Cruz, as ondas dos tirantes  
 A alma venal lhe rendem, lha cativam.  
     Adeus, oh Musas; vou-me atrás de Pluto,  
 C'um *Deve* e um *Há-de haver* correr o Mundo.  
 Já sei quanto me basta; escrevo, e conto  
 Regra de três, cifrões, e letra Inglesa;  
 Tenho uma burra forte, um peito duro,  
 Ambos de aço batido chapeados.  
 Que mais requeiro (para medir o ouro  
 Às fanegas no avaro gabinete?  
 Assim fez Fábio, assim ganhou Lucindo,  
 Hoje ídolos da Corte, e da Cidade.  
     Eu Poeta! *Abrenuntio!* Nem por sonhos.  
 Hoje que aos Vates chamam-nos Orates,  
 E à Casa dos Orates nos remetem!  
 Como se acção não tenham mais fundada  
 Para essa moradia, tantos loucos,  
 Que eles tanto celebram por sensatos.  
 Um perdido por honras, que outros levam;  
 Este a beijar poeiras, por uma aura  
 De valimento magro, e bandoleiro;  
 Outro, que seca em rezas, em candeias,  
 Hipócrita beato, engana-parvos;  
 Mil namorados, presos às janelas,  
 Às portas das que a sono solto dormem  
 Descuidadas do Amante resfriado;  
 Mil manhosos, venais Contratadores  
 De esperanças, de risos, de lisonjas,  
 Merecem o hospital, mais que os Poetas.  
     Contudo não me arranjo co'esse officio;

Que é come-em-vão; e que não rende um chavo.  
Rende críticas, mofas, e calúnias.  
Seja Vate o *Pespego*, Vate o *Alforra*,  
Vates Caixeiros, Filamintas Vates.

Mas seja com razão, ou com agravo,  
Esse opróbrio, eu, Piérias, vou-me embora,  
Deixo vosso Congresso, deixo Apolo,  
Seu influxo, e as correntes da Castália;  
Deixo o Pégaso, rebelão ginete,  
Que em certa romaria ao verde Pindo,  
Bem sabeis, Musas, me estendeu ao longo,  
Como um Cação por terra. Vou-me, vou-me.  
Não me chameis; não prometais favores;  
Nem por deter-me aqui, digais com graça  
*Que quem não sabe da Arte não a estima.*  
Que esse, que amásteis, e lhe assim dissésteis  
Nunca o louvaram vivo, nem premiaram.  
Que lucrou de seus versos? mil misérias:  
E mais ergueu ao Céu a glória Lusa.  
Os Vícios decepou, honrou Virtudes.

Cada vez que Camões me sobe à mente,  
Que os infortúnios seus, sua pobreza  
Recordo, ao canto dou de mão, e à Lira,  
Pesaroso do tempo tão mal gasto,  
Que em *Deve*, em *Há-de haver* lucrara minas.

Assim adeus, Meninas do Parnasso;  
Entretei com lisonjas quem vos creia,  
Em ventoinhas creia, e em vós fiado,  
Subindo às asas da palreira Fama,  
Corra as sete partidas deste mundo.  
Embora vos mantenham companhia,  
Um Torres, um Bandeira, um Figueiredo,  
Um Monteiro, um Dinis, [XLIX] validos vossos,  
Do vosso íntimo arcano Secretários,  
E de Aónias mercês dispensadores.  
Com delgado pincel Monteiro pinte  
Astreia, que ao fugir da iníqua Terra,  
Deixa saudosa os últimos vestígios,  
Nos Atlânticos ombros estampados.  
Descreva o Templo oculto do Segredo;  
O Casquilho, que vem na sege a trote,  
E o Soldado, que impede entrar no Carmo  
O mesmo General; que assim as ordens  
Recebeu do pateiro do Convento:  
E ora faceto ao Povo douto alegre,  
Ora às auras sublimes se remonte,  
Pois que ao Génio de Vate ajuntar sabe  
Porfiada lição, crítico gosto.

Assim Garção, seguindo o Venusino,  
Toma o voo, co'as asas estendidas,  
Quando canta a progénie ilustre, e fera  
Dos que na Paz dourada, ou Guerra dura,  
A si ganharam claro nome, e aos Netos:  
Ou, amansando o voo, busca o trilho

Do Tejo Anacreonte, quando escreve  
*Vermelhas brasas, alvo pão tostado,*  
Ou do Delfim a calva loura, e lisa,  
Da carroça dos anos não trilhada.

Assim perde também de vista a Terra,  
Dinis, que emular Píndaro contende,  
Quando pinta a Discórdia espavorida,  
Co'as serpentes azuis tapando o rosto,  
Escama, morde a língua, range os dentes;  
Foge raivosa, e as conchas encrespando,  
Lhe vão silvando as encrespadas hidras.  
Ou quando imita os Báquicos furores  
Dos que vindimam, dos que se embriagam  
C'o santo sumo de Évio poderoso:  
Já doces frenesis a alma lhe agitam,  
Já o tropel dos espíritos alegres  
Pelas veias, fervendo, lhe galopa:  
E em versíficos fumos se lhe exala.  
Também o admiro, e até direi que o amo,  
Quando assim nos conserva a singeleza  
Dos costumes dourados da Era antiga,  
E sopra a avena, que soprou Virgílio.  
Então me é grata a vida campesina,  
Então Gados, Lavouras me são gratas,  
Creio-me entre Pastoras, pelos bosques  
Dançando, à argêntea luz da clara Febe,  
Vejo os rios ir mansos passeando  
Por entre verdes florescentes margens:  
Ali louras espigas encurvadas  
C'o peso do Pardal, que as depenica,  
Ali frondentes Faias sombreando  
Ora o Zagal saudoso, enamorado,  
Ora os rebanhos da calmosa Ovelha.  
Tu, que pintas assim, és Vate, Elpino:  
São Vates os que em frase não rasteira  
(*Natural* à rasteira os Néscios chamam)  
Se separam do Vulgo indouto, e iníquo.  
Esses, oh Musas, que vos devem tanto,  
E com quem esgotásteis vossos mimos,  
Esses escrevam, esses se arrebatem,  
Esses cantem assuntos estupendos;  
Que a alçada excedem dos engenhos frouxos.  
Esses, que viram do alto Pindo o cume,  
Onde ali c'os Virgílios, c'os Homeros  
C'os Tassos, c'os Camões, Píndaros, Safos  
Sem injúria sublimes se sentaram,  
Esses que entoem os sagrados Hinos,  
Que os Deuses vêm ouvir, quando vós, Musas,  
Soltais a voz sonora aos ares puros,  
Modulando, e ajudando-os em seu canto.  
Contem esses a nós, Mortais humildes,  
Qual majestade os Numes no alto Olimpo  
Trajados de luzeiros representam;  
Que eterna mocidade lhes derrama

Nos rostos o suave, e santo Néctar,  
Vertido pelas mãos de Hebe formosa;  
Qual regra os Orbes guardam no seu giro,  
Quais novas formas de melhores séc'los  
Se preparam na Célica oficina,  
Para aos nossos Vindouros fortunarem;  
Qual nova Astreia, as asas despregando,  
Inclina o voo às terras subjacentes,  
Nas mãos trazendo as íntegras balanças.

Esses, e os seus iguais tracem Poemas,  
Em louvor dos Heróis, dignos de Glória,  
Dos Pais da Pátria, Aurélios, e Trajanos;  
Novos Camões o nosso Reino ilustrem,  
Que cantem novos Gamas, e Albuquerque.

Basílio, em Canto altíloquo forceje  
Cantar Freire, na América famoso;  
Que serve o Rei, com honra, e valor nobre:  
General muito humano, cujo peito  
Mavioso e pio não consente a vista  
De cadáveres frios, dessangrados,  
Vítimas da ambição de injusto império.

Não de outra sorte o Sá trilha as pisadas  
Do Cisne Mantuano, e Luso Cisne,  
Quando dá na Malaca conquistada  
Tanta honra ao seu Herói, e à nossa Terra.

O Barroco [L] arrojado tome a Tuba,  
Que embocaram Poetas tão divinos,  
E, que inda quente está de seus furores;  
E apesar das Nações que mais se ilustram,  
E são longe de nós na Épica altiva,  
Dará mais um motivo à sua inveja.

Outros, na Lira, ora árdua, ora mais branda,  
Nem menos nobre, nem prezada em menos,  
Pela estrada dos Flacos, dos Ferreiras;  
Cantem fortes acções, amores cantem,  
Dêem Sófocles à Pátria, dêem Terêncios,  
Dêem Alceus, dêem Teócritos, dêem Moschos,  
E até dêem Safos; que estes ares Lusos,  
Aos da Grécia, ou Sicília não lhe cedem,  
Nem são do Délio Deus menos bem vistos.  
Seja abono uma Laura, e Márcia, e Tirse  
A quem enfeitam da Corina os louros;  
E que com destra igual, se as move Apolo,  
Da Lira, ou do Alaúde as cordas ferem.

Com quem dos Vates comparar-te posso  
Torres sublime, quando o véu levantas  
Ao nublado Futuro? ou quando mostras  
Como, com largo cinto, e ténue vara,  
Viste Cupido, à luz da ruiva Délia,  
Dar três voltas, num círculo metido,  
Os olhos envesgar, ferir raivoso  
O chão, c'ò esquerdo pé? ou quando narras  
As práticas dos Numes, no alto assento?  
O Céu não tem luzeiro, o Inferno sombras,

Que tu, co'a aguda vista não penetres.  
Qual destro Criador de novos Orbes,  
Tu do Universo os âmbitos alargas,  
E os povoaas de novos moradores;  
Fazes surgir, dos golfãos do atro Caos,  
Mil novas formas, mil variados entes;  
E aos que eram meros sonhos, turba informe  
Tu lhes dás corpo, dás acção, dás vida.  
Eu vejo (se tu queres, e se volves  
Da mágica Poesia a ardida vara)  
Mover-se os troncos, condoer-se as penhas  
Os tigres se humanar, parar os Rios,  
E debruçar-se sobre as verdes urnas  
Para te ouvir cantar novos prodígios  
Semelhados aos que nessa Era, obrara  
A Musa Grega, quando Homero pinta  
As Trípodas, por si, aos Templos indo,  
E os Carvalhos de Dódona, que falam.

Bem vedes, Musas, que eu estimo a prenda;  
Que estimo os que a disferem nobremente;  
Que os louvo, e que os admiro: e se eu pudesse  
Esses claros Oráculos do Pindo,  
Corifeus da harmonia ousada, e forte,  
(Não digo que igualar) mas imitá-los  
Inda de longe, não deixava o Monte,  
Nem o vosso Congresso lisonjeiro.

Não pode todo o Vate ser Homero.  
Pode Píndaro ser, e ser Horácio:  
Pode inda menos ser e ter seu nome;  
E esse o sentir foi já do Venusino,  
Quando dizia a Lólio: *«Nem tu creias  
Que hajam de perecer as que eu nascido  
Junto do Aúfido, que ressoa ao longe,  
Vozes solto, que à Lira se associem,  
Por arte não sabida até hoje, em Roma.  
Nem, por que ocupa Homero da Meónia  
As cadeiras da frente, em canto escuro  
Se escondem as Pindáricas Camenas,  
As Ceias, as do Alceu ameaçadoras,  
Ou de Stesicoro as cordatas Musas.  
Nem os anos gastaram quanto outrora  
Brincou Anacreonte: inda respira  
O Amor, e inda estão vivos os ardores,  
Que às cordas confiou a Eólia Moça.»*

Sim, se eu pudesse emparelhar, ao menos,  
C'um Seixas no engraçado, no festivo,  
C'um Tolentino, que diverte, e instrui  
C'um Quintanilha terno, e saudoso,  
De Amores rodeado, e todo amores,  
Meigo em Éclogas, em Sonetos meigo,  
Beijos cuida, saudades cuida, e queixas,  
Segundo o afaga, ou punge a sua Amada;  
Nunca desamparara a Lira, oh Musas.  
Mas cansar-me, e suar dias, e noites;

Ler um, ler outro, andar imaginando  
 Versos, que tenham polpa, inda não ditos  
 Por Lácia, ou Grega voz, e parecer-me  
 Que dei com eles, ir muito lampeiro  
 Borrar papel, com *ozos, idos, ados*,  
 E depois ser Poeta mui rasteiro,  
 E comparar-me co'esses, de quem zombo:  
 Nunca o espereis de mim. Se me querieis  
 Meter na conta dos servis devotos,  
 Com melhor Estro a mente me aquecêsseis...  
 Mais digo: – Em suas chamas abrasado,  
 Qual Camões, vos pintasse Adamastores,  
 Ou qual Virgílio as Naus mudasse em Ninfas,  
 Que falem, profetizem, que recontem  
 Sustos de Teucros, dos cercados muros;  
 Lisonjeásseis melhor meu amor próprio,  
 Desfeitas em aplausos, em carícias,  
 A soberba dos Nobres, e a das Damas.  
 Agora já me vou desenganado  
 De que não mereci privar convosco.  
 Lá vos ficam bastantes trovadores  
 Pela baixa raiz desse Parnasso,  
 Com quem zombeis por loucas esperanças,  
 E a quem nunca dareis, por piedade,  
 Um sorvo da Castália, ou de Aganipe.  
 Vou-me, vou-me; não tem remédio, vou-me...  
 Mas eu sou louco; os versos me atontaram;  
 Esquecia o melhor da minha vinda.  
 Nesta última romagem ao vosso Pindo,  
 Que fiz por vir cá ver Alcipe e Dafne  
 Muito me admira ter em vão corrido  
 Os lauríferos bosques, sacros antros,  
 Sem que as encontre. Em vão ansioso as chamo:  
*«Oh vate Alcipe, oh Dafne, oh minhas Safos,  
 Onde estais? onde estais?»*ALCIPE E DAFNE [LIII]

Aqui, Filinto.

– Não nos vês? Entre Urânia, entre Calíope,  
 A nós ambas enlaça Erato as dextas.  
 Aqui te desejamos; toma assento  
 Junto de nós, qual já tomaste outrora,  
 Quando em nocturno Déléfco Parnasso,  
 Te ouvimos descantar altos conceitos.  
 – Ficai vós, minha Alcipe, e minha Dafne,  
 Glória, e brasão das Vates Lusitanas;  
 Que eu não fico. Já dei razões sobradas  
 Da minha despedida. mais não canto;  
 Que a Lira já quebrei; tenho a voz rouca.  
 Não canto mais; mas sede mais que certas,  
 Que ouvirei vossos Cantos com delícia;  
 Ouvirei Cantos de imortais Poetas,  
 Que sustentem parelhas com os vossos.  
 Mas à porta porei um Cão de fila

Mal encarado, que arrepele, e morda  
Todo o Poeta mau, que pedir venha  
Louvores a aprosados ruins versos.



## ENIGMA

**M**MORRO, no instante, que apareço ao dia,  
Ando c'os meus seis pés; e mudo, e quedo  
Da luz fujo. Talvez de gran valia  
Ao Namorado sou, (se ama o segredo)  
Sou.... Mas, se o teu saber já me adivinha,  
Perdi todo o valor, e o ser que tinha.

## ODE

..... Aggeribus ruptis cum spumeus amnis  
Exiit, opositasque evicit gurgite moles (omnes  
Fertur in arva furens cumulo, camposque per  
Cam stabulis armenta trahit.

VIRG. *Aeneid.* 2.

~~~~~  
Se si vede fra l'argini stretto  
Sdegna il letto, – confonde – le sponde  
E superbo fremendo s'en va.

METAST.

O Ribeiro, que nasce na montanha  
Com límpida corrente,  
Serpeia, deslizando pela encosta;  
No seu líquido espelho  
Retrata a Chopo trémulo, e os Salgueiros;  
E do jardim mimoso  
Molha os pés, ou já rega aldeãos legumes.  
Maléficos Magnatas,  
Com pedras, com torrões em valo unidos  
Com ferrenhas estacas,  
Do horto sequioso do Vilão sem posses  
Consigam desviá-lo,  
E ensinar-lhe caminho de mais luxo,  
Para marmóreos lagos;  
E inda assíduos no mal, inda protervos,  
Com lida, com insulto  
Possam sumi-lo em cavernoso leito  
De bíbulas areias...  
Mas se grosso negrume, ao longe, troa,  
E rápido fuzila;  
Se, subindo, escurece os horizontes  
Com medonho dilúvio;  
Se, impetuoso inverno desatando,  
Emborca, da alta nuvem,  
Pesadas ondas, que o terreno alaguem.  
Cobra o Ribeiro forças,  
Engrossa, alarga, e o leito desprezando,  
Assoberba o valado,  
Revolve de tropel torrões, e pedras;  
Com clamorosa fuga,  
Pela vedada via, insano, e cheio  
Desdobra as forras vagas;  
E no solto rondão envolve, e afunda  
O Valador, que encontra.

Assim, com fito infame, assim quiseram,  
Nos fanáticos Reinos,  
Alvalar a corrente da Verdade,  
Que do Monte Divino  
Descia mansamente, e opunham muros  
De Censuras procaces,  
De esquecidas masmorras, e fogueiras.  
Mas, eis que se ergue em França  
A esquiva tempestade, ameaçadora  
Das despóticas frentes...  
Já roncam os trovões, já raios rasgam  
O núbilo regaço;  
E já nos ares pesam os chuveiros,  
Que hão-de inundar a Europa.  
Tremei, Tiranos, que oprimis com dura  
Escravidão os Povos,  
Não se erga, em vosso quente sangue tinta,  
Da Liberdade a Palma.  
Impios tremei... Que eu ouço já, das campas  
Dos inocentes Réus,  
Alçar-se um brado iroso, e vingativo,  
Que restruge em grosso eco  
No viril peito de almas arrojadas.  
De Nemésis o ferro  
Luzir vejo, e brandi-lo a mão potente  
Armada de iras justas.  
Oh quanto já ameaça, assusta, ao longe  
Vossa cerviz culpada!

## SONETO

QUANDO é que eu hei-de ver esse Javardo  
Gerigoto falar língua de gente?  
Sempre Cafre nos crava à mão-tenente  
Um mistifório de ingrimanço pardo.

Se pode arrebentar, como um petardo,  
Com palavrão de estalo... ei-lo contente:  
Põe *Desgravidaço*, põe *Transparente*  
Nas luminárias de mais alto esguardo.

Mas lá vejo Mercúrio, que destorce  
Da vara, as serpes; forma disciplinas,  
Que em ti, mau Gazeteiro, hão-de ter uso.

Põe à vela o sedeúdo rabo. – Opor-se  
Aos açoites é vão. – São as propinas,  
Que leva quem falou Gálico Luso.

ODE  
AO SENHOR  
MANUEL JOSÉ D'HERMAN

*Em 25 de Dezembro, dia de Natal.*

Non omnis moriar.

HORAT. *Lib. 3. Od. 30.*

HOJE, que as boas festas, e as bandejas  
Na Elísia, as portas cruzam dos amigos,  
E a alugatriz ronqueira arrasta à Ajuda  
Pontuais pertendentes;  
Hoje, que a Devoção, e que o Namoro  
Lá da missa do Galo, os olhos fitam  
No fresco lombo, no adulado sangue  
Do túrgido chouriço...

Daqui fartes, dali caseiros bolos,  
Dos açafates de pintada verga,  
Desemborcam, rodando atropelados,  
Sobre a fumante mesa...

Eis chama o cravo, ao longe retinindo  
As besuntadas bocas cantadoras;  
Eis já a Poesia acende em seus Alunos  
As fráguas da Lisonja....

Amor a dança inculca, escolhe pares,  
E, pelas mãos, que enlaça, manda ao peito  
Meigos farpões, que em toda a santa noite  
Aguçara na Igreja.  
Hoje enfim, que cansados, e contentes  
Os Peraltas quiseram, que a folhinha  
Um Natal cada mês nos desse ao menos,  
Guarnecido de outavas;

Que cuidas tu, d'Herman, que faz em França  
O insípido Filinto no seu sótão,  
Donde abalaram rindo-se, e apupando-o  
Os travessos Amores?

Na viúva cama conta pelos dedos  
Quantos sóis vão daqui à Primavera,  
Quantos soldos chocalham bem folgados  
Na despovoada bolsa:

Estende os olhos pelo rumo cego  
Do tristonho futuro, e vê na teia  
Da escassa vida sua trabalhosa,  
Desbotados labores.

Qual torcida de moça dorminhoca,  
Em noite bem chuvosa de Janeiro,  
Morrões sobre morrões vai cumulando,  
Té que lampeja, e morre;

A minha Idade, sobrepondo achaques,  
Chupa, e seca as relíquias vividouras;  
Co' fado da candeia me amargura  
Estes médios instantes.

Embora: ao menos estes, que te escrevo,  
Roubados a seus olhos avarentos,  
Passarão (seu mau grado) além da cova,  
No peito dos amigos.

## ODE

**N**ÃO confia o Campeão, que afronta as lanças,  
Nas tremulantes plumas;  
Mas sim no elmo batido, ou fina malha:  
Co' as ondas do penacho  
Turno insolente açouta o chão, morrendo.

Nem se afiança na pintada popa  
Piloto exp'rimetado,  
Que encapeladas ondas viu soberbas  
Destroçar-lhe as varandas,  
Levar-lhe iradas os paveses rotos.

Sábio Varão, que estende agudos olhos  
Ao vindouro, ao passado,  
Não confia na tímida arrogância:  
Vê soberbos Sejanos,  
Pelo lodo arrastada a ufana testa.

Benigno escuta, prazenteiro fala  
Agripa ao pobre, ao rico,  
E era de Augusto o amigo mais privado,  
E a Actíaca batalha  
Venceu valente; e governava a Cúria.

Tal, tu Marquês, depondo os resplendores,  
Que bebes do Monarca,  
Só sabes que és valido, quando acodes  
Com mão potente ao triste,  
Que a travessa Fortuna traz de rojo.

Sábio honrador de sábios, agasalhas  
Com risonho semblante  
Os que amam a formosa Sapiência,  
E os que o escabroso monte  
Cansados trilham das estéreis Musas.  
Não os imensos cabedais de Roma,  
Nem Palácios ufanos;  
Mas sim de Horácio, e de Virgílio as Liras  
O nome de Mecenas  
Arrancaram das mãos do ávido Tempo.

## ODE

ET thorace et ahenea  
Pugnandum galea, quid tremulus decor  
Plumarum et volucris jabae,  
Cum pendet capiti maurus acinaces?  
Crista Turnus inutili  
Exhalans animam turpe solum ferit.  
Nec signis bicoloribus  
Fidit, jam laceris navita carbasis  
Et mali minor, obvio  
Decertans Boreas cum ruit Africo.  
Qui transacta retrospicit,  
Qui ventura videt, non male turgido  
Fastu nititur insolens,  
Sejani e solio praecipitis memor.  
Summis blandus et infimis  
Et gratus lateri Caesareo Comes  
Agripa hostibus impiger  
Victis fraena dabat juraque Curiae.  
Sic Tu, quod propior decus  
Hauris, deposito, et mitior aspici,  
Quem sors aspera dejicit  
Gaudes tollere humo. Tu Sapientium  
Idem Cultor et aemalus,  
Quem per scabra trahunt tesqua inopes de  
Fessum subsidiis bonus  
Non vanis recreas. Occidit aeditun  
Magnarum Dominus brevis  
Maecenas et opum, sed Calabri fides  
Vatis, Musaque Virgili  
Illum falcigero praeripiunt seni.

*Latine vertit A. M. de Curnieu.*

-



## SONETO

JÁ tinha, aos pés do duro Desengano,  
Quebrada pelo Tempo, aquela Lira,  
Com que de Anfrisa as mágoas divertira,  
E aplacara de Nize o zelo insano.

Das cadeias do Amor já solto, e ufano  
Erguia à Liberdade a alegre pira,  
Co'as mãos já puras de Ciúme, e de Ira,  
C'um coração vingado já do Engano.

Eis que o protervo Amor torna a mostrar-me  
Da branda Márcia o gesto gracioso,  
E com ele de novo a cativar-me.

Que posso eu contra um Deus tão poderoso?  
Torna, oh Lira, de novo a acompanhar-me,  
No canto meu contente, ou desgostoso.

## EPIGRAMA

**P**ROMETEU, quando fez o homem primeiro,  
Macho e fêmea, dous corpos fez, pegados:  
Porém Jove um composto assim inteiro  
Partiu em dois terníssimos bocados.  
Daqui nos vem andarmos sempre ao cheiro  
Dos membros, que nos foram arrancados.  
– Ei-la – (nos diz o Coração) – É aquela –  
Mas vamos a prová-la, e nunca é ela.

# ODE

*Em 4 de Julho de 1802. [LV]*

Praesentis horae gaudiis beatus.

A. M. DE CURNIEU

**A**NOSO Ulmeiro, que os frondentes ramos  
Curvados com triunfos,  
Estendeu pelas pastorais Campinas  
(Honra, e prazer da Aldeia!)  
Que à sua sombra as danças entrançava;  
Hoje nu de folhagem  
Das honras, dos prazeres, e de amantes  
Falida a companhia,  
Não perdeu a constância, nem o brio,  
Com que a cabeça alteia  
Por cima dos arbustos mais viçosos:  
Despreza Austros, e Notos,  
Até despreza a gastadora Idade.  
Deixado por ingratos  
Tem em si mesmo toda a sua glória;  
A lembrança o contenta  
Do que foi. Esse Ulmeiro, o estrago,  
E a nudez da folhagem  
São os meus infortúnios; sou eu mesmo.  
Despido das riquezas  
Inda alteio, como ele, a fronte, e canso  
Do infortúnio as rajadas;  
Inda vivo, e me alegro co'as memórias  
Dos meus viçosos anos;  
Zombo das flechas, que me atira o Fado;  
Na Pachorra as aparo.  
Vinha embuçada em manto religioso,  
A Inveja, co'a Calúnia  
Tomar-me os pulsos (não – febricitantes)  
Com algemas, com cordas;  
Arrastrar-me às masmorras do Rossio,  
E delas à fogueira.  
Um previsto Saber, um santo abalo  
Me impele e me põe longe  
Das mãos traidoras, da sequaz pesquisa  
Dos enraivados Bonzos.  
Raivai, arrepelai-vos, malandrinos  
Progénie de Caim:

Escapou-vos Abel: Abel chasqueia  
De vós, de vossas manhas,  
Com quatro Amigos bons, c'o copo em punho,  
Na galhofeira França.

## ENIGMA

**T**IRO o descanso aos homens desabrida;  
Mil amantes me invejam a alta sorte:  
De sangue me sustento; e encontro a vida  
Nos braços de quem busca dar-me a morte.

## ODE

*4 de Julho de 1803.*

Viva Deus, morra o Diabo.

**P**ARA que hei-de eu falar sempre ferrenho  
Nesse quatro de Julho mal-fadado!  
Já são vinte e cinco anos revolvidos  
Depois desse infortúnio.  
Não há hi que temer Clérigos tristes,  
Nem os algozes seus, suas masmorras;  
Nem terão de me aspar com sambenito,  
Nem mitrar com carocha,  
Bispo de auto-da-fé. Perdi a Pátria?  
Asilo aqui achei. Perdi amigos?  
Não perdi os amigos verdadeiros:  
Dos outros nem me lembro.  
Perdi os bens? Perdi muito em perdê-los!  
Senti o que é a miséria. Mas em troco  
Aprendi a ser parco, a ser com honra  
Independente, e pobre.  
Deus estendeu a benfeitora destra,  
E moveu brando o seio dum Amigo.  
Não sou rico; mas sei matar a fome,  
E o corpo sei cobri-lo.  
Que são galas, opíparos banquetes,  
Galoadas librés, áureas berlindas.  
A quem tem leve a pé, vê sem fastio  
Fartos feijões na mesa?

## EPITÁFIO

UM extremo de amor, de formosura  
Jaz nesta sepultura.  
De saudades morreu. Não tenhais medo  
Que essa moda nas Damas pegue cedo.

ODE  
AO SENHOR  
GASPAR BERTRAND PILAER

Dama tamen celeres reparant caelestias Lunae:  
Nos ubi decidimus  
Quo pius Aeneas, quo Tullus dires et Ancus  
Pulvis et umbra sumus.

HORAT. *Lib. 4. Od. 7.*

JÁ da Arrábida a serra penitente  
C'ó chuvoso capelo não se enluta:  
Feios dias espavoridos fogem  
À voz da Primavera.

Verdes cobertas de bordada relva  
Pelas pardas campinas se desdobram;  
Toucam-se os troncos de fecundas flores,  
Que os Zéfiros bafejam.

Volta a quarteada roda o Deus eterno;  
Com mão prudente as estações reveza;  
E para o Outono aponta, ao despedir-se,  
O Estio, que se esconde.

Quem fez da nossa vida imagem o ano  
Não anteviu, Pilaer, que o nosso inverno  
Se não remoça em rósea Primavera,  
Como o Esposo da Aurora.

Se da calva cabeça as cãs desfolha  
Co'a mão gelada a Idade, nunca a rogos  
Se dobra a Natureza, nem enfeita  
O encarquilhado cepo.

É-nos credora a Morte, que impaciente  
Cobra a dívida, surda a crebros prantos;  
Só salvamos das garras da Velhice  
Os desfrutados gostos.

Agora, que abre a porta à alegre Páscoa  
A Quaresma c'roadada de espinafres,  
Não te esqueças da *du Plessis* esbelta  
Da *le Franc* delicada.

Pisa com leve pé risonhos campos,  
Onde as Graças gentis travam coreias  
Faze entoar, nos ares estendidos,



Da tua Lira as vozes.

Quantos pomos colheres precavido,  
Na florente estação, terás de menos  
Que lastimar roubados, no avarento  
Quartel da extrema vida.

Os breves anos lúbricos resvalam;  
Não os demoram férvidos desejos:  
Para mais não voltar, a Mocidade  
Nos foge às escondidas.

## ENIGMA

**S**OU Profeta, e Monarca; alado Povo  
Me requesta, e rodeia; com meu brado  
Chamo o Rei das estrelas; co'ele movo  
Meu Amo a lançar mão do duro arado.

CARTA  
AO SENHOR BACHAREL  
DOMINGOS MAXIMIANO TORRES

CARO Alfeno, [LVI] da tua companhia  
Fado invejoso separar-me ordena;  
E meu verdugo, a acesa Fantasia  
Me aviva, uma trás outra, tanta cena  
De prazer, que a teu lado hei desfrutado.  
Por mais me cravar na alma aguda pena,  
O Dissabor de vulto carregado  
À entrada do baixel a mão me of'rece  
De Saudades, e Mágoas rodeado.  
A nuvem, que me assombra o peito cresce  
E apenas rasgo o trémulo elemento,  
De lágrimas o rosto se humedece.  
Previa o Coração o cru tormento,  
Que na ausência tão larga o esperava,  
Já dava a Dor rebate ao pensamento.  
Com pé ligeiro a Desventura brava  
Segue sem falta o trilho da Ventura,  
E da coma co'a esquerda mão lhe trava.  
Deixava em campo tanta formosura  
Apercebida a dar ternos combates  
C'os vivos olhos, co'a garganta pura:  
E alerta a aérea turba dos Orates,  
Descalço o pé, o grão topete erguido,  
Soçobrando-as de crebros disparates,  
E eu de mim mesmo, dentro em mim, perdido  
Rompia em tanto os repugnantes mares,  
Deixando a assaltos tais preso o sentido.  
A Lua se cobriu, turvos os ares,  
E o mar roncando ao longe anunciavam  
Estes, que sofro agora, agros pesares.  
Em vão os olhos meus, em vão buscavam,  
Pela encrespada pérfida campina,  
O que em terra com tanto amor deixavam:  
De Lálage a beleza peregrina;  
De Tirse o meigo canto, a meiga fala;  
De Arminda o aviso, e a locação divina.  
Arminda! Arminda! O peito ansiado estala  
Entre os tratos do pérfido Ciúme,  
Que da alma o império todo me avassala.  
Sacode a hedionda Fúria o torpe lume  
Em roda de meus olhos oprimidos:  
Já a labareda as carnes me consume.  
«Tantos anos de amar em vão perdidos  
Mereciam mais branda recompensa,

Não dor perene em todos os sentidos.  
Porque queres Amor com tal detença  
Que eu esgote a ruim taça venenosa?  
Não sinto a morte, sinto a morte extensa.»  
Tal vê, sofrendo a pena vergonhosa,  
No erguido Cadafalso, o delinquente,  
Lamber-lhe os membros chama vagarosa,  
Sente a nuvem de fumo grossa, e ardente  
Cegar-lhe os olhos, sufocar-lhe a vida,  
E estalar-lhe c'ó fogo as carnes sente.  
Já a Paciência, com a dor, perdida,  
Um veneno, um punhal deseja; e insano  
A morte dum só trago quer bebida.  
Não inventou o mais feroz tirano  
Tormento tão cruel, como o dos zelos,  
Que da vida à raiz faça igual dano.  
Tu que provaste Alfeno o que é sofrê-los  
Quando *com largo cinto, e ténue vara*  
Te pune Amor; Tu só podes dizê-los.  
Tu só que de Aganipe a veia clara  
Estancaste bebendo, e a antiga Lira  
Tocas, que o agudo Horácio temperara,  
Tu, que nos versos, que decora, e admira  
Todo o Povo do bífido Parnaso,  
Ora cantas de Amor a Inveja, a Ira,  
Ora contas dum Fauno o alegre caso.

## DESEJO AMANTE

**S**E eu fora Jove, o Céu, o vasto mundo  
Terias, Márcia, em pleno senhorio;  
Se Neptuno, do Oceano profundo  
As perlas, o coral em grosso fio;  
O diamante, o rubi, o ouro jucundo,  
Se Pluto fora, houveras sem desvio.  
Sê-me branda, se tanto dom te move,  
E Pluto por ti sou, Neptuno, e Jove.

# ODE

*Haia, 4 de Julho de 1796.*

..... Nunc ego mitibus  
Mutare quaero tristia.

HORAT. *Lib. 1. Od. 18.*

**T**RÊS lustros, e três anos revolvidos  
Tem o meu Fado, com austera dextra,  
Depois que aos lares dei o adeus magoado,  
Na eterna despedida.

Eterna! – Que inda a Pátria não madura  
Vejo, porque renasça a Liberdade.  
Por brasões, por circílios inda rendem  
Culto aos Naires, [LVII] aos Bonzos.

Inda as línguas se calam algemadas;  
E Voltaire, e Rousseau não são versados,  
Sem que, a portas cerradas, desconfiem  
De espias os Leitores.  
Pejam do Limoeiro, pejam do Rocio  
Inda as masmorras, sofrem os insultos  
Os que remancham de arredar as plantas  
Da encantadora Pátria.

Saibam que além dos muros de Ulisseia  
Se comem pêras, bons melões, morangãos,  
Se come às vezes o ananás guloso:  
Se bebe o Carcavelos.

E sobretudo fala-se rasgado  
De Tartufos, de Procissões, de Terços;  
Ri-se de momos, de beija-mãos, – Sem medo  
Da Junqueira, ou Rocio.

Assim; – posto o rancor, posto o despeito,  
Cuido lograr em cheio o dia de hoje,  
Sem olhar o futuro, nem passado:  
Frustrados pensamentos!

Bem padeci desterros, desamparo,  
Tédio. – Porém Delmira, Olinto e Brito [LVIII]  
São mimos da benévola Amizade,  
Que douram meus desterros.

## EPINÍCIO À SENHORA D. F. G. X. DE S.

*Que mostrou intrepidez de Herói, vendo-se acometida por uma feroz Barata;  
a quem deu com uma vassoura, a morte.*

COM feroz, e nojenta catadura,  
Co'as horríficas garras assanhadas,  
Os olhos fuzilando, e as empestadas  
Chamas soprando da garganta impura,

Te acometeu do Monstro a ruim figura  
Ao abrigo das palmas agoiradas,  
A quem tu co'as heróicas mãos armadas,  
Deste c'um golpe a morte, e a sepultara.

Oh tu, Hércules fêmeo, que o Universo  
Limpas da vil ralé, que o desbarata,  
Fizeste acção, que apenas cabe em verso.

Já a voz ergue Lisboa, ao feito grata;  
E a Fama por esse ar lança disperso  
Teu Louvor, teu Triunfo da *Barata*.

## PARÓDIA DA ODE 2 DO LIVRO 1.º DE HORÁCIO

Jam satis terris nivis atque dirae  
Grandinis misit Pater, et rubente  
Dcitra sacras jaculatus arceis  
Terruit urbem.

HORAT. *Lib. 1. Od. 2.*

**I**NDA assaz não tem Jove fulminado  
A seu prazer com chuva, e vento as Caldas:  
As Gentes aterrou, que apodrecessem  
C'os orvalhos eternos.

As Gentes aterrou, que o Inverno azedo  
Abrangesse c'os braços gotejantes  
O Estio, e o Outono; visto que afogara  
A rósea Primavera.

Chorou a Madre Terra, vendo a areia  
Tornada em caldo, como quando Pirra,  
A fralda arregaçou, tenteando o vau  
Às escadas de Temis.

Vimos nas terras que gretavam côdea,  
Resvalar gados, resvalar pastores;  
E o barro ao Céu rogar, desfeito em polme,  
O Sol negado a Junho.

Enquanto o Norte co'as pingantes barbas,  
Que o Austro lhe emprestou, ensopa as terras  
(Sem Deus querer) que outrora o insultaram,  
Despicativo Vento!

Co'as chuvas; (na Guiné melhor logradas),  
Ouvirão que melaram os damascos,  
Em que o guloso Reino se cevava,  
Os mal-enxutos Moços.

Que Alcobaceira invocará o Povo,  
Em tanta perdição de fruta? As Moças  
Com que arte dobrarão, com que meiguices  
O surdo Pomareiro?

Jove as ordens de alevantar o tempo  
A quem dará? Vem tu, seco Nordeste;  
Ora vem c'o cabelo arrepiado



Franzindo a estreita testa.

Ou se antes queres, vem, calmosa Quadra  
C'os peitos descobertos, dando ao leque.  
Os Estoris, as Cintras, os Colares  
Em roda te esvoaçam.

## SONETO

OS cabelos com serpes enastrados,  
Vertendo a boca escuma viperina,  
Do Erebo abria a porta adamantina  
Alecto, algoz cruel dos condenados.

Eis surge a Fúria; e os ares assustados  
Tremem ao som da voz rouca e ferina:  
Qual, c'ó a pólv'ra estalando acesa mina,  
Vergam c'ó abalo os montes descuidados.

À branda Clóri então, de mim Senhora,  
Porque abra seu peito a meus desvelos,  
Escravo, a mão beijava benfeitora;

Quando a Fúria sacode dos cabelos  
Uma serpe entre nós: dessa triste hora  
Nunca mais nos deixaram sevos Zelos.

## ODE

**M**ELHOR, Licínio, lograrás a vida  
Nem sempre com a proa  
Forçando os altos mares;  
Nem co' bordo apertando  
Sempre co'a iníqua praia,  
Precavendo a borrasca espavorido.

Todo o que ama a dourada mediania  
Seguro escapa à injúria  
Do sujo, roto tecto  
Do pardeiro esbroado:  
Comedido não usa  
Do soberbo salão, que invejas cria.

Mais sacodem os ventos a miúdo  
Levantado pinheiro:  
Com mais pesada queda  
As orgulhosas torres  
Se derribam: os raios  
Acometem os empinados montes.

Coração bem fornido de experiência  
Nos desastres confia,  
Nas bonanças receia  
Variar de Fortuna:  
Os grosseiros Invernos  
O mesmo Jove, que os despede, os chama.  
Nem porque hoje vai mal, irá assim sempre:  
Também às vezes Febo  
Faz que desperte a Musa  
Na cit'ra emudecida;  
E consente que afrouxe  
A tesa corda do Pitónico arco.

Mostra-te forte, mostra-te brioso  
Nos lances apertados;  
E, com igual acerto,  
Quando o vento te sopra  
Nimiamente galerno  
Sabe colher as infunadas velas.

FIM DO TOMO PRIMEIRO